

André Aciman



Variações
Enigma

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Variações Enigma

A N D R É A C I M A N

Tradução de
Alessandra Esteche



Copyright © 2017 by André Aciman

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em quaisquer formas ou meios sem a permissão da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Enigma Variations

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Marina Góes

Milena Vargas

DESIGN DE CAPA

Lola Vaz

IMAGEM DE CAPA

©Betsie Van der Meer/ Getty Images

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Andrade

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0353-4

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

*Para Susan,
Amor che nella mente mi ragiona*

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Primeiro amor

Entusiasmo de primavera

Manfred

Amor estelar

Abingdon Square

Agradecimentos

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Leia também

Primeiro amor

Voltei por ele.

Essas foram as palavras que escrevi em meu caderno quando finalmente avistei San Giustiniano do convés da balsa. Só por ele. Não pela nossa casa, ou pela ilha, pelo meu pai, nem pela vista do continente quando me sentava sozinho na capela normanda abandonada nas últimas semanas do último verão que passamos ali, me perguntando por que eu era a pessoa mais infeliz da face da Terra.

Eu viajava sozinho naquele verão e havia começado um roteiro de um mês pela costa, voltando ao lugar onde passei todos os verões da minha infância. Essa viagem era um desejo antigo, e agora que tinha me formado era a melhor época para fazer uma breve visita à ilha. Nossa casa pegara fogo anos antes e, depois que nos mudamos para o norte, ninguém da família se interessou em voltar ao local, nem em vender a propriedade ou descobrir o que de fato acontecera. Apenas a abandonamos, principalmente após a notícia de que, depois do incêndio, os moradores locais pilharam tudo o que conseguiram e destruíram o que sobrou. Alguns chegaram a defender que o incêndio não fora acidental. Mas eram meras especulações, segundo meu pai, e não havia outro jeito de descobrir algo a não ser indo até lá. Então a primeira coisa que prometi fazer ao descer da balsa foi virar à direita, caminhar pelo familiar calçadão, passar pelo imponente Grand Hotel e pelas residências enfileiradas à beira-mar e seguir até nossa casa a fim de ver o estrago com meus próprios olhos. Era o que havia prometido ao meu pai. Ele não tinha nenhum desejo de colocar os pés na ilha novamente. Agora eu era um homem e era meu dever averiguar o que precisava ser feito.

Mas talvez eu não estivesse voltando só por Nanni. Estava voltando pelo menino de doze anos que eu havia sido dez anos antes — embora soubesse que não encontraria nenhum dos dois. O menino agora era alto e ostentava uma espessa barba ruiva; quanto a Nanni, desaparecera, e ninguém mais ouvira falar dele.

Ainda me lembrava da ilha. Lembrava dela na última vez que a vi, em nosso último dia, quase uma semana antes do começo das aulas,

quando meu pai nos levou à estação das balsas e ficou acenando do cais enquanto a corrente da âncora bradava e a balsa guinchava ao dar ré, e ele, sem sair do lugar, ia ficando cada vez menor até que o perdemos de vista. Como fazia todo outono, ficaria para trás por uma semana a dez dias a fim de garantir que a casa fosse devidamente trancada, a eletricidade, a água e o gás, desligados, os móveis, protegidos, e todos os ajudantes moradores da ilha, pagos. Tenho certeza de que ele não ficou descontente ao ver a sogra e a irmã dela indo embora na balsa que as levaria de volta ao continente.

Mas o que fiz assim que coloquei os pés em terra firme, quando o velho *traghetto* assoviou e zarpou do mesmo lugar uma década depois, foi virar à esquerda e não à direita, e ir em direção ao caminho de pedra que levava à antiga cidade de San Giustiniano Alta, no topo da colina. Eu amava as ruelas estreitas, valetas fundas e vias antigas, amava o cheiro refrescante de café que saía do moinho de torrefação, que parecia me dar as boas-vindas exatamente do mesmo modo quando eu saía com minha mãe ou quando, depois de encontrar meu professor particular de grego e latim naquele último verão, eu voltava para casa pelo caminho mais longo toda tarde. Ao contrário de San Giustiniano Bassa, mais moderna, San Giustiniano Alta estava sempre à sombra, mesmo quando o sol ficava extremamente desagradável na marina. Muitas noites, quando o calor e a umidade da orla eram insuportáveis, eu voltava a subir com meu pai para tomar sorvete no Caffè dell’Ulivo, onde ele se sentava à minha frente com uma taça de vinho e conversava com os moradores da cidade. Todos conheciam meu pai, gostavam dele e o consideravam *un uomo molto colto*. Seu italiano capenga era impregnado por palavras espanholas que tentavam parecer italianas. Mas todos as entendiam, e quando não aguentavam e o corrigiam, rindo de algumas de suas palavras estranhamente macarrônicas, ele ficava feliz em compartilhar do riso. Eles o chamavam de Dottore e, embora todos soubessem que ele não era médico, não era incomum alguém pedir um conselho, principalmente porque todos confiavam mais em sua opinião em questões de saúde do que no farmacêutico local, que gostava de se passar por médico da cidade. Signor Arnaldo, o dono do Caffè dell’Ulivo, tinha uma tosse crônica, o barbeiro sofria de eczema, Professore Sermoneta, meu professor particular, que com frequência ia parar no *caffè* à noite, temia ter que tirar a vesícula um dia... todos confiavam no meu pai, incluindo

o padeiro, que gostava de mostrar a ele os hematomas nos braços e ombros causados pela mulher de temperamento difícil, que, alguns diziam, começara a trai-lo já na noite de núpcias. Às vezes meu pai até saía do *caffè* com alguém para oferecer uma opinião em particular, depois afastava a cortina de contas e entrava novamente, voltava a seu assento e apoiava os cotovelos afastados na mesa, a taça de vinho pela metade, e então me olhava, dizendo sempre que eu não precisava me apressar com o sorvete, ainda tínhamos tempo de ir a pé até o castelo abandonado se eu quisesse. O castelo à noite, com vista para as luzes distantes no continente, era nosso lugar preferido, e lá nós dois sentávamos em silêncio nas muralhas em ruínas para ver as estrelas. Ele chamava isso de fabricar memórias, para *o dia quando*, dizia ele. *Que dia?*, eu perguntava, para provocá-lo. *Para o dia que você sabe quando*. Minha mãe dizia que éramos feitos da mesma fôrma. Meus pensamentos eram os pensamentos dele, e os pensamentos dele, meus pensamentos. Às vezes eu temia que ele pudesse ler minha mente com um simples toque em meu ombro. Éramos a mesma pessoa, dizia ela. Gog e Magog, nossos dois dobermanns, só amavam a mim e meu pai, não minha mãe nem meu irmão mais velho, que já não passava os verões conosco havia alguns anos. Os cães se afastavam de todos e rosnavam se a pessoa chegasse muito perto. Os moradores da cidade sabiam que era melhor manter distância, mas os cães eram treinados para não incomodar ninguém. Nós os amarrávamos à perna de uma mesa do lado de fora do Caffè dell'Ulivo e, enquanto nos vissem, ficavam deitados, mansos como ovelhas.

Em ocasiões especiais, em vez de descermos até a marina depois de passar no castelo, meu pai e eu voltávamos para a cidade e, como pensávamos igual, parávamos para tomar mais um sorvete.

— Ela vai dizer que estou mimando você.

— Mais um sorvete, mais uma taça de vinho — eu respondia.

Ele assentia, sabendo que não fazia sentido negar.

Nossas caminhadas noturnas, como as chamávamos, eram nosso único momento sozinhos juntos. E dias inteiros se passavam sem meu pai. Ele tinha o hábito de nadar pela manhã cedo, e então ir para o continente após o café da manhã e voltar à noite, às vezes bem tarde, na última balsa. Mesmo quando estava dormindo, eu amava ouvir os passos dele ressoando no cascalho que levava à nossa

casa. Isso queria dizer que ele estava de volta e o mundo estava completo outra vez.

Minha péssima nota final em latim e grego naquela primavera estabeleceu uma barreira cruel entre mim e minha mãe. Meu boletim havia chegado no fim de maio, poucos dias antes de embarcarmos na balsa para San Giustiniano. Todo o percurso foi uma bronca alta e infundável, as reprimendas vindo em bofetadas, enquanto meu pai se apoiava na grade em silêncio, como se esperasse o momento certo de intervir. Mas não havia como contê-la, e quanto mais ela gritava, mais encontrava defeitos em qualquer coisa em mim: o jeito como eu me sentava para ler um livro, minha caligrafia, minha completa incapacidade de dar uma resposta direta sempre que alguém perguntava o que eu achava disso ou daquilo — evasivo, sempre evasivo — e, pensando bem, por que eu não tinha um único amigo, nem na escola, nem na praia, nem em lugar algum, por que eu não me interessava por nada nem por ninguém, pelo amor de Deus... O que havia de errado comigo, dizia ela enquanto tentava limpar uma gota seca de sorvete de chocolate que pingara na minha camiseta quando fui comprar uma casquinha com meu pai antes de embarcar. Eu estava convencido de que a desaprovação dela vinha se acumulando havia sabe-se lá quanto tempo, e que só precisava da minha terrível prova de latim e de grego para explodir.

Para acalmá-la, prometi me dedicar mais durante o verão. Dedicção? Tudo em mim precisava de dedicção, disse ela. Havia tanta ira em sua voz naquele dia que o desprezo era quase palpável, principalmente quando ela ornamentou a fúria com toques de ironia, finalmente explodindo com meu pai.

— E você queria comprar uma caneta Pelikan para ele!

Minha avó e a irmã dela, que estavam conosco na balsa naquele dia, ficaram do lado da minha mãe, claro. Meu pai não disse uma palavra. Ele odiava as duas — a megera e a supermegera, como as chamava. Ele sabia que bastava pedir à minha mãe que baixasse a voz ou moderasse as advertências e elas logo entrariam na conversa, o que facilmente o faria passar do ponto e explodir com as duas, se não com as três, e naquele momento elas avisariam em voz baixa que preferiam voltar para o continente na balsa a passar o verão em nossa casa. Eu o tinha visto explodir uma ou duas vezes ao longo dos anos e percebia que ele estava tentando manter as coisas sob controle para não estragar a viagem. Apenas acenava com a cabeça algumas

vezes em sinal de concordância quando ela me criticava por desperdiçar tanto tempo com minha coleção idiota de selos. Mas quando meu pai finalmente disse algo para mudar de assunto e me animar um pouco, ela virou para ele e gritou que ainda não havia terminado.

— Alguns passageiros estão começando a olhar — disse meu pai.

— Que olhem o quanto quiserem, vou parar quando tiver terminado.

Não sei por quê, mas de repente me ocorreu que, ao gritar comigo com tamanha veemência, ela na verdade estava liberando contra ele sua raiva reprimida, ainda que sem lançá-lo na linha de fogo. Assim como os deuses gregos que entravam em disputas constantes uns contra os outros usando mortais como peões, ela implicava comigo para atingi-lo. Ele deve ter percebido o que ela estava fazendo, por isso sorria para mim quando minha mãe não estava vendo, tentando dizer *Agente por enquanto. À noite, você e eu sairemos para tomar sorvete e fabricar memórias no castelo.*

Naquele dia, depois de desembarcarmos, minha mãe tentou compensar o que tinha feito, falando comigo com tanta doçura e cordialidade que logo fizemos as pazes. Mas o prejuízo real não estava nas palavras mordazes que ela desejava não ter dito e que eu nunca esqueceria. O prejuízo estava em nosso amor: perdeu a afeição, a espontaneidade, tornou-se um amor forçado, deliberado, pesaroso. Ela se alegrava ao ver que eu ainda a amava; eu me alegrava ao ver a prontidão com que nós dois nos enganávamos. Tínhamos consciência de estarmos recebendo um agrado, o que intensificava nossa trégua. Mas devíamos sentir que tudo se ajeitar tão facilmente não passava de uma diluição do amor que havia entre nós. Ela me abraçava com mais frequência, e eu queria ser abraçado. No entanto, eu não confiava no meu amor e percebia, pelo modo como ela me olhava quando achava que eu não estava vendo, que ela também não.

Com meu pai era diferente. Em nossas longas caminhadas noturnas, conversávamos sobre tudo. Sobre os grandes poetas, sobre pais e filhos e por que o atrito entre eles era inevitável, sobre seu pai, que morreu em um acidente de carro semanas antes de eu nascer e cujo nome eu carregava, sobre amor, que só acontece uma vez na vida, e depois disso nunca mais é tão espontâneo ou impulsivo e, por fim, como por milagre, já que não envolvia latim e grego, minha mãe

ou a megera e a supermegera, sobre as *Variações Diabelli*, de Beethoven, que ele tinha descoberto naquela primavera e não compartilhara com ninguém além de mim. Meu pai colocava a gravação de Schnabel para tocar toda noite, e o piano ressoava pela casa, tornando-se a trilha sonora daquele ano. Eu gostava da sexta variação, ele, da décima nona, mas a vigésima era toda racional, e a vigésima terceira, bem, a vigésima terceira era provavelmente a composição mais viva e engraçada de Beethoven, dizia ele. Colocávamos a vigésima terceira para tocar tantas vezes que minha mãe implorava que parássemos. Então eu a provocava e cantarolava para ela, e meu pai e eu ríamos, mas ela não. Ao entrar no *caffè* naquelas noites de verão, nós apenas escolhíamos um número entre um e trinta e quatro, incluindo o tema de Diabelli, e cada um tinha que dizer o que achava. Às vezes, no caminho até o castelo, cantávamos a letra da vigésima segunda variação, que fazia referência a *Don Giovanni*, palavras que ele me ensinara muito tempo antes. Mas, quando alcançávamos o topo e olhávamos para as estrelas, ficávamos em silêncio e sempre concordávamos que a vigésima primeira variação era a mais bela de todas.

Enquanto subia a ruela, pensava em Beethoven e nos gritos na balsa. Nada daquilo desaparecera. Reconheci imediatamente a velha farmácia, o sapateiro, o chaveiro, a barbearia com as duas poltronas reclináveis surradas ainda remendadas com tiras de couro que haviam sido costuradas sabe Deus quanto tempo antes de eu vir ao mundo. Conforme subia a colina naquela manhã e já avistava um pedaço do castelo abandonado, comecei a ter um forte presságio do aroma de resina flutuando em minha direção antes mesmo de chegar à oficina do marceneiro na curva do *vicolo* Sant'Eusebio. Aquela sensação não havia mudado, nunca mudaria. A oficina, com a casa logo no andar de cima, ficava a dois passos do maciço degrau de pedra do imóvel da esquina. A lembrança daquele aroma despertou um traço de medo e desconforto que mexeu comigo na mesma intensidade de antes, embora eu continuasse igualmente incapaz de nomear aquele tom perturbador de medo, vergonha e agitação após uma década. Nada tinha mudado. Talvez eu não tivesse mudado. Não sabia se estava decepcionado ou contente por não ter superado nada daquilo. A porta de enrolar da marcenaria estava trancada e, embora eu tenha ficado tentando mensurar quanto fora perdido desde a última vez que estive ali, descobri que era incapaz de

concatenar um único pensamento que fosse. Só conseguia me concentrar nos boatos que ouvimos desde o incêndio.

Voltei até a barbearia e, enfiando metade do corpo pela cortina de contas, perguntei a um dos dois barbeiros se ele sabia o que havia acontecido com o vizinho ebanista.

O barbeiro calvo, sentado em uma das duas poltronas grandes do estabelecimento, baixou o jornal e disse antes de voltar à leitura:

— *Sparito*, desapareceu.

Aquilo dizia tudo.

Ele sabia para onde? Ou como? Ou por quê?, perguntei.

A resposta foi um breve dar de ombros sugerindo que ele não sabia, não dava a mínima, não ia contar nada a um garoto de vinte e poucos anos que entrou em sua barbearia fazendo perguntas demais.

Agradei ao barbeiro, virei-me e continuei a subir a rua. O que me surpreendeu foi que o Signor Alessi não me cumprimentou ou reconheceu, embora sabe-se lá quantas vezes tenha cortado meu cabelo nos verões que passei ali. Talvez não fizesse sentido dizer nada.

Demorei um tempo para perceber que ninguém na ilha me reconhecia. É claro que devo ter mudado bastante desde os doze anos, ou talvez a capa de chuva longa, a barba e a mochila verde-escura nas costas me dessem uma aparência completamente diferente daquela do garoto bem-apegoado de que se lembravam. O dono da mercearia, os donos dos dois *caffès* da pracinha ao lado da igreja, o açougueiro e, principalmente, o padeiro, responsável pelo aroma de pão quente que pairava como uma bênção na ruela lateral quando eu saía à tarde da casa do meu professor de grego e latim mais faminto do que nunca... nenhum deles me reconheceu ou prestou atenção em mim. Nem o mendigo de uma perna só, que perdera o membro em um acidente de barco durante a guerra e voltara para seu lugar de sempre ao lado da fonte principal da praça, me reconheceu quando lhe dei dinheiro. Nem mesmo me agradeceu, o que não era de seu feitio. Parte de mim sentiu um desprezo crescente por San Giustiniano e seus moradores, embora a outra parte não tenha ficado totalmente triste ao perceber que eu não gostava mais daquele lugar. Talvez eu tivesse deixado tudo aquilo para trás sem me dar conta. Talvez eu fosse como meus pais e meu irmão nesse aspecto. Não havia sentido em voltar.

Enquanto descia a colina, resolvi ir até o que pensei ser a fundação oca de nossa casa, avaliar o que fosse possível, falar com vizinhos que me viram crescer e então ir embora na balsa da noite. Pensei em dar uma passada na casa do meu antigo professor, mas adiei o encontro. Ainda pensava nele como um sujeito amargo e de pavio curto que raramente tinha uma palavra gentil para alguém, muito menos para os alunos. Meu pai havia sugerido que eu reservasse um quarto em uma pensão perto do porto caso quisesse passar a noite na ilha. Mas eu já sentia, durante a caminhada apressada para cima e para baixo no centro histórico da cidade, que minha visita não duraria mais que algumas horas. A questão era onde passar o restante do dia até a hora de pegar a balsa.

E, no entanto, eu sempre havia amado aquele lugar, das manhãs silenciosas, quando acordávamos e dávamos de cara com um céu calmo que não mudara desde que os gregos se instalaram ali, ao som dos passos do meu pai quando, ao contrário da prática habitual dos dias úteis, ele de repente voltava do continente à tarde sem avisar e uma festa acontecia em nossos corações. Não havia um único desentendimento nesses dias. Da minha cama, dava para ver as colinas, da sala, o mar, e, quando as venezianas da sala de jantar estavam abertas nos dias mais frescos, era possível ir à varanda e desfrutar a vista do vale e, depois do vale, o contorno nebuloso das colinas no continente do outro lado do mar.

Ao sair do centro histórico, fiquei impressionado com o ofuscante derramar da luz varrendo os campos em direção ao calçadão, o mar brilhando do outro lado. Eu amava o silêncio. Sonhava em voltar havia tanto tempo. Tudo parecia familiar, nada tinha mudado. Ainda assim, tudo parecia distante, desgastado, inalcançável, como se algo em mim fosse incapaz de registrar que tudo aquilo era real, que boa parte um dia havia sido minha. O caminho até nossa casa, incluindo o atalho que eu “inventei” quando criança e que hoje não deixaria de usar por nada, estava exatamente como eu o havia deixado. Eu me lembrava da caminhada pelo deserto e perfumado bosque de limoeiros, que ali eles chamavam de *lumie*, seguido por um campo de papoulas e por fim pela silenciosa e vazia capela normanda antiga, que tinha mais de mim do que qualquer outro lugar do mundo, com seu enorme pedestal jogado entre cardos e plantas tão ressequidos quanto antes, e, como sempre, restos secos de cocô de cachorro e de pombo pelo chão.

O que me afligia era saber que nossa casa não estava mais ali, que todos os que viviam ali se foram, que a vida do início do verão nunca mais seria a mesma ali. Eu me senti como um fantasma tímido que conhece bem a cidade, mas não é mais querido ou notado. Meus pais não estariam esperando por mim, ninguém teria separado guloseimas para quando eu voltasse para casa com pressa e faminto depois de nadar. Todos os nossos rituais dissolvidos e vazios. O verão ali não era meu.

Quanto mais eu me aproximava da casa, mais começava a temer a imagem do que tinham feito com ela. Pensar no incêndio e no saque, principalmente no saque, era o bastante para alimentar um demônio de mágoa, raiva e desprezo cujo alvo não eram só todos que viviam ali, mas também nós mesmos, como se a incapacidade de prever o roubo e o vandalismo realizados por supostos amigos e vizinhos coubesse mais à nossa consciência do que à deles.

— Não tire conclusões precipitadas — alertara meu pai. — E, sobretudo, não discuta.

Essa era a postura do meu pai. Eu não gostava nada disso. Ficaria feliz em arrastar todos para o tribunal, ricos, pobres, órfãos, viúvas, aleijados e feridos de guerra.

E, no entanto, de todas as pessoas ali, só havia uma que eu desejava ver, e ele tinha desaparecido, *sparito*. Eu já sabia. Então por que sequer me dar ao trabalho de perguntar por ele? Para ver como reagiriam? Para lembrar a mim mesmo que ele não era invenção da minha cabeça? Que ele realmente morou ali um dia? Que tudo o que eu precisava fazer era perguntar por ele na barbearia e, após informações gritadas por tantas pessoas pelas estreitas ruas de paralelepípedo de San Giustiniano Alta, ele finalmente apareceria só porque as pessoas tinham chamado seu nome?

Por que ele se lembraria de mim? Havia me conhecido aos doze anos, agora eu tinha vinte e dois e ostentava uma barba. Mas os anos não bastaram para que eu esquecesse a ansiedade crescente que me tomava toda vez que eu temia e esperava esbarrar com ele na praia ou pela cidade. Não era isso que eu esperava sentir quando fui até a oficina dele pela manhã? O medo, o pânico, o velho nó na garganta que só o choro era capaz de aliviar e que poderia vir à tona se ele simplesmente olhasse para mim por mais tempo do que eu era capaz de suportar. Ele olha para você, você fica agitado, e tudo o que quer é encontrar um lugar tranquilo para se permitir chorar assim que

estiver sozinho, porque nada, nem mesmo ser reprovado em uma prova de latim e de grego ou levar uma bronca daquelas, conseguiria fazer você se sentir tão derrotado e sem esperança. Eu me lembrava de tudo. Da vontade de chorar, principalmente, e da vontade de vê-lo porque a espera e a expectativa eram insuportáveis, do desejo de odiar tudo nele porque com um breve olhar dele de súbito você se sente completamente perturbado e não é capaz de sorrir ou se alegrar com nada.

* * *

Eu estava com minha mãe na primeira vez que o vi. Ele não esperou ser apresentado e disse imediatamente, bagunçando meu cabelo:

— Você é o Paolo.

Quando lhe dirigi um olhar assustado, que parecia perguntar como ele sabia, sua resposta foi:

— Todo mundo sabe. — Então, parecendo se lembrar, completou: — Talvez da praia.

Eu sabia que seu nome era Giovanni, assim como sabia que todos o chamavam de Nanni. Eu o vi na praia, no cinema ao ar livre perto da igreja e muitas vezes próximo ao Caffè dell’Ulivo à noite. Precisei me controlar para não demonstrar quanto estava entusiasmado por descobrir que o homem para quem eu poderia jurar que nem existia não só sabia meu nome como estava debaixo do meu teto.

Ao contrário dele, contudo, não demonstrei conhecê-lo. Minha mãe o apresentou com um toque de ironia na voz, querendo dizer *Mas certamente você conhece o Signor Giovanni*.

Fiz que não com a cabeça e até fingi vergonha pela grosseria de não saber seu nome.

— Mas todos conhecem o Signor Giovanni — insistiu ela, como se implorasse para eu demonstrar que era educado.

Mas não cedi.

Ele me estendeu a mão. Eu a apertei. Ele parecia mais jovem e sua pele era menos morena do que eu me lembrava. Era alto, esguio, tinha quase trinta anos. Eu nunca o tinha visto de perto antes. Olhos, lábios, bochechas, mandíbula. Eu levaria anos para descobrir o que exatamente me impressionava tanto em cada traço.

Por sugestão do meu pai, minha mãe pedira que ele viesse para restaurar uma antiga escrivaninha dobrável e duas molduras do século anterior.

Ele chegou em uma manhã de junho e, ao contrário da tradição, aceitou a limonada que ela ofereceu. Todas as outras pessoas que vinham à nossa casa — a costureira, os entregadores, o estofador — sempre pediam água. Era o jeito deles de merecer o pagamento e a inevitável gratificação, mostrando que não nos deviam nada e não haviam pedido nada além do copo d'água que colocávamos à sua frente em um dia de verão escaldante.

Naquela manhã em nossa casa, por ele estar tão perto de mim, algo indefinido em seu rosto me deixou tão abalado e agitado quanto no dia em que fui convidado a recitar um poema diante de toda a escola, professores, pais, parentes distantes, amigos da família, dignitários visitantes, o mundo. Eu não conseguia nem olhar para ele. Precisava desviar o olhar. Seus olhos eram claros demais. Eu não sabia se queria tocá-los ou nadar neles.

Enquanto ele falava com minha mãe e às vezes olhava na minha direção, como se estivesse ansioso por saber minha opinião, eu tentava corresponder. Mas olhar em seus olhos era como ver um penhasco íngreme e escarpado que levava a um mar verde ondulante... você era atraído e avisado que era melhor não resistir, mas também não encarar, então nunca olhava muito a ponto de saber por que tinha tanta vontade de olhar. O olhar dele não só me assustava; perturbava, como se ao corresponder eu corresse o risco não só de ofendê-lo mas também de expor algum segredo sinistro e vergonhoso sobre mim mesmo que eu não queria revelar. Até mesmo quando tentei corresponder para me assegurar de que ele não era tão ameaçador quanto eu temia, precisei desviar o olhar. Ele tinha o rosto mais lindo que eu já vira, e eu não era corajoso o bastante para olhá-lo.

No entanto, toda vez que ele deixava de olhar para minha mãe e me olhava, também estava me dizendo que, embora fosse muito mais velho e enxergasse exatamente quem eu era, ele e eu podíamos ser iguais, que ele não estava me julgando, não sentia desprezo, estava interessado no que eu poderia ter a dizer sobre o móvel ainda que eu estivesse em silêncio, tentando esconder o quanto me sentia indigno de atenção.

Então eu desviava o olhar.

Embora também não fosse capaz de fazer isso.

A última coisa que eu queria era parecer evasivo, principalmente com minha mãe ali.

Seu rosto era a própria imagem da saúde, e havia um rubor nele, como se tivesse acabado de voltar do mar. Seu sorriso sereno e acolhedor quando ele se agitava para expressar suas ideias e dúvidas a respeito da escrivaninha revelava a pessoa que eu desejava ser um dia. Que prazer olhar seu rosto e esperar ser exatamente como ele. Ah, se ele pudesse ser meu amigo e me ensinar as coisas. Eu não tinha nenhuma outra imagem em que me basear.

Minha mãe pretendia levá-lo até a sala, mas ele já tinha adivinhado onde estaria a escrivaninha e avistou-a de imediato, abriu-a e, sem pedir permissão, logo tirou as duas gavetas estreitas, estridentes e excepcionalmente compridas. Antes mesmo que percebêssemos, ele já estava com a mão enfiada atrás do espaço deixado pelas gavetas e tateava o interior curvo da escrivaninha cilíndrica, até encontrar o recuo escondido e, depois de algum esforço, tirou uma caixinha de cantos arredondados que correspondiam ao desenho da escrivaninha. Minha mãe ficou sem fôlego. Como ele sabia que aquela caixa existia?, perguntou ela. Grandes carpinteiros, em geral do norte, provavelmente franceses, disse ele, sempre gostavam de mostrar como eram capazes de criar espaços escondidos nos lugares mais inacessíveis; quanto menor o móvel, mais secreto e engenhoso o esconderijo. E havia mais uma coisa que ele precisava mostrar à minha mãe, algo de que ela provavelmente também não tinha a menor ideia.

— O que é, Signor Giovanni?

Ele levantou um pouco a escrivaninha e mostrou dobradiças escondidas.

— Para que servem? — perguntou ela.

A escrivaninha, explicou ele, era toda desmontável para que pudesse ser transportada a qualquer lugar com facilidade. No entanto, ele não queria sobrecarregar as dobradiças porque não confiava no estado da madeira. Entregou à minha mãe a caixinha.

— Esta escrivaninha está na família do meu marido há pelo menos cento e cinquenta anos — disse ela. — E ninguém fazia ideia de que esta caixa existia.

— Então a *signora* vai se deparar com joias escondidas ou cartas de algum bisavô que não queria que a família soubesse da existência

delas — comentou ele, reprimindo o leve tremor de graça e malícia que eu já vira reverberar em suas feições algumas vezes naquela manhã e que me fazia querer aprender a rir exatamente daquele jeito.

A caixa estava trancada.

— Eu não tenho a chave — rebateu ela.

— *Mi lasci fare, signora* — disse ele, cada palavra marcada com deferência e autoridade.

Ao dizer isso, ele tirou da jaqueta um conjunto de ferramentas pequenas que mais pareciam uma coleção de abridores de latas de todos os tamanhos do que sovelas, goivas e chaves de fenda. Então pegou os óculos do bolso da frente, abriu as duas hastes e encaixou a ponta de cada uma delas cuidadosamente atrás das orelhas. Ele parecia um garoto do jardim de infância que passou a usar óculos e ainda se sentia estranho ao colocá-los. Então, com o dedo médio esticado, empurrou a ponte dos óculos com delicadeza sobre o nariz. Era como se estivesse posicionando um violino de Cremona de valor inestimável sob o queixo. Havia fluidez e destreza em cada um de seus gestos que despertavam não só confiança, mas também admiração. O que me surpreendeu foram suas mãos. Não eram calejadas nem marcadas pelo trabalho ou pelos produtos de seu ofício. Mãos de músico. Eu queria tocar as mãos dele, não só para ver se o cor-de-rosa das palmas era tão macio ao toque quanto as mãos prometiam, mas porque, de repente, quis colocar minhas mãos sob o cuidado das dele. Ao contrário dos olhos, as mãos não eram intimidadoras — em vez disso, acolhiam. Eu queria que as longas articulações e as unhas amendoadas escorregassem por entre cada um dos meus dedos e os segurassem em uma demonstração calorosa e duradoura de comunhão, e com esse gesto, por si só, repetissem a promessa de que um dia, talvez antes mesmo do que eu esperava, eu também seria um homem com mãos como as dele, usando óculos como os dele, deixando um tremor de graça e malícia irradiar-se por meus traços para dizer ao mundo que eu era versado em alguma coisa e um homem muito, muito bom.

Ele percebeu que estávamos observando-o forçar a caixa para abri-la e, sem nem olhar na minha direção ou para minha mãe, continuou sorrindo, consciente de nosso suspense, o tempo todo tentando dispersá-lo sem sugerir que estava ciente dele. Sabia o que estava fazendo, fizera muitas vezes antes, disse ele, o tempo todo olhando fixamente para o buraco da fechadura.

— Signor Giovanni — chamou minha mãe enquanto ele ainda lidava com o fecho, tentando não o distrair.

— Sim, *signora* — respondeu ele sem erguer o olhar.

— O senhor tem uma bela voz.

Ele estava tão absorto com a fechadura que pareceu não ouvir, mas, segundos depois, disse:

— Não se engane, *signora*, sou incapaz de acompanhar uma melodia.

— Com essa voz?

— Todos riem quando eu canto.

— Porque ficam com inveja.

— acredite, não consigo nem cantar “Parabéns para você”.

Nós três rimos. Houve um momento de silêncio. Sem se apressar, forçar as coisas ou arranhar o bronze em volta da fechadura antiga, ele cutucou mais um pouco, então disse:

— *Eccoci!* — exclamou. — Pronto.

Alguns segundos depois, como se só fosse necessário um pouco de adulação insistente e gentil antes mesmo de se ouvir o clique delator da fechadura, que finalmente cedera, a caixa se abriu. Eu queria beijar suas mãos. O que ele revelou ao abri-la foi um relógio de bolso de ouro, um par de abotoaduras de ouro e uma caneta-tinteiro pousada sobre um grosso forro de feltro azinhavre. Na lateral da caneta, em letras douradas, o nome completo do meu avô, meu nome também.

— Quem diria! — exclamou minha mãe.

Eram as abotoaduras de seu sogro, que tinham suas iniciais e provavelmente eram de quando ele estudava em Paris. Meu avô era muito apegado a elas. Minha mãe também se lembrava de ter visto o relógio de bolso, mas havia muito tempo. Ele devia ter deixado os três juntos, porém, como nunca voltou depois do acidente, ninguém percebeu que tinham sumido.

— E agora de repente estão aqui... mas ele não.

Minha mãe pareceu refletir profundamente.

— Eu gostava muito dele, e ele de mim.

O marceneiro mordeu o lábio inferior e assentiu em silêncio.

— Essa é a crueldade dos mortos. Eles voltam de maneiras que sempre nos pegam de surpresa, não é, Signor Giovanni? — comentou minha mãe.

— É — concordou ele. — Às vezes, só de querer contar algo que só importaria a eles, ou perguntar sobre pessoas e lugares que só eles saberiam, lembramos que nunca vão nos ouvir, responder ou se importar. Mas talvez seja muito pior para eles: talvez estejam nos chamando e nós que não ouvimos ou parecemos não nos importar.

Nanni claramente conhecera o sofrimento em sua vida. Dava para perceber pela seriedade e pelo silêncio que se instalaram segundos após o sorriso. Eu gostava dele sério também.

— O senhor é um filósofo, Signor Giovanni — disse minha mãe com um sorriso dócil e a caixa nas mãos.

— Não sou filósofo, *signora*. Perdi minha mãe há alguns anos quando ela caiu da escada e meses depois perdi meu pai também. Os dois estavam em ótimo estado de saúde. Mas, antes que eu pudesse perceber, fiquei órfão, virei o chefe da família e pai do meu irmão mais novo. Ainda há tanto que eu preciso perguntar a eles, tanto que eu poderia ter aprendido com meu pai. Tudo o que ele deixou para trás foram vestígios.

Um silêncio desconfortável se instalou. Nanni continuou a examinar a escrivadinha e, depois de observar as dobradiças, disse que alguém já devia tê-la restaurado antes. O que explicava por que ainda tinha um brilho tão intenso.

— Provavelmente meu avô — disse o marceneiro.

Minha mãe estava prestes a girar a coroa do relógio do meu avô para dar corda. Mas o ebanista a alertou que não fizesse isso.

— Pode estragar o sistema de engrenagens. Melhor levar para alguém dar uma olhada.

— O relojoeiro? — perguntou ela, ingênua.

— O nosso é um idiota. Talvez um no continente — respondeu ele.

Ele conhecia algum?

Sim.

Ele mesmo poderia levar a peça ao relojoeiro na próxima vez que pegasse a balsa.

Ela pensou por um instante, então disse que pediria ao meu pai que levasse.

— *Capisco* — disse ele, recuando como alguém que parece culpado de uma infração que sabe que não cometeu, mas tem elegância suficiente para aceitar a suspeita implícita daqueles que desconfiam de suas intenções.

Eu não gostava desse lado da minha mãe. Mas não havia nada que eu pudesse fazer para reparar aquela alegação sem chamar ainda mais atenção para ela.

Porém, usando poucas palavras, o ebanista disse que estava contente por ter ajudado. Ela ainda estava pensando no conteúdo da caixa e ficou calada. Signor Giovanni não se intrometeu em seu silêncio e, provavelmente por não saber mais o que dizer, olhou em volta por um instante; por fim, voltando ao objetivo da visita, disse que levaria a escrivaninha e faria a restauração para que voltasse a ter a aparência de quando acabara de ser fabricada. Ele reconhecia o estilo, disse, mas não se pronunciaria quanto ao artesão por enquanto, pois a assinatura embaixo da escrivaninha havia borrado com o tempo. O que admirava em especial, disse enquanto colocava o móvel nos ombros, era que o artesão parecia ter evitado usar pregos em qualquer outro lugar além das dobradiças. Mas também não tinha certeza sobre isso, então confirmaria depois. Disse que voltaria outro dia para buscar as molduras e saiu da casa enquanto nós dois ficamos à porta.

— Aqui, pegue, agora é sua — disse minha mãe, me entregando a caneta, que, por um acaso do destino, era uma Pelikan.

A caneta era exatamente como as vendidas na papelaria próxima à minha escola. Mas não fiquei feliz com ela. Viera tarde demais, uma concessão do acaso, não um presente, mas nela estava inscrito meu nome, e isso me agradava. Enquanto observávamos o Signor Giovanni partir, ela me contou uma estranha anedota que ouvira do sogro: um dia durante o período que passou em Paris, quando estava escrevendo, ele derrubou a caneta da escrivaninha e, na pressa de pegá-la, a ponta perfurou sua pele.

— E? — perguntei, sem entender o que ela queria dizer.

— A caneta deixou uma pequena tatuagem na palma da mão dele. Seu avô tinha bastante orgulho dela. Gostava de contar como acontecera.

Por que ela estava me contando aquilo?, eu quis saber.

— Nenhum motivo em especial — disse ela. — Talvez porque todos gostaríamos que ele tivesse conhecido você. Era a pessoa que seu pai mais amava, acho. De qualquer forma, tenho certeza de que ele gostaria que você ficasse com a caneta. Ela pode ajudá-lo na prova que está chegando.

Mais adiante naquele outono, quando refiz a prova de latim e grego, a caneta ajudou.

* * *

Algumas tardes depois, Nanni voltou para buscar as molduras. Meu pai havia pegado a balsa mais cedo e já estava em casa.

Quando ouvimos a campainha, meu pai se levantou e ele mesmo abriu a porta. Gog e Magog se levantaram como sempre faziam quando ele saía e o seguiram.

— *Stai bene?* — perguntou assim que viu Nanni do lado de fora.

— *Benone, e tu?* — respondeu Nanni.

O marceneiro explicou que viera buscar as molduras e não podia demorar. Afagou a cabeça dos cães.

— Como está o cotovelo? — perguntou meu pai.

— Bem melhor.

— Você fez o que eu disse?

— Sempre faço... Você sabe...

— Sim, mas fez durante trinta segundos cada vez?

— Si-im!

— Quero ver.

Nanni estava prestes a demonstrar como executava a extensão de braço que meu pai recomendara, mas, ao me ver à porta, completamente surpreso com minha presença, como se tivesse esquecido que eu existia ou morava ali, soltou:

— *Ciao, Paolo.*

Ele abaixou o braço, foi direto para a sala e pegou as duas molduras que estavam encostadas à parede. Deu um jeito de trocar gracejos com minha mãe, que estava sentada no sofá lendo um romance. Ela fizera algo com o relógio?

Ainda não, infelizmente. Ela pareceu ofendida. Minha mãe não gostava de ser lembrada de coisas que tinha negligenciado.

Houve um momento de estranheza durante o qual nós quatro ficamos em silêncio.

— Você sabia que ele é o nadador mais rápido de San Giustiniano?

— perguntou meu pai à minha mãe.

— *Ma che cosa stai a dire?* — protestou Nanni.

É claro que eu sabia que meu pai gostava de nadar toda manhã antes de voltar para casa e pegar a balsa para o continente, mas não sabia que Nanni também nadava.

— Nós o chamamos de Tarzan.

— Tarzan, que belo nome — comentou minha mãe com uma pitada de ironia na voz, como se nunca tivesse ouvido a palavra antes e estivesse determinada a não participar da brincadeira fútil entre o marceneiro do interior e o acadêmico de fama internacional.

A camaradagem de meu pai com Nanni a irritava, eu percebia.

— Você devia ouvi-lo imitar o grito do Tarzan. — E, virando para Nanni, disse: — Mostre a eles.

— De jeito nenhum.

— Ele grita e depois nada. Dia desses ele cruzou a baía em quatro minutos e meio. Eu levo oito.

— Isso quando não desiste, você quer dizer — zombou Nanni. — Na verdade, está mais para dez, onze.

Então, sentindo o clima de tensão, ele virou rapidamente e, informal como sempre, disse:

— *Alla prossima.*

Meu pai respondeu com um *Sì*, em concordância.

Eu gostei da camaradagem e do jeito como eles zombavam um do outro. Quase nunca vira meu pai daquele jeito, alegre, brincalhão, infantil até.

— O que achou dele? — perguntou à minha mãe.

— Parece um bom sujeito — respondeu ela, quase tentando demonstrar uma indiferença cordial.

Havia até mesmo um tom de hostilidade reprimida em relação ao marceneiro, talvez não totalmente natural, mas era o modo como ela oferecia seu veto contra qualquer coisa ou qualquer um que não tivesse sido trazido ao nosso convívio por ela. Mas então, percebendo que meu pai encolhera os ombros com irritação, o jeito dele de dizer que ainda assim ela poderia ter dito algo gentil sobre o pobre homem, ela acrescentou que ele tinha cílios lindos.

— As mulheres percebem essas coisas.

Eu não havia notado os cílios. Mas talvez tenha sido por isso que nunca consegui retribuir o olhar. Ele tinha os olhos mais lindos que eu já vira, certamente os únicos nos quais eu prestara atenção.

— Mas ele me parece um pouco ousado demais, direto demais. Não sabe o lugar dele de verdade, sabe?

Eu tinha certeza de que o que a irritara, e o motivo de seu humor mudar assim que Nanni entrou em nossa casa e foi direto até as molduras, havia sido o fato de ele usar uma linguagem informal e íntima com o homem que o contratara.

* * *

Uma semana depois, minha mãe decidiu fazer uma visita ao marceneiro. Eu queria ir com ela?

— Por que não? — respondi. Então acrescentei, em tom casual: — Não me importo.

Talvez ela tenha percebido uma certa entonação na indiferença proposital do meu *Por que não* que a deixou alerta, pois, alguns minutos mais tarde, meio que do nada, ela disse que ficava feliz por eu me interessar pelas coisas comuns do nosso planeta. Que coisas do nosso planeta?, perguntei, tentando avaliar o que ela realmente deduzira da minha resposta apressada.

— Ah, não sei... móveis, por exemplo.

Eu a imaginava acrescentando “amigos, pessoas, a vida”, sempre com um toque de malícia e desconfiança no modo como recebia meus comentários aparentemente espontâneos. Ou talvez ela não tivesse percebido nada, não mais do que eu percebera, embora eu sentisse, e talvez ela também, que havia algo deliberado demais em minha resposta desinteressada.

No entanto, enquanto caminhávamos até o centro histórico para ir à marcenaria do Signor Giovanni no início daquela tarde, não sei por quê, o silêncio enigmático da minha mãe me lembrou de algo que ela dissera mais ou menos um ano antes durante uma caminhada como aquela: eu jamais deveria permitir que um homem ou um garoto mais velho me tocasse *lá*. Fiquei tão confuso com aquela observação que nunca pensei em perguntar por que, para início de conversa, alguém ia querer me tocar lá. Mas naquela tarde, subindo a colina até San Giustignano Alta, me lembrei de seu aviso.

A oficina cheirava a aguarrás. Reconheci o cheiro das aulas de arte. Mas ali o cheiro suscitava as tardes silenciosas quando apenas algumas lojas ficavam abertas enquanto todas as outras fechavam por horas depois do almoço. A barbearia, a mercearia, o moinho de café, a padaria... todos fechados. Signor Giovanni estava em silêncio

esculpindo um ornamento em madeira com as portas abertas para deixar sair a serragem. Não ficou surpreso ao nos ver, então imediatamente se levantou e com a mão esquerda ergueu a barra do avental para limpar o suor da testa. Pediu licença e desapareceu em outro cômodo para trazer a escrivaninha.

Sozinhos naquela tarde silenciosa, minha mãe e eu nos sentimos completamente deslocados. Olhei em volta. Muitas ferramentas, muitas bugigangas, muita serragem por toda parte. Em uma parede, um áspero suéter marrom estava pendurado em um prego. Dava para perceber que devia pinicar, mas, quando estiquei o braço para tocá-lo, não pareceu lã e sim algo entre juta e barba por fazer. Um olhar da minha mãe alertou, *Não toque*.

A escrivaninha, quando ele finalmente a trouxe e a colocou no chão à nossa frente, havia perdido todo o brilho, parecia sem graça e desbotada, como se tivesse sido esfolada viva.

— É um trabalho em andamento — afirmou ele, para acalmar o olhar horrorizado que tentava fazer as vezes de preocupação contida no rosto da minha mãe.

Ele sabia o que ela estava pensando e lembrou-lhe que em algumas semanas minha mãe não conseguiria acreditar no brilho que a escrivaninha teria à luz de velas, mais luminosa e translúcida do que mármore polido, disse ele. Para desviar de suas tentativas desastradas e talvez fúteis de consolá-la, perguntei ao Signor Giovanni como ele sabia da caixa.

— Depois de um tempo trabalhando com isso, a gente sabe — respondeu ele, repetindo *a gente sabe* como se ponderasse sobre a própria resposta, porque confissões difíceis sobre a dedicação e a experiência acumuladas durante anos de um trabalho tão minucioso só podiam ser justificadas com um suspiro.

De repente ele parecia mais velho, cansado de trabalhar, mudo, até mesmo triste. Mostrou à minha mãe os reparos que estava fazendo na escrivaninha. Era uma obra-prima de curvas suaves e lisas, mas as pernas estavam acinzentadas por uma cobertura protetora temporária. Ele tocou os cantos exageradamente arredondados do móvel, deixou a mão pousada ali, como se fosse a garupa de um pônei dócil. Então o homem colocou a mão nas minhas costas quando eu fingi espiar a cavidade onde a caixa do meu avô ficara escondida durante tanto tempo. Para evitar que ele mudasse de assunto ou tirasse a mão se minha mãe falasse alguma

coisa, continuei olhando lá dentro e emendando uma pergunta na outra sobre a madeira, o design, os produtos usados para remover as camadas de resíduos para trazer de volta à vida o objeto que sempre ficara largado e definhando em um canto da casa. Como ele sabia quando passar da lixa grossa para a fina? Quando a aguarrás começava a danificar a madeira? Que outros produtos ele usava, onde tinha aprendido tudo isso, por que demorava tanto? Eu amava ouvi-lo falar, principalmente quando eu apontava para alguma coisa e ele se inclinava ao meu lado para explicar. Minha mãe estava certa. Eu amava a voz dele, principalmente quando estava tão perto que parecia respirar em cima de mim e falar aos sussurros. Ele sabia tanto e, ainda assim, quando suspirava antes de responder, parecia tão vulnerável e cauteloso com as inesperadas voltas que às vezes as coisas davam. As coisas nem sempre cooperam, disse ele. Que coisas?, perguntei. Ele pareceu se divertir com a pergunta. Então, virou-se para minha mãe.

— Pode ser a vida ou uma ripa de madeira que se recusa a se vergar como deveria — falou ele.

Eu me lembrei de que, ao terminar de analisar a escrivanhinha pela primeira vez em nossa casa, ele tinha amarrado e protegido as partes móveis que poderiam abrir ou cair no chão, e então içara tudo sobre o ombro e saíra. Lembrei-me de Eneias fugindo de Troia equilibrando o pai idoso no ombro e conduzindo o filho Ascânio pela mão. Eu queria ser Ascânio. Eu queria que ele fosse meu pai, queria ir embora com ele. Queria que sua pequena oficina fosse nossa casa, fuligem, lascas de madeira, serragem, aguarrás, o terreno. O pai que eu tinha era um homem maravilhoso. Mas o Signor Giovanni seria melhor, mais que um pai para mim.

Quando fomos embora, minha mãe parou na padaria e me comprou um doce. Comprou um para ela também. Comemos enquanto caminhávamos. Nenhum de nós falou nada.

Eu sabia que o que tinha sentido na marcenaria era incomum e furtivo, talvez nocivo. Senti isso ainda mais intensamente no dia em que decidi pegar o caminho mais longo para casa depois de visitar meu professor e, após dar pelo menos duas voltas no centro histórico da cidade, acabei batendo à porta de vidro da oficina. Ele estava instruindo o assistente, um garoto um pouco mais velho que eu, que depois descobri ser seu irmão, Ruggiero.

Ao me ver, ele acenou brevemente com a cabeça e, enquanto me cumprimentava, continuou limpando as manchas de óleo das mãos com um pano, que depois percebi estar embebido em solvente de tinta.

— Eu já disse à sua mãe que ainda não está pronta — disse ele, claramente irritado com minha inesperada visita, que deve ter entendido como uma intrusão dissimulada e incômoda impulsionada pela impaciência de minha mãe para ver o trabalho terminado.

Eu estava passando por ali depois da aula particular, expliquei, e só queria dizer oi. Não consegui dar mais do que rápidas olhadelas para o rosto dele.

— Ora, ora, então oi, entre assim mesmo — respondeu ele, mais convidativo.

E de repente, por causa de sua recepção expansiva, eu o abracei como abraçava todos os amigos dos meus pais quando eles nos visitavam. A última coisa que eu queria era ser o filho do chefe que flagra um funcionário enrolando no trabalho. Mas eu estava interrompendo, e ele estava parando tudo para se dedicar a mim, porque eu era, não havia como esconder, o filho do chefe. Eu não deveria ter vindo, pensei, sentindo um incômodo insuportável enquanto ele arranjava uma cadeira pequena e bamba para eu me sentar. Eu deveria ter ido direto para casa e ajudado o jardineiro a podar as plantas. Mas ele quebrou meu silêncio. Quer limonada?, perguntou. Não pesei minha resposta. Assenti com a cabeça. Ele foi até uma mesa de trabalho, bem grossa, envergada e cheia de ferramentas, pegou um jarro de porcelana coberto por uma toalhinha desbotada e serviu um copo. Não está gelada, falou — querendo dizer que não estava gelada como a limonada que serviam na minha casa —, mas vai matar sua sede. Ele me entregou o copo e ficou em pé me olhando, como uma enfermeira certificando-se de que o paciente havia engolido o remédio até a última gota. A limonada não tinha só cheiro forte de limão ou daquelas tardes de verão quando o calor pesa e você está prestes a se jogar na cama e dá graças por alguém ter inventado a limonada; tinha o cheiro da aguarrás das mãos dele. Eu amei que a limonada tivesse o cheiro das mãos dele. Passei a amar o cheiro da marcenaria, seu mundinho bricabraque feito de madeira, mesas envergadas, suéteres esfarrapados e cadeiras bambas nas quais você podia descansar em tardes escaldantes quando

todo o seu ser parecia intoxicado pelo aroma acre, doce, avassalador de limão e óleo de linhaça.

Alguns dias depois daquela visita, decidi passar no marceneiro uma segunda vez, e de novo alguns dias mais tarde, sempre logo após a aula particular. No caminho eu ficava com tanta fome que criei o hábito de comprar o mesmo doce assim que a padaria voltava a abrir. Mas, pensando bem, decidi comprar mais dois, um para ele e outro para o irmão. Eu esperava para comer até me sentar com ele por cinco minutos na oficina suja. Se fosse um pouco mais velho, eu saberia de cara que estava incomodando. Mas estava convencido de que ele ficava feliz ao me ver e que nossa amizade de fato desabrochava. Ele me oferecia limonada, puxava uma cadeira para sentar ao meu lado e falava enquanto comia o doce, um adulto falando com outro adulto. Eu amava aquilo. Ele falava sobre o pai e o avô, que também eram marceneiros. O ofício passou por várias gerações, contou ele, jogando a mão para trás a fim de gesticular a passagem do tempo. E o filho dele seria marceneiro também? Ele não tinha filhos, respondeu. Mas não queria ter filhos?, perguntei, com a sensação de que aquela era uma conversa adulta. Quem sabe, refletiu ele, ainda não encontrara a esposa certa. Eu queria dizer a ele que ficaria feliz em preencher o papel de filho e ser seu aprendiz todo verão, aprender tudo o que havia para aprender até que seu filho me substituísse.

— Quero trabalhar com você — falei.

Ele sorriu, então se levantou e serviu um copo para si também.

— Você não tem amigos? — perguntou ele.

Talvez quisesse dizer: *As pessoas da sua idade não têm coisa melhor para fazer?*

— Eu não tenho amigos aqui. Mas também não tenho muitos onde moro.

Então o que eu fazia o dia todo?

Praia, livros, o dever de casa diário de grego e latim.

Ele recitou os versos de abertura da *Eneida*.

— Você estudou latim? — perguntei, entusiasmado com a novidade.

— *Poco*, mas tive que desistir.

Para provocá-lo, pedi que recitasse os versos de abertura mais uma vez.

Ele começou a recitá-los, mas de repente caiu na gargalhada no meio de um verso. Comecei a rir também.

— As coisas que você me obriga a dizer, Paolo. *Arma virumque cano*, sério!

Ele estava tirando sarro de si mesmo. Eu amava quando ele fazia isso. Era algo que nos aproximava.

— Então, por que você não tem amigos?

Estávamos falando sério de novo? Ele estava começando a parecer minha mãe. Mas eu não me importava se aquilo viesse dele.

— Não sei. Eu quero ter amigos. Talvez nem todos gostem de mim.

— Talvez você ache que eles não gostam. Todo mundo consegue fazer amigos.

— Nem todo mundo.

— Mas você fez amigos aqui.

— É porque eu gosto de vir aqui.

— Você não gosta das pessoas da sua idade?

Dei de ombros.

— Não sei.

E, como se para pontuar o que eu estava dizendo, me vi exalando algo como um minissuspiro, a versão mais jovem do suspiro cansado que ele mesmo emitira ao falar de sua formação como marceneiro. O que me alegrava não era só ter que colocar as cartas na mesa e revelar algo muito particular sobre mim, mas, pela primeira vez, eu havia falado com alguém sobre coisas que eu achava que importavam a mim e só a mim. Gostava de conversar daquele modo.

Quando meu pai ou meus parentes perguntavam por que eu não tinha amigos, eu encontrava um jeito de evitar o assunto ou alegava que tinha grandes amigos, mas só na escola. Na escola eu dizia que podia não ter amigos entre meus colegas, mas que tinha muitos amigos em San Giustiniano. Contudo, eu nunca havia tido um amigo com quem pudesse conversar sobre não ter amigos. Ali tudo era tão agradável que eu tinha que me segurar para não compartilhar demais com medo de entediá-lo.

— Quero aprender tudo com você.

Ele sorriu melancolicamente.

— É impossível aprender carpintaria rápido.

Ao dizer isso, ele foi até uma prateleira e pegou um objeto comprido envolto no que parecia ser um cobertor.

— Isso é um violino muito, muito antigo — disse, desembrulhando o objeto com cuidado.

Não tinha nenhuma corda.

— Meu avô fez esse violino. Eu nunca fiz um, jamais tentaria, mas eu conheço madeira, cresci rodeado por madeira, e sei o que precisa ser feito para manter o som vivo.

Ele me fez passar a mão na base no instrumento.

— A madeira é impiedosa. Um pintor, mesmo um grande pintor, pode mudar de ideia no meio do caminho ou pintar por cima de um erro grave. Mas não é possível corrigir um erro na madeira. Você precisa entender como a madeira pensa, como a madeira fala e o que significa cada som que ela produz. A madeira, como pouquíssimas coisas vivas, nunca morre.

Alguém que estivesse ouvindo poderia pensar que ele era Michelangelo falando sobre mármore.

— Você ainda quer trabalhar na minha oficina fedorenta, então? — perguntou ele por fim, depois que eu disse que não me importava com o tempo que levaria para aprender.

Mais do que nunca, desejei dizer, acrescentando, quero ficar com você, quero ser seu filho, quero abrir a marcenaria antes de você chegar e fechá-la depois que você vai embora, quero trazer café e pão quente para você de manhã, espremer limões para você, varrer e esfregar o chão e, se você pedir, renegar meus pais, minha casa, tudo. Quero ser você.

Eu sabia que minha resposta o faria rir. Então, para conter meu fervor, falei não, não queria trabalhar em sua oficina fedorenta. A expressão virou piada entre nós.

Eu aparecia duas vezes por semana, depois passei a ir com mais frequência.

Um dia, ao chegar com os doces para nós três, congelei. Minha mãe estava saindo da oficina. Usava um grande chapéu de palha e óculos de sol. Eu a vi nesse exato momento e imediatamente entrei na barbearia, fiquei vigiando atrás da cortina de contas até vê-la passar a caminho do *vicolo* Sant'Eusebio. Ela não tinha me visto. Mas fiquei em choque e prometi nunca chegar de surpresa antes de ter certeza de que ela não faria uma visita. Eu sabia que eles tinham conversado sobre mim. Mas nunca perguntei a mim mesmo que impulso tinha me levado a me esconder dela. Talvez eu não quisesse

que ela pensasse que eu batia perna pela cidade depois da aula. Mas eu sabia que não era esse o motivo.

Nanni estava sempre trabalhando quando eu entrava. Às vezes estava tão quente na oficina que eu o encontrava sem camisa. Meu pai estava certo. Eu não fazia ideia de que ele tinha porte atlético.

— *Che surpresa*, dois dias seguidos! — disse ele quando decidi não espaçar as visitas. — Hoje vou deixar que você me ajude.

Então ele trouxe uma moldura grande. Embora a tivesse observado nas visitas anteriores, demorei um pouco para reconhecer que era nossa. Parecia tão limpa, tão nova, tão desbotada que me fez pensar em um homem bronzeado cuja bunda nua é branca como talco.

A moldura estava longe de ficar pronta, explicou ele. Precisávamos remover das flores esculpidas e dos sulcos nos cantos a sujeira acumulada ao longo dos anos.

— E como se faz isso?

— Vou mostrar. Faça como eu disser.

— E se eu não fizer?

— Será o fim da linha para você.

Sorrimos um para o outro.

Ele mordeu um pedaço do doce que eu havia trazido e deixou o restante sobre o jornal do dia aberto na mesa envergada. Provavelmente tinha servido de toalha improvisada durante o almoço com seu irmão.

Ele me passou uma goiva simples de um tipo que eu nunca tinha visto e disse que eu devia fazer exatamente o que dissesse.

Trouxe duas cadeiras para a calçada, onde estava mais fresco, e me entregou um avental.

— É que não quero que suje suas roupas.

— Vou tomar cuidado.

— Coloque o avental.

Ri da ordem que parecia uma zombaria. Ele estava sorrindo também.

Depois nós dois nos sentamos com nossos aventais de frente um para o outro, ele pousou a moldura em nossos joelhos e me mostrou como raspar a sujeira incrustada, mas sem agressividade, porque poderia remover não só a sujeira, mas também a madeira embaixo dela. Disse que já havia lixado a moldura e, naquela manhã, tratado a madeira com um ácido bem fraco para remover algumas manchas.

Também mostrou manchas que eu não deveria tocar com a goiva porque ele refizera algumas das partes danificadas ou apodrecidas com gesso.

Não seria mais inteligente usar o gesso depois do ácido?, perguntei.

Ele olhou para mim.

— *Ma senti quello*. Ouça só o garoto. Acha que eu não sei o que estou fazendo? Só faça o que eu disser.

Ele estava tirando sarro de mim. Eu gostava disso.

Então fiz tudo o que ele pediu e, durante mais ou menos duas horas no fim daquela tarde, ficamos sentados no *vicolo*, a um passo da valeta que corria bem no centro, escavando a moldura, limpando a sujeira que tapara as fendas entalhadas. No dia seguinte ele ia tratar a madeira com óleo de linhaça. Sem pigmento, só óleo.

— Você vai ver como a madeira vai ficar linda quando eu terminar. Uma obra de arte. Em alguns dias vou levar para seus pais verem.

— Não vejo a hora, Nanni.

Eu queria voltar no dia seguinte e trabalhar com ele, sentar frente a frente como hoje, e de vez em quando me aproximar dele para sentir o cheiro de suas axilas, parecido com o das minhas, mas muito, muito mais forte. Eu gostava do fato de ele não usar camisa, só o avental, com o peitoral bem visível. Podia observá-lo o quanto quisesse sem me preocupar com seus olhos ou com a incapacidade de corresponder a seu olhar. Só não queria que ele soubesse que eu estava encarando.

Naquele dia trabalhamos quase até o anoitecer. Os olhos dele estavam cansados, havíamos trabalhado muito bem, disse ele. Deixe-me ver suas mãos, acrescentou. Hesitante, estendi as duas, com as palmas para cima. Ele as segurou e, estreitando os olhos, inspecionou-as. Estavam ardendo?, perguntou, querendo saber se a camada fina de ácido tocara minhas mãos.

— Acho que não — respondi, quase sem ar por saber que naquele exato momento minhas mãos descansavam nas dele, exatamente como eu desejara algumas semanas antes.

Talvez aqui, eu disse, apontando dois dedos na mão esquerda, mas eu sabia que estava inventando. Ele segurou os dedos à luz fraca da marcenaria, inspecionou-os e disse que não era nada, só sujeira. Aqui, use isso, falou, arranjando um pano que embebeu em solvente.

Olhei para o pano. O que eu deveria fazer com ele, perguntei com um gesto, como se não tivesse ideia do que se deve fazer com um trapo embebido em solvente.

— Esfregue a mancha com o pano, por Deus. Vocês, patrícios, são todos iguais! Aqui, eu mostro.

Ele pegou o pano com a mão direita e agarrou minhas mãos com a esquerda, como um adulto faria com uma criança, então esfregou até ficarem limpas. Amei o cheiro. De agora em diante eu teria em mim o cheiro da oficina do meu amigo, do seu mundo, do seu corpo, da sua vida.

— Agora vá para casa.

Desci a colina apressado e vi a cidade ficar cada vez mais escura depois do pôr do sol. Estava feliz. Era a primeira vez que observava aquela vista sem meu pai, e amei, tanto pela própria vista quanto por estar sozinho tão tarde. Foi num daqueles inícios de noite que descobri meu “atalho” pela capela normanda abandonada e por entre os limoeiros. A capela não tinha telhado, nem altar, nada, só um pedestal sobre gramíneas amarelas selvagens e abundantes. Ali, decidi, era onde me sentaria todo fim de tarde para pensar sobre mim e Nanni.

Quando cheguei em casa, não disse à minha mãe onde estivera, nem ela perguntou. Tirei as roupas e lavei as mãos e os braços com o sabonete perfumado dela para tirar, ou pelo menos encobrir, o cheiro de aguarrás.

Mas caso meus pais perguntassem, eu já havia ensaiado uma desculpa: passara a tarde com outro aluno que conheci na casa do professor. Não, nem um pouco inteligente, acrescentaria, tentando parecer entediado com o assunto. A única coisa em comum era o fato de termos sido reprovados em latim e grego. Mas se eles falassem sobre a escrivaninha, as molduras, a sala, os habitantes da ilha ou o próprio Nanni, eu mencionaria algo sobre o colega para despistá-los.

— O que você disse? — perguntou meu pai quando nós três jantávamos e, de fato, a conversa desviou para o trabalho de Nanni com a escrivaninha.

— Alguém reparou como as mãos dele tremem?

E, para convencê-los, fiz pouco caso do tremor imitando o modo como ele apontara para a fechadura com o dedo indicador tremendo a primeira vez que o vi.

— Talvez ele beba muito café ou fume muito, ou só beba mesmo — acrescentou minha mãe. — Quem sabe o que esse tipo de gente faz?

— Quem, Tarzan? Nunca — comentou meu pai.

— Não pode ser álcool?

— É claro que ele bebe, mas não é alcoólatra.

Eu poderia dizer aos meus pais que nunca o vira beber café ou tocar um cigarro, mas eles perguntariam como eu sabia disso, e eu teria que contar tudo. A ironia é que as mãos de Nanni não tremiam nem um pouco; eu inventara tudo. Talvez eu tenha falado sobre suas mãos esperando que minha mãe dissesse alguma coisa boa sobre ele, porque eu já não conseguia mais pensar em coisas novas.

* * *

Voltei à marcenaria dois dias depois e, em vez de esperar que ele me dissesse o que fazer, coloquei meus livros embaixo da mesa, vesti o avental e me servi um pouco de limonada. Ele pediu que eu desse uma boa olhada na moldura que havíamos limpado no outro dia. Vi, quando ele tirou-a da parede e a trouxe para a luz, que era uma obra de arte.

— Nanni! — exclamei, sem ar.

— Não está pronta — respondeu ele, querendo dizer *Não precisa se entusiasmar tanto ainda*.

Ele ia acrescentar mais uma camada de óleo, disse. Pensei que faria isso com um pincel. Ele balançou a cabeça. Se eu quisesse, falou, poderia ajudá-lo. Nanni sabia que para mim não havia algo melhor. Ele pegou um pano, dobrou-o até deixá-lo no formato de um chumaço grosso, embebeu-o em um líquido espesso e límpido e começou a dar leves batidinhas na moldura e depois a emplastrar a madeira com pinceladas longas, calculadas e fluidas. Aqui, tente você, disse, me passando o pano. Mas meus gestos eram muito desajeitados e bruscos.

— Olhe para mim.

Ele estendeu o braço em movimentos lentos, pensados e confiantes, colocando todo o coração em cada pincelada com a dedicação de quem desliza um arco longo e lento pelas cordas de um violino ou limpa as costas de um soldado ferido deitado em uma

maca, lavando e esfregando com gentileza e suavidade. A mão dele seguia a fibra da madeira, e o cheiro da oficina e de suas axilas era como um incenso, robusto e bom, porque é preciso ser generoso e dedicado no trabalho, disse ele, e havia devoção em seu gesto, e tudo dizia que ele era honesto, humilde e bom. Não podíamos passar o óleo na madeira sentados. Então, ficamos em pé em volta da moldura, eu dando batidinhas e depois deslizando o pano em uma das extremidades, como ele havia mostrado, e Nanni na outra. Ao me flagrar trabalhando com pressa, ele pediu que eu fosse mais devagar. *Con calma*. Fazia calor na oficina, nós estávamos suando. Eu estava feliz.

— Vamos deixar secar — disse ele mais tarde.

Falou que me mostraria como trabalhar na escrivania. Por enquanto, eu trabalharia na caixa, disse ele, *tutto da solo*.

Em um momento, uma mosca pousou em meu rosto e começou a andar pela minha bochecha. Coçava, e eu queria esfregar o local, mas, ao tentar espantá-la, acabei sujando o rosto com óleo de linhaça. Sem problemas, disse ele. Dobrou outro pano, colocou uma gotinha de solvente, levou-o até meu rosto e, pressionando o pano com o dedo, passou-o em minha bochecha com batidinhas cuidadosas, hesitantes e tímidas, que revelavam que ele estava tentando não deixar que o solvente queimasse minha pele. Amei o modo como ele tocou meu rosto, cuidou dele; havia muito mais amizade e gentileza no pequeno gesto daquele homem do que em qualquer pessoa que fosse ligada a mim por laços de sangue. Desejei que a palma de sua mão inteira tivesse tocado meu rosto e aliviado a ardência.

— Não se mexa — ordenou ele quando tocou o lugar mais uma vez. — Eu disse para não se mexer.

Não me mexi. Podia sentir sua respiração, ele ia me beijar. Levou o dedo até a boca, colocou um pouco de saliva nele e passou em minha bochecha. Eu teria feito qualquer coisa que ele pedisse.

— Só mais um toque, tenha calma, não vai queimar — disse Nanni.

Eu confiei nele, e gostei de confiar nele, e o aviso da minha mãe não teve importância nem por um segundo, porque o que passou pela minha cabeça naquele exato momento foi que, em vez de esfregar meu rosto com aquele pano, ele devia ter esfregado delicadamente meu pau e, se ardesse, como eu sabia que aconteceria, tudo bem,

contanto que eu o deixasse segurá-lo na palma da mão, do jeito que ele fizera com minhas mãos no outro dia.

Senti a ardência se espalhar pelo rosto e se intensificar, e doeu, mas não me importei, porque ele disse que não doeria, e eu queria que ele soubesse que eu confiava nele, confiava em tudo, que nem me importei quando ele passou saliva em meu rosto, porque não me importava, não me importava, porque a culpa era minha se queimasse, não dele, nunca dele. Quando ele deu um tapinha carinhoso em meu rosto com a palma da mão, me aproximei sem pensar e deixei que um lado do meu rosto descansasse nela. Mas fiz isso discretamente. Ele não percebeu.

— Não foi tão ruim, foi? — perguntou ele, dando outro tapinha em meu rosto e sorrindo.

Um velho espelho salpicado de manchas revelou uma marca vermelha em meu rosto.

— De volta ao trabalho — disse ele.

Perto do pôr do sol, ele me jogou um pano para que eu limpasse as mãos. Fez isso do mesmo modo que o professor de natação da escola jogava toalhas para cada um de nós assim que saíamos da piscina.

Havia paz e muita longevidade naquelas horas vespertinas que se seguiam às aulas particulares. Doces, limonada e a caixinha, que se tornara meu projeto, só meu, enquanto ele olhava por trás de mim e acompanhava meu progresso. Seria capaz de fazer isso como seus antepassados fizeram, entra dia e sai dia, hora após hora, ano após ano. Criamos hipóteses sobre como nossas vidas estão traçadas sem sequer sabermos que criamos tais hipóteses — esta é a beleza delas: nos ancoram sem a menor indicação de que o que estamos fazendo é confiar que nada muda. Acreditamos que a rua em que moramos permanecerá a mesma e terá o mesmo nome para sempre. Acreditamos que nossos amigos continuarão nossos amigos, e que amaremos para sempre aqueles que amamos. Confiamos e, por confiar, esquecemos que confiamos.

Alguns dias depois, quase dei de cara com minha mãe descendo o Sant'Eusebio. Entrei imediatamente na pequena livraria, esperando que, se ela entrasse, me visse tentando decidir que romance comprar. Assim que tive certeza de que ela estava longe, segui em direção à oficina de Nanni. Ele estava ocupado reposicionando nossa escrivaninha. Minha mãe viera para mais uma de suas inspeções.

Ele logo me disse para entrar.

— *Oggi non si scherza*. Sem brincadeiras hoje — disse Nanni.

Coloquei o avental como já me habituara a fazer e esperei pelas ordens. Mas então vi que a caixinha, que eu pensava ser só minha, havia sido lixada mais uma vez, provavelmente por seu irmão mais novo. Obviamente ele não tinha gostado do modo como eu a preparara e pedira ao irmão que corrigisse meu trabalho. Mas eu estava errado.

— Hoje você vai me ver trabalhar na mesa. Então, fará exatamente a mesma coisa com a caixa. Primeiro, precisamos de um pouco de tinta. Gosto de começar por um canto, então você também vai começar por um canto.

Fiz tudo o que ele pediu e imitei cada movimento que Nanni executava na mesa, usando os mesmos produtos.

Pintei e segui pintando como ele mostrava, lenta, suave e cuidadosamente. Quase não conversávamos enquanto trabalhávamos, embora de vez em quando discutíssemos sobre times de futebol. Acho que nem pensávamos em nada enquanto estávamos trabalhando. Só trabalhávamos. No fim do dia, ele me fez ficar em pé à sua frente, colocou a mão no meu ombro e analisou meu rosto. Eu estava bem. Nenhuma mancha.

— Você trabalhou bem.

— E você também — falei, sentindo que era algo que os trabalhadores diziam uns aos outros após um longo dia de trabalho.

Ele assentiu. Seguiu-se um momento de silêncio.

— Então, me diga, minha mão estava tremendo hoje?

Eu devo ter olhado para ele petrificado, embora tentasse passar uma expressão vazia e confusa de incompreensão. Tenho certeza de que ele percebeu.

— Paolo, *scherzavo*. Eu estava brincando — afirmou ele, claramente tentando remediar meu choque.

Acreditei nele. Mas o chão havia tremido sob meus pés.

A caminho de casa, parei na capela normanda, sentei no pedestal e observei o mar indo em direção às luzes do continente, como gostava de fazer antes do crepúsculo e depois do trabalho. Mas desta vez senti como se eu tivesse sido aberto durante uma daquelas aulas nos antigos anfiteatros de anatomia enquanto meu coração ainda batia e meus pulmões respiravam, e era como se cada órgão do meu

abdômen estivesse à mostra diante de uma multidão de jovens estudantes de medicina contendo o riso.

Eu tinha apanhado um pedaço de pano úmido da marcenaria de Nanni e enfiado no saco de papel que trouxera da padaria naquele dia. Peguei o pano, abri-o e abaixei o short. Gostei de ficar despido e exposto, como se fosse algo que eu queria fazer havia horas. Queria que ele me visse nu. Com o pano em uma das mãos, toquei meu pau uma vez. Mas, como não senti nada além de um leve formigamento, toquei uma segunda vez. Então comecei a sentir. No início ficou quente, e isso me excitou, porque senti como se algo além da minha mão estivesse me tocando, mas então começou a arder, e a arder mais, e, sem qualquer alívio, ainda mais. Comecei a entrar em pânico, porque estava doendo e, embora parte de mim quisesse a dor e gostasse da dor, temi que a ardência talvez nunca passasse, que meu pau fosse arder para sempre, enquanto eu dormia, ou no banho, ou quando sentasse na sala de jantar com meus pais, ou quando aparecesse de surpresa na oficina de Nanni. Comecei a ficar horrorizado com o que tinha feito comigo mesmo. *Perché, ma perché*, gemi, pensando que era a voz dele falando comigo e que, se ele soubesse o que eu havia feito comigo mesmo, apareceria na capelinha vazia em segundos e me seguraria na palma de sua mão para fazer a ardência passar. E pensei em sua saliva, e em como sua saliva aliviara a queimação e, porque eu não sabia de mais nada, tudo o que eu podia fazer era desmoronar e dizer *Ma che cosa ti sei fatto?* E ouvir a voz dele dizendo essas palavras enquanto eu as dizia em voz alta me deu um aperto na garganta e me impediu de respirar até que caí no choro. Nunca tive tanta pena de mim mesmo.

Pensei que estava chorando por causa da dor ou porque estava entrando em pânico. Mas sabia que havia outro motivo, embora não imaginasse qual seria ou por que me fazia chorar. Havia pesar na capela e em meu coração e no mar em direção ao continente e mais pesar em meu corpo, porque eu não conhecia meu corpo nem sabia qual era a coisa mais simples de que eu precisava naquele momento. E pensei nos anos que ainda tinha pela frente e soube que aquela sensação nunca passaria, que, mesmo que a ardência diminuísse e desaparecesse, eu nunca superaria a vergonha ou perdoaria a mim ou a ele por me obrigar a fazer isso. Eu me sentaria neste exato lugar nos anos seguintes e lembraria que nunca na vida eu conhecera o tipo de solidão que a gente consegue tocar no próprio corpo. Joguei o

pano no chão e, antes de entrar em casa, me certifiquei de lavar as mãos, os braços e os joelhos, usando a torneira e o sabonete sujo do jardineiro.

* * *

Ao sair da aula particular alguns dias depois, fui até a oficina e pela primeira vez encontrei a porta fechada. Quando bati, tudo o que ouvi foram os painéis de vidro crepitando junto à velha porta de madeira. Ele sempre estava ali, pensei, então provavelmente encontrava-se lá para dentro. Comecei a puxar o sino. O badalo fraco me fez perceber que era inútil insistir, mas puxei e fiz mais barulho, sem ligar para o que a vizinhança poderia dizer, convencido de que Nanni se materializaria em algum momento. Foi Alessi, o barbeiro, quem finalmente saiu de sua loja e, na rua, gritou:

— Não está vendo que não tem ninguém?

Fiquei com raiva, arrasado, humilhado. Ainda ouvia o tinido do sino na cabeça enquanto pisava firme pela rua de paralelepípedos a caminho de casa. Por que ele me decepcionou, por que eu confiei, por que fui lá para início de conversa? Eu não fazia ideia do que tinha acontecido com ele, ou onde estava, ou por que não abrisse a porta. Jamais devia ter me permitido considerar sua amizade como certa... que amizade?

Fui vítima do mesmo pânico paralisante que senti no início daquele ano, no dia da reunião de pais na escola, por saber que a conversa com meu professor não seria boa. Eu nunca devia ter confiado nele tão cegamente. Ele não era meu amigo, nunca seria. Eu devia saber, devia ter encontrado amigos da minha idade.

Para piorar, começou a chover, a água atingindo minha cabeça quando avistei as luzes de nossa casa a distância e soube que, até chegar à entrada, estaria ensopado. Nada de capela normanda hoje. Bem feito para mim. Nunca mais vou confiar em ninguém, nunca mais vou atrás de alguém, nunca. Eu só tinha um amigo no mundo, meu pai, e, mesmo naquela época, não saberia o que dizer a ele. Dizer o quê? Que eu me sentia estranho, que estava sofrendo, que queria odiar Nanni, que nunca mais devíamos contratá-lo, que Nanni não era melhor que os vagabundos que ficavam do lado de

fora do Caffè dell'Ulivo à noite falando sacanagens e fazendo sons obscenos quando uma mulher passava?

No entanto, antes de abrir totalmente a porta, vi a escrivaninha junto à entrada e, ao lado, as duas molduras meio desembulhadas encostadas à parede. Então ouvi a voz de Nanni. Eu me sentia no paraíso. Ele estava em pé com minha mãe, tentando ajudá-la a encontrar um bom lugar para a escrivaninha. Haviam acendido as luzes, por isso parecia muito mais tarde do que realmente era. Nanni falava sobre os danos que a luz do sol causa aos móveis, motivo pelo qual, dizia, ela deveria manter a escrivaninha longe da grande janela da varanda. Ela ouvia, acariciando a madeira com calma e suavidade como se precisasse tocá-la para acreditar, mas também temesse incomodá-la. Fiquei impressionado com o brilho do móvel. E o que me deixou ainda mais feliz foi pensar que, enquanto eu puxava o sino com tanta veemência naquela tarde, ele estava apenas na sala da nossa casa conversando com meus pais, mostrando seu trabalho.

Avisei que subiria correndo para me trocar, tirei toda a roupa, deixei as peças molhadas no chão, desci apressadamente as escadas de roupão e fiquei na entrada, pensando, *Eu venero este homem*.

— Também tomei a liberdade de usar um produto novo no bronze para destacar o brilho — explicou ele.

Nanni não me contou que tinha feito isso. Minha mãe disse que não havia notado o bronze, mas, sim, ele estava certo, até mesmo as fechaduras em que ele mexera naquela primeira visita agora apresentavam um brilho inconfundível. O marceneiro explicou que havia substituído a fechadura de uma das gavetas, porque, em algum momento, sabe-se lá quando, alguém a havia trocado por uma que não combinava com o design, o que significava que a chave também tinha sido substituída.

— Provavelmente o doido do meu tio-avô, Federico — comentou ele.

Então descreveu o estilo da fechadura da escrivaninha e apontou para seu padrão quadrifólio. Vi suas mãos como as vira pela primeira vez semanas antes naquela mesma sala. Elas não tinham mudado. Mesmo com a lixa e quem sabe quantos anos de resina, solvente, laca e ácido, elas eram delicadas e sempre tão suaves ao toque, como senti quando ele ajudou a limpar a mancha do meu rosto, quando passou a palma da mão no meu cabelo depois de eu dizer que não precisava de um avental, quando segurou minhas mãos

na dele e começou a limpá-las. Lembrei-me de seu peito nu sob o avental.

Então minha mãe perguntou:

— E a caixinha?

— A caixinha — repetiu Nanni, falando com mais calma de repente. — É uma verdadeira joia.

Ele tirou as gavetas como fizera naquele primeiro dia, mas desta vez elas deslizaram suavemente, sem fricção ou ruído. Colocou a mão dentro da mesa e tirou a caixa. Fazia dias que eu não a via, então não imaginava que ia estar tão perfeita, tão radiante.

— Linda, não é? — perguntou ele.

— Você faz milagres.

Ela inspecionou a chave e a fechadura. Eu não tinha visto a chave nem a fechadura nova, porque quando comecei a trabalhar na caixinha na oficina, Nanni já havia retirado a peça.

Minha mãe não aguentou e elogiou-o mais uma vez. Ele assentiu com um gesto que tinha o objetivo tanto de reconhecer quanto de minimizar o elogio. Em seguida levantou o rosto e olhou em minha direção com uma expressão que quase poderia ter sido a centelha de um sorriso cúmplice, então olhou para a caixa em suas mãos antes de colocá-la na escrivaninha restaurada, sem dizer nada. O significado: *Que este seja nosso segredo.*

Então tínhamos um segredo.

O verdadeiro segredo, no entanto, não era que eu tinha ido vê-lo quase todas as tardes, mas que ele percebera que eu não queria que meus pais soubessem. *Esse* era o segredo.

Nunca pensei em me perguntar por que ele não mencionou minhas visitas, ou por que não reconheceu minha participação no polimento da caixa.

Contemplei esse segredo enquanto fazia a lição de latim naquela noite. Mais ou menos uma hora depois, desci de novo, pensando que Nanni já tivesse ido embora, e fiquei surpreso ao ver que ele ainda estava ali, ajudando meus pais a recolocar os quadros nas molduras. Fiquei esperando que ele falasse comigo. Mas não falou. Quando saí para pegar água na cozinha, pude ouvi-lo explicar aos meus pais exatamente o que fizera com as molduras. Então meu pai, que sempre despertava a confiança das pessoas, perguntou que outros trabalhos esperavam por ele na oficina. Houve um momento de silêncio. Nanni disse que queria transferir a oficina para o

continente, porque, embora tivesse herdado o ofício, a marcenaria e o apartamento no andar de cima, queria ser mais que um marceneiro. Era um criador, disse, um artista, não só um *falegname*, um carpinteiro.

Gostei do modo como ele disse as últimas palavras. Vieram como a confissão de algo irredutivelmente verdadeiro. Ele falava com a humildade mais sincera e algo que beirava um pedido de desculpas, como se pedisse pela bênção e pela amizade de meu pai.

— Falo do modo como falaria a um pai — disse ele por fim.

Por que eu me abri com Nanni tão verdadeiramente como ele estava fazendo com meu pai? Algum dia eu seria capaz de contar o que havia feito comigo mesmo na capela esperando que ele passasse por ali para me resgatar? Não em dez anos, nem em uma vida. E, no entanto, eu queria fazê-lo, e a ideia de contar-lhe me deixava excitado.

Nanni estava dizendo ao meu pai que também havia a questão do irmão mais novo.

— Prometi ao meu pai que cuidaria do meu irmão e estabeleceria um negócio para ele aqui. Então tenho que esperá-lo crescer. Mas meu sonho sempre foi ser um artífice, um *compagnon* como os que ainda existem na França, viajar e aprender com as pessoas. Em vez disso, trabalhei com meu pai e meu avô, e isso foi muito bom para mim... mas eu preciso ir embora.

O que amei foi perceber a facilidade com que ele falava com meu pai, do mesmo modo que tantos outros em San Giustiniano. Eu nunca tinha confiado em alguém assim, nem em meu pai. Isso também me dizia que esse modo de revelar a alma às pessoas era a própria essência da amizade, algo que eu desconhecia e exatamente o que desejava de Nanni, mas eu queria com seu rosto, que viesse de suas mãos, seu cheiro. Talvez eu não fosse capaz de confiar assim ou de incitar essa confiança nos outros. Além disso, eu era apenas uma criança, e sabia disso. Será que os outros pensavam na amizade tanto quanto eu, ou confiavam nas pessoas e faziam amigos naturalmente? Será que alguma coisa algum dia aconteceu naturalmente para mim?

— Mas por que ir embora de San Giustiniano? — perguntou minha mãe.

— Não posso ficar. Cresci aqui. Conheço todo mundo. Além disso, as pessoas falam demais nesta cidade. Quero ir embora.

Fiquei tão intrigado com essa pessoa que eu escutava pela primeira vez que fiquei em pé na entrada da sala, sem entrar, temendo que o menor passo pudesse interromper a conversa. Queria que ele continuasse falando. Por que não falava assim quando estava comigo? Ele estava bebendo algo com meus pais, inclinava-se para a frente na poltrona em direção ao meu pai, os cotovelos pousados nas coxas, como se não tivesse terminado sua confissão e ainda implorasse que meus pais o ouvissem. Quando largou o copo, tive a impressão de que estava prestes a estender o braço e pegar uma das mãos de meu pai.

— Sou a última pessoa que deveria lhe dar conselhos — disse meu pai, por fim. — Além disso, quem sabe que valor têm minhas palavras, Nanni? Mas, se realmente precisa ir embora, talvez a Europa não seja o melhor lugar. Há o Canadá, por exemplo. Ou a Nova Zelândia, a Austrália e os Estados Unidos, é claro. Mas o mundo está cheio de malandros e desordeiros.

— Ah, há malandros e desordeiros de sobra entre nós, mais do que você imagina. Não é porque não os vê batendo à sua porta que eles não estão aqui — afirmou Nanni, olhando para meu pai.

Então, virando-se para minha mãe, acrescentou:

— As coisas não são fáceis para mim aqui, *signora*.

— Por um momento eu tive certeza de que ele ia pedir um empréstimo — comentou minha mãe depois que Nanni foi embora. — É bem o tipo dele.

— Mas não pediu. Jamais pediria.

— Vai pedir a próxima vez que vier... espere só. Essas pessoas são todas iguais.

Muita gente vinha nos visitar à noite apenas para tentar conseguir um empréstimo no fim da visita. Nessa hora geralmente já teriam pedido que eu saísse. Mas eu adorava entre ouvir os agradecimentos elaborados que precediam o pedido.

Desta vez não estava acontecendo nada parecido.

— Fique na Europa, Nanni, fique aqui — aconselhou minha mãe. — Você não imagina o bem que me faz pegar a primeira balsa do ano, quando atravesso a água e deixo o mundo para trás e finalmente ando pelo calçadão e reconheço o cheiro dos barcos de pesca na marina. Isto é o paraíso.

Por que minha mãe estava dizendo aquilo se nenhum de nós esquecia que a primeira vez que pegamos a balsa naquele verão havia

sido um verdadeiro inferno?

— Tenho alguns amigos na embaixada canadense que talvez possam ajudar — contou meu pai.

— Meu marido e eu discordamos. Não é nenhuma surpresa. Seu lugar é aqui, Signor Giovanni.

No entanto, para mostrar que não havia nenhuma lacuna significativa em nosso lar, ela se aproximou e se sentou no braço da poltrona onde meu pai estava, colocando a mão em seu ombro. O gesto sugeria afeição, juventude e solidariedade, ainda que me parecesse rebuscado e demonstrativo demais para a ocasião. Deve ter parecido assim ao meu pai também, porque ele ficou parado, rígido, desconfortável, deixando que minha mãe falasse, permitindo que sua mão ficasse pousada ali até que ela se cansasse.

— Ironicamente — disse ela, sorrindo —, nós também estamos pensando na possibilidade de ir embora, principalmente por causa dos estudos de Paolo.

Nanni virou e olhou para mim.

— Sim, principalmente por causa de Paolo.

O modo como ele disse essas palavras partiu meu coração. Mas qualquer coisa que lembrasse meus estudos poderia muito bem se tornar uma conversa sobre a prova de latim e grego, o professor particular e, finalmente, minhas visitas. Entrei em pânico. Ele deve ter lido minha mente e se manteve longe do assunto.

— Fazemos tudo por nossos filhos, Nanni. Mas um dia eles nos deixam e os perdemos — disse meu pai.

Aquilo veio do nada.

— Não vou deixar vocês — respondi.

Meu pai pensou por um instante.

— Eu sei, eu sei — respondeu ele por fim.

Mas eu o conhecia bem para saber que ele não acreditava no que eu tinha acabado de dizer, pois o que realmente pretendia com aquele tom pensativo foi *Você pode não querer ir embora agora, mas um dia vai querer*. Ele olhou para Nanni como se quisesse incentivá-lo a concordar com um gesto quando, de repente, como acontecia quase toda noite, as luzes se apagaram. Todos ficamos esperando no escuro. Meu pai acendeu as três longas velas que ficavam no castiçal sobre o piano e foi até a escrivaninha no meio da sala. Queria vê-la sob uma luz diferente. O móvel parecia ainda mais impressionante à luz de velas. Devia estar em um museu.

— Você é um artista — elogiou meu pai assim que vimos o cilindro brilhar como um Stradivarius bem polido.

— *Anzi*, um grande artista — acrescentou minha mãe.

Eu estava tão feliz que desejei que nós quatro ficássemos ali para sempre sob o brilho íntimo e débil das velas. Quis que ficasse escuro de novo. Quis abraçá-lo no escuro.

Quando a luz voltou, Nanni olhou para o relógio.

— Acho que está na hora de voltar — sentenciou.

Meu pai o acompanhou até a porta e minha mãe ficou na sala observando a escrivaninha. Eu tinha certeza de que meu pai saía para pagar Nanni, por isso não o acompanhei. Como fazia com todos, meu pai acompanhou Nanni até o fim do jardim, abriu o portão para ele e ficou ali, cortês como sempre, vendo seu convidado voltar em direção à marina. Nanni se virou e acenou uma segunda vez. Ninguém havia apagado as velas. Era como se ele ainda estivesse na sala conosco.

— Um grande talento, mas estranho, esse Nanni, um pouco bizarro na minha opinião, você não acha? — perguntou minha mãe quando meu pai fechou a porta.

— Sim, muito talentoso.

Ele não quis fazer julgamentos.

— Ainda assim, tem algo de decadente nele. Você imagina em que condições precárias ele deve viver? Acho que ele devia é encontrar uma boa garota e se estabelecer em San Giustiniano. Aqui é o lugar dele.

— Talvez — respondeu meu pai. — Mas ele é muito complicado para namorar uma dessas garotas da cidade, musculosas e que não se depilam. É muito educado e bonito para elas. Seu lugar é no mundo, em Paris, Roma, Londres, não em uma vila de pescadores.

A admiração de meu pai, diferente da minha, era desprovida de ambiguidade. Invejei a ausência de uma cortina de fumaça e de subterfúgios no que ele dizia. Não havia nada de furtivo ou dissimulado na expressão de sua admiração por outro homem. Na verdade, seu elogio a Nanni era tão espontâneo que me fez perceber que eu nunca tinha dito ou seria capaz de dizer algo do tipo. Eu inventara algo de bronco nele ou havia apontado um defeito de nascença aqui, um tremor ali, apenas para censurar qualquer coisa que pudesse entregar o que eu sentia cada vez que encontrava coragem de olhar em seus olhos.

Naquela noite, meio dormindo, meio acordado, pensei em algo que por acaso tinha ouvido minha mãe dizer e em que não quis pensar até que pudesse me concentrar no assunto. Pensei — ou será que sonhei? — nas condições precárias que ela falou em que ele devia viver no andar de cima da oficina. Eu sabia que havia uma escada que levava ao andar superior, mas nunca vira o lugar onde ele morava, como ele vivia. Queria ver seu quarto, suas coisas, seus sapatos, suas roupas, tocar sua cama, seu roupão, sua toalha. E se, em vez de ir à escola uma manhã de inverno, eu pegasse a balsa no continente e viesse vê-lo de surpresa? Será que ele me receberia, me ajudaria a secar os pés se estivesse chovendo, me emprestaria algo para vestir até que minhas roupas estivessem secas? Eu trabalharia com ele, almoçaria com ele e tiraria um longo cochilo em sua cama naquele suéter marrom surrado que tinha o mesmo toque de sua pele e cheirava como ele e falava dele na língua vulgar e sagrada das coisas.

* * *

O que não percebi quando ele trouxe as molduras e a escrivaninha reformadas foi que eu não tinha mais motivo para visitá-lo à tarde. Enquanto tomava a limonada de sempre na marcenaria no dia seguinte, perguntei se havia alguma coisa que eu pudesse fazer, e ele negou com a cabeça e disse que tínhamos terminado a reforma da mobília dos meus pais. Ele parecia estranho, tenso. Parte de mim sentiu que estava se esforçando para encontrar as palavras certas.

— Agora que a escrivaninha dos seus pais está pronta, talvez seja hora de você deixar de fazer trabalhos manuais — disse ele, enfim encontrando as palavras certas com a entonação certa de bom humor e desculpas para suavizar o golpe.

O irmão dele, Ruggiero, estava ocupado lixando uma gaveta, mas, embora ele não se virasse, dava para perceber que não perdia uma sílaba.

— Então só pude ficar aqui porque estava trabalhando para meus pais?

Eu estava tão chocado com o que ele acabara de dizer que não consegui expressar minha decepção com mais delicadeza.

— Você ajudou muito — respondeu Nanni, ignorando minha pergunta. — E fez um excelente trabalho, eles mesmos disseram na sua casa.

O olhar assustado em meu rosto deve ter gritado que ele não devia ter contado à minha mãe sobre mim. Então nunca fora *nosso* segredo.

Tentei não demonstrar o quanto fiquei nervoso. O que me chocou ainda mais não foi só o fato de minha mãe saber sobre minhas visitas à oficina, mas de ela ter decidido não me dizer uma palavra sobre elas. Seu silêncio de repente lançou uma nuvem sobre minhas visitas e confirmou que sempre houve algo de perturbador e dissimulado no que eu fazia ali, a ponto de justificar o silêncio dela. Antes disso, eu tinha pensado em pedir aos meus pais que chamassem Nanni para dar uma olhada na mesa de jantar e nas cadeiras, que pareciam tão velhas e deterioradas que obviamente precisavam de reforma. Mas minha mãe provavelmente perceberia tudo e saberia que era só um estratagema para que eu continuasse visitando a marcenaria.

Quando cheguei em casa, nem uma palavra, nem um olhar, nada. No jantar, olhei para meu pai. Ele também estava inexplicavelmente quieto. Algo estava prestes a acontecer. Era só questão de tempo.

Mas quanto mais os dias se passavam sem que nenhum deles mencionasse minhas visitas, mais difícil se tornava falar o nome de Nanni em casa. Quando minha mãe citou-o certa vez, enquanto pedia que eu a ajudasse a levar a escrivaninha de um canto da sala para o outro — porque não achávamos um lugar para ela —, fingi não ouvir. Mas percebi que meu corpo inteiro tremia. Era só dizer o nome dele que eu congelava. Era só dizer “Nanni” que todas as barreiras que eu colocara em volta dessa única palavra de repente desmoronavam. Era só dizer o nome dele no inverno quando estávamos de volta à cidade que eu de repente sentia mil alfinetes espetando o topo da minha cabeça. Eu amava o nome dele. Significava muito, muito mais para mim do que para qualquer outra pessoa. Ninguém entenderia, muito menos explicaria por que esse nome me preenchia com um prazer secreto, com angústia e vergonha.

Em uma das minhas últimas tardes antes de deixar San Giustiniano, depois da aula particular, parei na oficina de Nanni. Ele estava lá, sem camisa, trabalhando com Ruggiero em uma gaveta grande cujo fundo estava apoiado nos paralelepípedos da ruela. Invejei sua paz, o calor, o trabalho, o ritual antigo e atemporal de

tudo aquilo. Então, como se algo tivesse sido arrancado de meus pulmões e precisasse ser dito, finalmente encontrei um momento em que ele estivesse sozinho para dizer:

— Eu nunca tive amigos, você tem sido meu único amigo.

Falei essas palavras sem perceber que as tinha dito.

O que eu queria dizer era *Eu era seu amigo, gostaria que você tivesse continuado meu amigo*. Em vez disso, nos abraçamos como sempre fazíamos, mas desta vez ele falou:

— *Scusa il sudore*.

Mas era exatamente o suor dele que eu queria em meu rosto.

Eu não contaria aos meus pais. Eles não entenderiam. Ninguém entenderia.

O mais próximo que cheguei de entender alguma coisa foi bem mais tarde naquele inverno, quando entrei na cozinha e percebi o cheiro de aguarrás que vinha da porta aberta de uma outra cozinha do prédio. Os vizinhos estavam pintando o cômodo. De repente, sem pensar, eu estava na ruela de paralelepípedos em San Giustiniano, subindo a colina no calor escaldante de uma tarde do fim de julho, o sapateiro, o chaveiro, o barbeiro, cada passo marcado pelo que o presságio daquele aroma prometia assim que eu passasse pelo pilar gigante na esquina e subisse mais em direção ao *caffè* e depois ao castelo. A aguarrás, percebi naquele dia, era a capa, o dispositivo de camuflagem. O que eu realmente queria era seu suor, seu sorriso, o modo como ele falava comigo e o cheiro de suas axilas por causa do esforço naqueles dias sufocantes de verão. Então, em nossa cozinha e para minha vergonha eterna, lembrei o que aconteceu entre nós exatamente um dia depois do episódio com a aguarrás na capela normanda.

Voltamos a trabalhar nas molduras. Levamos duas cadeiras para a rua e sentamos um de frente para o outro com a moldura da madeira apoiada sobre os joelhos, nós dois com as ferramentas no chão — a goiva grande, a goiva menor, as sovelas minúsculas para escavar os entalhes de flores e remover a sujeira incrustada. Às vezes, quando ele fazia força com o braço, seu joelho batia no meu e ficava ali até que ele liberasse a pressão na mão e começasse a trabalhar em outro ponto da moldura. De início, eu afastava o joelho, mas logo aprendi a mantê-lo no lugar e nunca tirá-lo dali. Às vezes nossos joelhos ficavam tão próximos que pareciam gêmeos que cresceram juntos e só ficavam felizes quando se tocavam. Uma vez, meu joelho tocou o

dele e fez questão de pressioná-lo. O dele recuou. Então, para puni-lo e humilhá-lo em minha mente, comecei a pensar que ele estava nu embaixo do avental, e gostei de pensar nele nu. Eu sabia que era errado, cruel até, mas não conseguia me conter, gostava de olhar para sua genitália.

Enquanto alimentava essas imagens perturbadoras, de repente peguei-o olhando para mim. Será que ele viu meus olhos passeando por todo seu corpo quando levantou? Ficaria incomodado?

Ele tinha parado de falar. Comecei a me perguntar por quê. Então vi que ele ainda estava olhando para mim. Seus olhos eram tão belos e, percebi pela primeira vez, tão profundamente verdes, que tive de olhá-los ainda mais. Meu impulso sempre fora desviar o olhar e evitar seus olhos, mas eles me agarraram, e eu quis ser agarrado por eles, porque estavam ordenando que eu não desviasse desta vez, porque era por isso que os adultos se olhavam nos olhos: você devia olhar de volta e não havia como fugir procurando por abrigo, porque era convidado a encarar também, porque não era mais nenhum tipo de violação, a violação seria não olhar — foi quando percebi que o que vinha desejando havia tanto tempo eram seus olhos, não suas mãos, não sua voz, não seus joelhos, nem mesmo sua amizade, apenas seus olhos, pois eu queria que seus olhos pousassem para sempre nos meus como naquele momento, porque eu amava o modo como eles pairavam sobre meu rosto e de vez em quando pousavam sobre meus olhos como a mão de um homem santo que está prestes a tocar suas pálpebras, sua testa, seu rosto inteiro, porque seus olhos prometiam que eu era a coisa mais estimada do mundo, porque havia piedade, graça e beneficência em seu olhar, que me favorecia com sua beleza e me dizia que não havia menos piedade, beleza e graça no meu. E isso, em uma das minhas últimas tardes em sua marcenaria naquela parte distante do mundo, era fonte de felicidade, esperança e amizade. Ele me olhava com pesar porque eu partiria em breve. Eu era seu amigo. Não havia mais nada que eu pudesse querer. Mas algo se quebrou no momento em que ele disse:

— Você não devia encarar as pessoas assim.

Suas palavras me cortaram. De repente, nossa delicada troca de olhares estava exposta e despedaçada, exposta pela pessoa que jamais deveria se importar tanto com ela.

— O que você quer dizer com isso?

— Você tem idade suficiente para saber — repreendeu-me. — Ou não tem?

Algo frio, brusco, quase mal-humorado naquela reprimenda breve não condizia com a graça e a ternura do momento anterior. Eu teria inventado tudo?

Imediatamente desviei o olhar e continuei olhando para longe, como se quisesse provar que ele estava errado e mostrar que algo à esquerda havia chamado minha atenção e não tinha nada a ver com ele. Mas eu havia começado a tremer. Eu violara alguma coisa. O quê? Tudo o que eu sabia era que ele tinha me colocado em meu lugar — e em meio a esse processo eu me senti totalmente paralisado. Eu nunca tinha sido reprimido sem sentir a raiva na voz da pessoa, nem me sentido tão exposto por palavras que não eram hostis ou duras, e por isso mesmo machucavam tanto — porque a intenção dele talvez fosse gentil, porque eu sabia que ele estava certo, porque ele sabia exatamente o que eu estava fazendo, e eu não gostava nada disso ao mesmo tempo que gostava tanto disso. Eu esperara ultrapassar um limite enquanto o encarava e me safar disso sem que ele soubesse ou me chamasse a atenção. Era pior do que ser repreendido por um professor, ou ser pego mentindo ou roubando, pior do que quando fiz um gesto obsceno para um verdureiro e o velho virou para mim e disse *Svergognato*, sem vergonha. Nanni também poderia ter dito *Svergognato*. Ele vira quem eu era, havia interpretado cada curva imoral do meu coração e lido meus pensamentos mais sórdidos — ele sabia, sabia de tudo, sabia o que eu estava olhando quando se levantou para pegar uma lixa, sabia o que eu estava fazendo quando toquei seu joelho. Fiquei tão abalado pela repreensão implícita em suas palavras tranquilas que estava prestes a pedir, por favor, que não contasse aos meus pais.

— Eu ofendi você, Nanni? — finalmente tive coragem de perguntar, talvez como forma de suavizar sua reação.

Incapaz de suportar a frieza repentina entre nós, indaguei:

— Você está bravo comigo?

Percebi que minha voz estava falhando. Ele também percebeu.

Ele assentiu brevemente cinco ou seis vezes, pensativo como eu jamais o vira. Então deu um sorriso condescendente.

— *Sta' buono, Paolo, e va' a casa*. Vejo você em alguns dias.

Mas ainda havia um brilho sombrio e inabalável em seus olhos, como se estivesse escondendo alguma coisa.

— Mas eu ainda não quero ir embora — resmunguei, sem pensar, já conformado com a partida, motivo pelo qual me aproximei mais durante o abraço de despedida de sempre.

— *Devi*.

Ele disse isso sem a menor reprimenda na voz, como uma despedida que facilmente poderia ser confundida com um apelo. Nanni estava se afastando de mim.

Não entendi o que *devi* queria dizer naquele dia. Mas, pensando agora naquela palavra e no modo como ele a disse, devo ter sentido em algum momento que aquela foi a primeira vez na minha vida que alguém me tratou não como a criança que eu ainda era ou como uma criança que tinha ficado até tarde brincando com os amigos sem avisar os pais que se atrasaria para o jantar, mas como alguém que naquele instante deixava de ser apenas um garoto para se tornar um jovem desejável, que tentava, talvez até ameaçava, alguém bem mais velho. Naquele dia, sem saber de nada, com certeza entrei na vida de alguém do mesmo modo que o havia atraído para a minha. Levei anos para suspeitar que ele havia se contido.

Eu tinha visto meu pai se despedir do meu irmão um ano antes na estação de trem, e os dois se abraçaram até meu pai se libertar do abraço do filho e pedir-lhe que fosse agora, *para nosso bem*.

Não abracei Nanni novamente. Saí da marcenaria, já planejando voltar no dia seguinte ou no outro. Depois disso, talvez eu voltasse algum dia no inverno. Mas eu também sabia — e me dei conta pela primeira vez enquanto voltava para casa naquela tarde — que aquela, por mais irreal e impensável que parecesse, poderia ter sido minha última visita à sua oficina.

Nos anos que seguiram, o significado daquele *devi* mudou várias vezes, como as cores da pedra de um anel do humor. Às vezes era como um tapa e um aviso; às vezes como o dar de ombros de um amigo que escolhe ignorar um deslize e finge esquecer; e às vezes me atravessava como um consentimento silencioso e arriscado. *Vá embora*, é o que dizemos ao diabo quando o diabo já está em nós, e o que ele quis dizer com aquele olhar enquanto me assistia ir embora foi *Se você não for embora agora, não vou recusá-lo*.

Ao sair da oficina naquele dia, não poderia estar mais furioso. Peguei meu atalho pisando firme, parei na capela normanda, sentei no pedestal para observar o mar, na direção do continente, mas não conseguia organizar os pensamentos. Tudo o que eu sabia era que

havia sido punido e depois dispensado. Estava pálido. Porque sabia que ele estava certo. Ele me conhecia mais do que eu mesmo, e não havia onde me esconder de suas palavras. *Se comporte, Paolo, e vá para casa.* E ali, não sei o que me deu, tirei toda a roupa, tirei as sandálias até, e fiquei nu na capela, tentando imaginar que Nanni havia pedido que eu tirasse a roupa e ficasse assim até que ele chegasse. E fiquei sentado ali na pedra gasta e nos vi conversando, ambos nus, e percebi que ele ia me tocar, mas então olhou para meu corpo e, sorrindo, começou a cuspir em minhas coxas, minha virilha, minha ereção e em meu peito, como para apagar um incêndio, e amei ter pensado na ideia de sua saliva escorrendo pelo meu corpo, porque significava que depois de fazer isso comigo ele não teria como não vir. Fiquei ali muito tempo, excitado e nu, esperando que ele viesse, porque tinha que vir. Não sabia mais o que fazer.

Já era noite quando cheguei em casa. No espelho, antes de tomar banho, minha aparência estava péssima, mas ninguém perguntou por que eu cheguei tão tarde ou o que havia acontecido para eu parecer tão abatido e desganhado. No entanto, naquele dia eu soube que, se voltasse em algum momento para a ilha quando adulto, seria para construir meu lar naquela capela, que me vira sofrer e chorar como eu nunca havia chorado antes. Eu conhecia cada uma de suas pedras expostas, cada centímetro, cada erva daninha, cada lagarto rastejando, até a sensação das pedras gastas e dos pedregulhos sob meus pés descalços. Meu lugar era ali, assim como meu lugar era este planeta e suas pessoas, mas com uma condição: sozinho, sempre sozinho.

E ali, naquela capela abandonada que jurei um dia reformar e transformar em meu lar, eu também soube que, se tivesse que esperar dez anos para ver Nanni novamente, eu preferia morrer logo. Me leve, pedi, só me leve. Eu não aguentaria esperar uma década. Mas o que também comecei a sentir depois do pôr do sol naquele fim de tarde, como já havia sentido na noite em que ardi em minha nudez no velho santuário, foi a certeza de que estava mentindo, que estaria, sim, disposto a esperar e esperar, como aqueles que param a vida para expiar crimes esquecidos, porque seu verdadeiro castigo não é mais saber se estão esperando por perdão e graça, ou se aquilo pelo que esperam lhes foi concedido havia muito tempo sem que soubessem, e que passaram a vida sem nunca abraçar aquilo que era deles e só deles. Aquele foi meu primeiro encontro com o tempo. Eu

me tornei uma pessoa naquele fim de tarde, e a ele eu podia agradecer. E culpar.

* * *

Agora, no mesmo atalho anos depois, passando pela capela normanda e pelo bosque de limoeiros, tive a sensação de que não devia ter vindo. Viera para nada. Tudo o que restava de nossa casa era a fundação enegrecida do que parecia uma versão muito, muito menor da casa que eu lembrava. Por um instante, pensei que alguém tivesse adulterado a planta, mas as paredes me diziam que aquele era, sim, o tamanho da casa. As janelas, as portas, o telhado, tudo se foi, e quando entrei no que um dia fora a sala de estar pensei naquelas abadias góticas que são ocas, e tudo o que fica entre o céu e a terra é o casco vazio com a grama no meio. Mas não havia grama ali. Só sucata por toda parte, pedaços descascados do papel de parede verde-escuro da sala de estar, de que eu havia me esquecido, e no meio um gato morto coberto de larvas. Essa era a carcaça de nossa casa. Eu só pensava na prataria. Prataria não queima, não derrete. Algumas traziam as iniciais do meu avô gravadas e, portanto, também as minhas. Onde estava a prataria? Eles diriam que desaparecera com a casa. Tudo havia desaparecido. *Sparito*. Essa palavra devia explicar tudo, porque o que mais poderia ser dito sobre honra, amizade e lealdade, a não ser que o tempo destrói tudo, apaga dívidas, perdoa pilhagem, ignora o roubo e a traição? A civilização jamais pegaria no tranco a não ser que tudo fosse ocultado e esquecido. Meu quarto era no andar de cima — mas do andar de cima não havia nem vestígio. Algo em mim morrera ali. A noite em que as luzes se apagaram e eu desejei ser abraçado no escuro, nenhum vestígio dela também. O dia em que ele saiu com a escrivaninha e eu pensei em Eneias e no quanto eu queria ser seu filho. A noite em que fiquei na soleira da porta da sala de estar e pensei por que eu não podia ser ele em vez de ser eu mesmo. A noite em que me sentei nu diante de Deus e não sabia nem por onde começar para descobrir o que eu queria. Tanto havia acontecido desde aquele último verão — estudos, relações amorosas, a morte da minha mãe, mais viagens e, acima de tudo, as perdas de pessoas que

eu nem sabia que ainda conheceria e amaria, mas com quem acabaria perdendo o contato e que nunca mais veria.

Olhando em volta, comecei a suspeitar que muitos dos moradores da ilha estavam me observando examinar o terreno, mas que nenhum deles viria me cumprimentar. Quanto mais pensava neles, mais me prendia ao que um dia fora nossa casa. Eu tocava e tateava os destroços, não tanto para ver se reconhecia alguma coisa, mas para mostrar aos que estivessem espionando por trás de suas cortinas de renda que eu tinha todo o direito de fazer aquilo. E, no entanto, enquanto continuava querendo provar que ali era meu lugar e que eu estava tocando o que era meu, fui ficando desconfortável, sentindo que talvez não devesse pegar as coisas do chão por medo de que alguém pudesse me confundir com um ladrão. Tudo o que eu precisava era ser preso por invadir minha própria casa.

De repente percebi que não havia perdido só a casa, mas também o desejo de pensar que ela seria minha um dia. Eu não era dono de nada ali. Lembrei-me da caneta do meu avô. Eu devia me preocupar em procurá-la ou ela também teria derretido?

Um vira-lata que estava me olhando a distância finalmente caminhou até mim, farejando o chão. Eu não o conhecia, nem ele a mim. Mas compartilhávamos algo — não pertencíamos a ninguém ali. De onde eu estava, reconstruir parecia inútil. Eu nunca quis voltar. Só de pensar em reconstruir e contratar arquitetos, engenheiros, pedreiros, carpinteiros, encanadores, eletricitas, pintores e andar para cima e para baixo nas ruas vazias e reluzentes após o pôr do sol nos meses chuvosos de inverno eu ficava aterrorizado.

Ainda assim, minha vida começou ali e parou ali em um verão distante, naquela casa, que não existe mais, naquela década, que passou tão rápido, com esse nunca-amor que alterou tudo, mas não deu em nada. *Você fez de mim o que sou hoje, Nanni.* Aonde quer que eu vá, todas as pessoas que vejo e desejo acabam sendo mensuradas pelo brilho da sua luz. Se minha vida fosse um barco, você seria aquele que subiu a bordo, ligou as luzes de navegação e nunca mais voltou. Tudo isso pode ser coisa da minha cabeça, e na minha cabeça ficará. Mas eu vivi e amei pela sua luz e mais nada. Em um ônibus, em uma rua movimentada, na sala de aula, em uma casa de shows lotada, uma ou duas vezes por ano, seja homem ou mulher, meu coração ainda acelera quando avisto alguém que parece

ocê. Amamos apenas uma vez na vida, disse meu pai, às vezes cedo demais, às vezes tarde demais; as outras vezes são sempre um pouco ponderadas.

* * *

Alguns anos antes um colega de faculdade me mostrou um artigo sobre San Giustiniano e perguntou se era a mesma San Giustiniano que eu mencionara uma vez. Eu não tinha certeza, respondi. Mesmo depois de ver a foto da baía continuei dizendo que não tinha certeza — como se algo em mim não quisesse mais acreditar que o lugar ainda pudesse existir sem mim. Foi a primeira e única vez que vi uma foto da ilha na imprensa. A matéria não se referia a ninguém em especial, só a uma presença significativa da polícia naquela comunidade de pescadores pouco conhecida na Itália. Não haviam ocorrido homicídios, dizia a matéria, mas sim alguns incidentes envolvendo a máfia em que grupos de jovens foram reunidos, despidos, questionados, espancados e depois liberados. A matéria falava dos mafiosos locais. Construí uma imagem de jovens nus cobrindo a genitália com as mãos; foi a única outra vez na minha vida em que me permiti imaginar Nanni em pé completamente nu. Parecia um tabu. Tudo o que imaginei foi Nanni tentando confortar o irmão mais novo que estava em pânico. Era tudo boato, imaginei, mas até aquele dia na faculdade, segurando a revista que mostrava uma foto antiga da marina de San Giustiniano, raramente me permiti alimentar a imagem dele sem roupas. Algo como respeito e simplesmente decência em relação ao homem que eu venerava, que tinha entrado em nossa sala e confiado em meus pais com tanta franqueza, sempre me impediu. Mas a revista suscitou imagens que eu não conseguia mais reprimir. O que era ainda mais perturbador é que o artigo fazia uma sugestão velada a atos vis cometidos pelos *carabinieri*. Li nesses atos vis o que estava em minha mente havia tempos. Eu sabia que estava sentindo uma alegria persistente e insidiosa ao pensar no que a polícia poderia ter feito com ele, como se aquele crime tivesse libertado minha imaginação e permitido que ela vagasse por câmaras secretas que eu havia trancado com tanto cuidado e cuja chave tinha perdido. Se eu tivesse ficado em San Giustiniano, talvez fosse um dos jovens nus ao lado dele.

Fiquei mais um instante, então decidi ir em direção a uma casa vizinha. Meu pai ouvira que as outras casas não haviam sofrido danos e estavam intactas apesar da proximidade com o incêndio. Bati à porta, mas não havia ninguém. Dei a volta e bati à porta dos fundos para o caso de não terem me ouvido antes. Mas ninguém atendeu ali também. Esperei, depois bati mais uma vez. Alguém deve vir, pensei, porque a mangueira do jardim estava aberta.

— *C'è nessuno?* — gritei.

Ouvi uma porta bater. Alguém estava vindo. Mas então ouvi outra porta bater. Ouvi até mesmo o rastro de passos apressados. Eles não abririam, estavam correndo para o outro lado da casa. Possivelmente crianças instruídas a não abrir a porta para estranhos. Ou crianças aprontando. Ou apenas pessoas que evitavam estranhos.

Também não tive sorte com a casa ao lado daquela.

A caminho da quarta e última casa daquele trecho, acabei encontrando alguém que pensei reconhecer pelo andar manco: nosso velho jardineiro. Ele, pelo que descobri, era dono de uma casa na mesma rua. Se tivesse me visto primeiro, provavelmente teria me evitado como todas as outras pessoas. Ele se lembrava do meu pai, disse. Lembrava-se do meu irmão mais velho e da minha mãe — e com muito carinho, completou. Lembrava-se dos dois dobermanns que acompanhavam meu pai por toda parte. Acho que o jardineiro não se lembrava de mim. Contei que meu irmão não morava mais conosco, mas que todos nós ainda sentíamos saudades de San Giustiniano. Menti, talvez para puxar conversa, ou para fazê-lo falar mais, ou apenas para demonstrar que não guardávamos ressentimentos em relação aos habitantes da ilha. Meu pai estava envelhecendo e ficava triste por não poder vir no verão. Eu entendo, respondeu o jardineiro. E sua mãe? *È mancata*, falei, não está mais conosco.

— Houve um grande incêndio — contou ele depois de um tempo. — Todos vieram ver, mas as chamas lamberam tudo. Os bombeiros chegaram da cidade vizinha e eram um bando de *sciagurati* incompetentes, patifes. Achavam que o fogo ia esperar por eles, mas quando chegaram já era tudo fumaça. O incêndio foi brutal e muito veloz.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Então você veio ver.

— Então eu vim ver — ecoei. — É sempre tão calmo e tranquilo — falei, tentando demonstrar que não viera com nenhuma intenção específica.

Mas, depois de ficar conversando sobre nada relevante, não pude me conter.

— Alguma coisa se salvou? Qualquer coisa?

— *Purtroppo, no.* É uma pena. Sua casa era a mais bonita... e todos aqueles móveis encantadores. Eu me lembro bem. Pelo menos vocês não estavam aqui para testemunhar o que todos nós vimos. *Indimenticabile*, inesquecível.

Havia um toque exagerado de drama em sua narrativa. Ele também deve ter percebido.

— E agora veja só esse gato — disse, tentando mudar de assunto e falar sobre coisas mais corriqueiras. — Vou ter que encontrar alguma coisa para embrulhá-lo e enterrá-lo.

— Fale sobre Nanni.

— Nanni, o marceneiro?

Como se existisse outro.

— Sim.

— *Quello è stato veramente sfortunato.* Muito azarado. A polícia suspeitou dele, porque conhecia a casa. Suspeitaram do irmão também.

— Por quê? — perguntei, observando a paisagem e as árvores, fingindo cansaço e uma admiração despreocupada que beiravam à apatia para não demonstrar que, na verdade, eu o estava interrogando.

— Por quê. Por quê. Existe um porquê? Todos sabiam que ele tinha vindo para restaurar os móveis. Restaurava isso, consertava aquilo. Seu pai confiava nele.

— E o que o senhor acha?

— O único que tinha a chave da casa era Nanni. Nem eu tinha a chave. Então era natural suspeitarem dele. No entanto, prenderam um grupo, não por causa do incêndio, mas porque ladrões usavam a casa para contrabandear e esconder artigos roubados. Os *carabinieri* bateram em todo mundo. Então os fizeram tirar as roupas e continuaram a vasculhar e bater neles. Um oficial maluco teve uma ideia doentia, escolheu dois jovens e eu não preciso lhe dizer o que esse oficial queria que os dois fizessem. Eu estava lá e testemunhei tudo. Nanni se recusou. Disse que não podia. “Por quê?”, gritou o

oficial, batendo duas vezes em sua cara e depois com o cinto. “Porque ele é meu irmão.” Ouvei essas palavras saírem de sua boca, e isso partiu meu coração, porque todos sabiam que os dois eram inseparáveis, principalmente depois que os pais morreram. Mas então outro oficial se envolveu e deixou o mais novo ir embora. O pobre garoto abriu o portão o mais rápido que pôde e foi embora pelado, gritando o nome de Nanni enquanto corria pela noite. Eles bateram mais em Nanni, é claro. Abririam um inquérito, mas Ruggiero era um rapazinho esperto. Juntou tudo o que conseguiu, invadiu a delegacia onde Nanni estava preso naquela noite e os dois fugiram.

— E?

— Ele e o irmão se esconderam nas colinas por alguns dias, então à noite pegaram um barco e remaram para o continente. E de lá, Canadá, Austrália, América do Sul, *chissà dove*.

Mais uma vez olhei para o lugar onde ficava nossa velha casa.

— Então quem colocou fogo na casa de verdade?

— Quem vai saber? Muitos estavam de olho na casa. Mas por que alguém colocaria fogo nela? Talvez um acidente. Ou pode ter sido a máfia.

— E Nanni? Acha que ele teve alguma coisa a ver com tudo isso?

— Não. Seu pai era como um pai para ele. Todos sabíamos que a casa estava cheia de contrabando naquele ano, mas ninguém ousava dizer nada. Mas era muito fácil culpar Nanni. A polícia sabia que era a máfia, mas colocaram a culpa nele.

O jardineiro se agachou para pegar o gato e, com o animal morto em um dos braços, me abraçou com o outro.

Estávamos quase nos despedindo quando fiz uma última pergunta.

— Por que as pessoas estão me evitando?

Ele riu, surpreso.

— Porque estão com medo de que você tenha vindo retomar as terras. Todos estão de olho em terras abandonadas hoje em dia.

Eu sorri.

— Você está de olho em terras abandonadas hoje em dia? — perguntei.

— Eu não seria humano se não estivesse.

Então, para testar sua reação, eu disse que provavelmente reconstruiríamos a casa. Parte de mim estava quase pronta para jurar que eu não estava mentindo.

— Então serei seu jardineiro novamente.

— Então será nosso jardineiro novamente.

Ele me deu mais um abraço e, sem pensar, me vi abraçando-o também.

Eu nunca mais queria ver seu rosto. Ele sabia, como eu sabia, que não tinha intenção nenhuma de ser jardineiro. Um dia vou voltar e descobrir que ele é dono das propriedades vizinhas, incluindo a nossa.

* * *

No caminho de volta ao porto, atravessei a minúscula *piazza* e decidi bater à pequena porta que dava para o gabinete de um só cômodo do prefeito. Lá, uma velhinha diante de sua gaveta da mesa aberta, ocupada procurando alguma coisa naquele espaço desajeitado e pequeno, me disse que seu filho não estava no escritório.

— Volte amanhã — foi sua resposta autoritária quando perguntei quando ele voltaria.

Mas eu ia embora esta tarde, falei, e então me apresentei. Ela interrompeu o que estava fazendo na gaveta, pareceu reconhecer o nome da minha família e foi lembrando aos poucos que nossa *villa* havia sido atingida por um incêndio. Anos atrás, não foi?, perguntou ela. Então, de repente, passou a ser cordial, atenciosa, quase tímida. Em um ano mais ou menos íamos reconstruir, falei, não tanto para expressar um fato consumado ou projetar uma ideia de posse e autoridade, mais para testar sua reação. Ela não poderia parecer mais decepcionada.

— *Mi dica allora* — disse ela, já antecipando notícias piores.

Não havia nada a dizer. Eu só queria que o prefeito estivesse ciente de que contrataríamos trabalhadores do continente. Eu sabia que ela teria preferido trabalhadores locais. Havia rancor em meu coração, e gostei de ver o descontentamento ilustrar seus traços.

— Por favor, diga ao seu filho que eu passei aqui hoje.

E, enquanto abria a porta, virei e pronunciei o que esperava ser uma daquelas falas de detetives bem-sucedidos que vemos em tantos filmes: *a propósito*, ela sabia como entrar em contato com Giovanni, o marceneiro?

A velhinha pensou por um instante. Não, não sabia.

— *Quello è sparito tempo fa!*

— Tem ideia do paradeiro dele?

Ela deu de ombros.

— Talvez seu pai saiba.

Por que meu pai saberia?, perguntei. Mas ela não me ouviu ou fingiu não ouvir, e voltou a vasculhar a gaveta aberta. Finalmente, com um olhar desdenhoso mal disfarçado, ela disse:

— Boa sorte para encontrar trabalhadores.

Saí para o sol escaldante e procurei por um *caffè*. Queria me sentar em algum lugar e anotar pensamentos sobre meu retorno. Pensei em procurar pela capela normanda, mas já a tinha visto a caminho da propriedade e, estranhamente, não mexeu comigo.

Nada mexia comigo. Até mesmo escrever alguns pensamentos no caderno pareceu não significar nada. Eu queria algo e não sabia o que era. A última coisa que tinha escrito era *Voltei por ele*. E isso foi horas antes. Fechei o caderno e olhei em volta. Via o lugar pela primeira vez. Via o lugar pela última vez. O *caffè* ficava em frente ao porto, com vista para a cidade no topo da colina, e pescadores manejavam suas cordas e redes. Àquela hora da manhã, eu era o único freguês. Nenhum dos guarda-sóis estava aberto ainda, e eu sabia que sentar sob a luz direta do sol inevitavelmente me daria dor de cabeça. Então, depois de terminar o café, decidi subir de volta à cidade e caminhar um pouco à sombra. Lembrei-me de onde era a livraria e pensei em passar lá para comprar alguma coisa e matar as horas até que a balsa atracasse. Mas também pensei que deveria visitar meu velho professor e me livrar dessa incumbência pessoal.

Não tinha me esquecido de absolutamente nada e encontrei seu prédio de cara. Na entrada, no átrio, estavam as mesmas caixas de correio tortas e em mau estado de uma década atrás. Seu nome estava escrito em letras maiúsculas que entregavam o tremor de um velho e também o desejo determinado de proclamar seu nome. Ele escrevera cada letra três vezes, uma vez em roxo, duas em azul, em papel quadriculado dobrado para caber no espaço reservado ao nome. *Prof. Sermoneta*. Interno 34. Também não tinha me esquecido disso.

Depois de subir a escada em espiral, parei no quarto andar e toquei a campainha. Não senti nada. Diante da porta, pude ouvir o tilintar desajeitado de louças e talheres, então o arrastar lento de pés e uma mão trêmula, mal-humorada e espasmódica abrindo a

fechadura. As mesmas três fechaduras e, como sempre, a mesma luta para lembrar qual fechadura ia para qual lado, o que sempre o deixava de mau humor antes mesmo de abrir a porta. Isso também fazia com que você quisesse rastejar e se desculpar por perturbá-lo e por ele ter que lhe ensinar latim e grego.

Estava de chinelos, como sempre. *Chi è?*, perguntou com a porta ainda fechada. Mas, antes que eu pudesse decidir como dizer quem era, ele já abrira a porta, quase com raiva.

— *Ah, sei tu?* — falou ao me ver. — Entre.

Entrei. O lugar tinha o mesmo cheiro de sempre: cânfora para suas articulações e minicharutos toscanos, que sempre deixavam minhas roupas fedendo.

— Eu estava lavando a louça, entre, entre — disse ele impaciente enquanto me levava até a cozinha. — E me ajude, está bem?

Ele me deu uma toalha e uma xícara, que foram imediatamente seguidas por um pires e um prato.

— Seque bem.

Isso também não havia mudado. Você se tornava seu aprendiz, seu discípulo, seu servo.

— Então você veio para a aula?

Olhei para ele incrédulo. Ele realmente se lembrava de mim ou estava apenas tentando esconder o fato de que não fazia ideia de quem eu era?

— Não, nada de aulas hoje — respondi, quase como alguém recusaria uma dose forte de grapa de estômago vazio no café da manhã.

— Por que não? Um pouco de latim não faz mal a ninguém — insistiu ele.

Podíamos mesmo estar discutindo sobre grapa.

— Você estudou?

Eram perguntas estranhas. Fazia uma década que ele não me via, e estava puxando conversa como se tivéssemos nos visto no dia anterior.

— Por que não estudou? Você não está bem? — perguntou ele.

— Estou bem — falei, mudando de ideia sobre contar o que havia estudado na faculdade, e que, apesar de ter ido mal na prova de latim e grego dez anos antes, tinha me formado em letras clássicas.

Eu ia até mesmo alegar que foi por causa dele que desenvolvi o gosto pela literatura grega. Mas para ele parecia que eu só estava

atrasado para a aula de novo e, como sempre, tinha ficado jogando bolinha de gude com os meninos da ilha antes de subir.

— *Allora?*

— *Allora* nada, na verdade. Meu pai pediu que eu mandasse seus cumprimentos — menti.

Não ia mencionar minha mãe.

— E prometa mandar-lhe os meus cumprimentos de volta. Promete?

Prometi.

— O senhor ainda lê um canto por dia? — perguntei, tentando romper a tensão da conversa, mas percebi que só acabei complicando mais as coisas.

— Um canto por dia ainda.

Silêncio mais uma vez.

— E ainda dá aula?

— Eu ainda faço sala? — devolveu ele, parodiando minha pergunta.

Olhou para mim como se eu devesse dar uma resposta. Mas, nessa conversa estranha, eu não tinha nada a acrescentar. Não esperava uma conversa tão aleatória.

— É claro que dou aula — continuou ele, percebendo que eu não seria capaz de fornecer uma resposta no tempo previsto. — Não tanto quanto antes. Preciso dormir mais, mas tenho alguns alunos muito inteligentes.

— Como eu? — perguntei, tentando animar a conversa com um toque de ironia.

— Se gosta de pensar assim, por que não? Como você.

Enquanto ele acendia o charuto, não pude deixar de perguntar:

— O senhor se lembra de mim?

— Se eu me lembro de você? É claro que me lembro de você. Que pergunta é essa?

— Porque eu me lembro de tudo — acrescentei, tentando me redimir com a primeira coisa que me veio à cabeça.

— E por que não se lembraria de tudo? Não vou pedir que decline palavras hoje. Mas não me provoque.

Eu esperava encontrar uma expressão de surpresa à sua porta, até mesmo um abraço e uma recepção calorosa quando nos sentássemos em seu velho escritório bolorento, não essa conversa cheia de solavancos e ferroadas.

— Não têm sido tempos fáceis, vou lhe dizer.

— Por quê?

— Por quê? Você faz as perguntas mais idiotas. Todos estão enriquecendo hoje em dia, ladroagem por toda parte, com exceção dos professores, imagine então os professores particulares de quase oitenta anos e sem um centavo. É difícil não poder comprar um casaco de inverno novo. Precisa ouvir mais? Não.

Pedi desculpas.

— Além disso, há outros problemas.

— Outros problemas? Que outros problemas?

— Chama-se velhice. Que o bom Deus o poupe deste abismo íngreme.

Não pude fazer mais do que assentir.

— Você concordou. Por quê? Porque sabe muito sobre a velhice?

— Meu pai.

— Seu pai? — replicou ele, e respirou fundo. — Seu pai era um gênio.

— Meu pai? Um gênio?

— Um gênio, e não me falte com o respeito! Ele sabia mais do que qualquer médico aqui e no continente. Mas também percebia o rumo que as coisas estavam tomando aqui e decidiu ir embora. Nem todos nós fomos tão *prévoyant* — disse ele, usando o francês para provar que continuava tendo pleno domínio de suas faculdades mentais. — Mas, então, esta cidade ficou sem um único homem que lesse um livro, qualquer livro. Com exceção do farmacêutico... e o que aquela pobre alma desavisada sabe sobre dores, pedras na vesícula e próstatas inchadas?

Como piada, eu ia recomendar o barbeiro, Signor Alessi, mas me contive. Ainda assim, o pensamento engraçado colocou um sorriso em meus lábios que eu não consegui controlar.

— Isso não é motivo de risada. Você sempre foi um pouco cabeça oca, não é mesmo, Paolo?

Foi a primeira vez que ele usou meu nome. Então sabia mesmo quem eu era.

— Explique — pedi.

— Só um cabeça oca precisaria que tudo fosse explicado nos mínimos detalhes. Para ir a um médico de verdade é preciso pegar a balsa, e pegar a balsa no meio do inverno não tem graça nenhuma. Não vejo motivos para rir.

Pedi desculpas.

Era esse o mundo perdido que eu viera procurar? Todo o mau humor dentro daquele apartamentozinho e a ladroagem solta do lado de fora? Não é de se estranhar que Nanni não visse a hora de sair daquela sarjeta medieval que um dia fora lar de piratas e sarracenos.

— Então seu pai está bem? — perguntou ele.

— Meu pai está bem.

— Fico feliz por você.

Como sempre, amargura e humanidade, como gentileza embebida em veneno. Tudo o que eu queria era me afastar dele o máximo possível. Contei-lhe sobre a visita ao que um dia fora nossa *villa*.

— A casa não pegou fogo. Colocaram fogo nela, aqueles animais. Todos foram ver. Eu fui ver.

Ele fez um gesto amplo com os braços e as mãos para imitar o incêndio.

— Culparam um jovem marceneiro, mas todos sabem que ele pegou os bandidos usando a casa dos seus pais como depósito de roubos. Nossa adorável polícia também estava envolvida, tenho certeza. Eles o prenderam, o espancaram e depois queimaram a casa.

— Por quê?

— Porque todo mundo nesta cidadezinha miserável tem furto e traição marcados na alma, do prefeito e a polícia aos vândalos que carregam e descarregam seus saques bem debaixo do nosso nariz todos os dias.

Um longo silêncio se instalou.

— Vamos fazer uma caminhada. Senão vou acabar ficando muito sonolento e não quero cochilar ainda. E me pague um café, porque do jeito que as coisas estão indo com minha aposentadoria e minha mísera renda...

* * *

O professor Sermoneta decidiu me levar até o *caffè* da cidade. Demorou um tempão para descer a escada.

— Que horas sua balsa sai?

— À tarde — respondi.

— Então temos tempo. — E, mudando o tom, prosseguiu: — Eles tentaram até culpar seu pai.

— Meu pai?

Atravessamos as ruelas estreitas juntos. Eu nunca tinha ido a lugar nenhum com meu professor. Ele não era do tipo amigável e, embora meus pais dissessem que a rigidez era seu modo de manter os alunos na linha, sempre senti que só eu recebia o tipo de tratamento abusivo reservado a cães indisciplinados. Já tinha ouvido que ele dispunha de um lado muito mais gentil, mas não fazia ideia de como trazê-lo à tona.

Ele segurava a bengala e se concentrava em cada passo na rua de paralelepípedos, talvez seu modo de evitar o assunto.

Logo comecei a perceber que não podíamos estar indo a outro lugar que não o *vicolo* Sant'Eusebio. Quando chegamos à oficina trancada, precisei lutar para não contar que eu ia até ali depois das aulas e que ali, segundo eu me lembrava, a vida começara de verdade para mim.

— Fiquei sabendo que o marceneiro desapareceu — comentei depois de um instante de silêncio.

— Você o conhecia? — perguntou ele.

Se eu o conhecia!, quis responder. Era apaixonado por ele. Ainda sou. É por isso que estou aqui.

— Eu o conhecia — respondi por fim.

— Todos o conhecíamos. Não posso dizer que o conhecia muito bem, mas à noite, no *caffè*, depois de alguns copos, ele sempre começava a cantar com aquela voz.

— Que voz?

— Uma bela voz. Mas sempre a mesma ária, de *Don Giovanni*. Não conhecia nenhuma outra. Você sabe qual,

*Notte e giorno faticar
per chi nulla sa gradir;*

...

mangiar male e mal dormir . . .

— Não me lembro do resto, mas ele cantava a ária inteira — concluiu ele.

Eu conhecia a ária muito bem e citei as palavras que faltavam. Meu pai também a cantava, eu disse, a vigésima segunda variação. Sermoneta riu.

— Então, certa noite, ele desapareceu — prosseguiu meu professor. — Ele nunca vai voltar, sabia? Ouvi rumores de que talvez esteja no Canadá.

— Por que no Canadá?

— Não sei, Paolo, não sei.

Ele pareceu irritado. Eu podia quase jurar que me chamaria de cabeça oca de novo.

Saímos do Sant'Eusebio e fomos avançando em direção ao *caffè* de onde dava para ver o castelo.

— Você ainda se lembra do *caffè*? — perguntou ele.

— Como poderia esquecer? Vinha aqui com meu pai à noite.

Sermoneta lembrou; tinha nos visto ali muitas vezes. Ele abriu a cortina e deu uma espiada no interior do *caffè*. Estava escuro e vazio naquela hora do dia. Mas o proprietário corpulento estava lá, limpando o balcão como sempre.

— *Salve, professore* — disse assim que nos viu entrando.

— *Salve* — respondeu o professor.

Pedimos dois cafés.

— *Subito* — respondeu o proprietário.

Paguei.

— Reconhece este jovem? — perguntou o professor.

O proprietário do *caffè* estreitou os olhos e deu uma boa olhada em mim.

— Não, deveria?

— O filho do doutor.

O proprietário corpulento pensou por um instante.

— Eu me lembro do doutor. Também me lembro dos cães assustadores.

Simulou um tremor com o pescoço. Então, virando para mim, falou:

— Como está seu pai?

— Está bem — respondi.

— Ah, seu pai, um homem muito bom, todos aqui o querem bem e sentem falta dele, *un vero nobiluomo*. E que lástima o que aconteceu com a casa.

Então, com um sorriso irônico tomando conta de seu rosto e a mão cortando o ar três ou quatro vezes para imitar o gesto de um homem prestes a dar uma leve palmada em uma criança, continuou:

— *Tuo padre, però... un po' briccone era*, um patife.

Ele deixou a frase no ar sem concluir o pensamento, o que me fez pensar que estava apenas brincando comigo.

Ele se debruçou sobre o balcão de mármore, indicando que ia baixar a voz e sussurrar, embora o lugar estivesse vazio. Mas logo mudou de ideia.

— *Acqua passata, acqua passata* — disse ele.

Em seguida, afastando-se do balcão e endireitando as costas devagar com uma leve careta, continuou:

— Esta cidade infelizmente é só *chiacchiere*, só fofoca, e sempre digo a mim mesmo, *Arnaldo, ignore, ignore e nunca espalhe boatos sobre a vida dos outros*, mesmo que os boatos sejam verdadeiros. Estou dizendo isso de homem para homem, porque acho que você já é um homem agora e entende essas coisas.

Mas, incapaz de se conter, o dono do *caffè* virou para o professor e, quase rindo, como se os dois compartilhassem uma piada interna, esticou os dois indicadores e esfregou um contra o outro, um antigo gesto que indica conluio, sigilo.

— *Acqua passata*, Arnaldo — repetiu o professor.

* * *

Enquanto acompanhava meu professor de volta ao seu apartamento, já sentindo que muito provavelmente nunca mais o veria, comecei a perceber que nada daquilo era novidade para mim, que talvez, sem saber dos fatos, sem suspeitas, eu sempre soubera, sabia sem saber. Eu provavelmente já sabia quando, durante anos, minha mãe, meu irmão, minha avó, minha tia-avó e eu éramos logo enviados de volta para o continente ao fim de cada verão, enquanto meu pai ficava para trás com o objetivo de fechar a casa e preparar tudo para o ano seguinte. Todos na ilha conheciam a casa.

O gesto do proprietário do *caffè* dizia tudo.

— Logo cedo eles iam nadar — afirmara ele —, depois toda noite no *caffè* e durante os meses de inverno também, caso você tenha pensado que o inverno estava fora de questão.

— Quanto tempo? — eu perguntara, ainda tentando fingir que não estava nem um pouco abalado com o que estavam me contando.

Pensava em uma temporada, alguns meses.

— Os pais de Nanni ainda estavam vivos na época. Então ele devia ter, o quê, dezoito, dezenove anos? Por que você acha que Nanni ia para o continente pelo menos duas vezes por mês durante o inverno? Para comprar solvente?

Pensando bem, levaria meio dia para fechar a casa todo outono, não uma semana inteira ou dez dias como meu pai ficava todo ano. Não é de se estranhar, portanto, que sem saber exatamente por quê, minha mãe, respondendo a um instinto imutável, acabou por não gostar de Nanni e achá-lo tão sinistro e desagradável. Eu achava que ela, como eu, estava exagerando na hostilidade para disfarçar melhor que gostava dele e que, chamando atenção para seus defeitos e enfatizando suas falhas, estava pedindo que discordássemos dela e, ao discordar, citássemos qualidades que ela não tinha coragem de mencionar. Sempre pensei que fora ela a responsável por vazar meu comentário sobre o tremor nas mãos dele. Não é de se estranhar que ele conhecesse nossa casa tão bem. Provavelmente examinou a escrivaninha muito antes de ter vindo para falar sobre a reforma com minha mãe. O modo como entrou na sala, como se fosse dono do lugar, o fato de saber que havia uma caixa escondida na escrivaninha, de dirigir-se ao meu pai como a um companheiro e de até os cachorros gostarem dele, além do gracejo entre os dois sobre atravessar a baía a nado — tudo isso eram pistas tão claras. E as caminhadas noturnas com meu pai — ele, como eu, desejando encontrar Nanni e esperando que, ao estender nossas caminhadas e arranjar desculpas para adiar a volta para casa, talvez o encontrássemos no *caffè*. Eu me sentia como alguém que de repente concatena os fatos e percebe que foi traído durante semanas, meses ou até mesmo anos.

Mas não estava com ciúme. Estava feliz. E feliz não só por eles. Percebi que, já em idade tão precoce, tinha mirado e investido na pessoa certa e enxergado a verdade sobre mim e também sobre ele. Eu o desejava, e ele teria me desejado também, não aos doze anos, mas depois. Cheguei mesmo a ficar feliz em pensar que minha paixão era herdada, transmitida e, portanto, predestinada. O destino sempre deixa uma marca, e aqueles entre nós que são realmente afortunados conhecem os sinais e sabem como lê-los. Ele teria me ensinado tudo e provavelmente me dado tudo. Em vez disso, anos depois, procurei as pessoas erradas, aprendi com os professores errados, tirei daqueles que tinham menos a dar e quase nada que eu quisesse. Enquanto

caminhava depois de deixar o professor em casa no início da tarde, imaginei os dois bem na noite da nossa partida, compartilhando uma refeição rápida na cozinha. Um banquete de sobras. Meu pai já teria dispensado todos os demais, e ele e Nanni estariam sozinhos na casa, possivelmente ouvindo Beethoven sentados na varanda sem velas ou lamparinas a querosene, para evitar mosquitos e olhares curiosos. Os dias deles, as horas eram contadas, e eles sabiam. San Giustiniano não os suportaria por muito tempo. Certamente houve sinais, ameaças, quem sabe mais o quê.

Imaginei os dois sentados frente a frente durante o jantar, cada um com uma taça de vinho, meu pai esparramando os cotovelos na mesa como fazia comigo para assistir ao jovem beber de sua taça. Depois da refeição, Nanni diz:

— Eu lavo a louça.

E, conhecendo meu pai, ele se levanta e diz:

— Não, pode deixar que eu lavo. Você fica aí.

Era em momentos como esse, na praia pela manhã ou no *caffè* à noite, que meu pai descobriria que eu havia trabalhado nas molduras e na caixinha.

— O garoto trabalha bem.

— Fico feliz que ele tenha se interessado por alguma coisa — comenta meu pai.

— Sim. Todos os dias. Mas preciso dizer, acho que ele tem uma quedinha por mim.

O homem sentado com os cotovelos abertos, vendo o jovem beber um gole de vinho, não ficaria chocado, nem se incomodaria de ouvir isso. Talvez achasse até um pouco divertido — tal pai, tal filho, diz ele.

— Ele está me cercando há semanas — conta Nanni. — E o estranho é que ele não deve fazer a menor ideia. Acho que nem imagina.

Nanni se levanta e ajuda meu pai com a louça.

— Um dia ele vai descobrir — diz Nanni.

— Com alguém como você, Nanni, exatamente como você.

Nanni estava certo sobre uma coisa. Eu não sabia de nada.

Mas se não tivesse aprendido sobre os caminhos do amor físico por meio de falatório, rumores e palavras sórdidas, só Deus sabe o que eu teria inventado ao ser tomado pela urgência de tocar outro ser humano.

* * *

Perdi a balsa e acabei ficando com uma hora e meia para matar antes da próxima. Pensei em subir até o castelo e depois dizer ao meu pai que tinha fabricado memórias como prometemos fazer anos antes. Mas acabei subindo o *vicolo* Sant'Eusebio e parei ali pela última vez, sem saber bem o que estava fazendo ou por quê, mas sentindo que ele ia querer que eu fizesse exatamente isso, porque teria feito por mim, ou pelo meu pai, não importa. Nada havia mudado. Eu me lembrei do padeiro e comecei a caminhar até lá, me lembrei dos hematomas em seus braços que faziam meu pai e eu rirmos e, então, como se fosse a trilha sonora do lugar, me lembrei da trigésima primeira variação de Beethoven. Onde estaria Nanni? Comprei dois doces. Um para mim, um...

Parte de mim quis continuar andando pela cidade naquela hora da tarde e fingir que acabaria encontrando a marcenaria aberta. Eu não tinha me esquecido de nada; era como se tivesse voltado dez anos atrás. Minha mãe ainda estava viva, eu não tinha conhecido Chloe, não tinha conhecido Raúl e, durante aquele breve período de inverno no último ano da faculdade, não teria encontrado um estudante de química, cujo nome nunca pensei em perguntar e cuja voz não lembro porque mal falávamos uma palavra nas noites em que procurávamos o corpo um do outro em meio à escuridão.

Mas não havia tempo, e eu já ouvia o *traghetto* assoviar. Com sorte, no dia seguinte eu estaria em Roma.

Será que eu teria coragem de conversar com meu pai sobre Nanni — e não só sobre seu Nanni, mas também sobre o meu?

O que eu queria era encontrar meu pai sentado a uma mesinha de seu *caffè* favorito, chegar atrasado como ele sempre reclamava que eu chegava e, antes de pedir alguma coisa, sentar e dizer:

— Eu acho que ele está vivo.

— Quem?

— O homem que você e eu amamos. Ele mora no Canadá.

Então isso me ocorreu pela primeira vez na vida. Muito provavelmente meu pai sempre soubera o que havia acontecido com Nanni e, se eu quisesse saber, tudo o que precisava fazer era perguntar. Cabeça oca mesmo, pensei, quase rindo do termo que meu velho professor usou.

Mas meu pai nunca falou comigo sobre Nanni. Nem eu toquei no assunto. Nunca fiquei sabendo o que Nanni acabou fazendo para ganhar a vida, ou que tipo de vida levava, casado, solteiro, acompanhado ou não. Mas sei que chegavam cartas do Canadá. Vi um envelope com selos canadenses na mesa de jantar um dia em que fui visitar meu pai de surpresa. No entanto, quando voltei da cozinha depois de fazer um sanduíche, o envelope havia desaparecido. Ele não queria que eu soubesse que os dois se correspondiam. Mas aquele fato me deixou feliz.

Anos depois, ao esvaziar a casa de meus pais, encontrei um pequeno pacote fechado, do tamanho de uma caixa de sapato, endereçado ao meu pai. A julgar pelo carimbo do correio, deve ter ficado ali por três anos entre tantas coisas que se acumularam depois da morte dele.

“*Sciusciù*”, dizia o bilhete quando desembulhei e abri o pacote. “Fiquei com isso depois que você foi embora de San Giustiniano. Eu disse que mandaria de volta. Por favor, aceite e não discuta. Conheci o amor apenas uma vez na vida, e foi você.”

Eu tinha ouvido o nome *Sciusciù* uma vez, mas não prestara atenção. Nanni o murmurara antes de ir embora da nossa casa, provavelmente na noite em que foi entregar a escrivania. Era um termo francês que meu pai tinha aprendido quando estudava na França e que usava como apelido carinhoso com todos: *chouchou*. Eles deviam usar um com o outro.

Respondi dois anos depois.

“Caro Nanni”, escrevi. “Recebemos seu pacote há mais ou menos cinco anos. Mas só agora estou escrevendo para você. Não sei por que demorei tanto tempo para responder. Meu pai morreu há seis anos. Nunca falamos sobre você. Mas eu sabia. Talvez você não soubesse, mas eu era mais como meu pai em relação a você do que você suspeitava. Ou talvez soubesse. Sim, tenho certeza de que sabia. Você esteve comigo durante toda a minha vida.”

Eu não esperava uma resposta.

Um envelope chegou algumas semanas depois.

“Talvez você goste desta foto. Fiz uma cópia e gostaria que você ficasse com ela.”

Na foto, Nanni e meu pai estão em pé de roupa de banho com o mar atrás deles. O braço direito de Nanni está pousado no ombro do meu pai, e a outra mão segurando o ombro esquerdo. Meu pai, com

os braços cruzados, exhibe um sorriso largo, e Nanni também, os dois belos e atléticos. Só então percebi que, embora meu pai fosse pelo menos vinte anos mais velho do que Nanni, na foto eles se pareciam tanto que poderiam ser irmãos. Nunca pensei em meu pai como um homem bonito, e, no entanto, sob essa nova luz, ele era mais do que apenas bonito. Levei anos para perceber como os dois eram parecidos.

Entusiasmo de primavera

Assim que os vejo no interior do restaurante, desvio o olhar e finjo ler o cardápio exposto junto à entrada. Se me virem, vão pensar que entrei e logo saí, após analisar os pratos do dia com pressa. Para não ser pego fugindo, fico por mais uma fração de segundo, fingindo reavaliar o cardápio. Coloco os óculos, aproximo o rosto dos especiais do dia tipicamente escritos em francês no pequeno quadro-negro escolar ao lado da porta e pareço completamente absorto, o tempo todo ciente de que não estou registrando nada, nem uma única palavra lida. Por fim, com um movimento de cabeça quase imperceptível, que ela reconhecerá como meu típico *nah*, tiro os óculos, ponho-os de volta no bolso da camisa, viro e saio, determinado a desaparecer o mais rápido possível do quarteirão, da avenida, até mesmo da cidade. Minha pequena performance não deve ter levado mais do que cinco segundos.

Apenas quando já estou subindo apressado a Madison Avenue, me afastando o máximo possível do Renzo & Lucia's, percebo que estou tremendo. Por causa do choque, penso. Não, de ciúme. Ou raiva. Então me corrijo: de medo. Na verdade, de vergonha.

Eu, a vítima, estou com vergonha de ser pego por eles, enquanto eles, os culpados, não dão a mínima: nenhuma injeção de adrenalina, nenhum franzido no rosto dela. De onde ela estava sentada, no meio do restaurante, teria me olhado da cabeça aos pés, como se dissesse *Então agora você sabe*.

Eu poderia me permitir achar que saí imediatamente do restaurante para poupá-la do estresse e da agitação de ser pega em flagrante. Mas meu coração está batendo rápido demais para que eu pense que fiz isso só por ela. Odeio não apenas minha fuga envergonhada, abatida, com o rabo entre as pernas; odeio estar tão visivelmente abalado. Se eu encontrar alguém que conheço, a pessoa vai dar uma olhada rápida em mim e perguntar, *O que aconteceu? Você parece péssimo*. Eu pareço péssimo? Tão péssimo quanto no dia em que recebi uma ligação dizendo que meu pai tinha caído atravessando a rua e estava no pronto-socorro inconsciente e corri até o hospital esquecendo as chaves, a carteira e um documento com

foto que pudesse me identificar como alguém da família? Não ligo se pareço péssimo.

Mas ligo, sim.

No entanto, antes de sair do restaurante, fiquei tempo o bastante para evitar que eles pensassem que saí logo depois de vê-los. Pensamento inteligente, esse.

Eu me sinto bem comigo mesmo por ter tido essa ideia, e me sentir bem faz com que meus passos se acelerem com a animação. Maud pensaria que eu estava com um humor terrível e tinha tirado a tarde de folga provavelmente para ir até a quadra de tênis onde nos conhecemos havia menos de um ano.

Raramente jogo tênis depois das oito da manhã, mas tirar um tempinho para jogar em um início de tarde de sexta-feira tão glorioso parece uma ótima ideia, especialmente neste dia que lembra primavera, mas na verdade é fim de inverno. Ligo para Harlan, meu parceiro da manhã. Ele é professor e geralmente volta para as quadras depois de dar aula na escola. Como sempre, cai na caixa postal. Deixo uma mensagem. Nesse momento, avisto bem na 67th Street com a Madison Avenue um ônibus que cruza a cidade, e decido ir para o West Side no instante em que as portas estão prestes a fechar. É o caminho mais longo até a quadra de tênis, mas gosto de subir o Central Park West no início da tarde. Posso ligar do West Side para o celular dela em vinte minutos e ver se ela atende. Então, para usar em algum momento no futuro, vou guardar o tom alegre de seu *Muito, muito, muito ocupada, ligo pra você depois*.

No ônibus, tento listar algumas coisas. O som da voz de Maud quando ela fica feliz por ouvir minha voz mesmo quando está em um almoço de negócios e *realmente não posso falar agora*. Sua voz distraída quando está em um restaurante cheio e barulhento. Ou ainda o jeito como ela o olhava enquanto ele falava — ouvindo tão entusiasmada, tão atenta, examinando cada entonação no sorriso largo e nas covinhas dele, a cabeça inclinada em direção à dele, a dele quase tocando a dela, ambas praticamente apoiadas no espelho grande bem atrás, num momento que qualquer estudante de arte classificaria como digno de Canova. É claro que ela não vai atender quando eu ligar. Feliz do homem cuja companheira o escuta, presta atenção em cada palavra sua, pede que fale mais, *e por favor, não pare de falar*, diz ela, *amo quando você fala comigo*, o braço esquerdo dela apoiado no encosto do assento, tocando o pescoço

dele, massageando os cachos de sua nuca — ela está olhando, admirando, venerando. *Faço qualquer coisa*, dizem os olhos dela.

A mão direita de Maud está pousada na mesa, acariciando o saleiro, sem fazer nada, esperando. Conheço o gesto. Ela quer que ele segure sua mão.

Estão conversando, mas se encarando. Estão transando, pelo amor de Deus.

Uma mulher que deixa sua mão massagear a nuca de um homem daquele jeito claramente não está em uma relação platônica. Uma mulher que nunca ficou nua com você jamais parece tão confiante, tão ansiosa pelo toque. Ela não se cansa dele. Os dois já passaram do ponto de se conter, já passaram das confissões envergonhadas, da agitação nervosa das pessoas que se sentem irresistivelmente atraídas uma pela outra mas ainda não transaram. São duas pessoas que acabaram de dormir juntas pela primeira vez e não conseguem ficar sem se tocar, tudo é toque. Estão brincando com o flerte que resta muito depois que fazer a corte já serviu seu propósito. E, no entanto, aquela mão tão queixosa e inocente pousada na mesa, ainda acariciando o saleiro — será que ele não percebe que ela está esperando, esperando que ele coloque sua mão na dela?

Quando começaram a dormir juntos? Recentemente? Semana passada? Mês passado? Vai durar? Quem é ele? Como ela o conheceu? Houve outros? Houve um momento claro e palpável em que ela decidiu se deixar levar e ver se havia algo melhor? Ou, como dizem, tudo aconteceu naturalmente? Você vai a um almoço de negócios um dia, ele olha para você, você permite que seu olhar se demore no dele e, de repente, depois de meia taça de vinho, você respira fundo e as palavras escapam de sua boca, e você não acredita no que disse e o estranho é que ele não está menos extasiado do que você, até que um dos dois cede e finalmente pergunta, *É isso mesmo que estou pensando?*, e o outro responde, *Acho que sim*. Consigo ouvi-los: *O que acontece no Renzo & Lucia's fica no Renzo & Lucia's*.

Tenho inveja deles. Estão dormindo juntos. Mas não estou com ciúme. Porque temo mais o ciúme que a perda do amor.

Por que eu não percebi que algo assim estava acontecendo na vida dela? Na maioria dos casos, você nem percebe que suspeita e é por isso que nunca se preocupou em reunir os fragmentos de indícios que surgem em seu caminho todo dia, toda hora e que agora você se

arrepende de não ter interceptado, examinado, registrado no arquivo da mágoa, do ressentimento e do engano. As eternas aulas de ioga em noites de semana; o telefone que ela quase nunca atende no escritório embora saiba que sou eu ligando; os drinques depois do expediente que sempre se arrastam tanto que você nunca sabe em que ponto viraram um jantar improvisado; o grupo de leitura que nunca se reúne no mesmo lugar duas vezes; as reuniões de trabalho que sempre acontecem de última hora; o laptop que ela fecha com uma pressa um pouco exagerada quando você chega; e sempre aquelas enigmáticas conversas só de sim-não que ela diz que são com o chefe ligando tarde de Westchester.

À noite, ela fuma um cigarro e olha para o nada, ouve música e olha para o nada, olha para o nada para estar com ele, não comigo. Ela me lembra aquelas mulheres apaixonadas dos filmes dos anos 1940 que viajam de navio e ficam sozinhas no convés e não conseguem ler e tudo o que querem é caminhar à noite até o homem que amam aparecer novamente e se oferecer para acender seu cigarro.

Será que ela estava pensando nele quando nos sentamos para assistir à TV juntos ou quando massageei seus dedos porque ela disse que seus pés estavam doendo, ou quando nos esfregamos um no outro na cozinha e eu a abracei por trás e quis transar com ela? Novas dúvidas passam pela minha cabeça, mas, antes que eu possa me agarrar a elas, todas se desmancham no ar. Melhor assim. Existem coisas que talvez eu não queira saber ou nas quais não queira pensar. Será que meus amigos sabem? Tentaram me contar mas desistiram quando viram que eu não estava captando as dicas?

No elevador do prédio dele, ela arruma sua gravata, como um dia fez com minha lapela segundos antes de tocarmos a campainha de alguém, já sabendo que, assim que fecharem a porta ao entrar, ela vai arrancar a mesma gravata, desabotoar a camisa dele, abrir o cinto, arrancá-lo de suas roupas. Gosto de pensar que ela se oferece para ajudá-lo com as abotoaduras porque acha que todos os homens precisam de ajuda para colocá-las e tirá-las. Quero que ele tenha medo de que ela esteja pensando nos homens que já conheceu enquanto tira suas abotoaduras com mãos de especialista.

* * *

Estou em Central Park West e o sol está radiante nesse dia espetacular. Com sorte, Harlan e eu vamos jogar tênis assim que ele for liberado da escola. Vou suar e esquecer tudo isso. Harlan gosta de golpear, de *backhand* e *forehand*, e vamos jogar como selvagens, como ele gosta de dizer, porque vamos descontar nas pobres bolinhas. *Backhand* e *forehand*, cruzada contra cruzada e, quando o outro menos esperar, vamos acertar uma daquelas belas paralelas que curam qualquer mau humor.

Neste início de verão prematuro, isso vai ser o paraíso. Eu poderia pegar um táxi até a 93rd Street, mas quero andar ao sol. Na entrada do parque na 67th Street, avisto um carrinho de cachorro-quente. É exatamente o que eu queria: salsicha Frankfurt. Peço com chucrute, muito, e molho de cebola. *Você sofreu um grande baque e precisa ser bom consigo mesmo*, diz uma voz interna. Essa é a nova situação. Preciso aprender a viver com ela. Milhões de pessoas já se magoaram, outros milhões seguirão se magoando. Eu devia procurar alguém para conversar, mas — e a ideia me deixa sobressaltado, porque eu não fui cuidadoso ao tê-la — a única pessoa que entenderia é exatamente aquela com quem quero explodir. Sou como aqueles que procuram conforto, ou melhor, conselho, justamente em quem lhes faz mal.

O vendedor de cachorro-quente olha para mim como quem pergunta, *Quer algo para beber?*

Sim, uma Coca-Cola diet também. Com canudo, por favor. O homem olha para o céu e faz um comentário sobre o tempo.

— Tempo de praia — diz ele. — Tempo de praia, como meu país.

Ele claramente quer que eu pergunte que país, mas pelo modo como pronuncia as consoantes, já adivinhei. Como eu sabia?, pergunta ele. Pelo sotaque, respondi. Como eu conhecia o sotaque, então? Uma ex-namorada grega. De onde ela era? Da 181st Street. E antes disso? Chios, digo. Eu já tinha ido a Chios? Não, nunca, ele já? Nunca, nem iria, responde ele com um riso sarcástico, esperando que eu pergunte por quê — o que decido não fazer. Após pequenas conversas sobre nada, já terminei o cachorro-quente sem nem sentir o gosto, muito menos saborear. Então peço mais um. Como de antes? Como de antes. Este, meu último ano aqui, diz ele enquanto coloca mostarda no pão já com muito recheio. Não quero ouvir por que ele vai embora. Mas ao vê-lo parado em silêncio à minha frente enquanto me entrega meu cachorro-quente, não resisto e pergunto.

Porque a esposa não está bem. O que ela tem?, pergunto, imaginando que seja saudade de casa, depressão, talvez menopausa. Câncer, responde ele.

— Ela não quer voltar. Mas não poder ficar nos Estados Unidos se ela não tiver aqui ainda.

Estendo a mão e toco o ombro dele.

— Difícil — digo, imitando minha versão da compaixão mediterrânea usando um linguajar rudimentar.

— E como.

Dois adolescentes de bochecha corada que parecem ter acabado de sair no braço na aula de educação física e em seguida vestido o uniforme com pressa abordam o vendedor e, depois de cumprimentá-lo em grego, pedem cachorro-quentes. Ele provavelmente os viu crescer e ensinou-lhes o pouco grego que sabem. Um terceiro se junta a eles; todos os três, percebo, estão com as gravatas afrouxadas e fumam cigarros sem filtro. É minha deixa para sair sem ser percebido. Eu me despeço do homem. Ele me dá tchau com um olhar desanimado e abatido que diz, *Eles são muito jovens para saber de esposas, câncer e terra natal*. Não sei por quê, mas, enquanto tento me ajeitar com o cachorro-quentes, a pasta e a Coca-Cola diet, desejo ter parado, sentado em um banco e contado ao grego que eu também estava perdendo alguém. Ele teria entendido.

Mas, a caminho da quadra de tênis, percebo que não compartilho de seu desespero. Não me incomoda pensar em Maud e seu amante subindo apressados para o apartamento no enésimo andar do prédio em Midtown Manhattan. Vejo os dois caminhando em um corredor comprido até finalmente chegarem à porta dele, um pouco desajeitados e hesitantes, mas agradecidos por seus passos serem abafados pelo carpete grosso. As abotoaduras, a gravata, as pernas dela em volta da cintura nua dele também não me incomodam. Vou jogar tênis, eles vão se jogar na cama. Quem estará mais feliz? Quem pode saber?

Na entrada do parque da 72nd Street, um grupo de ciclistas se reuniu e está esperando por algum sinal para entrar no parque. Várias pessoas estão sentadas nos bancos na entrada, algumas estavam patinando e começam a tirar os patins, outras estão colocando. Os skates de sempre. Muitos dos que estão nos bancos não parecem turistas, e também não são estudantes. *Algum deles trabalha?* Nenhum, com exceção do grego.

Penso no pobre homem vendendo cachorro-quente o dia todo, já planejando o que vai precisar empacotar, o que doar, o que lembrar, o que deixar para trás, coisas, lugares, pessoas, uma vida. Talvez eu também devesse separar minhas coisas. Nada disso parece me inquietar. Fiquei mais incomodado com a possibilidade de ser pego observando os pombinhos do que com o medo de que Maud fosse feliz com outro homem. Ela parecia tão expansiva, tão exuberante e extasiada. Faz muito tempo que não a vejo assim. Parte de mim está até feliz por vê-la radiante, o cotovelo pousado de modo tão sereno na borda fina que sustentava o espelho grande atrás deles enquanto tocava o cabelo do homem, parecendo uma modelo de braceletes Mauboussin. Ela é linda. Então por que não estou com ciúme?

Será que é porque ainda está muito cedo — ainda não é o baque, nem mesmo o início do baque? Ou será porque nada disso pode interferir no universo se você não deixar, se não forçar a barra, se não discutir sobre o assunto nem consigo mesmo? Será mesmo possível não pensar nisso? Maud está me traindo, minha Maud na cama com outro homem, fazendo coisas que não faz, não pode fazer, não quer fazer comigo porque ele sabe conduzi-la, Maud em cima de mim enquanto eu a observo e ela fecha os olhos e eu estou lá dentro dela, mas não sou eu, é outra pessoa.

Em breve, eu sei, vou mexer na gaveta onde ela guarda algumas coisas no meu quarto. Já fiz isso com outras, farei de novo, embora eu saiba que vai ser por princípio, não porque preciso saber, ou porque me importo. Talvez eu acabe ficando com ciúme porque tenho que ficar.

* * *

O grego estava certo. Já é temporada de praia, e o tempo está claramente se encaminhando para os vinte e poucos graus. Logo planejaremos viagens de fim de semana. Essa ideia me deixa mais leve e, animado com o presságio de verão, tiro o paletó e afrouxo a gravata. Isso me lembra meus dias de estudante, quando pegavam leve com as regras de vestimenta assim que sentiam um toque de primavera no ar, quando as tardes pareciam longas e minha mente sempre viajava até as praias de San Giustiniano. Mas ainda lembro que a tentação do mar sempre coincidia com a chegada das provas

finais e meu temido boletim. Quero ligar para ela e dizer que mal posso acreditar em como o dia está tão bonito. Também quero contar que tive uma reunião legal e estou indo jogar tênis. Mas me contenho. As coisas mudaram, podem mudar no momento em que ela ouvir minha voz e se lembrar da monotonia de nossos dias e noites. Tenho que aprender a ficar de boca fechada. Nenhuma insinuação, nenhuma observação sarcástica do tipo, *Ah, foi você que eu vi na hora do almoço hoje?* Apenas tente manter a boca fechada. E não ligue.

De repente, sinto uma crescente onda de afeto por ela. Será amor, ou só paixão por alguém que está correndo atrás de um romance, do mesmo modo que eu e todas as outras pessoas almejamos o esplendor do romance em nossas vidas?

O pior vai ser vê-la mentindo para mim e, por saber que está mentindo, ajudá-la a desviar das pequenas armadilhas que eu possa colocar sem querer e, afastando-a delas, me parabenizar por ser tão magnânimo e inteligente. Nunca devo demonstrar que sei.

Nada me magoaria mais do que vê-la estremecer sempre que ouvisse a palavra “almoço”. Jamais devo mencionar Renzo & Lucia’s e devo manter distância de qualquer coisa remotamente relacionada ao meio-dia, à Madison Avenue, ou a prédios residenciais altos ou cruzeiros de filmes B de Hollywood do início dos anos 1940 em que novos amantes escapam das pistas de dança da primeira classe para se encontrar à luz das estrelas e ver a lua tremular no mar calmo. Penso em Paul Henreid levando dois cigarros à boca e os acendendo ao mesmo tempo, um para ele e o outro para Bette Davis.

A beleza do romance.

Será que eu poderia viver com ela depois disso?

A verdadeira questão é: será que ela poderia?

A verdade é: eu poderia.

Consigo imaginá-la chegando à minha casa hoje à noite depois da aula de ioga, largando a bolsa na cozinha, tentando trocar de roupa e se arrumar para nosso jantar com os Plum no Brooklyn. Ela olha meu rosto e diz, *Você está um pouco queimado de sol hoje, não está?*

Sempre que ela pergunta como foi meu dia, é com uma acusação brincalhona de que talvez eu o tenha passado com uma das estagiárias novinhas. Geralmente, eu entro na brincadeira. Hoje não. *Só bati uma bolinha com Harlan à tarde.*

Ela sai da cozinha, para a caminho do quarto, vira e olha para mim.

Talvez eu tenha más notícias.

Olho para ela com uma expressão que deseja ser ao mesmo tempo sincera e não completamente surpresa.

Sobre nós, você quer dizer. Nós, imagino, é mais seguro do que ele.

Acho que sim.

Não vou dizer uma só palavra sobre o almoço, mas também não vou me fazer de burro.

Eu sei.

É?

Paro um momento para avaliar se não estou tomando o caminho errado.

É sério?, pergunto.

Ela me olha e cerra os lábios como se nunca tivesse pensado exatamente nesses termos.

Não sei. Pode ser. Ou talvez não. Muito cedo para dizer. Só achei que você devia saber. Ela está prestes a acender a luz do corredor, mas ainda não se mexeu. *Isso é difícil.*

O que sempre admirei nela é que, nos oito meses que passamos juntos, confissões difíceis sempre foram civilizadas.

Eu sei, digo. Também não é fácil para mim. Você ainda quer ir ao jantar hoje?

Ela faz que sim com a cabeça. Mas, antes de ir se trocar, vira, olha para mim, respira fundo: *Obrigada.*

De nada.

Dizem que os sinais estão sempre ali, bem na sua frente, mas, assim como as estrelas à noite, são impossíveis de contar, imagine então entender. Além disso, sinais não são melhores que oráculos. Eles falam a verdade desde que você não preste muita atenção. Quando fazia uma semana mais ou menos que estávamos dormindo juntos, um dia nossos pés se tocaram, depois nossas pernas, nossas coxas e, antes mesmo de estarmos completamente acordados, começamos a fazer amor, cedo demais e rápido demais. Foi então que ela fez algo incomum e enfiou os dedos em meu cabelo e começou a massagear meu couro cabeludo enquanto nos beijávamos, de uma forma tão entregue que, sem resistir nem pensar, gozamos ao mesmo tempo. Eu não fazia ideia de por quanto tempo estávamos

transando ou como tínhamos começado, ou se dissemos uma palavra antes ou durante. Não houve preliminares, nenhum êxtase, nenhum vestígio, nenhuma mancha, só um vazio. Nem chegamos a abrir os olhos. Dois gatos de rua cruzando na calada da noite e fugindo assim que terminam. Caí no sono de novo em estupor, e ela também, de costas para mim, enquanto eu, como sempre, coloquei uma perna sobre a dela. Ela gostava assim, disse, e gemeu até dormir. Nós dois nos atrasamos para o trabalho naquela manhã. O estranho foi que no dia seguinte nenhum de nós fez o menor comentário sobre a transa. Era como se eu tivesse imaginado tudo.

Algo, no entanto, me surpreendeu na ferocidade teimosa com que mergulhamos um no corpo do outro. Ela brincava com meu cabelo como se quisesse arrancá-lo. Atribuí tudo isso ao sexo selvagem e desenfreado em meio ao sono. Então, enquanto fazia a barba, percebi. Ela estava transando com o corpo de outra pessoa, no ritmo de outra pessoa, não no meu.

Também teve isto: seu recente caso de amor com um molho de salada que consistia de algumas gotas de vinagre comum, não balsâmico, e muito limão, com uma colher de sopa de azeite. Mas os limões precisavam ser cultivados nos bosques da Sicília, e você tinha que usar o sal das salinas de Trapani, no oeste da Sicília. Nunca pensei em perguntar onde ela havia aprendido tanto sobre produtos sicilianos, ou quem lhe ensinara a misturar *cavolo nero* com anchovas e parmesão e, é claro, suco de limão. Não são coisas que você aprende em livros ou no Renzo & Lucia's. São coisas que você aprende no apartamento de um solteiro em um arranha-céu. Ele não deve ser casado.

E a viagem para a Sicília de que andamos falando, porque ela quer visitar a ilha toda, não só as praias superlotadas e ilhas para onde todo mundo vai. Ela quer visitar Erice, Agrigento e Ragusa, Noto e Siracusa, e depois a cidade de Enna, nas colinas, onde o imperador Frederico II de Hohenstaufen construiu seu palácio dos prazeres. Não faço ideia de como ela sabe tanto sobre o teatro de fantoches de Siracusa, ou sobre a minúscula Ortigia, que ela me disse que vem da palavra grega para codorna, em homenagem a uma semideusa que se atirou na água e virou uma codorna, que virou uma ilha, que virou... Nunca me preocupei em perguntar o motivo desse anseio repentino pela Sicília. Eu ficaria muito satisfeito em passar algumas semanas nas ilhas próximas ao continente.

Tudo o que sei é que Maud, às vezes tão caseira, agora quer agitação em sua vida. A mulher de braço esguio e cotovelo lindamente esculpido descansando com tanta graça e capricho na borda do enorme espelho atrás dela quer diversão, quer romance, quer um sopro de novidade em sua vida. Tenho certeza de que ela resistiu no início e consigo imaginá-lo tentando e tentando antes de ela finalmente ceder.

Olhe em volta, diz ele no restaurante.

Sim, e aí?

Você olhou em volta?

Sim.

Quem é a mulher mais bela, mais inteligente, mais intimidadora aqui no restaurante neste momento? O que estou dizendo? Mais ameaçadora.

Talvez aquela ali, responde ela apontando para uma mulher cheia de plásticas e joias.

Ela não.

Então quem?, pergunta ela.

Maud deve amar isso.

É a mulher sentada junto ao enorme espelho que sabe que o homem sentado ao lado dela está lutando para manter as mãos na mesa.

Você diz cada coisa.

Tudo o que quero é ter você nos braços.

Alguma vez eu falei assim? Com ela não houve nenhuma sacada a escalar, nenhuma luta para conquistá-la, nenhum galanteio teatral, nenhum rival, nenhuma porta a arrombar ou trancar ao estilo de Fragonard quando entrei em seu quarto pela primeira vez depois de jogarmos tênis. A porta estava sempre aberta, e tudo aconteceu com tanta naturalidade, com tanta facilidade, exatamente como no meio do sono naquela noite. Nós nos deixamos levar e nem vimos as águas passadas.

* * *

Gosto do que estou sentindo nesta tarde de sexta-feira. Pensando bem, o que vi não foi tão terrível, não é tão ruim assim, não é nem interessante. Vou mesmo ficar com ciúmes? Sério? Bisbilhotar o e-

mail dela, atender o celular quando ela estiver no banho, tentar descobrir sobre o que eles falam nas mensagens ou peneirar um lamaçal de factoides para determinar como se conheceram, quando, onde? Que clichê!

Arregaço as mangas, tiro a gravata e entro no parque, avançando pelo hipódromo em direção às quadras de tênis. Se tiver sorte, vou encontrar um parceiro caso Harlan não esteja lá. Vai ser bom ver quem está jogando, conversar com o pessoal de sempre que não vejo desde o fim de semana de Ação de Graças, comprar um refrigerante, dar umas raquetadas por uma ou duas horas e depois deitar na grama até chegar a hora de voltar para casa, tomar banho e ir para o jantar.

Manter as coisas em perspectiva. Pensar como a situação do grego vendedor de cachorro-quente é muito, muito pior. Não é o fim do mundo.

Por um acaso do destino, quando chego, Harlan já reservou uma quadra e está esperando por mim.

— Vá se trocar — diz ele.

Gosto de seu tom impetuoso. Ele me lembra que há outras coisas, mais imediatas, às quais me dedicar além de Maud. Não quero pensar nela. Enquanto tiro o relógio, penso: Por enquanto, estamos bem, não estamos magoados, não houve estragos, só uma pequena contusão, mas não estamos brigando. O ego está um pouco arranhado, é claro, mas o coração, não. O pensamento me ocorre enquanto passo a fita no cabo da raquete como quem enfaixa a panturrilha, o punho, o ego. Estamos bem.

Um último pensamento antes de ir para a quadra: Não devo dizer uma palavra a ela sobre o que vi na hora do almoço, nem a sugestão mais evasiva, nada. Vou fazer exatamente o mesmo que os britânicos fizeram quando desvendaram o código da máquina Enigma alemã durante a guerra. Eles sabiam quando e que locais os alemães planejavam bombardear. Mas evitaram intensificar as defesas por medo de revelar que haviam desvendado o código inimigo. Uma palavra errada, um olhar desconfiado, um toque de ironia, e ela vai saber.

Enquanto termino de passar a fita na raquete, ligo para ela a fim de contar que vou jogar tênis.

— Imaginei quando você não atendeu no escritório. Estou com tanta inveja — diz ela.

Então ela tinha ligado. Por quê?

— Para dizer oi.

— Quando?

— Faz menos de uma hora, logo depois do almoço.

— Como estava o almoço? — pergunto.

Eu não acabei de prometer que não ia mencionar o almoço? Ela recebe a pergunta com naturalidade e não parece se importar nem um pouco. O almoço de sempre no Renzo. Na verdade, não estava tão bom desta vez. Ah, mais um jornalista.

Será que está dizendo isso porque me viu no restaurante e sabe que também a vi?

Maud diz que tem uma reunião à tarde e que vai do escritório direto para a casa dos Plum. Ela quer me encontrar antes de ir para a casa dos Plum?, pergunto.

— Não, nos encontramos lá. Só não se atrase, está bem? Odeio quando os dois se juntam e não param de falar sobre o chato do Ned.

Dou uma risada. Eu a ensinei a odiar o filho deles, e ela o detesta mais do que eu.

— Vou levar alguma coisa — diz ela.

— Não leve nada. Eles planejam os jantares do início ao fim. Mandamos flores amanhã — respondo.

Então nos despedimos. Ela me ama. Eu também a amo.

Eu já tinha me esquecido completamente do almoço. Se ela queria me apaziguar, conseguiu. Foi provavelmente essa a razão pela qual telefonei. O simples fato de ela dizer que a comida não estava boa tirou um peso enorme e, por algum motivo inexplicável, libertou minha mente de qualquer preocupação ou dúvida. De repente o tênis parece uma bênção. Pego um tubo de bolinhas, abro, e descemos a escada até a quadra quatorze, completamente exposta ao sol. Vamos suar, vamos correr, jogar muito e pensar em nada além de tênis. Tudo o que eu quero é me tornar um só junto ao tênis. Enquanto pudermos ser um só com alguma coisa, qualquer coisa, estaremos bem. Conforme desço os degraus e entro nas quadras, um ímpeto de prazer percorre meu corpo, que vibra com uma sensação de completo bem-estar. Seria capaz de fazer isso pelo resto da vida e não dar a mínima, para ela, para o trabalho, para o verão, a viagem, nada. Estou feliz.

A gente se conheceu aqui em uma sexta-feira no verão passado. Ela estava procurando por um parceiro. Eu me ofereci. Ela não era uma ótima jogadora, disse. Não importava, respondi. Jogamos durante quatro horas naquele dia. Era o fim de semana do feriado de Quatro de Julho e nós dois tínhamos saído do trabalho mais cedo. Nenhum de nós tinha planos para o fim de semana. Naquela noite, jantamos em um pub e comemos no balcão, algo que nós dois dissemos que amávamos. Era como ficarmos sozinhos juntos, disse um de nós. Na manhã seguinte, sem ter combinado, nós dois aparecemos para reservar uma quadra. Jogamos por mais cinco horas. As quadras estavam escaldantes naquele dia e muitas ficaram vazias. Tivemos que trocar de roupa, pedalamos para casa, voltamos e jogamos até o sol se pôr. Banho. Drinques. Um cinema mais tarde. Jantar no balcão do pub? Adoro jantar no balcão do pub, disse ela. O ar estava quente, minhas mãos, os ombros dela, nossos rostos estavam úmidos e pegajosos. Três dominicanos, um deles com um violão, cantavam em um banco numa área de pedestres no meio da Broadway. Sentamos no mesmo banco e ficamos ouvindo. Eu a beijei. Transamos a noite toda, ouvindo um CD de música brasileira sem parar, até que, nos dias que se seguiram, se tornou impossível transar sem aquelas músicas. Acabamos indo para a Itália no fim daquele verão, com o CD.

Abro o zíper da minha outra capa e tiro a raquete que ela me deu de presente de Natal.

Manfred, um excelente jogador de quase trinta anos, se aproxima e pergunta se pode se juntar a nós. Encontramos um quarto jogador para formar duplas, um senhor idoso que sempre está nas quadras. Ele queria jogar comigo, mas Manfred já havia pedido, e Harlan não se importava de ter o idoso como parceiro. Nunca joguei com ou contra Manfred antes, mas, depois de quase dois anos, me acostumei a vê-lo cedinho em todos os dias de semana. Admiro seu jogo, sua graça, seu porte. De vez em quando, nossos olhares se encontram e trocamos algumas palavras perto da máquina de refrigerante ou do vestiário, mas eu nunca ousaria convidá-lo para jogar comigo e sempre achei que ele mantinha distância por medo de que eu pedisse isso algum dia. Eu achava que havia uma frieza cuidadosa entre nós. Mas vê-lo ficar nervoso e quase perder o chão ao pedir para se juntar a nós nesta tarde é como ver um atleta campeão da escola ficar sem jeito ao pedir ajuda ao nerd da sala para fazer o dever de casa. A voz

dele estava tremendo; ele deve ter percebido e tentou disfarçar simulando uma risada estranha. Eu me senti forte, orgulhoso.

Quando terminamos de jogar, quase deu para sentir a velha frieza ressurgindo entre nós. Ela nos afastaria e voltaríamos aos acenos superficiais. Então, antes que as coisas esfriem, pergunto se ele quer uma cerveja e sugiro que joguemos mais uma vez em breve.

— Amanhã de manhã, se quiser.

— Amanhã, então — digo, talvez rápido demais, temendo que ele possa mudar de ideia.

Como eu tinha uma reserva com Harlan para o sábado, digo que vou abrir mão da minha para outra pessoa.

— Faça isso — respondeu ele.

Fico entusiasmado. Saímos do parque e vamos em direção a um café para tomar uma cerveja rápida. Tenho certeza de que ele sabe que tenho uma queda por ele.

* * *

Ao entrar na casa dos Plum à noite, sou confrontado com um replay do almoço de hoje. Maud está na varanda, sentada ao lado dele no meio do grande sofá em formato de ferradura, os dois estão com as pernas cruzadas, os joelhos de um virados para os do outro, criando um espaço íntimo e fechado entre eles. E, assim como no Renzo & Lucia's, o braço dela está estendido de modo despreocupado sobre o encosto do sofá, a mão quase roçando o cabelo dele mais uma vez, aquele sorriso lânguido e extravagante à la Mauboussin vibrando em seus lábios, o mesmo cotovelo, o braço sem mangas, o mesmo bracelete. Em volta deles há quatro velas grandes de chão, que emanam um brilho cintilante sobre a pele dela. Foi bom eu ter tomado só uma cerveja com Manfred e decidido não beber mais nada. Preciso estar em total controle da minha língua, uma vez que quase arrisquei bagunçar as coisas quando liguei da quadra de tênis. Com mais um drinque, eu poderia acabar lançando aos dois um olhar ameaçador que mal disfarçaria meu desgosto.

Ela está prestes a apresentá-lo a mim, mas ele interrompe, parecendo muito ansioso para me conhecer.

— Meu nome é Gabi — diz ele, largando o copo para se levantar e apertar minha mão.

Ele me encara de frente, irradiando entusiasmo, um olhar franco, vivo, quase selvagem que não se desvia. Ele é elegante, charmoso, com um toque de rubor nas bochechas que grita vigor atlético e ânimo. Fico intimidado, mas não sem palavras.

Hoje à noite, além de nós, estão os Plum, mais um casal, Mark, que provavelmente está aqui por causa de Nadja, e Claire, a serena e calma Claire, que nunca ri de nada que eu digo e que deve me achar um completo pedante. Saindo da cozinha, Pamela diz a Duncan, seu marido, que Nadja não está realmente pronta para alguém como Mark.

— Ela ainda está se recuperando.

— Nossa solteirona renascida já devia ter superado, porque, convenhamos, ela não é nenhuma Bela Adormecida — comenta ele.

— Shhh! — repreende Pamela. — Me ajudem a terminar de fazer uma pirâmide com essas tangerinas — fala para mim e para Claire.

Claire logo se põe em ação, como se tivesse construído pirâmides de frutas e vegetais a vida inteira, e eu dou uma risada, sem fazer ideia de por onde começar. Sei o que ela está pensando: *Ele não serve para nada*. Enquanto isso, Pamela desligou o telefone e vem até a varanda para dizer aos convidados que Diego e Tamar estão atrasados como sempre por causa de problemas com a babá.

— Além disso — completa ela, mordendo os lábios enquanto observa nosso progresso com a pirâmide —, acho que eles estão passando por um momento difícil.

— Eles sempre estão passando por um momento difícil — interrompe o marido.

Duncan e Pamela são um casal mais velho que ama receber casais mais jovens. Aliás, estou com medo de que Ned, seu filho, seja convidado a se juntar a nós para o jantar. Ele sempre monopoliza a conversa, falando sem parar sobre algum artista obscuro que descobriu e quer promover. Mas ele só vai ficar para alguns drinques, dizem — precisa encontrar um cliente muito importante para uma avaliação.

— Nossa estrela em ascensão na Sotheby — explica Pamela.

Olho para Maud. Ela notou meu olhar sarcástico e está retribuindo com um sorrisinho implícito e clandestino. Nisso, somos um time, e o vaivém silencioso entre nós confirma nossa parceria. Ela é minha melhor amiga. Nós nos entendemos.

— Então, como foi o tênis? — pergunta Gabi.

— Sim, por favor, nos conte sobre o tênis — acrescenta Maud com a alegação de sempre de que tênis é só um apelido para meu mais recente caso com uma estagiária.

Novamente sou tentado a lançar um olhar ameaçador em sua direção. Ela sente que não estou no clima para brincadeiras e recua.

— Mas ele teve uma reunião muito boa hoje de manhã, e isso é muito importante.

— Que tipo de reunião? — indaga Gabi.

— Estamos nos fundindo a uma editora menor que não vai bem há anos — respondo com pressa para não aprofundar a conversa com ele.

— Por que a fusão se a editora não vai bem? — pergunta Gabi de maneira um pouco abrupta.

Apesar de seu charme óbvio, ele deve ser um homem que já passou por poucas e boas e não mede as palavras.

Devo ter franzido a testa ao ouvir a pergunta.

— Sou um israelense que já morou na Itália, ainda sou um pouco grosseiro — explica ele.

— Onde na Itália? — pergunto, esquecendo que devia evitar perguntas, principalmente porque não estou ansioso por me envolver.

Mas, agora que perguntei, estou com medo da resposta.

— Turim.

— A cidade de Primo Levi — acrescento, aliviado por não ser na Sicília.

— Sim, de Primo Levi, Carlo Levi, Natalia Levi e de todos os levitas do mundo, até a torre mais visível da cidade é mais judaica que Tel Aviv, minha cidade natal. O que não surpreende é que minha avó era de Turim e o sobrenome dela era, adivinhe só, Levi também.

Rimos.

— Gabi é correspondente internacional.

Ele claramente também já serviu às forças armadas. Gabi tem tudo, penso.

— De quais jornais?

Ele matraqueia alguns nomes, então diz:

— Itália, França, Alemanha, Israel, Estados Unidos...

— Tudo que é canto — interrompo, fazendo pouco caso de seu catálogo impressionante.

— Gabi é *in-ter-na-ci-o-nal* — entoa Maud, com um toque quase imperceptível de humor, tanto para elogiá-lo por sua carreira de

sucesso como jornalista como para propagar o sarcasmo implícito em meu comentário, demonstrando que somos alegres por natureza.

Ela continua no meu time, mas também vai apoiá-lo.

Isso poderia durar horas. Estamos mandando voleios cruzados, mas é ela quem faz a bolinha girar.

— Então me explique, por que estão se fundindo com essa empresa menor?

— É o israelense ou o italiano que pergunta? — respondo, ainda com um toque de ironia na voz.

— É o israelense usando elegantes meias Gallo de algodão mercerizado por baixo dos coturnos esfarrapados.

— Resposta diplomática — comenta Maud.

— Diplomática ou não, sei que ele vai querer me contar tudo sobre a fusão antes que a noite termine. Não vê que ele já está morrendo de vontade de contar?

Caímos na gargalhada.

— Estamos nos fundindo com eles porque têm um fundo de catálogo muito bom, que nós queremos e que eles vão perder se falirem antes do fim do ano.

— E com “nós” você quer dizer “você”.

— E outros.

— Quantos?

— Somos uma legião — brinco.

— Você deve ser muito bom no que faz.

Decido não responder. Mas não me importo com a adulação. Sei o que ele quer fazer. Estamos trocando críticas em tom de brincadeira. Ele está mirando, eu estou desviando. Mas não é nada hostil. É quase como um flerte.

Ned, o filho genial, bate a taça ao colocá-la na mesa de jantar meticulosamente arrumada e diz que precisa ir. Manchou a toalha.

Observamos a cena reunidos em nossa panelinha de três.

— E vá em paz — murmuro para Maud.

Ela repassa meu comentário para Gabi, que não reage e talvez não compartilhe de nossa aversão a Ned. Podemos trocar piadas entre nós, mas, caso eu tenha esquecido, eu e ele não estamos no mesmo time.

Mas então ele diz algo que não escuto. Ela diz que ele está enganado.

— Não seria a primeira vez — responde Gabi, e os dois começam a rir.

Ou é sobre Ned ou sobre uma das minhas assistentes. Ou sobre mim.

Em algum momento, talvez para dizer algo, faço uma pergunta que sai naturalmente e que está no ar há um tempo: o que o traz aos Estados Unidos?

— Estou escrevendo uma reportagem sobre empresas de biotecnologia especializadas em genética e pesquisas sobre câncer.

Ele faz uma pausa depois dessa frase e tanto.

— Foi como conheci Maud — conclui.

Se essa observação tinha o objetivo de me acalmar, funcionou. Agora sei o motivo oficial por trás daquele almoço.

Também sei por que ela nunca pensou em mencionar o almoço. Era coisa rotineira de relações-públicas.

Mas não sou tão fácil assim de enrolar.

Anunciam o jantar. Todos estão tão confortáveis no sofá com vista para a cidade que ninguém se levanta. Pamela anuncia que somos todos muito íntimos para uma configuração formal à mesa e que podemos nos sentar onde preferirmos. Mas ainda assim ninguém se mexe. Então ela vem até mim, estende os braços, me puxa e diz que, para me punir por resistir, vai me colocar na ponta da mesa. Como de costume, a mesa grande está meticulosamente posta para um banquete, com guardanapos de linho engomados saindo de taças de vinho como flores cultivadas com esteroides. Pamela percebe a mancha avermelhada que o copo de Ned deixou na toalha bem-passada. Ela examina a mancha, entrega a taça ao garçom e só resmunga:

— Qualquer dia desses, qualquer dia desses, garoto...

A caminho da mesa, Maud diz que o teria estrangulado. Puxo-a de lado, beijo-a e me desculpo por chegar atrasado. Pergunto que horas ela chegou. Foi a primeira a chegar e pegou o elevador com o temido Ned.

— Cheio de si, você não faz ideia. Depois eu conto, mas ele está mais repugnante do que nunca.

Ela está tentando me despistar falando sobre Ned. Conheço o truque.

Quando Gabi chegou?

— Ah, muito depois.

Então não vieram juntos.

É claro que eles podem ter planejado. *Você vai primeiro. Não, você primeiro.*

Os convidados improvisam um mapa de assentos, e Pamela decide se sentar à minha direita. À minha esquerda está Nadja, que não costuma falar a não ser que falem com ela, ao lado dela está Mark, que fala com qualquer um desde que seja sobre si mesmo. É para os dois se conhecerem, do contrário a noite toda vai se limitar a uma conversa educada que não se desenvolve entre mim e Nadja. Fico aliviado ao ver que Gabi está ao lado de Mark. No entanto, antes mesmo que eu tenha um instante para saborear a disposição de todos à mesa, percebo que Maud está entre Gabi e Duncan, que ficou na outra ponta. Não gosto nada disso. Ao lado de Pamela está Claire, e as cadeiras do casal que está passando por um momento difícil continuam vazias.

Assim que Maud e Gabi se sentam, eles retomam de onde haviam parado. Estão absortos em alguma coisa. Como no almoço, vejo, mas não escuto.

Quando todos estão sentados, Pamela espera um instante, depois bate na taça com uma colher e todos ficamos quietos. Odeio a falsa formalidade dos discursos antes de jantares com pessoas que, como ela acabou de dizer, são íntimas demais. Ela, sempre suspeitei, talvez seja a versão polida do rascunho que seu filho ainda é. Começo a detestar este jantar. Paula nos dá as boas-vindas. Perdoem a bagunça terrível no corredor, diz, mas todos somos de casa e, para alguns, esta é sua segunda casa, mas é a primeira vez de Gabi aqui, então este jantar é para dar-lhe as boas-vindas neste que esperamos que se torne seu novo lar longe do verdadeiro lar, principalmente agora que está envolvido em um trabalho tão importante.

Após brindar com Chassagne-Montrachet, todos começam a comer as vieiras cruas que Pamela preparou, enquanto o silêncio paira sobre a mesa.

— Sobre o que é seu trabalho? — pergunta Nadja, quebrando o silêncio.

Mark, que conheço desde a faculdade e sempre foi bom em participar das aulas, quer mostrar que estava ouvindo com atenção e relata obediamente do que se trata o trabalho de Gabi.

— A maioria de nós não sabe nada a respeito de pesquisas sobre câncer, muito menos sobre genética, então é sempre bom quando

alguém nos atualiza — diz ele.

Não mudou desde os dias de estudante: o primeiro a levantar a mão, o primeiro a ir até o professor depois da aula, o primeiro a entregar a tarefa. Falamos sobre o pouco que sabemos a respeito de pesquisas sobre câncer, mas Gabi não está ouvindo. Mark, dá para perceber, quer chamar a atenção de Maud, mas ela não está escutando. Tudo o que consigo entender, apesar das longas explicações de Mark acerca dos últimos acontecimentos em terapia genética, é que eles estão conversando sobre uma cidadezinha chamada Enna.

— Onde fica Enna? — pergunta Nadja, claramente menos interessada em Mark que em Gabi.

— Enna fica no topo de uma colina no meio do nada na Sicília. Como Massada — acrescenta Gabi. — Lá também aconteceu um enorme massacre, cometido pelos romanos que decidiram acabar com todos os habitantes da cidade. Em Massada foi mais trágico.

— Por quê? — perguntou Nadja, que não está mais ouvindo Mark.

— Ah, porque em Massada as vítimas cometeram suicídio em massa para não cair nas mãos dos romanos, que as teriam torturado, assassinado ou vendido como escravos. Enna, aliás, conheceu seu auge sob o império de Frederico. Ele fundou a primeira universidade do mundo, na Itália, e criou uma cultura que abrigava normandos, gregos, árabes, judeus, franceses. A poesia italiana, por falar nisso, não nasceu em Florença, como muitos pensam, mas na Sicília. A cidade de Enna finalmente teve seu nome original devolvido por ninguém menos que Mussolini.

— Como ela se chamava? — pergunta Nadja.

— Os romanos a chamavam de *Castrum Hennae*, que quer dizer Castelo Enna, mas o nome acabou sendo corrompido pelos bizantinos, que a chamavam de *Castro Yannis*, Castelo de João, que os sarracenos, quando ocuparam a Sicília, renomearam *Qas'r Ianni*, que em árabe significa Castelo de Yannas. Em italiano era conhecida como *Castrogiovanni* até que Mussolini, que amava a grandeza da antiguidade, finalmente tirou as camadas milenares de pó e permitiu que a cidade retomassem seu verdadeiro nome.

Então, vendo que muito mais pessoas do que ele esperava estavam ouvindo, sorri, interrompe a descrição e acrescenta:

— Todos somos um pouco assim, não? Como a Sicília, quero dizer.

— Em que sentido? — pergunta Claire, que provavelmente está se dirigindo a ele pela primeira vez.

Claire jamais me pediria para explicar nada.

— Vivemos muitas vidas, alimentamos mais identidades do que gostamos de admitir, recebemos todo tipo de nome, quando na verdade basta uma, e apenas uma.

— E qual identidade é essa? — pergunta Mark, claramente tentando se destacar.

— Pode levar tempo demais para explicar, meu amigo — responde Gabi. — Além do mais, ainda não nos conhecemos muito bem.

Mas a menção à Sicília me incomoda. Enquanto Gabi segue falando sobre Frederico II, não consigo parar de olhar para Maud. Tento olhá-la nos olhos. Mas ela sabe por que estou encarando e é por isso que fica olhando para longe da mesa e depois para o prato. Sabe que adivinhei a razão de sua loucura pela Sicília e que tem a ver com ele, não tem? Nunca as pistas foram tão transparentes ou caíram tão facilmente no meu colo. As pessoas precisam esperar semanas, meses às vezes, para juntar as peças. Nesse caso, até o tapado do Ned teria montado o quebra-cabeça.

Será que eles não poderiam ter ensaiado um pouco melhor? Ele lutou no Exército mais sofisticado do mundo, e ela, apesar do jeito calmo e moderado, é mais esperta do que o imperador dos trapaceiros. Será que eles não tinham nem traçado um plano?

Maud pede a ele que fale mais sobre Enna, e Gabi imediatamente inicia um longo discurso sobre a vida de Frederico II, sobre Enzo, seu filho que passou os últimos vinte e três anos da vida em uma prisão em Bolonha, e sobre o outro filho, Manfredi, que morreu na Batalha de Benevento e, como nos lembra Dante, *biondo era e bello e di gentile aspetto*. Maud está segurando o queixo em mais uma pose extasiada à la Mauboussin que acho fascinante. Ela é bonita, se agarra a cada palavra que ele diz, está tão apaixonada, e a ironia é que talvez nem saiba o quanto está desesperadamente arrebatada, e a outra ironia é que não estou chateado, embora devesse estar e possa muito bem imaginar que outro homem gritaria ou bateria com a mão na mesa de jantar na frente de todos os convidados e, mais tarde, daria um soco na porta do quarto quando ela o trancasse para fora porque é impossível conviver com ele. E talvez eu esteja magoado,

mas não saiba e não queira saber, porque, ao ouvir o nome Manfredi, que achei que seria só meu nesta sala hoje, minha mente flutua até a emoção que me espera amanhã às sete na quadra de tênis. Jogarei com um campeão. Quero contar a todos sobre meu Manfred e como ele fica absolutamente lindo quando tira tudo antes de tomar banho e o mármore de seu peito sem pelos parece tão firme que é preciso se esforçar para não o tocar e sentir se é mármore mesmo ou pele. Hoje foi a primeira vez que trocamos mais do que comentários banais de vestiário; geralmente eu falo algumas palavras e ele responde em fragmentos, quase como um aparte, então nenhum de nós pode dizer que conversamos de verdade. Mas hoje alguma coisa estava diferente. Devo ter parecido ausente, frágil, irritado; não tinha ninguém em minha vida. Será que foi por isso que ele finalmente achou que seria fácil falar comigo? Porque eu parecia sem rumo e perdido, humano? Ou será que foi a expressão de sucesso em meu rosto após a reunião desta manhã que me fez desejável? Eu queria poder me lembrar de seu leve sotaque alemão trêmulo quando ele pediu para jogarmos em dupla. Será que alguém me ajudaria a lembrar de sua voz e me diria mais sobre ele se eu também pronunciasse o nome Manfred à mesa de jantar?

Estou olhando para ela enquanto ela olha para Gabi, que não para de falar sobre o imperador do Sacro Império que escreveu um livro sobre falcoaria enquanto estava no “umbigo da Sicília”, e só consigo pensar nela em sua posição favorita. Com os olhos fechados, ela ama colocar os joelhos sobre meus ombros, que são os ombros dele, um joelho primeiro, depois o outro, sua vagina implorando por ele, que é onde eu sei que a mão esquerda dele está agora, deixando-a excitada enquanto ela tenta manter a compostura sem alterar a maravilhosa aparência de modelo que diz *Sou toda joias, sou toda ouvidos, sou toda sua, até o fim*.

Como vou dormir com ela esta noite? Ou tocá-la depois disso? E se ela me atacar no meio da noite como fez aquele dia? Será com amor maculado que eu vou responder, ou com veneno e raiva na virilha, sabendo que, ainda que ela esteja transando, não é comigo. Apenas assumirei de onde ele parou — de homem para homem, com uma mulher como intermediária.

Eu a observo. Ela parece alguém diferente. Amo seus braços longos e esguios, e o ombro que está exposto desde esta manhã, e o colar que lhe dá um traço sedutor que fazia muito tempo eu não via.

A campainha toca, e logo ouvimos as vozes de Diego e Tamar.

— Eu sei, eu sei, desculpa, mas a gente queria muito vir — grita Tamar do corredor enquanto vem em direção à sala de jantar.

— Mas nós ainda nem começamos o jantar — garante Pamela, dando as boas-vindas aos dois, e todos ouvimos a série rápida de risadinhas estridentes e histéricas de Tamar, para que a perdoássemos pelo atraso.

Tamar balança a pesada bolsa Goyard e dá a volta na mesa até seu lugar, abrindo e fechando a bolsa cada vez que esquece se o celular está ligado ou desligado. Alto, com uma cabeleira loura e um bolso quadrado colorido no paletó escuro, Diego segue a esposa timidamente e acaba se sentando bem ao lado de Claire. Ele não está feliz. A barba moderninha por fazer o deixa com cara de bandido que acabou de levar bronca da mulher e foi obrigado a usar paletó. O casal passando por um momento difícil. Então, pensando em nós, percebo que também estamos passando por um momento difícil, só que ninguém suspeita de nada.

Estou em completa agonia. Maud e Gabi estão claramente se tocando, não conseguem evitar. O machão mediterrâneo deu um passo adiante e, depois de aproximar sua cadeira da de Maud, deixa o braço esquerdo pousado no encosto esculpido da cadeira dela. Imediatamente, Maud coloca a mão na mesa, para demonstrar que não há nada de mais acontecendo ali. Mas então, como se mudasse de ideia, a mão volta a se esconder sob a barra da toalha.

Ah, mulher vil e traiçoeira. Eu me lembro de *Pagliacci*, a que assistimos juntos no inverno. Ele é o amante, ela é colombina e eu, se ainda havia dúvida, o palhaço.

Um pensamento estranho me ocorre. E se eu derrubasse o guardanapo e, me abaixando para pegá-lo, desse uma olhada no que está acontecendo daquele lado da mesa? O que eu descobriria? Sua mão branca acariciando com delicadeza e sem jeito o pau de sabra moreno e totalmente exposto, que se curva para cima a fim de dar mais prazer.

A questão é: o que eles fariam com a sujeira?

A resposta não poderia ser mais simples. Ela usaria o guardanapo de linho engomado com o gigante *P* de Plum bordado em filigrana dourada, que todos nós tiramos do copo assim que nos sentamos.

Estão rindo de novo.

Ou fingindo rir.

Aposto que ela o acaricia ainda com mais vontade enquanto riem.
E é por isso que estão rindo.

E mais uma vez penso no jovem Manfredi da Sicília e no meu Manfred, que sai reluzente do chuveiro toda manhã e que sabe que estou olhando porque é muito bem-dotado.

Enquanto isso, não consigo pensar em nada para dizer a Nadja à minha esquerda. Preferia conversar com Claire, que está na minha diagonal. Ela fica sempre tão quieta nesses jantares, tão cuidadosamente inalcançável, irradiando uma espécie de ambiguidade imaculada e pré-rafaelita que me parece ao mesmo tempo fria e casta. E, olhando para ela, como em muitas outras noites, tento imaginar que tipo de pessoa um beijo apaixonado a revelaria. Será que ela permaneceria mansa, irresoluta ou se tornaria uma selvagem? Quero libertar a fera que existe nela. Quase imagino nós dois nos beijando se eu a parasse no fim do corredor vazio, colocasse a mão em seu rosto e levasse minha boca à dela. Está tentando não erguer o olhar. Mas sei que ela sabe que estou olhando, sabe o que estou pensando. Ela nunca olha para mim.

Em algum momento, Diego se queixa de um filme italiano novo sobre o qual todos estão falando. Não só a atuação era péssima, mas a trama principal também não poderia ser mais confusa. A esposa dele gostou do filme e achou a atuação incrível. Assim como todo mundo em Hollywood, daí o Oscar.

— Mas eu não me convenci — diz ele.

— Você nunca se convence — rebate ela.

Duncan intervém.

— Por que você não se convenceu?

— Por que eu não me convenci? — repete Diego, retoricamente.

— Porque o que um homem quer em uma mulher quando estão apaixonados é paixão, confiança, malícia, sofrimento e um toque de arrependimento antecipado.

— Quanta besteira! *Sois belle! Et sois triste!* — responde ela, citando Baudelaire. — O que os homens realmente querem de uma mulher é rendição.

Diego balança a cabeça com um sorriso conformado e filosófico.

— O que queremos... o que queremos de uma mulher é um sanduíche e alguma indecência.

— O quê? — retruca ela.

— Nada — responde ele.

— Bom, você não vai conseguir nenhum dos dois comigo.

Diego sorri uma última vez e revira os olhos.

— Que surpresa!

Duncan tenta mudar de assunto e começa a falar de outro filme. Mas quando o assunto volta a não dar em nada, fica claro que, por mais que tentemos, a conversa está destinada a permanecer sem rumo, diversão, brio ou espontaneidade. Até Nadja tenta puxar papo comigo. Depois tenta com o israelense, depois com Pamela, depois com o israelense de novo, mas a brasa nunca pega, até que fica claro para todos que a conversa se tornou uma tarefa enfadonha.

Com exceção dos dois pombinhos piando sem parar em seu poleirinho.

Houve um momento em que consegui olhar nos olhos de Claire. Então ela desviou o olhar, ou eu desviei. Não voltou a acontecer.

O tempo todo só penso nos pombinhos, seus toques, suas risadinhas constantes lá do outro lado da mesa de jantar, se comportando como dois adolescentes safadinhos nadando pelados em uma praia isolada do Mediterrâneo de manhã bem cedo enquanto o restante de nós segue se arrastando em uma terra de ninguém cinzenta, silenciosa, sem sol e cheia de pedaços de madeira seca e conchas quebradas. Depois disso, nunca mais vou confiar nela. Ainda que eu estivesse total e completamente enganado, como poderia confiar nela depois do que vomitei em minha mente doentia no dia de hoje? A adulação, a provocação alegre, a mão no pênis, o esperma sendo limpo discretamente de sua mão, que ela vai se esquecer de lavar quando vier para a cama... eles não parecem corados, os dois? São um casal. Nós, não. E aqui estou eu, tentando encontrar alguma coisa para dizer a Nadja enquanto alimento o falatório eterno em minha cabeça.

Após o jantar somos convidados para comer a sobremesa e tomar café e licor no sofá da varanda. Duncan, ainda tentando salvar a noite, aponta para o horizonte.

— Vocês estão acreditando nesse clima de primavera nesta época do ano?! — exclama ele.

— *Springtime* — diz Diego, prestes a começar a cantar.

— Estamos em Nova York — interrompe Tamar. — O inverno pode começar a qualquer momento.

— Eu amo esta vista — comenta Duncan, ainda tentando dissipar a tensão. — Ainda bem que nos mudamos para cá cinco anos atrás.

Eu odiava o Lower East Side. Olha só para isso.

Ele aponta para a ponte.

Todos estão ocupados contemplando a vista deslumbrante do anoitecer e o brilho minguante e azulado que paira sobre os prédios de Manhattan.

— Essa vista sempre me lembra São Petersburgo — conta Duncan.
— Em São Petersburgo eles não dormem em junho. A cidade fica acordada a noite toda, porque ainda está claro.

— Queria que estivéssemos em São Petersburgo esta noite — diz Nadja. — Ouvi falar que eles abrem a ponte do Neva e as pessoas se aglomeram às margens.

— O que é Neva? — pergunta Diego.

— Um rio, por Deus — retruca sua mulher.

Pamela lança um olhar de cumplicidade em minha direção que diz *O momento difícil está especialmente difícil hoje.*

— Pesquise! — vocifera ela.

— Coisas estranhas acontecem nessas noites — comento.

— Coisas estranhas acontecem com outras pessoas, não comigo — responde Nadja.

— Nem comigo — diz Tamar.

Um olhar rápido de Claire me diz que ela também é do time do *nem comigo*. É a única vez que trocamos uma mensagem só entre nós dois. Quero ir até ela e dizer algo engraçado, empolgante e inteligente, mas não consigo pensar em nada. Nós dois estamos apoiados no parapeito olhando para a cidade, a mão dela perto da minha, me tocando. Não afasto a mão, imaginando que ela vai tirar a sua primeiro. Mas não tira. Tenho certeza de que não se deu conta de que estamos nos tocando.

“Com certeza existe uma vida melhor do que essa lá fora”, quero dizer.

Ela me olharia e pensaria que sou louco. Então fico em silêncio.

Duncan admira o horizonte, então, olhando para cima, aponta para a caixa d’água no alto.

— Espero que nenhum de vocês se importe com a caixa d’água. Então trabalhando nela há semanas e sem previsão de terminar.

Vasculho com o olhar o chão da varanda e enxergo um monte de ferramentas e caixas de ferramentas aglomeradas em um canto não muito longe do sofá.

— Estão reformando a caixa d’água. É muito antiga!

— Dizem que Hopper pintou esta caixa d'água lá na casa dele do outro lado do rio — acrescenta Pamela.

Maud tenta dizer alguma coisa sobre Hopper, mas muda de ideia, principalmente porque Mark entra na conversa.

— Hopper morava do outro lado do rio? — pergunta ele, parecendo não acreditar.

— Ned está convencido de que sim. Na verdade, ele nos mostrou fotos.

— Eu não fiquei tão convencido — intervém Duncan.

— Eu fiquei — responde Pamela. — Mas sou a mãe dele.

— Bom, é uma história muito boa — diz Mark virando-se para Maud, como para se desculpar por tê-la interrompido.

— E pensar que estamos sentados em uma varanda que foi pintada por Hopper — reflete Gabi. — Que privilégio imenso.

Duncan não gosta de Hopper.

— Cansei das mesmas casas antigas em Truro, cansei das mesmas caixas d'água, cansei de todas aquelas pessoas abatidas e vazias olhando pelas janelas sujas.

Ele se apoia no parapeito e olha para a cidade iluminada.

— Então, o que é melhor? — comenta, se virando. E finalmente pergunta aos que estão sentados no sofá: — Estar no Brooklyn olhando os arranha-céus de Manhattan ou estar em Manhattan olhando as caixas d'água do Brooklyn?

Era o tipo de declaração feita em parte como gracejo e em parte para destacar o encantamento das luzes brilhando sobre o East River, oferecendo uma vista indisponível em qualquer outro lugar da cidade que não aquela varanda.

— Ah, você parece aquele autor maçante que está sempre escrevendo sobre um lugar desejando estar em outro — compara Claire. — Além disso, não resolvemos a questão ano passado, quando você fez exatamente a mesma pergunta?

Ela está certa, tivemos essa conversa há exatamente um ano e, enquanto observávamos o céu ficar arroxeadado e escuro, a questão sobre onde se está e onde se deseja estar pareceu infrutífera de cara. Nunca a resolvemos. Mas gostei do comentário ousado. É tão incomum Claire se pronunciar assim.

— Eu queria poder encontrar um lugar onde fosse sempre dia — diz Tamar, se referindo a São Petersburgo. — Amo tanto a vida.

— Com esse seu humor? — resmunga Diego quase para si mesmo.

— Sim, com meu humor — refuta ela.

Ele fica em silêncio.

— São Petersburgo é só uma ideia — diz Gabi, provavelmente tentando apartar o confronto. — É produto do sentimentalismo. Para a maioria de nós, é uma cidade que quase não existe, uma cidade feita para os livros. Não acreditamos que ela exista de verdade nem quando estamos lá. Uma cidade onde não é possível distinguir o entardecer do alvorecer e onde a qualquer momento seria possível dar de cara com Gogol ou Stravinsky ou Eisenstein, isso para não falar de Raskolnikov ou o príncipe Míchkin ou a própria Anna. Uma cidade de desejos vagos e não revelados.

E, ao dizer isso, Gabi se levanta contemplando Manhattan; segurando a taça de vinho perto da boca para simular um microfone, começa a cantar os versos de abertura de uma canção sobre a Nevsky Prospekt quando, no frio, os Guardas Vermelhos acendem fogueiras para afastar os lobos e sobre como ainda é possível ver Nijinsky, por quem Diaghilev do Ballets Russes ficou perdidamente apaixonado, perdidamente apaixonado, perdidamente apaixonado.

Eu jamais teria imaginado aquela voz sonora e espontânea no homem que estava conversando com Maud à mesa de jantar. Outra pessoa havia se revelado, com uma voz muito mais jovem e uma alma emotiva mais jovem ainda. Não é de se estranhar que ela goste dele. *Eu* gosto dele. Até Diego gosta dele. Os dois começam a conversar em italiano. Eu me pego querendo me juntar a eles.

Sozinho, debruçado sobre o parapeito, me apoiando nos braços, penso que Manfred está comigo agora — ele e eu, nossos cotovelos se tocando momentos antes de ele virar e colocar o braço sobre meus ombros. *Ah, Manfred.*

* * *

— Você não comeu nada — diz Maud ao se aproximar e se sentar ao meu lado no sofá segurando uma xícara de café.

— Não. Brinquei com a comida, espalhando um pouco no prato para não dar muito na cara. Não estava com fome.

— Por quê? — pergunta ela.

— Não estou no melhor dos humores, acho.

Percebo que estou prestes a botar para fora o que tem me chateado desde a hora do almoço.

Eu queria café? Um biscoito? Meio biscoito, talvez?

Ela já sabe que estou chateado, daí a tentativa de me paparicar.

Gabi vem até nós com o celular na mão, acabou de ler uma mensagem. Está prestes a acender um cigarro.

— Ah, eu adoraria um — fala Maud.

Ele tira mais um cigarro da fina carteira de couro de jacaré e coloca os dois entre os lábios. Acende ambos e passa um para ela.

— Vi isso em um filme e sempre quis fazer — confessa ele.

Nunca me foi dada uma prova ocular como essa de que eles pertencem um ao outro. Ele me oferece um cigarro também, mas digo que parei.

— Um não vai fazer mal — responde ele, brincalhão como sempre.

— Vai, sim — interrompe Maud, correndo para me socorrer.

Voltamos a ser um time. Nós três ficamos sentados lado a lado no sofá em formato de ferradura olhando para o rio, Maud entre nós dois e os outros convidados sentados uns de um lado, outros do outro. Estamos curtindo a brisa fresca noturna que vem do mar. Sempre amei o jeito como Maud levanta a cabeça, ergue o queixo e solta a primeira baforada de fumaça. Tudo parece acolhedor e confortável aqui. Gabi faz uma piada sobre o casal que tem problemas com a babá: o marido dócil, mas que exala uma fúria submissa, a mulher que diz amar tanto a vida.

— A mãe de toda fraude — diz Maud. — Ele não é mais dócil do que ela ama a vida.

— Chamamos eles de momento difícil — comento.

— E o que você diz da bolsa dela? — pergunta ela. — É uma pasta para andar de trem.

Gabi ri alto. Maud chama a atenção dele, mas fica claro que está gostando da gozação com a bolsa e com a dona da bolsa.

— Ela deve estar levando lenços, babadores e chupetas para o caso de a babá ligar.

— Ou um rolo de macarrão para bater no pai cada vez que ele abre a boca para pedir um sanduíche!

Rimos, e rimos mais.

— Quanto tempo você dá para eles? — pergunta Gabi, aparentemente indo direto ao assunto.

— Alguns meses — respondo.

— Talvez, mas ele a ama — diz Maud, saindo em defesa do marido.

— Talvez ele a ame, mas ela claramente não o ama — replico.

Um instante de silêncio.

— Na verdade, acho que é o contrário — sugere Gabi. — Ela tem raiva porque ele não a ama, porque ainda o ama, mas está decepcionada com as carícias desatentas e com o mínimo de carinho que recebe.

— Como você sabe? — pergunta Maud.

— Eu sei.

Ele pensa, não diz nada, dá mais uma tragada.

— Como vocês dois se conheceram? — indaga Gabi.

— Jogando tênis. Foi bem repentino — respondo.

— Então vocês estão apaixonados — diz Gabi, virando-se para mim e depois para Maud.

Não é uma pergunta, mas é como se fosse.

— Por que a pergunta? — questiona Maud.

Ele dá de ombros.

— Por nada.

Gabi deve ter bebido mais do que eu pensava. Mas estou começando a gostar de sua inteligência espinhosa, suas espetadas, seu humor malicioso. Lembranças das festas da faculdade vêm à minha mente, nós três jogados em um sofá velho e gasto em uma fraternidade observando o ir e vir das pessoas, tirando sarro de cada uma delas, provavelmente porque nós três estamos nervosos e bêbados.

Mas então um pensamento me assombra. Se é uma festa de fraternidade, então somos todos apenas bons amigos: ela não é minha namorada ainda, é namorada dele, sou aquele que vem junto porque quero todos e tudo que ele ama. Eles são o casal. Não nós.

Outro pensamento me assusta ainda mais: em que momento desta noite um de nós desaparece discretamente? Por Deus, como a noite vai acabar?

Alimento uma visão de nós dois no táxi voltando para casa, ambos desconfortáveis, cansados, sem energia e quietos.

Quer conversar?

Ela me olha com aquele olhar que tudo sabe: *Não, na verdade não.*

Por que não?

Não há nada para conversar.

Desvio o olhar, faço que sim e não digo nada.

Mas ela estende o braço e segura minha mão.

Ei...

Sim?

Obrigada.

Espero alguns segundos.

De nada.

Mas não me sinto muito gentil. Estou com raiva. E não sei mais por quê. Parte de mim sente que todo esse entusiasmo poderia passar no instante em que eu enxergasse um pequeno sinal de segurança da parte dela, mas também sei que, uma vez incubada, a raiva não vai embora a não ser que exploda. Não desgosto dessa ânsia repentina de ser cruel com ela; nem quero que alivie, porque me dá força e clareza, assim como a raiva, o ódio, o rancor e a ira tornam os soldados de Homero mais corajosos e cruéis. Gosto desse surto, como se parte de mim já desejasse dar um soco em uma porta para mostrar a ela o gostinho, porque a raiva toma meus pulmões e me faz querer estufar o peito e ser homem, do jeito que fui homem quando finalmente falei para Manfred sair do caminho porque eu queria devolver o *lob* estratégico de Harlan com uma raquetada alta e perfeitamente direcionada, que na verdade foi meu momento de maior orgulho nessa tarde, nesse dia, nesse mês, nesse ano, principalmente depois que Manfred colocou as mãos nos quadris e, balançando a cabeça em sinal de aprovação, disse:

— Uau!

Aquele *uau* espontâneo de admiração, proferido de modo tão cavalheiresco por sua voz alemã suave e melodiosa, me encheu de tanta alegria que momentos depois de ouvi-lo eu disse:

— Te pago uma cerveja.

Passei a gostar de Gabi e queria que ele também gostasse de mim. Se ele estender o braço no encosto do assento dela, não me importo se me alcançar também. E, como se tivesse ouvido meu pensamento, ou talvez porque eu posso ter me aproximado sem nem perceber, seu braço cai em meu ombro, e sua mão massageia meu pescoço em movimentos leves e distraídos que no início poderiam facilmente ser confundidos com a borda de couro do sofá. É como se ele quisesse aliviar todas as minhas preocupações sobre Maud e, ao mesmo

tempo, incitar alguma outra coisa em mim, e não sei dizer o que é, e gosto de não saber, e não quero que ele pare, e inclino a cabeça para a frente de modo a deixar que ele massageie meu pescoço mais intensamente e que sua mão fique ali pelo tempo que desejar e desfaça todos os nós, enquanto fecho os olhos para apreciar a massagem relaxante, que eu sei que ele sabe que pode não ser só uma massagem, embora talvez não passe mesmo de uma massagem. Sem olhar, sei que ela adivinhou.

Depois do café são servidos *schnapps* de vários países em copinhos de grapa, que os Plum compraram em Castellina no verão passado.

— Fizemos mandarem vinte e quatro, não sei o que estávamos pensando — explica Pamela.

Sem pensar, nós três experimentamos um licor depois do outro. Gabi, eu devia saber, é um apreciador e fica examinando os rótulos das garrafas para encontrar sua *eau-de-vie* preferida, mas não consegue.

— De um jeito ou de outro, vou acabar me arrependendo disso amanhã — diz Maud.

— Eu também — concorda Gabi.

— Todos nós — acrescento.

Um sorriso de Maud quase diz *Troca o disco!*

Nadja, que leva uma cadeira para perto de Gabi, pergunta se pode experimentar um dos dele, uma vez que há pelo menos quatro copinhos espalhados à sua frente na mesinha. Ela nunca bebeu *schnapps*, diz, o que é? Ele explica, ela ouve, então faz mais perguntas, até que ele pega um copinho de Poire Williams e sugere que ela experimente. Ela segura o copo com dedos hesitantes e dá um gole desconfiado.

— Nada mau, não é? — pergunta ele como se estivesse falando com uma criança.

— Muito bom, na verdade. Posso terminar?

— Por favor.

Então, levantando, ele se aproxima de mim e de Maud.

— Precisamos ir — falou.

Ela tentou conversar com ele a noite toda e claramente está partindo para o ataque. Ele ri, Maud também.

— Se ela soubesse — sussurra ele.

Maud ri. Vejo que Nadja percebeu, embora esteja ansiosa para compartilhar da risada. Pergunto se ela gostaria de experimentar

minha grapa. Ela empurra o copo, dizendo que também não quer se arrepender no dia seguinte, e ri, possivelmente pensando que a ressaca fora o motivo pelo qual Gabi e Maud riram.

— Nós precisamos mesmo ir — diz Maud, como quem pede desculpas.

Como despedida, ela se demora ao contemplar pela última vez a vista da varanda, assim como Gabi, e eu também.

— A vista — repetimos no elevador. — A vista.

Do lado de fora do prédio dos Plum, o ar ainda está úmido e eu já começo a sentir falta da varanda com vista cara e a brisa fresca começando a soprar. Parte de mim deseja que não tivéssemos saído tão cedo. Estava gostando do sofá, da varanda à luz de velas, das bebidas várias e da companhia, até da conversa que morria à mesa do jantar, quando tudo o que você precisava fazer se as coisas empacassem era olhar para o horizonte e apreciar os comentários ocasionais de Pamela ou observar o casal que estava passando por um momento difícil discutir por isso ou aquilo. Até a última tentativa de Nadja de se abrir com Gabi não foi tão ruim. Talvez não devêssemos ter ido embora. Só então percebo que não me despedi de Claire. Houve um momento em que, ao deixar a mesa, acabamos ficando perto um do outro observando o horizonte. Nós queríamos dizer alguma coisa, mas nenhum dos dois encontrou as palavras, então não dissemos nada, Claire e eu. Poderia ter sido nosso momento. Tudo o que ela disse depois de um tempo foi:

— Acho que Maud está chamando você.

Começou a garoar. Meu primeiro pensamento é que talvez eu precise ligar para Manfred e cancelar o tênis. Pensando bem, se ele for como eu, vai aparecer de qualquer forma e vamos tomar um café e comer alguma coisa sob a cobertura das quadras. Adoro imaginar o café da manhã com alguns dos atletas de sempre, felizes em passar um tempo juntos enquanto chove no parque.

Se ele for como eu, vai saber que vou aparecer mesmo na chuva. Mas é uma chuva boa. Não vem em torrentes ou lâminas que caem com tanta força que chicoteiam as avenidas como veleiros se debatendo durante uma tempestade. Esta noite a chuva parece tão tímida e silenciosa que tentar afastá-la com uma das mãos pode interrompê-la. Falta-lhe convicção, ela perdeu o vigor. *Não se preocupe em pegar um guarda-chuva, parece dizer. Já estou quase parando mesmo, não estou muito animada esta noite.*

Íamos nos despedir na esquina, mas Gabi nos acompanha até o cruzamento onde é mais provável que consigamos um táxi. Ele está indo para o hotel no Financial District, nós estamos indo para o norte da cidade. A disputa de sempre sobre quem fica com o primeiro táxi. Nós insistimos.

— Dois contra um, Gabi — diz Maud.

Então ele cede e, ao abrir a porta, beija Maud no rosto, me abraça ao estilo italiano e faz um gesto de telefone que significa ou um aviso de que não devemos nos esquecer de ligar para ele ou uma promessa de que ele vai ligar em breve.

— Como de costume, bebi demais — diz ele, quase se desculpando.

Minutos depois, outro táxi para bruscamente. Entramos e seguimos em direção ao norte da cidade. Como a corrida é longa, decidimos colocar o cinto de segurança, o que nos deixa a mais de meio metro de distância. Estou ansioso para ver a Brooklyn Bridge, principalmente na chuva. Mas a ponte também incita uma sensação desagradável, porque sempre me assustou e não gosto de atravessá-la a pé. Algo está me devorando por dentro, mas não sei o que é. Fico pensando no velho vendedor grego, em câncer, em Gabi, no Renzo & Lucia's, em Manfred e nas quadras de tênis do Central Park quando chove domingo de manhã e o mundo parece aconchegante e feliz, mas tudo vem em um só fôlego e se agita com a grande quantidade de álcool. Observo a chuva cair muito levemente na rua vazia, e ainda não sei o que está me incomodando. Pensando na alusão que Gabi fez às muitas vidas e identidades, sinto que sou apenas mais uma Sicília — confuso e solitário.

Não estou muito animado esta noite, Maud. Não estou muito animado.

Nenhum de nós diz nada.

Ela toca a manga da minha camisa.

— Gosto dessas abotoaduras. Ainda bem que comprei — diz ela.

— Também gosto.

— Estava ficando cansada das douradas que você usa.

— Eu também. Então, o que achou dele?

Nós dois sabemos quem *ele* é.

— Não sei. Um cara adorável. É muito inteligente e charmoso, mas não acho que vamos conseguir dar o que ele quer. Certamente não este ano.

— Há quanto tempo você o conhece?

— Duas semanas. Ele está escrevendo uma matéria complicada, mas muito do que quer é confidencial e eu sei que ele não vai ficar satisfeito com o pouco que podemos divulgar antes dos testes e da aprovação do Departamento de Saúde e Serviços Humanos.

— E aí?

— Estou mais interessada no que ele tem a dizer sobre a Sicília do que no que ele sabe de pesquisas sobre câncer.

— Vocês vão se encontrar de novo?

— Acho que não. Passei três horas com ele hoje. É suficiente. Pamela pediu que eu o encontrasse, e foi o que fiz.

Maud quer dispensá-lo. Porque tem medo dele. Tem medo porque está atraída. Síndrome clássica.

— Mas vocês dois estavam se divertindo esta noite.

— Ah, ele é uma graça. Mas bebe... você precisava ter visto no almoço.

Eu o vi no almoço!

Maud parece muito indiferente e imprecisa, demonstrando um leve ar de cansaço, que é como evita assuntos que não quer debater. O cansaço é sempre um bom disfarce para ela, como a histeria para Tamar. Ela está se esquivando, porque sabe que estou cutucando.

Mas, jogada no banco, Maud parece mesmo cansada. A aparência ousada e perigosa de quando ela usa batom escuro desapareceu de seu rosto.

— Mas as abotoaduras são lindas — diz ao estender a mão e segurar a minha.

— Usei o dia todo.

— Fico feliz que você tenha gostado. Não tinha certeza de que ia gostar, comprei por impulso — acrescenta.

E de repente percebo que, se existe um bom momento, talvez seja este. Poderíamos encobrir tudo, mas me comportei esse tempo todo e preciso tocar no assunto, mesmo que isso abra as comportas. Do contrário, não vou dormir esta noite. Ainda estou olhando para ela; parece tão diferente da mulher que vi no restaurante à tarde. Essa é a pessoa que eu incito quando ela está sozinha comigo, apática e cansada? Será que faço bem para ela? Será que sou suficiente?

— Mas você gosta dele?

— Gosto.

Absorvo a resposta, reflito, não digo nada de início.

— Por um instante achei que havia alguma coisa.

— Entre nós dois, você quer dizer?

— Ah, não sei, talvez.

— Seria engraçado. Nunca passou pela minha cabeça, e posso garantir que também não passou pela dele.

— Por que engraçado?

— Por quê? Eu poderia pensar em uma centena de motivos.

— Diga um.

— Quer dizer que você não percebeu?

Olho para ela. E ela olha para mim. Estou perplexo, mas finalmente vejo o que estava começando a perceber, ou já tinha percebido embora ainda relute em demonstrar. Talvez parte de mim não quisesse que todas as minhas dúvidas sobre os dois fossem dissipadas às pressas, mas outra parte não quer que ela veja que intuí de cara o que ela mal teve tempo de sugerir.

— Ah, tá — digo, fingindo uma surpresa indiferente para minimizar a revelação.

— Ah, tá! — repete ela, quase me imitando. — Sério?

Um momento de silêncio.

— Por um instante achei que vocês dois tinham alguma coisa.

— Por fa-vor! Então foi por isso que você encarnou o Sr. Mal-Humorado a noite toda?

— Eu encarnei o Sr. Mal-Humorado?

— E como!

Ela imita a expressão que eu faço quando estou de cara feia. Nós dois rimos.

— Por que acha que ele perguntou se estamos apaixonados? — indaga Maud.

— Por quê? Porque bebeu demais? Porque estava interessado em você?

— Não, querido. Em você.

Tento parecer perplexo. Mas sei que ela percebe.

— Então, alguma novidade? — pergunto.

— Nenhuma, acho.

E de repente sei que estou dizendo alguma coisa, não só sobre Gabi, ou sobre os homens, mas sobre mim. No entanto, digo olhando para a chuva que cai tão mansa e dócil na rua que leva à rampa que leva à ponte que leva Deus sabe para onde estou indo com essa história, embora para algum lugar eu esteja indo. E finalmente

ali está a ponte, cobrindo o porto sob a sombra dos embarcadouros, a ponte boa, firme e leal que entende e perdoa e sempre soube, como eu sempre soube, que o que eu realmente desejo esta noite não é estar deste lado do rio ou à outra margem, mas no espaço e no trânsito entre eles; como depois de falar das Noites Brancas da Rússia não foi sobre o cair da noite ou o nascer do dia que Gabi cantou, mas sobre o momento fugaz entre o anoitecer e o amanhecer que todos desejávamos em nossa varanda naquela noite incerta que não era inverno ou verão nem apenas primavera.

Em breve, subiremos a Franklin D. Roosevelt. Cruzaremos a 59th Street e subiremos a Central Park West, passando pelo local onde o vendedor grego estaciona o carrinho de cachorro-quente todos os dias, e depois o Langham, o Kenilworth, o Beresford, o Bolivar e, mais adiante, o St. Urban e o Eldorado, então a entrada do Bridle Path e das quadras de tênis onde Manfred ficou boquiaberto ao meu lado esta tarde quando lancei meu tiro de canhão e tudo o que pensei na hora foi quero viajar com você para a ilha onde o limão cresce e espremer a casca em você até sentir a fruta em sua respiração, em seu corpo, no desejo da sua pele.

— Você ficou mexido? — pergunta ela.

Não quero mentir.

— Por um instante.

— *Por um instante* — repete ela, uma ironia gentil cadenciando sua voz, como se percebesse que, apesar do tom, o que acabei de dizer não foi dito casualmente.

Volto a olhar pela janela.

— Faz quanto tempo?

Estou pensando em Manfred agora, não em Gabi, mas não importa.

— Um tempinho — respondo. — Faz quanto tempo que você sabe? — pergunto.

— Um tempinho.

Percebo por sua voz que ela está sorrindo. Não pergunto como, ou quando, ou por que durante todos esses meses não falamos sobre isso. Mas me sinto como se ela é que tivesse entrado no restaurante hoje e testemunhado pela primeira vez o que provavelmente sempre soube, mas, como os britânicos durante a guerra, tinha certeza de que era melhor não trazer à tona.

— E todo esse tempo pensei que era Claire — comenta ela.

Balanço a cabeça, querendo dizer que ela não poderia estar mais enganada.

O silêncio se instala entre nós. Parecemos entender por quê. Por fim, pronuncio um monótono, porém grato:

— Obrigado.

Quando viro para Maud, ela só diz:

— De nada.

Não precisamos dizer mais nada, mas sei que neste momento, no táxi, de nós dois, fui eu, não ela, que atravessou para o outro lado.

— Vou perder você? — pergunta ela, então faz uma pausa, como quem se pergunta se eu não estou mais prestando atenção. — Porque não quero perder você.

Não digo nada. Mas não sei se o que estou prestes a dizer é a verdade.

Manfred

Não sei nada sobre você. Não sei seu nome, quem você é, onde mora, o que faz. Mas o vejo nu toda manhã. Vejo seu pau, suas bolas, sua bunda, tudo. Sei como você escova os dentes, conheço o modo como suas escápulas se flexionam para dentro e para fora quando você faz a barba, sei que você toma uma ducha rápida depois de se barbear e que sua pele brilha quando você sai, sei exatamente como vai enrolar a toalha na cintura e, naquele curto instante pelo qual anseio todas as manhãs nas quadras de tênis, sei que vai deixar a toalha cair no banco e ficar nu depois de se secar. Mesmo quando não estou olhando, adoro saber que você está nu bem ao meu lado, adoro pensar que você quer que eu saiba que está nu, que não haveria como não saber que eu anseio por seu corpo nu e que toda noite me embalo para dormir pensando que estou em seus braços e você, nos meus. Sei qual sabonete você usa e quanto tempo leva para pentear o cabelo quando ainda está molhado, como espalha creme nos cotovelos, nos joelhos, nas pernas e entre cada um dos dedos delicados, sempre generoso, mas nunca desperdiçando o creme que guarda no armário. Adoro observar você se inspecionar no espelho parecendo aprovar a forma de seus braços, seus ombros, seu peito, seu pescoço. Às vezes você fica nu no mictório ao meu lado, sem saber que estou me esforçando ao máximo para não olhar. Nunca olho, não quero olhar, não quero ser pego olhando, não quero nem mesmo que você saiba que estou me esforçando para não olhar, embora possa ouvir seu fluxo e, por um breve instante, se eu tivesse coragem, sou tentado a colocar meu pé descalço em seu caminho para conhecer o calor de seu corpo.

Você, é claro, nunca olha. Acontece o mesmo na arquibancada, quando se senta e começa a comer a porção da manhã, meia barra de proteína. Também não olha quando está alongando as pernas no corrimão antes de jogar. Jamais me aproximo enquanto você se alonga; espero ou encontro outro lugar para me alongar. Mas você vem bem ao meu lado, coloca uma perna na barra, alonga uma panturrilha, depois a outra; nem pensa duas vezes. Evito me

aproximar de você porque quero me aproximar. Você poderia quase tocar meu pé como fez uma vez e nem notar.

Às vezes, de manhã, depois de jogarmos durante uma hora e você ter tirado a camiseta antes de tomar banho, adoro ver o suor descer por sua coluna reluzente. Minha boca quer percorrer todo o seu corpo. Quero sentir seu gosto, quero conhecê-lo com a boca.

Você não sabe nada sobre mim. Você me vê. Mas não me enxerga. Todos me veem. Mas ninguém tem a menor ideia da tempestade que se forma dentro de mim. É meu pequeno inferno secreto e privado. Vivo com ele, durmo com ele. Adoro que ninguém saiba. Queria que você soubesse. Às vezes temo que saiba.

Para o restante do mundo, eu talvez seja a pessoa mais animada a deixar as quadras de tênis pela manhã. Caminho até a estação de metrô da 96th Street, às vezes encontro um vizinho, brinco com o vizinho, espero que você esteja logo atrás, o que sempre me deixa animado, mesmo quando sei que você não está. Parte de mim quer que você me veja feliz, quer que você tenha inveja do que poderia me fazer tão feliz. Carrego essa suposta felicidade ao longo de todo o caminho até o trabalho, e lá cumprimento a todos com um sorriso tão expansivo que beira uma gargalhada. Não sei dizer se é felicidade real ou inventada, mas se derrama sobre cada aspecto da minha vida. Aonde quer que eu vá finjo alegria e, por algum milagre estranho, essa alegria fingida me ilumina e ilumina também aqueles cuja vida toco. As pessoas me olham e eu sei o que pensam: *Ele tem vida*. Flerto com todos, mas na verdade é com você que estou flertando.

Ninguém sabe por que pareço tão feliz, nem imaginaria que a pessoa jovial, tão animada para viver o dia e cuja vida parece tão em ordem pode ser um alienígena disfarçado caminhando entre os terráqueos. Pareço feliz mesmo quando estou sozinho e não teria como estar feliz. E, no entanto, querer você me faz feliz. No banheiro do trabalho me pego assobiando. No bufê de saladas outro dia, eu estava impaciente e comecei a cantarolar.

— Você está feliz hoje — disse a moça do caixa, o que acabou deixando-a feliz também.

O trabalho me deixa feliz. Tudo o que preciso fazer às vezes é sorrir, e meu coração pega no tranco. Em reuniões longas e cansativas, sou eu quem anima a todos com os comentários mais bobos. Sr. Tagarela-Animado ao resgate!

Demorei um tempo para suspeitar que a felicidade que sinto não é fingida. Um simples olhar seu ou um cumprimento apressado é capaz de causar uma onda de felicidade que dura um dia inteiro. Mesmo que eu nunca possa tocá-lo, olhar para você, por si só, já me faz feliz. Querer você me faz feliz. Pensar que eu poderia roubar uma fração de segundo para colocar o rosto na umidade do seu peito quando você acaba de sair do banho me dá mais propósito e traz mais alegria do que qualquer outra coisa que quis ou fiz nos últimos tempos. Penso em sua pele o dia todo, o tempo todo.

Às vezes o trabalho atrapalha. O trabalho me mantém ocupado. O trabalho é minha tela. Minha vida toda é uma tela. Eu sou uma tela. Meu eu verdadeiro não tem rosto, nem voz, não está sempre comigo. Como o trovão depois do relâmpago, meu eu verdadeiro poderia estar a muitos e muitos quilômetros de distância. Às vezes, não há trovão. Só relâmpago e silêncio. Quando vejo você, há relâmpago e silêncio.

Quero contar às pessoas. Mas não tenho a quem contar. A única pessoa em quem consigo pensar é meu pai, e ele não está mais vivo. Você teria gostado dele. E ele teria gostado de você.

Estou envolto em silêncio, como um mendigo coberto por um saco de juta, enfiado em um porão. Eu sou um porão. Minha paixão se alimenta de tudo exceto o ar, então fica coalhada como leite velho que nunca estraga de verdade. Só fica ali. E, se faz com que o coração desperdice uma batida por dia, ainda assim, qualquer coisa que toque o coração faz bem para a saúde, é como um sentimento, se torna um sentimento. Quando não falo com você, espero que você fale, o que você nunca faz, porque eu nunca faço, porque paramos de nos falar antes mesmo de começar.

Você não conversa com ninguém nas quadras. Uma vez ouvi por acaso um homem mais velho pedir para jogar tênis com você. Foi preciso coragem para perguntar, pois você é um jogador excelente. Tive inveja da coragem dele. Assim que ele perguntou você sorriu e respondeu:

— Eu adoraria.

Tive inveja da resposta que ele recebeu. Demorei um mês para perceber que *Eu adoraria* era só uma enrolação educada, que queria dizer *Nunca*.

Você é sempre tão quieto. Quando tira um descanso de dois minutos depois de se alongar e antes de jogar, fica em pé olhando

para as árvores com um olhar vazio e quase aflito que o leva para longe. Você parece triste e pálido. *Você não está feliz?*, quero perguntar. *Você ao menos gosta de tênis?*

E, no entanto, você deve ser feliz. Não precisa de ninguém. É como uma cidadela murada, orgulhosa de sua muralha e de suas flâmulas coloridas agitadas pelo vento do verão. Toda manhã vejo você caminhar até sua quadra, vejo você jogar e vejo você ir embora uma hora e meia depois. Sempre igual, nunca melancólico, só quieto. De vez em quando você diz “Com licença” quando calho de estar em seu caminho e “Obrigado” quando sua bolinha cai na minha quadra e eu a devolvo. Com essas poucas palavras, encontro consolo em falsas esperanças e esperança em falsos começos. Alimento qualquer coisa só para ter alguma coisa. Até mesmo pensar que nada pode vir do nada me fornece apoio, algo em que pensar quando acordo no meio da noite e não vejo nada, nem o apagão em minha vida, nem a tela, nem o porão, nem mesmo esperança e falso consolo — só a alegria do seu membro imaginado tocando o meu. Prefiro a ilusão do jejum eterno à certeza da fome. Tenho, penso, o que chamam de coração partido.

Às vezes quero virar a cabeça para a parede do quarto e contar-lhe coisas. Mas que serventia teria falar no escuro? Eu deveria desistir, mas não consigo. Sou como alguém que nunca saltou do trem, mesmo que já tenha passado da última parada.

* * *

Nas noites de sexta-feira, quando saio do escritório e sou pego de surpresa pela torrente de luzes — carros, ônibus, o clamor e o frenesi das bicicletas e dos entregadores passando cada vez mais perto ao avançar um sinal vermelho depois do outro, e todas aquelas pessoas fazendo coisas, indo a lugares —, basta apenas um sopro do ar fresco da noite e tudo volta: estou desperdiçando minha vida, estou tão sozinho. Uma onda de ternura preenche meu coração. Mas não me engano. Ternura é amor simulado, amor fácil, a face muda e civilizada do amor.

Às vezes, nessas noites, adio a ida para casa. Por que ir para casa? Para encontrar o quê? Prefiro permanecer na calçada e inventar motivos para caminhar até o próximo ponto de ônibus, e ao seguinte

depois dele. Ou entro nessa ou naquela loja e esqueço o trabalho, esqueço todo mundo e me permito afundar ainda mais, porque quero sofrer, quero padecer, quero sentir alguma coisa, ainda que eu saiba que pensar em você nunca dura muito tempo e que, tomada pelos aromas e pela publicidade de uma grande loja, minha mente vai vagar em direção a outras coisas, outros rostos e na multidão vou perder você e esquecer seu rosto.

Em uma noite como essa na Barneys, encontrei Claire.

— Estou pensando em comprar uma gravata e não consigo escolher entre essas duas.

Ela também estava comprando uma gravata.

— Quem é o sortudo? — perguntei.

Ela deu um sorriso meio sincero, meio reprovador, talvez querendo dizer *Você sempre tem que fazer uma piada?*

— Só meu pai — respondeu ela.

Já tinha escolhido uma gravata e estava andando pela loja para se assegurar de que não queria comprar mais nada.

— E você?

— Não consigo decidir — falei, segurando uma gravata em cada mão e de repente imitando o movimento de uma balança.

— Não é mesmo a sua cara hesitar? — perguntou ela, ainda entretida, mas também me repreendendo.

Não respondi. Perguntei o que ela ia fazer depois de comprar a gravata.

— Nada.

Será que ela queria tomar uma taça de vinho comigo na 63rd Street?

Ela hesitou.

— É sexta-feira à noite, Claire.

— Eu prometi... — começou ela, mas acabou cedendo. — Tudo bem. Uma taça.

Compramos as gravatas.

— Venha. Vou contar tudo sobre meu romance obsessivo com gravatas e como eu as cortejo, amo e sou eternamente fiel a cada uma delas.

Mas tudo o que eu queria era falar sobre você. Ela riu. Ela me aceita. Mas sei que não aprova. Nunca contei que queria comprar uma gravata para você também. Então me acovardei e não comprei. Mas uma hora depois estou sozinho de novo. Sei como a noite vai

acabar. Se ao menos eu pudesse sonhar com você. Às vezes sonho. Mas não com tanta frequência. Sonhos são como treinos e ensaios: eles nos dizem o que vamos fazer, quando perguntar, como tocaremos quando a hora chegar, se chegar. De manhã, nu em frente ao espelho, gosto de pensar que você está atrás de mim. Então se aproxima e fica encostado em mim, também nu, seu queixo repousando em meu ombro, perto da minha clavícula, seu rosto colado no meu, seus braços em volta de mim. Sorrio e você sorri de volta. Somos bons juntos. Tivemos uma noite boa. Quero ouvir você dizer que gostou do que fizemos. *Gostou mesmo?*, pergunto mais uma vez, como se precisasse ouvir de novo, porque não acredito em mim mesmo até ouvir você dizer. Você morde o lábio e faz que sim com a cabeça quatro ou cinco vezes.

Conheço esse gesto. Vi muitas vezes nas quadras de tênis. É seu jeito silencioso de garantir o ponto, de acompanhar a bolinha e vê-la cair exatamente onde mirou. Você nunca flexiona o braço quando faz um ponto, nunca diz nada, nem mesmo sorri quando lança um perfeito *backhand* na paralela. Só assente várias vezes. Às vezes morde o lábio inferior. Isso diz tudo. É o que você faz quando se olha no espelho do vestiário e se admira, principalmente os ombros, que sabe que são perfeitos. Às vezes até vira de lado para ver as escápulas e as alonga uma ou duas vezes, então acena com a cabeça. Você aprova. É o que acontece quando mente, desejo, corpo, planeta e tempo estão em perfeito alinhamento. Provavelmente era o que você fazia — a coisa do aceno com a cabeça — quando criança ao lançar uma pedra achatada e a via quicar na água, três, quatro, cinco, seis, sete vezes. Ou ao receber uma ótima nota quando o professor devolvia a prova semanal de ciências na segunda-feira. O aceno de novo. Confirmava que algo em que se esforçou muito finalmente resultou em prazer. Às vezes, embora raramente, quando acerta uma bola com força, você geme. Amo ouvir seu gemido abafado. Imagino que é como você geme quando goza. Gosto de pensar em você gozando. Traz você de volta à Terra, faz de você humano, concede um som a esforços que do contrário poderiam passar despercebidos. Quero ver seu rosto quando você goza.

Olho minha imagem no espelho enquanto fazemos a barba quase ombro a ombro no vestiário e imagino que você está assentindo para mim. Imagino como seria ser você, olhar no espelho sempre que vejo meu reflexo e simplesmente acenar com a cabeça duas ou três vezes.

Ter sua pele, seus lábios, as palmas das suas mãos, seu pau, suas bolas.

Tudo em você é perfeito, perfeição determinada, deliberada. Tudo a seu tempo, da primeira metade da barrinha de proteína antes de alongar as pernas à segunda metade da barrinha ao deixar o vestiário a caminho da estação de metrô. Pontualidade em todas as coisas. E é por isso que nunca nem pedi que você jogasse algumas partidas comigo. Minhas raquetadas irregulares e desiguais o irritariam.

Você chega às 6h45 e vai embora por volta de 8h20. Às oito e meia está na estação da 96th Street, segurando o jornal do dia na mão direita. Pega o trem rumo ao centro da cidade até a 34th Street e depois faz a baldeação em direção ao Queens. Eu sei, porque segui você uma vez. Duas, na verdade. Todo fim de semana tenho certeza de que você corta o cabelo, porque está sempre mais curto no início da semana seguinte. Indo ou voltando do barbeiro, aposto que busca na lavanderia as camisas que levou no sábado anterior e deixa a roupa da semana. Sei que manda lavar suas camisas na lavanderia porque de manhã você sempre arranca a etiqueta grampeada junto ao último botão. Tenho quase certeza de que passa suas calças antes de ir para a cama toda noite ou de manhã cedinho antes de jogar tênis. Imagino-o largando o ferro de vez em quando para pegar uma colherada da tigela de cereal rico em proteína. Você nunca apressa nada; tudo tem seu tempo, até o modo como guarda as roupas no armário do vestiário. Dobra o cachecol, pendura o paletó e as calças no cabide que deixa no armário e, por fim, dobra o jornal e o deixa em pé para que ele não amasse ou manche as roupas. Tudo é minuciosamente planejado e premeditado. Quando penso no tipo de trabalho que você faz, tenho quase certeza de que é estatístico, contador ou um funcionário metucioso que prefere não atender clientes.

Pessoas como você moram sozinhas, gostam de morar sozinhas. Meu Deus, você deve ser maçante.

Provavelmente você não era diferente quando criança — o tipo de colega que todos admiram e invejam, mas no fundo odeiam. Eu o vejo saindo da escola, se despedindo respeitosamente da professora e indo para casa no início de toda tarde. Você parece feliz. Não se importa de caminhar sozinho. Não demora nem apressa o passo quando pensa no que o aguarda na cozinha. Ao contrário de outros da sua idade, ainda usa bermuda e não liga para o que as pessoas

dizem. A caminho de casa, já planeja como vai fazer a lição, sabendo que se terminar a tempo talvez consiga assistir a seu programa preferido e, mais tarde, depois do jantar, voltar ao livro que está lendo. Imagino que tem dois irmãos; você é o mais novo. Seu irmão mais próximo já está na faculdade, longe de casa. Você sente saudade dele às vezes, principalmente porque gosta de sair com ele nas tardes de domingo para pescar, os dois observando as garças na grama quente enquanto ele fala sobre coisas das quais você não sabe nada e você escuta. Seus pais não deixam que você ande de barco quando ele não está; você os escuta também, você sempre escuta.

Não há desordem em sua vida, nenhuma preocupação antes de provas, nenhuma ameaça de ter sua mesada suspensa, você sempre sabe o que fazer, o que esperar, o que evitar — hera venenosa, carrapatos, espinheiros e os garotos marrentos que ficam por perto mas não trazem problemas se você se desviar a tempo. Você raramente é pego de surpresa e sempre organiza seu tempo. Você ainda não chama isso de organizar tempo, mas ouvi você usar essa expressão uma vez quando outro jogador perguntou sobre seu trabalho e, quando você respondeu e ele perguntou como consegue dividir seu tempo entre dar aulas no colégio durante o dia e na educação especial à noite, você sorriu e disse:

— Acho que organizo meu tempo.

Você provavelmente nunca se atrasou para a aula, nunca atrasou a entrega de um trabalho, não demorou a chegar à puberdade. Pontual em todas as coisas. E, sim, incessantemente maçante.

* * *

Depois de mais de dois anos, ainda não sei nada sobre você. Não sei nem dizer sua idade. Às vezes posso jurar que não poderia ter mais do que vinte e cinco. Mas os leves indícios de calvície me confundem e desmentem o rosto de garoto e o peito firme e branco-mármore cujos vasos sanguíneos são tão visíveis quanto os do rosto de uma criança. Eu teria aceitado trinta e poucos, mas sua voz é muito aguda, por isso caio de novo nos vinte e tantos anos. Um dia desses, vasculhando uma caixa de fotografias antigas, acabei achando uma foto minha na praia aos doze anos. Fazia tempos que eu não via essa foto, mas ela emana um sentido completamente diferente agora,

porque tudo o que eu quero é mostrá-la a você, trazê-lo para a minha vida e deixar que você veja que o homem que sou hoje e o garoto que fui um dia são a mesma pessoa. Com você quero voltar ao início para recomeçar a história da minha vida. Eu me lembro exatamente de quando essa foto foi tirada. Era fim da manhã. Dois irmãos que estavam indo nadar pararam para cumprimentar meu pai e ficaram olhando enquanto ele tirava minha foto, eu me sentindo estranho na frente dele e tentando ficar com a coluna ereta e não estreitar os olhos, embora o sol estivesse batendo diretamente neles. Eu tinha uma queda por um desses irmãos e era muito jovem para perceber. Se você me dissesse naquela época o que eu quero de você agora, eu teria rido da sua cara; se tivesse me abraçado como eu quero que me abrace agora, eu teria lutado e me soltado e dado uma joelhada em sua virilha, chamando você de todos os nomes que temo que você possa facilmente usar contra mim agora. Hoje, tudo o que eu quero é ter coragem de lhe pedir que me abrace como talvez tivesse feito quando eu estava na praia e, depois de ter me jogado no chão e me segurado ali, com minha boca na areia, me diga para não lutar contra você, contra sua boca, contra minha vida.

* * *

Desde que notei você pela primeira vez, fiz questão de conversar com todos nas quadras para que você me conhecesse, nem que fosse ao ouvir minhas conversas por acaso. Queria que você soubesse que amo gargalhadas, alto astral e que, apesar de ser amigável com todos, não sou bobo.

Amo puxar papo com pessoas que, em outras circunstâncias, eu nem teria notado. Fiz amizade com os funcionários, inclusive a espirituosa Wendy da cantina cujo nome verdadeiro, em chinês, não é Wendy, e com quem flerto toda manhã ao reclamar do café. E tem também o zelador que me contou a história de sua vida e que teve que fugir da Rússia e mora em Staten Island com a esposa dominicana e precisa sair de casa para pegar a balsa às quatro e meia toda manhã para chegar às quadras a tempo. Sei sobre sua filha, que trabalha à noite como técnica de enfermagem no Mount Sinai, e sobre a cunhada que mora com ele desde que se acidentou. Também conversei com outro zelador em meu espanhol capenga. Agora ele me

procura, quer conversar, pode até ter confundido minha camaradagem exagerada com amizade.

Nas quadras de tênis, sou sempre o Sr. Tagarela-Animado, aquele que todos cumprimentam e em cujo ombro todos, dos jogadores aos zeladores e treinadores, gostam de tocar quando passam. Alguns até gritam meu nome. Quero que você saiba meu nome. Quero que saiba que meu armário fica a cinco armários do seu. Mas, assim que o vejo, fico paralisado. Será que eu devo olhar, ou finjo não ver? Devo falar, ou não dizer nada? Melhor não dizer nada. Pois há de fato dias em que tudo desaparece como se fosse um pesadelo e eu passo a desdenhar você. Gosto de desdenhá-lo. Às vezes alimento esses momentos em que o desejo parece ter se esvaído e a indiferença esfriado o pouco que restava. Então agradeço aos céus por terem me ajudado a segurar minha língua. Olho para sua bunda, seu pau, seu rosto e não sinto nada. O ciclo é sempre o mesmo: da atração à ternura ao desejo obsessivo e então rendição, desuso, apatia, fadiga e finalmente desdém. Mas logo em seguida, só de ouvir seus chinelos no piso molhado do chuveiro lembro que a indiferença era apenas um indulto, não um veredito. No fim do seu jogo, a camiseta branca toda molhada gruda no peito, e vejo suas costelas e seu abdômen, sem um grama de gordura, os músculos definidos nada secretos, embora nunca declarados. O desdém desaparece. Quero enterrar minha cabeça em seu peito no momento em que você tira a camiseta, quero envolver meu rosto com ela. Então fico olhando. Depois de tirar a roupa, você vai colocá-la na sacola branca de sempre da Apple e fechar bem antes de jogá-la na bolsa carteiro de couro sofisticada. Algumas vezes vi você jogar a bermuda e a camiseta molhadas na bolsa como se de repente tivesse perdido a paciência e se recusasse a ser organizado. Amo seu lado bagunceiro. Esse lado me faz desejar conhecer seu eu desarrumado, indisciplinado, que precisa dos outros e arranja tempo para eles à noite e gosta de sobremesa enquanto ouve uma história antes de dormir.

* * *

Está acontecendo de novo este ano. Antes de tomar banho e fazer a barba, você ainda vem até onde ficam as pias, próximo de onde eu faço a barba, e por uma fração de segundo — este é meu momento

— fica atrás de mim completamente nu. Se eu estiver no timing certo, vou continuar fazendo a barba e olhando você no espelho. Mas sentir que você está apenas alguns centímetros atrás de mim, por si só, basta para que meu coração acelere e me deixe prestes a fazer alguma besteira, como me inclinar para trás de modo a sentir seu peito, ou me virar para que você veja que estou ficando excitado. Gosto quando meu coração dispara, quando começo a esquecer as coisas, quando paro de me importar e tudo o que quero é que você venha até mim e, sem aviso, deixe a toalha cair, pouse o queixo com a barba por fazer nas minhas costas e me prenda em seus braços, o pau no meio da minha bunda, olhando para nós no espelho como se tivéssemos passado a noite juntos. É quando preciso focar em outros pensamentos, quando pressiono o pau na borda da pia para mantê-lo sob controle.

Às vezes, como fez ano passado, você desaparece durante duas, três semanas, e mais uma vez receio ter perdido você. Ou se mudou ou encontrou quadras melhores em algum outro lugar. Sei que já passamos por isso antes. Mas desta vez temo os sinais. Imagino você jogando tênis no Queens perto da escola. E então o pensamento vem: perdi você. Você agora está entre as coisas de que vou me arrepender para sempre: oportunidades perdidas, filhos que não tive, coisas que eu poderia ter conquistado ou feito muito melhor, relacionamentos que vieram e partiram. Em alguns anos, vou me lembrar dessas quadras de tênis surradas e de suas poças e pensar em seus chinelos amarelos pisando na água. Vou me lembrar das quadras no fim do inverno, quando só jogam o pessoal de sempre e os teimosos, incluindo a velha Sra. Lieberman, ou das manhãs de abril ou tardes de maio quando os lilases florescem por todo o Central Park, ou quando o silêncio que paira sobre as quadras e o parque às oito da manhã é tão fascinante quanto o silêncio de praias vazias ao amanhecer. Vou pensar naquele seu belo *backhand*, em você se ajoelhando como em devoção silenciosa pelo golpe mortal que estava prestes a desferir e então, depois de acertar a bola, ficava ali, olhando para o adversário atordoado, mordendo o lábio inferior como uma renúncia humilde diante da glorificação silenciosa dos céus. Vou lamentar o aceno com a cabeça, porque é o aceno que imagino em seu rosto sempre que penso em meu pau entrando em seu corpo, devagar, bem devagar no início e depois, quando já estou lá dentro e quero dizer que isso é o melhor que a vida tem a oferecer,

você vai acenar de novo e morder o lábio, que agora quero morder mais do que tudo quando você finalmente vira para me beijar com a língua preenchendo minha boca. O que vou lamentar é nunca ter visto seu rosto quando você goza, nunca ter segurado seus joelhos ou acariciado seu rosto muitas e muitas vezes ou até conhecido aquela pontada de decepção depois do sexo que imediatamente implora para ser expiada com mais sexo.

* * *

Certa manhã, cheguei mais cedo que o habitual. Na época eu já tinha o hábito de entrar no parque pela 93rd, não pela 90th Street. Entramos no parque ao mesmo tempo. Fazia semanas que eu não o via. Claramente algo poderia ter sido dito em uma ocasião como essa. Você não olhou para mim e, depois de lhe dar a chance de dizer alguma coisa, decidi não parar de olhar para você. Isso era muito incomum. Olhei para você algumas vezes, talvez na tentativa de cumprimentá-lo se ao menos olhasse na minha direção, mas você estava olhando para a frente, organizando seus passos, organizando seus pensamentos. Seu dia. Melhor não o perturbar, melhor não me intrometer, seus sinais diziam claramente *Sai fora*.

Uma hora depois, no vestiário, quando vi o curativo enorme em volta de sua coxa direita, pensei que devia aproveitar a oportunidade.

— O que aconteceu? — perguntei, com um tom que sugeria um amigável *Em que fria idiota você se meteu?*

— Ah, algumas semanas atrás eu estava tentando abrir uma garrafa de vinho e ela quebrou.

— Pontos?

— Muitos.

Você sorriu. Então, vendo que eu não desviava o olhar, disse:

— Você é o terceiro a reparar.

— Difícil não reparar. Você pode jogar tênis assim?

— Tênis é fácil. O difícil é tomar banho.

Rimos.

— Desenvolvi um sistema.

E, ao dizer isso, você tirou uma caixa de filme plástico da bolsa de couro sofisticada e uma coleção de elásticos resistentes. Nós dois

rimos mais uma vez.

— Na verdade, já está bem melhor. Mas obrigado por perguntar.

Obrigado por perguntar. Aí estava. Polidez formal beirando o palavrório seco e desdenhoso. O imperador dos clichês. Não me surpreendeu.

Alguns dias depois, abrindo a mochila, xinguei em voz alta.

— Esqueci meu tênis, acredita? — comentei, virando para você.

— Não fica no seu armário? — perguntou você.

— Normalmente sim, mas levei para jogar na Riverside Drive domingo passado.

Olhei para o relógio, como se pudesse ir até em casa e voltar às quadras a tempo. Você leu meus pensamentos.

— Bom, mesmo que você volte para casa correndo provavelmente vai perder a quadra. Então meu conselho é: sente nas arquibancadas, coma uma barrinha de proteína e aproveite para tomar um café.

— Você quer dizer aquele vazamento de óleo pegajoso com ou sem leite coalhado?

— Ah, não é tão ruim assim — rebateu você.

E de repente percebi que meu desprezo pelo café que eles fazem ali não passava de simples afetação, um exagero para chamar sua atenção, como tudo o que eu digo aqui. Mas você não mordeu a isca. Não é dado a hipérboles, ironia ou sarcasmo. Vai direto ao ponto.

Então segui seu conselho, comprei uma barrinha de proteína e pedi um café, que levei para a arquibancada para ver você jogar. Amei o modo como, antes de acertar a bolinha, você lançava o braço direito para trás e esticava a mão esquerda para direcionar a bolinha aonde queria lançá-la. Há graça, habilidade e objetividade em tudo que você faz. Nenhuma afetação, nenhum exagero, apenas o necessário. Tive inveja de você.

Enquanto assistia, percebi que você havia trocado o curativo por um menor. Queria comentar sobre isso e pensei em esperar por você, já que tínhamos começado a conversar.

Mas por que me enganar? Não tínhamos começado a conversar. Você não estava mais pensando em meu tênis e eu não estava pensando na barrinha de proteína.

Então comi a barrinha, bebi mais um gole de café, joguei o resto na sarjeta, vi você jogar mais um pouco e, depois de tomar banho e fazer a barba, fui embora.

Não fui direto para o trabalho naquela manhã. Comprei mais um café, subi as escadas do High Line, encontrei um canto calmo e vazio e fiquei ali, olhando para a água, a passarela quase deserta, as plantas e as árvores e os arbustos, todos de um verde tão vivo naquele dia. Estava saboreando minha tristeza, tentando me lembrar da sua voz, ou só das palavras que você havia dito caso eu não conseguisse evocar a sua voz. Mas nada veio. Eu queria pensar em você. Mas nada surgiu ali também, exceto um sentimento ao mesmo tempo triste e não tão desagradável. Estou apaixonado, não estou? Sim, acho que sim. Em um guardanapo de papel que enfiei no bolso depois de comprar o café na quadra, comecei a escrever: *Não sei nada sobre você. Não sei seu nome, quem você é, onde mora, o que faz. Mas o vejo nu toda manhã. Vejo seu pau, suas bolas, sua bunda, tudo.* Eu não sabia por que tinha escrito essas palavras. Mas foi a primeira vez que peguei algo sobre você em meu peito e coloquei em palavras no mundo real. Não queria parar, porque era como conversar com você, mas melhor, porque pude baixar a guarda e me sentir acalentado pelas palavras, sabendo que não havia motivo para me sentir acalentado por qualquer coisa, muito menos por minhas próprias palavras. Dobrei o guardanapo e enfiei na carteira. Sabia que jamais jogaria fora.

Mas, quando estava prestes a levantar e ir para o trabalho, senti algo que era quase como uma dor no peito. Gostei da dor. E mais uma vez desejei que meu pai estivesse vivo. Ele é a única pessoa que entenderia as nuances do que eu estava sentindo, a ferroada e o bálsamo enlaçados como serpentes gêmeas se atacando. Isso é amor, ele teria dito, acanhamento é amor, o próprio medo é amor, até o desdém que você sente é amor. Todos nós chegamos a ele do jeito errado. Alguns o percebem de cara, outros precisam de anos, e para alguns só vem em retrospecto.

E, olhando para a estação Erie Lackawanna do outro lado do Hudson, me lembrei dele parado na plataforma, dando tchau enquanto nossa balsa se afastava da ilha. Que homem triste, pensei. Mal sabia ele, na época, que aquele seria seu último verão de amor. Mas, conhecendo-o como o conhecia agora, ele deve ter temido e até previsto que nunca mais lhe seria permitido encontrar o amor novamente, por isso o guardou com carinho até o fim.

* * *

Terceira semana desde que nos falamos aquela vez.

Nós nos cumprimentamos. Durante as próximas duas ou três semanas, vou dizer “olá” primeiro. Então você vai dizer “olá”. Mas, a caminho das quadras, nem um olhar. Você se organizou para dar um, não dois cumprimentos por dia, e nossa pequena cota não nos aproxima mais do que quando éramos dois estranhos. Depois de algumas palavras, a frieza imediatamente surge como gelo tomando conta de uma vidraça. Em um instante, estou de volta a olhares furtivos que se desviam no momento em que pousam sobre você, ou antes mesmo de encontrá-lo, para que ninguém possa nem mesmo os chamar de olhares.

Às vezes, quando você tem a chance de evitar meu olhar, nem nos cumprimentamos. Claramente voltamos ao ponto em que estávamos antes. No bebedouro, abaixado bebendo água, não vejo você bem ao meu lado, esperando para beber também. Nenhum de nós viu o outro antes que fosse tarde demais.

— Ah, olá! — digo.

— Ah, oi — responde você.

Quando é hora de ir embora, você enrola a toalha laranja como uma bola e a enfia na bolsa com um gesto casual antes de fechar o zíper e colocá-la no ombro. Você nunca se despede de ninguém, nem mesmo do atendente que está sempre por perto ou de Mike, que uma vez encordoou sua raquete. Nem de mim. Você só sai discretamente, como aqueles que são muito arrogantes e egocêntricos, ou inexplicavelmente tímidos e não sabem como se despedir primeiro.

Um mês depois, no entanto, você me cumprimenta primeiro. Muito incomum. Ainda assim, antes de deixar isso me subir à cabeça, percebo que suas poucas palavras não foram mais que alguns lugares-comuns. O sorriso retorcendo a boca que não era tão acolhedor, as palavras concisas, o olhar que fica opaco e quase escapa depois de dizer *Ah, oi*, como se seu corpo inteiro se sentisse obrigado a me cumprimentar embora preferisse se afastar. É o tipo de cumprimento que dirijo à Sra. Lieberman sempre que não consigo me desviar dela a tempo.

Mas, após três semanas de nossa primeira conversa, passamos de um cumprimento diário para às vezes dois. Depois de um mês, você

conseguiu acrescentar: *Bom fim de semana*, seguido de *Como foi o fim de semana?* ou *Como estão as coisas hoje?* Respondo com os mesmos clichês, esperando modulá-los de um jeito diferente a cada vez para demonstrar que estou sendo sincero quando respondo com o mesmo *Bem*, ou *Tudo bem* ou *Muito bem*, de vez em quando lançando um *Não posso reclamar* para dar variedade ao que se tornou uma troca presumida e banal. O tempo todo, penso: tenho uma queda por alguém que claramente não é menos sem graça do que eu. É culpa minha. Eu causei tudo isso e devia ter imaginado. Você organiza seus cumprimentos, seus sorrisos, seus acenos, mas nunca acrescenta aquele algo a mais, aparentemente descuidado, para que eu ache que você quer dizer mais do que diz. Suas palavras, como as minhas, não têm conteúdo, não têm significado, são significantes vazios. Era preferível o antigo silêncio.

Lançamos comentários ocasionais um ao outro como um instrutor de tênis lança a bola para a velha Sra. Lieberman, que está tentando treinar o *forehand* depois da cirurgia, mas erra a bola oito vezes em cada dez. E, no entanto, aqueles dois ou três minutos de bate-papo desajeitado e insípido são minha razão de viver: o fim de semana, o último filme, planos para o verão que nunca se concretizam, sua coxa, meu cotovelo de tenista e mais uma vez sua coxa, meu irmão, seu irmão. Vivo para isso. E, se isso for tudo o que é possível, bem, então é tudo o que é possível.

* * *

Mas ninguém pode se preparar para o pior. O pior não apenas destrói esperanças; ele destrói tudo quase como se quisesse machucar, punir, envergonhar. Apesar de minhas previsões mais desanimadoras, a vida ainda pode fazer a jogada mais cruel e afundar tudo — e bem quando pensei que tínhamos escapado dos bancos de areia. Aconteceu no dia 26 de abril. Não esqueço a data. Era aniversário da morte de meu pai.

Estávamos discutindo sobre as quadras e como elas precisavam de uns ajustes.

— Uns ajustes! — disse você. — Você quer dizer uma reforma completa.

Nunca tinha ouvido você fazer uma crítica, muito menos uma crítica aberta e que não abafava a conversa de cara. Ironicamente, de repente saí em defesa das velhas quadras de tênis. Você ouviu e disse:

— Sim, mas quando foi a última vez que colocaram papel toalha no dispenser, aliás, existe um dispenser? — E, depois de uma pausa breve: — Isso sem falar no papel higiênico.

Nós dois rimos. Gostei do tom malicioso e brincalhão da sua voz. Eu achei que você fosse todo certinho. De repente estava me fazendo rir.

Pego de surpresa, tudo o que falei foi:

— Eu não achava que você percebesse essas coisas.

— Ah, percebo muito.

Isso me assustou. Será que você estava falando de mim?

— Mas nunca ouvi você reclamar antes — comentei.

— Você ainda não me conhece.

Amei isso. O possível duplo sentido de suas palavras, o tom de malícia, a promessa de nos conhecermos em suspenso no ar, o gracejo que poderia facilmente levar a lugar nenhum ou, com um empurrão ou dois, nos levar exatamente aonde eu esperava que você estivesse nos levando. Tive medo, medo do que você diria para me fazer cair na real, medo de não estar confundindo nem um pouco as coisas.

Até agora, a conversa nunca foi a lugar nenhum. Tudo o que faço é roubar fragmentos de informação na esperança de remendar um retrato seu, como retratistas fazem nas delegacias. Sei que estudou na Oberlin, sei que às vezes chega em casa tarde e tudo o que quer fazer, depois de dar aula à noite a alunos com dificuldades de aprendizagem, é ouvir sonatas de Haydn, porque elas o deixam feliz e ajudam a descontrair, que um dia você disse ser o motivo pelo qual joga tênis todas as manhãs, porque do contrário fica tenso durante o dia e impaciente com os alunos.

Nossa conversa sobre as condições deploráveis das quadras estava indo bem. Nunca falamos tanto. Falamos até de seus anos na faculdade, e como as férias de fim de ano eram difíceis porque você tinha que voltar para casa cheio de trabalhos na cabeça acompanhados da promessa de trazer bolo de frutas alemão para todos os seus amigos nos Estados Unidos. E dava o bolo neles, eu disse. Eu não usava essa expressão havia tanto tempo. Você riu. O que me fez rir, o que fez você rir. Eu poderia ter colocado todas as

cartas na mesa e dito naquele instante: *Vamos tomar alguma coisa um dia desses* — casualmente, é claro.

Mas, quando eu estava me preparando para dizer algo do tipo, a bomba. Você estava falando sobre escolas e carreiras quando, por algum motivo, disse:

— Meu parceiro é professor de letras clássicas.

Precisei me segurar para não contar que me formei em literatura grega e latina e que traduzi *A revolução dos bichos* para o grego clássico. Mas isso teria soado tão estúpido, como se eu estivesse tentando competir com seu parceiro. Ainda assim, eu estava procurando alguma coisa para dizer sobre minha própria vida de ex-classicista quando de repente entendi o que você disse. Não estava falando sobre seu parceiro de tênis. Estava falando sobre seu parceiro de verdade.

— Ele está escrevendo um livro sobre Tucídides — contou você.

Meu autor preferido, quis comentar, mas não o fiz. Você leu Tucídides?, perguntei, embora minha cabeça estivesse a quilômetros dali a essa altura.

— Tive que ler — respondeu você. — Duas vezes!

Claramente, eles têm um relacionamento cooperativo, pensei, adorando a palavra que lancei em um momento de raiva, inveja e escárnio. *Cooperativo*. Eu percebia sua devoção: *Os problemas dele são meus problemas; meus problemas, problemas dele. Compartilhamos, nos importamos*. Eu quis rir de vocês. Mas, quando fui embora naquela manhã, tudo o que eu pensava era: Então você sabia, você sabia o que eu estava fazendo quando tentava puxar assunto todas essas semanas e meses. Você só precisou esperar pelo momento menos importuno para lançar a carta de que tinha um parceiro. *Meu parceiro isso, meu parceiro aquilo, ah, é o que meu parceiro sempre diz*. Para alguém que organiza as palavras, você sabia aonde estava indo no momento em que falou da Alemanha e do bolo e de Haydn. Deve ser um bom professor. Nada do que diz é sem propósito.

O que não caiu bem foi a simplicidade pura, a simplicidade barata, ordinária, batida, rasa e mundana com que você me atingiu com a carta “namorado” — o tipo de comentário dissimulado que uma garota no fim da adolescência usa quando diz *É exatamente isso que meu namorado acha*.

Fiquei anestesiado o dia todo.

Parceiro. Com uma palavra você não só destruiu minhas fantasias mais banais e não reveladas; também destruiu o romance que eu vinha alimentando havia dois anos. Tudo o que eu podia fazer era me agarrar aos destroços do que foram meras ilusões.

Aquele dia mudou tudo. Fiquei arrasado, em silêncio, como se bárbaros tivessem varrido minha vida e se esquecido de me matar depois de matar a todos e erradicar tudo, incluindo a memória. Não lembrava mais o que queria de você ou como eu podia ter pensado em transar com você, noite após noite, a ideia de nosso amor boca a boca me roubando horas de sono. Tentei me lembrar das puras fantasias, mas sua viva trilha sonora tinha emudecido. Tudo o que me restou depois de ouvir a palavra que começava com *p* foi um castelo de cartas desmoronado, que eu havia levado tanto tempo para construir. O que estava naquele castelo, ou o motivo pelo qual fora construído, ou as tempestades a que pretendia resistir, ou os prazeres que pretendia abrigar... tudo acabado. Um mero nada, e estava acabado.

E aqui nossa história termina.

* * *

Posso relaxar agora. Posso lhe contar sobre minha vida, me abrir, deixar que você espie meu mundo como ele realmente é, me sentir menos atormentado pelas coisas que quero esconder de você, parar de me gabar e dizer que tive um ótimo fim de semana quando na verdade foi insípido.

Tento imaginar o futuro. Um dia você finalmente vai me convidar para jantar com você e seu parceiro, e vamos conversar. Sobre os clássicos, sobre Tucídides e sobre o jovem Alcibíades, que deu uma cantada em Sócrates, mas foi rejeitado porque o filósofo sabia que o jovem era belo demais para ele. E vamos falar de Nícias, que foi executado porque era um general mais digno que Alcibíades e encontrou a morte sabendo que os guerreiros atenienses que levou além-mar com a promessa de glória teriam a morte desonrosa dos escravos nas pedreiras de Siracusa, fora da ilha de Ortigia.

E, se vocês dois vierem à minha casa, vou servir vinho a você e seu parceiro, e vai ser um branco seco, e vou cortar o robalo de todos como vi um garçom fazer na Europa, usando uma colher rasa, e vou

pensar comigo mesmo, *Melhor isso do que nada. Pelo menos ele está debaixo do meu teto.*

E vai ser tão estranho ver você e Maud se olharem com a premonição inquieta daqueles que não conseguem definir muito bem o que os perturba e simplesmente ignoram quando começam a perceber. Vocês dois vão acabar conversando sobre uma coisa ou outra e descobrir algo pequeno em comum. E vamos nos divertir tanto, nós quatro juntos, e vai parecer tão natural que pessoas que se conheceram na quadra de tênis se reúnam para jantar, que vamos nos esquecer de perguntar por que tinha de ser agora e não dois anos atrás.

Mas essa fantasia também vai se esvaír. É muito simplória, muito monótona, e minha mente não a suporta por muito tempo. Prefiro pensar em sexo. Mas não quero pensar em sexo, não quero mais ver você nu, não vou nem olhar quando você estiver nu, não quero gostar quando acabar olhando e de repente me pegar pensando: É para ali que a boca de seu parceiro vai quando estão sozinhos à noite. E, sim, eu ainda gosto. Não vejo você nu há meses, embora fique nu bem na minha frente todas as manhãs. Eu não olho, ou olho mas não vejo.

Outro dia vi a cicatriz azulada na sua coxa. Nunca tinha reparado. Vi o curativo, o menor também, e então não reparei que você não estava mais usando curativo. A cicatriz me fez ter pena de você, quis tocá-la, falar sobre ela, perguntar se ainda doía. Mas me contive. Olhei para seu rosto, e era a cara de alguém com uma cicatriz na parte interna da coxa direita. Fazia de você tão humano. E amei você humano. Quis abraçá-lo.

Você sorri quando fala comigo. Acho que eu sorrio também. Então, só um dia depois, você se abaixou para pegar alguma coisa e eu espiei, por um segundinho fugaz, seu ânus. Ele também trouxe à tona um sentimento que beirava à compaixão, em parte porque senti que havia transgredido só de olhar e em parte porque pela primeira vez eu soube que você era gentil, vulnerável, afável. Eu não devia ter olhado. Quando parei para pensar, senti que havia infringido algo puro e particular e tão casto sobre você, como o sagrado que de repente arde diante de nossos olhos e nos deixa sem palavras, humildes e abalados.

Mas então, exatamente quando eu estava tentando me habituar, você me pegou completamente de surpresa. Eu estava jogando na

quadra quatorze, você, como sempre, na quinze, e sua bola escapou e acertou o meu lado da rede. Você gritou *Obrigado!*, como todos fazemos para pedir pela bola quando ela cai na quadra de outra pessoa. É um *Obrigado!* peremptório, mas ninguém o interpreta mal. Não o ouvi na primeira vez e não respondi. Então você gritou de novo, mas desta vez acrescentou, *Obrigado, Pauly*.

Pauly! Foi quando percebi que tinha ouvido sim, na primeira vez, mas não percebi.

Não foi só *Pauly* que você disse, mas *Paulyyyyy*, tão amigável, tão próximo, tão íntimo no modo como alongou a última sílaba do meu apelido, que de repente me arrancou das quadras do Central Park e me levou de volta à infância, quando todos em casa e depois na escola me chamavam de *Paulyyyyy* exatamente como você chamou, porque era uma forma carinhosa enfatizada com tanta alegria e afeição. O garoto na foto que eu queria lhe mostrar era chamado de Pauly. E você gritou meu nome sem nem ao menos fingir que não percebeu. O único lugar em que aparece “Pauly” é uma imagem escaneada do meu anuário da faculdade que dá para achar na internet. Será que você pesquisou sobre mim?

Ouvir meu nome pronunciado daquela forma me deixou mais feliz do que eu poderia esperar. Tudo o que eu tinha sentido e toda a amizade que esperava de você esteve o tempo todo bem à minha frente, mas eu não via, talvez porque o orgulho, o medo e o desejo bruto estivessem no caminho. Mas na sua boca meu nome de repente adquiriu um novo timbre, um novo som, seu som real. Eu poderia ter largado a raquete e me apoiado na cerca de arame da quadra, como as pessoas fazem quando estão exaustas e param um instante para retomar o fôlego, e quis chorar. Interrompi meu jogo para devolver sua bola. Então você sorriu e disse mais uma vez:

— Muito obrigado, Paul.

Foi como se meu apelido tivesse sido um deslize que você queria renegar.

Ainda assim, me senti como um garoto que venera um colega muito mais velho e que durante o intervalo um dia lhe pede para comprar cigarros na venda da esquina. Não é mais uma missão qualquer, mas um privilégio. E me senti mesmo privilegiado. O jeito como você usou meu nome me colocou em outro plano. Era como se você tivesse enfiado a mão no meu armário aberto e pegado a maçã

que eu havia guardado para um lanche e dito *Vou ficar com a maçã, você pode comer minha barrinha de proteína.*

Uma coisa me ocorreu quando parei de jogar naquela manhã. Nem uma vez perguntei ou tentei saber seu nome. Talvez fosse meu jeito de evitá-lo, ou mantê-lo irreal, de não mostrar que eu me importava.

Mais tarde, depois de tomar banho e me vestir, olhei para você e, aparentemente do nada, disse que não sabia seu nome. Fiz isso talvez para mostrar que estava ciente de que você tinha me chamado pelo nome pela primeira vez naquela manhã e que o gesto não passou despercebido. Você me disse seu nome imediatamente. Eu jamais teria imaginado. Não sei por quê, mas achava que seria Friedrich, ou Heinz, ou Heinrich, ou Otto. E, porque é isso que as pessoas fazem quando trocam nomes, estendi a mão e apertei a sua. Gostei do que senti quando apertei sua mão. Eu sabia que sentiria algum tipo de sinal correndo de você para mim. Ou talvez quis pensar que tinha sentido. Mas senti alguma coisa. Não ia ficar segurando sua mão na minha, mas quis fazer isso, e sei, porque você foi cortês a ponto de não retirar a sua cedo demais, que talvez você também tenha sentido algo. De repente, e eu adorei isso, tornei-me o colega mais velho que manda o mais novo comprar cigarros. Adorei seu sorriso tímido. E adorei isto em nós: estávamos trocando de papel. *Ele é tímido*, pensei.

— Vamos tomar um drinque qualquer dia.

— Por que não? Eu adoraria.

Quis beijar sua mão, enlaçar meus cinco dedos em todos os seus cinco dedos e conhecer a maciez de sua palma. Nada disso aconteceu, é claro. Mas eu olhei em seus olhos esperando que você soubesse.

Fui trabalhar envolto por uma aura de felicidade. O que não percebi foi que você estava caminhando bem atrás de mim, a não mais que dez passos de distância. Não percebi isso quando descii as escadas do metrô, nem mesmo quando cheguei à plataforma, apenas no trem. Você tinha entrado por outra porta e encontrado um assento no mesmo vagão. Eu estava em pé lendo o jornal. Se tinha de fato me visto, você estava de volta ao olhar silencioso e distante. Não nos falamos fora das quadras de tênis. Não quis forçar as coisas ou ser indiscreto, então fingi estar absorto em meus pensamentos enquanto lia o jornal. Pedi desculpas a uma pessoa sentada ao sentir

que meu jornal havia tocado seu rosto, mas disse alto o suficiente para que você ouvisse. Fazia isso no vestiário havia dois anos: conversava com qualquer um, mas não falava com ninguém além de você. Talvez eu esperasse que você fosse tomar a iniciativa de puxar papo. Mas você não precisava ouvir minha voz para saber que eu estava no trem. Você já sabia, como eu sabia.

E lá estava você, lançando o mesmo olhar sem vida e distante que eu vi nas quadras um dia, olhando sem expressão para a humanidade anônima no vagão. Suas pernas estavam levemente abertas e você mantinha as costas das mãos pousadas uma em cada perna, a palma para cima, em um gesto tão impotente, tão passivo, transmitindo uma submissão conformada em sua postura desanimada, que me doeu ver um atleta sentado daquela forma. Quis dizer alguma coisa, qualquer coisa, ultrapassar todos os obstáculos e perguntar qual era o problema e por que você estava lançando um olhar tão desamparado e vazio àqueles ao seu redor. Mas quem ousaria fazer algo assim? Então fingi continuar lendo.

Ali estava eu revivendo os velhos sentimentos de ternura por você quando percebi que, apesar de toda a minha vigilância, fiquei tão concentrado na matéria do jornal que não vi que chegamos à sua parada e você já tinha saído do vagão, provavelmente passando por mim sem dizer nenhuma palavra.

O que acabou com a alegria que eu sentia naquela manhã quando cheguei ao trabalho foi o que você disse quando o convidei para um drinque. “Eu adoraria.” Sua resposta, lembrei, não foi um sim. Foi uma enrolação educada.

* * *

Naquela noite, no computador, dei uma investigada. Sem saber seu sobrenome, digitei “Manfred”, o nome da escola particular no Queens que ficava próxima à estação do metrô até onde segui você um dia, a palavra “tênis”. Nenhum resultado. Então tentei uma série de palavras, apaguei umas, adicionei outras, cheguei até a seguir um velho palpite e pesquisar bases do Exército americano na Alemanha. Nada. Finalmente digitei “Oberlin” e “Manfred” e calculei quantos anos haviam se passado desde a formatura. E, de repente, para minha surpresa, lá estavam sua foto e seu nome completo.

Daí não resisti a fazer mais perguntas. Onde você morava em Nova York? O que as pessoas diziam de você? Você tinha Facebook? Quem eram seus amigos? Li tudo.

Não só apareceu um endereço com um número de telefone, como nas redes sociais surgiu o nome de alguém que poderia ser seu parceiro. Quando cliquei no nome dele, “Tucídides” apareceu. Então “Professor, letras clássicas”. Você não tinha mentido. Ele já havia publicado o estudo sobre Tucídides.

Tive inveja de vocês dois. Podia imaginá-los se conhecendo durante a semana de recepção dos calouros, então os vi voltando da biblioteca tarde da noite, toda noite. Talvez se encontrassem na biblioteca após o jantar. Então, uma noite de inverno, na volta da biblioteca para seu dormitório, ele parou, se sentou em um dos bancos embora o frio estivesse congelante, e disse:

— Eu preciso saber, Manfred. Você sente alguma coisa por mim?

* * *

O que mudou entre nós foi a dissolução do que parecia ser uma guerra de nervosismo. Agora era você quem começava as conversas. Meu preguiçoso *Bom* para seu *Como foi o fim de semana?* se transformava em uma ladainha de coisas que você tinha feito ou ido ver. Descobri sobre seu pai e o transplante de medula óssea, e sobre o estado deplorável do ar-condicionado central do seu apartamento na 95th Street e sobre seu irmão mais velho que voltara para a Alemanha e sobre os filmes em preto e branco a que você e seu parceiro gostavam de assistir no Turner Classic Movies. Você não falava sobre esportes, nem perguntava se eu tinha visto o Torneio de Roland Garros. Em vez de ignorar o estado decadente em que se encontravam as quadras de tênis como fazia antes, começou a tirar sarro da pia encardida onde fazia a barba, das poças que precisávamos saltar para nos vestirmos, dos sem-teto que entravam escondidos de manhã para tomar banho ou lavar roupa nas mesmas pias onde tínhamos acabado de fazer a barba e escovar os dentes.

— Ah, se meus colegas da escola soubessem que nos misturamos aos sem-teto toda manhã.

Um dia, um sem-teto entrou e largou as roupas sujas em uma das pias.

— O que eu falei? — retrucou você.

— Oi, Paul — disse o sem-teto.

— Oi, Benny — respondi.

Enquanto voltávamos para os armários, contei que a história de Benny era muito triste. Ele trabalhava como barman, mas, depois das drogas e de um contratempo atrás do outro, acabou nas ruas. Perdeu a carteira de motorista, a casa, a mulher, os filhos e, ainda assim, tinha lido todos os clássicos russos e recitava todos os ingredientes de qualquer drinque já inventado deste lado do Atlântico.

— Está tentando retomar a vida — expliquei, acrescentando um toque de seriedade ao que estava dizendo, talvez para mostrar que, por baixo do verniz de malícia e sarcasmo, eu era uma alma boa.

Você não disse nada. Mas eu gostava de conversar enquanto você se vestia, porque você tinha que olhar para mim e assim oferecia uma visão frontal de seu corpo, seu queixo, seu peitoral, seu abdômen, seus olhos. Eu não queria olhar mais para baixo, então fiquei observando seu peito, mas observar seu peito me fazia querer tocá-lo, então olhei seu rosto, que eu queria beijar, até que olhei abaixo de sua cintura antes que seus olhos seguissem os meus... tudo isso enquanto falávamos sobre o barman fracassado que tentava voltar à ativa.

— Paul? — chamou Benny, que veio até os armários depois de torcer as roupas em uma das pias mais fundas.

— O que foi?

Ele parecia desconfortável ao falar na sua frente e fez um sinal para que eu chegasse mais perto, finalmente sussurrando:

— Você pode me ajudar?

Fui ao meu armário, tirei discretamente a carteira e, voltando para o banheiro, entreguei algumas notas a ele. Eu não queria que você visse. Mas queria que você visse que eu havia me esforçado para esconder que tinha dado dinheiro ao pobre homem.

— Você deu dinheiro a ele — disse você quando voltei ao meu armário.

— Não dei, não.

— Deu, sim.

— Ele é um homem bom — falei, por fim.

Ao que você respondeu:

— Mais um momento para o “Metropolitan Diary” do *New York Times*.

Sorrimos um para o outro.

— Bem, então estamos quites.

— Como assim? — perguntei.

— Também dei alguma coisa a ele.

Acabou que você deu muito mais do que eu.

Sorri para você e balancei a cabeça simulando reprovação.

— O quê? — perguntou você, sem deixar o assunto morrer.

Eu queria dizer que pensávamos de forma parecida, gostávamos das mesmas coisas, tínhamos muito mais a ver do que qualquer um de nós imaginava. Mas acabei dizendo algo completamente diferente.

— Foi um gesto bonito e muito mais discreto que o meu.

Está entre as banalidades mais piegas que já saíram da minha boca.

Você não disse nada.

— O quê? — perguntei, ressoando suas palavras.

— Nada. — Então, depois de uma pausa: — Acho que estou começando a entender você.

— Ah, é? Então me conte mais, porque não estou certo de que eu entendo.

— Você não é fácil — falou você.

— E você é?

— Acho que não.

Ficamos parados, sem palavras, tentando não nos encararmos e, embora ambos estivéssemos vestidos e prontos para ir embora, me pareceu que nenhum de nós dois queria deixar o outro.

Eu disse que precisava fazer xixi. Estava dando a deixa de que você precisava sair do vestiário sem mim. Senti que estava fazendo a coisa certa.

* * *

No dia seguinte, sábado de manhã, a caminho da feira, minhas fantasias me dominam. É um dia lindo e claro de calor, digno de praia, e estou pensando no que você pode ter feito na noite passada e se viajou este fim de semana. O tempo ainda estava um pouco ameno, mas eu tinha uma imagem da casa de veraneio que tenho certeza de que você compartilha com os amigos e imaginei todos vocês bebendo demais na noite anterior. Mas todos sabem que você

acorda muito cedo e, na noite anterior, seus amigos pediram que você comprasse leite de manhã, talvez *bagels* e outras coisas, e não se esqueça de trazer uns doces, alguém pediu. Como em um sonho, você sai de casa para encarar a manhã esplêndida. É o único acordado na casa e o único na rua. Isso é bom. O tempo está bom. As ruas estão tranquilas, e o silêncio não cessa. Ouço seus chinelos nas calçadas empoeiradas. Você está feliz. Na noite anterior, um ótimo jantar, bons amigos, boa conversa, bons vinhos, ótimo sexo. Ainda não tomou banho e não planeja tomar antes de nadar no mar. Tudo o que fez antes de sair foi vestir a bermuda que usou na noite anterior e uma camiseta, sem cueca. É o paraíso. Você vai surpreender a todos comprando algo como um bolo — por que não, pensa, um bolo feito na região com frutas estranhas e grãos que só existem aqui. Tenho inveja dessa sua tarefa. De repente, estou lá com você e adoraria caminhar com você, porque nunca caminhamos juntos, e sair para comprar *bagels*, outras coisas e um doce em uma manhã de sábado na praia parece tão fácil, tão descomplicado, uma fonte de alegria clara, simples e não diluída.

Mas outra parte de mim deseja que você tivesse pedido que eu comprasse leite e café da manhã para todos. Sei que assim que eu sair da casa você vai encontrar uma maneira de falar sobre mim com aqueles que já estão acordados tomando café. Eles devem ter ouvido nossos gemidos na noite anterior do outro lado da casa, e alguém com certeza vai dizer alguma coisa, possivelmente engraçada, *Vocês dois nem pensaram em parar para retomar o fôlego enquanto afogavam o ganso, hein?* Todos riem, em parte porque sou novo entre seus amigos. E você ri com eles, mas então, por impulso, se levanta e sai da casa, e, antes mesmo que eu tenha dado vinte passos na rua, você vem correndo atrás de mim, *Eu queria vir com você.* Olho para trás e dou um sorriso.

Mas há outra situação para o sábado: você diz que vai sair para comprar as coisas para o café da manhã e pede que eu fique em casa. *Tome um café com Esmeralda. Eu compro as coisas*, diz. Assim que você sai da casa e fecha a porta de tela, começamos a conversar. Sou novo ali, então Esmeralda me serve o café que acabou de fazer.

Seja bom para ele, diz ela, *não o magoe.*

Mas eu sou bom para ele.

Você o ama?

Se eu o amo? Sou louco por ele.

Isso não parece satisfazê-la.

Duas outras pessoas entram na cozinha cambaleando e se servem de café.

Mas você gosta dele?, pergunta um deles.

Posso repetir essa cena na minha cabeça o dia todo.

Tudo me diz que você gosta de mim. E, no entanto, nunca recebo um sinal de você.

Na noite daquele mesmo sábado, finalmente sonho com você. Estou caminhando com Maud próximo à Lincoln Square. Estamos saindo do cinema quando encontramos você e seu parceiro na mesma calçada. É fim de verão e você não aparece nas quadras há mais de uma semana, então vê-lo na minha frente me pega tão de surpresa que, sem pensar ou ensaiar nosso morno cumprimento habitual, deixo minha mão ir até você e tocar seu rosto. Eu jamais ousaria fazer isso, mas parte de mim já percebe que deve ser um sonho e sabe que não é impróprio fazer isso em sonhos, principalmente quando um não vê o outro há mais de uma semana. Talvez tenha sido seu pescoço bronzeado exposto até o esterno reluzente que me dá o impulso.

Mas então, no sonho, você faz uma coisa ainda mais surpreendente. Não apenas não fica chocado com meu carinho ousado na frente do seu parceiro, como se entrega à minha mão, porque gosta do gesto e, ao se inclinar em direção a ela, está tentando mantê-la ali. Cumprimentamo-nos com um aperto de mão logo em seguida, talvez para encobrir o que acaba de acontecer, então fazemos apresentações à esquerda e à direita. Maud e seu parceiro começam a falar sobre o quanto gostaram do filme.

— Ele certamente não gostou — diz você, apontando para mim.

— Nem me diga! — exclama Maud, fazendo graça às minhas custas.

Perguntamos para que lado vocês estão indo. Calha de ser o mesmo que o nosso. Em algum momento, ela e ele seguem à frente enquanto nós dois ficamos para trás, quase intencionalmente mantendo distância entre eles e nós. Nunca andamos juntos e, no entanto, aqui estamos, mais juntos do que jamais estivemos em dois anos. Você pega minha mão e não solta. Com certeza isso é um sonho, penso.

— Não vejo você há tanto tempo — comenta você. — Vamos andar juntos.

— Mas e eles? — pergunto, confundindo o que você disse, para então perceber que não confundi nada.

— Eles vão sobreviver.

E, assim que você profere essas palavras, sei com uma certeza inabalável que aqueles poucos minutos durante os quais andamos de mãos dadas são, ainda que parte de um sonho, mais reais e melhores do que qualquer coisa que já conheci na vida, e que estaria mentindo se chamasse de viver o que venho fazendo todos esses anos.

A felicidade que veio com o sonho ficou comigo o dia todo.

Decidi uma coisa. Da próxima vez que o visse, faria exatamente o que fiz no sonho. Tocaria seu rosto, fosse nas quadras ou no vestiário, mas algo do tipo tinha que acontecer.

Ou então.

Ou então o quê? Eu me mataria? Sério?

Quando o vi depois do sonho, foi impossível fazer o que havia decidido. Você estava frio de novo, como se tivesse interceptado meu sonho e estivesse tão horrorizado que achou melhor manter distância entre nós. Eu me pergunto se no universo do sono os sonhos não saem voando e deduram os sonhadores e fazem reuniões secretas nos becos de nossas noites onde passam mensagens codificadas, o que talvez seja exatamente o que queremos que eles façam quando não temos coragem de falar por nós mesmos. Os sonhos mudam nosso rosto, nosso sorriso, e em nossa voz permanece o timbre do desejo que não estávamos dispostos a esconder enquanto sonhávamos. Eu queria que você olhasse mais uma vez para mim e dissesse *Você sonhou comigo esta noite, não foi?*

Quando o vi mais uma vez pela manhã, o elemento-surpresa, que teria justificado uma manifestação aparentemente espontânea de afeto, foi minado por sua reclamação imediata a respeito da falta de manutenção das quadras. Depois, na quinta-feira, você nem apareceu. Eu teria que esperar para sempre, até segunda-feira.

E, no entanto, a alegria de tê-lo encontrado em um sonho ainda não estava esmaecendo, e tampouco eu conseguia esconder essa alegria; ela abraçava todas as horas dos meus dias, e o que passei a temer não foi que você acabasse por não ser a pessoa que encontrei em sonho, mas que a alegria que veio do sonho no momento em que você segurou minha mão e disse *Vamos andar juntos* iria, sem aviso, sem eu nem mesmo perceber, desaparecer gradual e inevitavelmente. Como protegê-la, como não permitir que escapasse...

No início da tarde de sexta-feira, decidi ir até as quadras. O dia estava excepcionalmente quente para o início da primavera, e eu queria deixar para trás tudo o que tinha acontecido comigo naquele dia e aproveitar o tempo bom. Eu tinha uma muda extra de roupas no armário e não precisei ir em casa me trocar. Então, quando entrei nas quadras de tênis, lá estava você, Manfred. Eram três da tarde, eu quase nunca ia jogar nesse horário e, como acabei descobrindo, nem você. Havia saído da escola mais cedo e não tinha reservado uma quadra. Perguntou a mim e a Harlan se poderíamos jogar em duplas se você encontrasse um parceiro. Seria fácil encontrar um parceiro, falei. Por sorte do destino, você viu o senhor idoso que um dia o convidou para jogar mas nunca mais ousou repetir o convite. Ele aceitou prontamente e correu até o vestiário para pegar a raquete. Ficou claro que você odiava pedir qualquer coisa às pessoas. Você parecia tão hesitante e agitado ao pedir que eu jogasse com você, que, para acalmá-lo, e talvez porque Harlan estivesse junto quando você perguntou, tudo o que fui capaz de fazer foi levantar a mão e deixar que ela se demorasse em seu rosto e dizer que estava tudo bem, muito bem. Você não se esquivou, nem se inclinou em direção à minha mão. Mas sorriu e eu sorri. Não dissemos uma palavra.

— Fico muito feliz com isso — acabei dizendo. — Nunca jogamos juntos.

— Pois é — respondeu você. — Eu também.

Nenhum de nós soube ao certo o que o outro quis dizer, mas, como nos sonhos, nossas palavras podiam ser interpretadas de inúmeras formas, o que também era bom, porque gostamos de pensar que elas tinham mais de um significado, um óbvio, outro não tão óbvio, outro sugerido, mas tão confuso que nenhum de nós sabia a qual se apegar, porque estavam tão entrelaçados uns nos outros que, no fim, todos os três queriam dizer apenas uma e a mesma coisa.

— Talvez possamos tomar aquele drinque depois — comentei.

Talvez estivesse forçando a barra.

— Ah, sim, *aquele* drinque — respondeu você, como se quisesse demonstrar que não tinha esquecido a vaga alusão que fiz a um drinque um dia e que a ideia não lhe havia escapado de todo.

Por um segundo pensei que você estava fazendo pouco caso da ideia ou do significado das entrelinhas. Sua ironia empática me surpreendeu. Daria uma de difícil antes de me dar o fora?

— Mas eu pago — disse você.

Depois do tênis, vamos a um bar na Columbus Avenue. São 16h15, o sol não poderia estar mais forte, estamos sentados com a roupa úmida em um café-bar na calçada. Nossos joelhos nus estão se tocando, e nem você nem eu recuamos. Poderíamos jogar conversa fora. Mas estou mais velho, vou direto ao ponto.

— Conte sobre seu parceiro — digo.

Algo no modo como você reage a minhas palavras mostra que quer fingir que elas surgiram do nada, mas logo muda de ideia. Não é hora de manobras evasivas; nossas cartas estão na mesa.

— Não há o que dizer.

— Nada?

— Estamos juntos desde a faculdade.

— Mas?

— Não tem mas. Sei que talvez não seja o que você quer ouvir.

— Então você sabe. Sobre mim, quero dizer.

— Não tenho certeza. Mas acho que sim.

A delicadeza com que você descreve isso.

— E?

— E nada. Eu penso em você.

Então você acrescenta:

— Muito, na verdade.

A sua, percebo, é a primeira carta realmente na mesa. Admiro isso. A minha era só um coringa.

Coloco a mão direita sob o braço da minha cadeira e pego sua mão esquerda, que também está suspensa sob o braço da sua cadeira. Você não esperava, e sinto que parte de você deseja que eu não tivesse feito isso. Mas não quero soltar, não agora.

— Eu também moro com alguém — falo. — Mas tudo o que você disse, eu poderia dizer também.

— Então diga.

É assim que você reage, com malícia e desconfiança na voz. Gosto disso. Sua mão relaxa e passa a segurar a minha. Estou tão, tão feliz por não ter largado.

— Estamos juntos há quase um ano — conto —, mas é em você que eu penso... mesmo quando estamos transando.

Nada pode me calar agora.

— Principalmente quando estamos transando — enfatizo.

— E?

Fico em silêncio.

— Quero saber — insiste ele.

— É nada. Você quer mesmo os detalhes explícitos?

— Não — responde você. — Na verdade, sim, quero.

Adoro o modo como você diz isso.

— Estou sempre pensando em você. Mesmo quando não estou olhando para você, estou com você o tempo todo. Sei tudo sobre você, sei onde mora, onde seus pais moram na Alemanha, sei até em qual escola fez o ensino médio na Virginia, sei o nome de solteira de sua mãe. Quer que eu continue?

— Eu poderia dizer exatamente a mesma coisa sobre você.

— Como assim?

— Sei seus horários no tênis, sei qual metrô você pega depois do tênis, sei onde mora, e muito mais. Sei sobre Maud também, ela também tem Facebook.

Jamais esquecerei o momento em que finalmente percebi que somos imagens espelhadas um do outro. E, no entanto... tantos meses, tantas coisas desperdiçadas.

— O que mais sabe sobre mim? — pergunta você.

— Sei as roupas que usa, sei a cor de todas as suas gravatas, sei que coloca as meias depois, não antes de vestir as calças, sei até mesmo que às vezes usa barbatana, que abotoa a camisa de baixo para cima, e sei que quero conhecer você até o resto da minha vida. Quero vê-lo nu todas as noites. Quero ver você escovar os dentes, fazer a barba, quero fazer sua barba quando você não quiser fazer a barba, quero tomar banho com você, quero passar creme em seus joelhos, seus braços, na parte interna de suas coxas, seus pés, seus dedinhos delicados. Quero observar você ler, quero ler para você, quero ir ao cinema com você, quero cozinhar com você e me aconchegar e ver TV com você, e se você não gostar de música de câmara, cancelo minha assinatura e assisto a filmes de ação com você, se for disso que você gosta. Quero me deitar nu com você agora. Tudo o que quero é estar com você, ser como você...

Você não me deixou terminar.

— Quero ligar para você hoje à noite.

Suas palavras me atingiram em cheio. Você poderia ter dito *Vamos trepar esta noite*, e eu não teria ficado mais chocado.

— Vou colocar o celular no silencioso — falei.

— Eu também.

E, ao tirar a mão da minha, você a deixou pousar em meu joelho.

— Pensando bem, acho que não vou ligar para você esta noite — diz você.

— Por quê?

— Confusão. Não quero machucar ninguém.

Um instante de silêncio ameaça apagar tudo o que acabou de acontecer entre nós e parece nos jogar de volta para onde estávamos semana passada, mês passado, ano passado. Eu tinha que dizer alguma coisa.

— Não quero que esta tarde não dê em nada — confesso. — Não quero perder você.

E, como se isso fosse capaz de evitar que você mudasse de ideia, pego o celular e mostro a foto de quando tinha doze anos.

— É este quem está falando com você agora. Sincero, excitado, muito assustado.

Você olha para a foto e assente com a cabeça, e sei que entendeu que eu estou tentando desesperadamente construir uma ponte flutuante, ainda que frágil, entre nós.

— Você vai pensar em mim hoje à noite? — pergunta você.

Sorrio, um pouco sem jeito, para demonstrar que não há como não pensar.

— E você? Vai? — indago.

— Ainda não sei.

Isso me tira o chão.

— Brincadeira, Pauly, é só brincadeira. Tênis amanhã? — pergunta você.

— Talvez chova — respondo.

— Mas você sabe que eu vou estar lá. Sabe que vou esperar. E sabe por quê.

— Por quê?

— Você já sabe por quê.

Não resisto. Minha mão toca seu rosto e, melhor que no sonho, você não apenas sorri, nem apenas inclina o rosto na minha direção. Você coloca sua mão sobre a minha e deixa que elas fiquem ali, juntas.

— Tenho tanto a dizer.

— Eu também.

Em casa, entro na internet para procurar sua foto mais uma vez. Vejo seu rosto. Está sorrindo, levemente, possivelmente para mim.

Quero fechar a página, mas não consigo parar de olhar. Tudo o que quero é olhar para você, tocar seu rosto, quero que esse rosto esteja na minha casa, no meu escritório, na minha vida. Quero tanto isso que de repente sou tomado pelo pior medo: amanhã de manhã você não vai aparecer. Vou estar lá, esperando, e você não vai vir. Vou esperar por você, e continuar esperando, mesmo que você se atrase duas, três, quatro horas, vou esperar durante a tarde e, à noite, ainda dizer que não posso deixar de esperar. Não sei por que vou esperar ou o que desconfio e tanto temo.

Durante todo o jantar na casa de Pamela, fico pensando em sua voz e em como nunca consigo trazê-la à minha mente. Todos à mesa estão falando, bebemos demais e, esfregando a pulseira do relógio sob a mesa, gosto de pensar que é seu pulso que estou segurando, não o meu, e se não for seu pulso sob a mesa, então é sua mão segurando gentilmente meu pulso, e, quanto mais toco meu pulso, mais quero pensar que é sua mão apertando meu pau. Isso me deixa feliz. E me deixa triste. Na quarta taça de vinho, percebo que estou lutando para não dizer a todos que estão à mesa, *Sou mais sortudo do que todos vocês que estão aqui esta noite, estou apaixonado, desesperadamente apaixonado, e é a maior agonia do mundo, e nenhum de vocês está ajudando, porque, pelas caras que estão fazendo, nenhum de vocês sabe nada sobre o amor, e sinceramente eu também não sabia até agora.* Fico em silêncio, mas, se você interrompesse nossa refeição como Jesus ao ressuscitar e dissesse *Venha, ande comigo, Pauly*, eu teria me levantado, deixado o guardanapo na cadeira, a taça ainda cheia, e pedido desculpas a Maud e aos outros convidados da forma mais superficial antes de ser levado por você. Se tiver que pagar com a vida para ouvir você dizer *Venha, ande comigo, Pauly*, eu pago.

Mas você não aparece. E por mais que aperte seu pulso, não posso obrigá-lo a ficar. Meu sorriso desaparece, paro de falar e não sou mais o Sr. Tagarela-Animado. Sou o homem mais triste que já existiu, e mais ainda porque ninguém que está sentado à mesa tem a menor noção do que me rasga por dentro. Mas, e se cada um de nós que estamos sentados à mesa fosse uma ilha devastada pelas monções tentando parecer o melhor possível, com todos os nossos coqueiros curvando-se ao vento até que a falta de esperança rompesse seu tronco e fosse possível ouvir cada um se quebrar e todos os cocos ressecados e duros cobrissem o chão, e ainda assim mantivéssemos

nosso ânimo e adicionássemos uma cadência alegre ao nosso caminhar até o trabalho todas as manhãs, porque cada um de nós espera que a voz de alguém nos arranque de nossas bolhas sem graça e diga *Venha, irmão. Venha, irmã.*

Viro para a direita e fito Pamela, depois Nadja, à esquerda. Maud está falando com o homem à sua direita. Será que estão todos esperando que alguém os leve para longe e os salve de si mesmos? E ali está Duncan envelhecendo, e Diego e, como sempre, Claire, que nunca ri de nada que eu digo, que sempre parece estar se esforçando para não dizer que me acha um idiota... será que Claire também está esperando que alguém apareça em sua vida e diga *Venha, Claire, apenas venha?*

E de repente percebo que você pediu que eu o acompanhasse hoje e que segurou minha mão quando toquei seu rosto, e que o que me assusta ainda mais do que ir até a quadra amanhã de manhã e não o encontrar é encontrá-lo esperando por ninguém além de mim, só por mim, Manfred. Você vai estar sentado sob a marquise, segurando suas raquetes entre os joelhos e, ao me ver, vai dizer, *As quadras estão molhadas hoje, disseram que talvez até neve esta noite*, que é o que eu diria se falasse primeiro, e seria meu jeito, e possivelmente também o seu, de dizer *Temos o dia todo só para nós e a noite também, venha, viva comigo.*

Amor estelar

Eu não via Chloe fazia muito tempo. Nós nos encontramos em uma festa no Lower East Side em que éramos os dois estranhos sem companhia em um lugar cheio de pessoas que haviam mantido contato desde a faculdade e cujos filhos pequenos começavam a frequentar a mesma pré-escola. Era só questão de tempo até que nos achássemos. Fizemos piadas sobre nós mesmos — *Ainda sem ninguém? Ainda sem ninguém* —, sobre alguns dos convidados que não tinham mudado — ou, como ela disse, melhorado — desde o último ano da faculdade, sobre um casal mais velho que, ao nos ver conversando na frente do quarto principal, perguntou se os gêmeos dormindo lá dentro eram nossos, e por fim achamos esquisito que nenhum de nós quisesse ficar muito tempo em uma festa a que ambos tínhamos ido na falta de algo melhor para fazer naquela noite de sexta-feira. Tudo isso em um papo alegre e animado que fazia com que você quisesse ficar e colocar o braço em volta dela, motivo pelo qual esperei Chloe e não quis ir embora antes que ela fosse, então acabei ficando até o fim da festa por volta das duas da manhã, e acabei acompanhando-a até em casa a seis ou sete quarteirões dali. Ela disse que não acreditava que tinha ficado até tão tarde. Quando perguntei por que havia ficado, ela me olhou com um sorriso de *dã!* que queria dizer *Pelo mesmo motivo que você*. Não discuti ou disfarcei ou tentei inventar alguma razão forçada para fingir que não tinha entendido. Ela não insistiu. Tudo o que perguntou quando chegamos ao seu prédio e ficamos do lado de fora no frio foi quanto tempo eu levaria para pedir para subir porque, caso eu quisesse saber, a resposta era sim.

Sem rodeios, direta e concisa, como uma patada de um gato brincalhão.

Ela mal havia aberto a porta do prédio quando coloquei as mãos em seu rosto e a beijei. Eu tinha me esquecido de que essa era a sensação de sua boca, sua língua, seus dentes. Lembrei-me de que reparava, na época da faculdade, em seus lábios tesos e escuros em uma expressão que sempre sugeria mau humor, mas que agora eram sinal de uma mulher muito mais mansa e menos assustadora. Nós

nos beijamos e tiramos a roupa perto de um sofá junto à ampla janela que dava para a rua vazia e coberta de neve. Ela serviu vinho em duas taças iridescentes que pertenceram a seus pais antes de eles se mudarem para a Flórida. Um grande ventilador preto, no peitoril da janela, nos encarava como um corvo perplexo que nunca viu duas pessoas arrancarem as roupas uma da outra.

— Olhe para mim — implorou ela na cama. — Olhe nos meus olhos e não me deixe.

De início, não soube o que *Fique comigo, só fique comigo* queria dizer, mas ela suspirou essas palavras com a sensualidade ferida de uma pombinha que só queria que o topo da cabeça fosse acarinhado, e de novo, com movimentos gentis e reconfortantes.

— Isso, apenas fique me olhando assim, bem assim, e olhe para mim quando gozar, porque quero ver nos seus olhos — disse ela enquanto me perfurava com um olhar que dizia que o sexo sem o olhar era tão insignificante quanto o amor sem sofrimento ou o prazer sem vergonha.

Eu também queria ver em seus olhos, disse. Nunca fui assim com ninguém antes.

Depois, naquela mesma noite, não pude deixar de perguntar como ela sabia que eu estava esperando para sair da festa com ela.

— Simples — respondeu. — Porque eu queria que isso acontecesse. Você e eu sempre tivemos pensamentos alinhados. Além disso...

— Além disso?

— Além disso, estava escrito na sua cara — completou ela segundos depois.

Era isso que eu me lembrava de gostar nela: saraivadas de malícia, e sempre uma possibilidade de perigo que nunca era exatamente indesejado, além das humilhações provocativas imediatamente retiradas com um pedido de desculpas apressado que o conquistava com o que você desejava ouvir, porque ela sempre proferia seus pensamentos como se os estivesse lendo em sua mente. Eu gostava das farpas que cutucavam e não mediam as palavras e miravam diretamente nas verdadezinhas tímidas que ela via você esconder e sabia exatamente onde encontrar quando você dizia que não lembrava, porque era onde ela mesma as esconderia. No fim, tive que dizer:

— Você sabe que eu era louco por você no último ano.

— Não é verdade — respondeu ela.

— Por que não?

— Eu que era.

— E agora que você me diz?

— Agora que eu te digo.

Lá estava mais uma vez: a provocação impetuosa misturada à confusão magoada da garota que na faculdade sempre me deixava uma pilha de nervos. Até seu sorriso me perturbava naquela época. Parecia um convite velado encoberto por um *Nem pense nisso* cheio de sarcasmo.

Naquela noite, o sonho de que eu tinha desistido anos antes foi, como um livro emprestado, finalmente devolvido após vários desvios e contratempos. Sem saber, talvez, estávamos esperando para voltar o relógio.

Tomamos um café da manhã improvisado em uma mesa de jantar antiga que viera do apartamento de seus pais em Peter Cooper Village, transamos mais uma vez, então, sem tomar banho, caminhamos pelo West Village e o Lower East Side até o início da noite de sábado. Passamos duas noites juntos, tomamos café e comemos doces na MacDougal Street e jantamos duas vezes em um lugarzinho na frente da casa dela na Rivington Street chamado Bologna, cujo garçom gostou de nós e nos deu um segundo Chianti por conta da casa. Estendi o braço até o outro lado da mesa e segurei as mãos dela e disse que valeu a pena esperar. Sim, valeu, disse ela.

Então, sem explicação, ela não retornou minhas ligações e desapareceu.

— Parti para outra — contou ela quando nos encontramos quatro anos depois em uma festa no mesmo apartamento no Lower East Side onde mais uma vez fomos parar por falta de algo melhor para fazer naquela noite.

As coisas azedaram, explicou, como acontecia com frequência com ela, além disso, odiava os efeitos colaterais, as análises posteriores, os dias rançosos em que um dos dois quer muito ficar perto, mas o outro não.

Como ela poderia chamá-los de rançosos se mal tinham florescido? Aquilo — *nós*, corrigiu ela — pertencia àquela noite de sexta-feira. O sábado foi algo inesperado. O domingo foi um erro.

Então, quatro anos depois, ela se lembrava exatamente do que tínhamos feito.

— Mas e a noite de sexta? — perguntei, obviamente querendo ouvir mais a respeito, porque sabia que ela teria algo de bom a dizer e eu queria ouvir mais uma vez.

Ela não precisou pensar em uma resposta.

— A noite de sexta estava predestinada desde a semana de trote, se quer saber.

Eu queria saber, falei. Eu não fazia ideia.

— Não me diga!

Mas a onda de ironia em sua voz, com as farpas implícitas, me derrubou e me disse que, durante anos, ela guardou um rancor silencioso ou algo que beirava o tipo de perdão amargo que nunca encontra a paz e se solidifica formando um cálculo biliar.

— Se eu soubesse... — comentei.

— Agora sabe.

Ainda era uma troca amigável de farpas, e percebi que ela já estava tentando tirar a faca que talvez tivesse enfiado acidentalmente em mim. Tentei uma resposta rápida, um bate-papo irreverente e alegre, mas não havia nada que eu pudesse dizer para desfazer ou pelo menos reinterpretar o passado.

— Além disso — acrescentou ela finalmente, como se a justificativa pudesse esclarecer as coisas de uma vez por todas —, você mesmo já estava começando a se afastar aquele fim de semana. Talvez fosse como se nós dois estivéssemos pagando multas de biblioteca muito antigas.

— Não era uma multa para mim — respondi.

— Bom, para mim também não. Mas eu não ia ficar sentada esperando que as coisas explodissem na minha cara.

Olhei para ela, surpreso.

— Você não foi exatamente o Sr. Disponível-Acessível. Estava ficando mal-humorado e irritado. Sempre percebo quando um homem começa a dar para trás na tarde de sábado e fica totalmente cabisbaixo pedindo espaço como se seu prazo de validade tivesse expirado, violando licenças não declaradas. Tenho certeza de que parte de você não ficou tão triste assim ao ver as coisas desandarem.

Mas então, em uma estratégia que ainda me pegou desprevenido, ela virou o jogo contra mim, e então contra ela mesma.

— Talvez eu não tenha agradado você. Ou não tenha sido o que você esperava, nem o suficiente. Ou talvez você quisesse outra pessoa, algo a mais. Não estávamos nos conectando. Passei por isso

muitas vezes e sei enxergar os obstáculos adiante. Como eu disse, fomos ótimos para uma noite de sexta, sem dúvida.

— Bom, talvez a própria sexta-feira tenha sido um erro — falei, ansioso por também colocar um prego no caixão, já que era essa a direção que ela estava tomando.

— Não, não foi um erro — corrigiu ela. — Só não ia levar a lugar algum. Estávamos apenas relembrando.

— Talvez não houvesse o que lembrar.

— Talvez. O que explica por que sempre demos para trás.

Olhei para ela e não disse nada.

— Nós sempre demos para trás — repetiu ela.

— Nós?

— Está bem, eu — corrigiu ela.

Como um velho casal relembrando os primeiros encontros para avivar as brasas de chamas moribundas, estávamos tentando sem sucesso trazer de volta a leveza e a alegria de nos reencontrarmos depois de tanto tempo.

Eu disse a ela que me lembrava de uma noite em especial.

— E que noite seria?

Mas eu sabia que ela lembrava.

Um dia antes do recesso de Natal, no nosso último ano, enquanto voltávamos da biblioteca com pilhas de livros, ela parou, se sentou em um banco gelado e pediu que eu me sentasse ao seu lado. Eu não fazia ideia do que ela tinha em mente, mas senti que aquilo estava esperando para acontecer havia muito tempo e finalmente a hora tinha chegado. Estava nervoso, mas me sentei. Eu me lembro de suas exatas palavras:

— Quero que você me beije.

Ela não me deu tempo de reagir ou me preparar e me beijou na boca, sua língua já buscando a minha. Então disse:

— Quero sua saliva.

Eu a beijei com tanta paixão quanto ela me beijou, com mais paixão no fim, porque me deixei levar e não tive tempo para pensar e estava feliz por não pensar. *Ela quer minha saliva*, fiquei pensando.

Acompanhei-a até seu quarto, ela abriu a porta, disse que as colegas estavam dormindo e, antes que eu percebesse, estávamos nos beijando mais uma vez com vontade no corredor. Ela tinha dormido com todo mundo que eu conhecia, embora houvesse passado mais tempo comigo do que com todos eles juntos. Ela não soltou minha

mão e me levou até seu quarto. Eu a beijei no sofá e já estava colocando a mão embaixo do seu suéter e sentindo o cheiro do seu pescoço quando, sem aviso, algo mudou. Talvez tenha sido uma luz no banheiro, ou um riso abafado no quarto, ou talvez eu tenha feito algo errado, ou reprovado sabe-se lá em que teste, mas percebi que ela estava ficando tensa. Então falou:

— Talvez seja melhor você ir embora antes que elas acordem.

Como se o que estávamos prestes a fazer pudesse nos perturbar, ou a elas, dormindo ou não.

Mas eu não respondi nada. Saí do prédio e atravessei o pátio vazio até a biblioteca sob as cintilantes luzes de Natal no campus, tentando sem sucesso entender o que poderia tê-la feito mudar de ideia tão de repente.

No dia seguinte, cada um de nós seguiu seu caminho para o recesso de fim de ano.

Um mês depois, quando voltamos, éramos dois estranhos. Evitávamos um ao outro em todos os lugares. Isso durou mais um mês.

— Você estava tão cabisbaixo naquela época — disse ela.

Sua provocação não me incomodava mais. Eu gostava de ser provocado. Depois de anos no mundo real, eu já havia perdido um pouco da minha indecisão, dos meus medos, barreiras tinham sido derrubadas, os riscos não eram uma preocupação — *se eu sofrer, sofri*.

Não contei a ela que levei mais de meio ano para superar nosso caso de duas noites quatro anos antes.

Trocamos endereços de e-mail, ambos muito conscientes de que nenhum dos dois tinha de fato intenção de escrever. Mas ainda não estávamos indo embora da festa. Acabei levando-a para casa. As mesmas seis ou sete quadras de distância, a mesma entrada fria do prédio sem elevador na Rivington Street coberta de neve, a mesma hesitação à sua porta nas primeiras horas da manhã. O que me surpreendeu mais do que reviver os mesmos movimentos da última vez foi a imperturbável facilidade com que uma coisa levou à outra, como se minha hesitação e a dela fossem encenadas para um observador que seguia nossos passos para nos lembrar de que, como diz o velho aforismo, ninguém em sã consciência deve supor que seja possível entrar no mesmo rio duas vezes.

O apartamento dela estava igual. A mesma quitinete superaquecida, o mesmo cheiro proveniente de uma caixinha de areia escondida, o mesmo barulho da porta da frente que finalmente bate, o mesmo ventilador preto tremendo e empoleirado no peitoril da janela como um corvo empalhado que um dia chamei de Nevermore. Quando me viu vagando pela cozinha com o cachecol e ainda de gorro, ela disse:

— Fique esta noite.

Ela transou comigo exatamente do mesmo jeito, me disse que alimentou esperanças de que eu ficasse até tarde na festa, mas não queria demonstrar caso eu tivesse outros planos — que foi mais ou menos o que ela disse na primeira noite que passamos juntos — e, embora eu soubesse que tudo estaria terminado antes da tarde de sábado, me deixei levar como da última vez.

— Olhe para mim. Olhe para mim e fale comigo, só fale, eu imploro — disse ela, e tudo o que eu era e tudo o que tinha para dar já era dela, podia levar e guardar se quisesse ou lançar numa corredeira caso preferisse. — Amo o modo como transamos... você, de todos os homens que conheci. Amo o que você ama — acrescentou em seguida.

E amava meu cheiro, e me queria assim todos os dias e todas as noites e todas as manhãs de sua vida, disse ela. Eu adorava que ela falasse assim quando transávamos; me fazia falar assim também. Levantei, peguei-a no colo, sentei-a na mesa da cozinha — íamos batizar a mesa, comentei. Você, de todos os homens que conheci, repetiu ela.

Depois do sexo, falei:

— Foi coisa do destino.

— Foi bom — respondeu ela, colocando as coisas em perspectiva, querendo dizer *Não vamos exagerar*.

Então, percebendo que talvez tivesse me esnobado sem querer, completou:

— Você não mudou.

— Você também não.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Passei por muita coisa desde a última vez — disse ela enquanto nos aninhávamos nus na mesma namoradeira.

Gostei do modo como ela disse *a última vez*.

— Não dá para perceber — respondi.

— acredite em mim, passei.

Será que isso queria dizer que ela estava menos propensa a fugir, mais vulnerável, mais mansa, com vontade de manter proximidade... será que ela havia sido seriamente magoada?

Muitas perguntas. Ela tinha namorado, contou.

— É sério?

— Sério o bastante.

Não me preocupei em perguntar o que isso queria dizer para nós. Não havia *nós*. Na manhã seguinte, quando me vesti fazendo questão de chamar a atenção, ela disse que eu ainda não precisava ir embora. O “ainda”, quase um ato falho, me disse que era apenas questão de tempo até que ela me lembrasse que tinha chegado a hora.

Nus no café da manhã, conversamos. Sim, ela ainda fazia ioga todas as manhãs. Sim, eu ainda jogava tênis antes do trabalho. Não, eu não tinha conhecido ninguém. Bom, eu também não, disse ela, minimizando o namorado. Ao olhar em volta, eu disse que reconhecia a mesa da cozinha.

— Você lembrou — disse ela, surpresa por essa coisa chamada tempo ter acontecido conosco afinal.

Ela veio até meu lado da mesa, onde eu estava comendo um *muffin* inglês e, ao ver que eu estava ficando excitado, sentou no meu colo, de frente para mim, as coxas nuas envolvendo as minhas. Adorei a forma como ela fez isso.

— Sempre pensei em nós dois bem assim, você, eu, e um *muffin* inglês — disse ela.

— Por quê? — perguntei, sem pensar que era minha vez de ecoar o que ela tinha acabado de dizer.

— Você me faz gostar de quem eu sou e do que eu quero.

— Outros não faziam isso?

— Não como você.

— E ele?

— *Ele?*

Então ela gostava de nós? Finalmente perguntei.

— Sempre gostei... somos escassos, efêmeros, fugidios — completou ela.

E lá estavam eles, seus lábios escuros com cor de hematoma, e lá estavam seus olhos que me perfuravam e me faziam querer me abrir com uma faca de cozinha e colocar meu coração na mesa dos pais

dela para que visse como aquele pequeno órgão oscilava e se agitava quando ela proferia palavras tão íntimas. Ainda estávamos nus, e o fato de falarmos tão abertamente um com o outro me deixava excitado, mas nenhum de nós foi enganado pelo beijo apaixonado ou pelo que nossos corpos estavam fazendo. Era um adeus sincero, e mesmo quando ela agarrou meu pau e se levantou levemente e o enfiou dentro dela, eu soube que o tempo era contado.

— Não feche os olhos, por favor, não feche os olhos. E me machuque se quiser, eu não ligo, eu não ligo — implorou ela.

Mais tarde, depois que me vesti, ela falou:

— Você não vai ficar cabisbaixo, vai? — perguntou quando começamos a nos abraçar junto à porta.

Não ia ficar cabisbaixo, respondi.

Reconheci a escada. Lembro que pensei que tudo entre nós tinha voltado a ser o que era, porque passar a noite juntos não havia mudado ou resolvido nada, e que, apesar dos anos e das relações que tive desde a faculdade, eu não era menos vulnerável ou mais resistente do que naquela distante noite de inverno em fevereiro no último ano de curso quando fizemos as pazes e acabamos desmaiando e cochilando no mesmo sofá ao passarmos duas noites em claro traduzindo Orwell para o grego para nosso trabalho de conclusão de curso. O tempo, no que dizia respeito a nós, não tinha mudado nada.

Quando cheguei à porta do prédio e pus os pés na calçada, a única coisa que mudou foi que não fui direto até a venda do outro lado da rua para comprar cigarros. Tinha parado de fumar de novo. Ela uma vez reclamou que tudo em mim fedia a cigarro. Eu queria que ela soubesse que eu tinha virado a página e partido para outra. Mas me esqueci de contar; não fazia mais sentido.

Não nos vimos depois daquele fim de semana. Mas nossos e-mails eram constantes. Eu estava tentando mostrar que havia aprendido a manter distância — se era o que ela queria —, que jamais me intrometeria e continuaria a ser o amigo-estepe que não precisava fingir que era apenas um amigo. Eu poderia me transformar em algo mais se ela quisesse, ou tudo poderia ser descartado como uma roupa não vendida jogada na vitrine em uma pilha de peças que um dia vai ser enviada para uma ponta de estoque ou para sobreviventes de furacões. Amizade sob consignaçoão, como eu chamava. Por especulaçoão, respondia ela.

Mas por e-mail éramos amantes, como se uma febre corresse por nossas veias. Assim que via seu nome na tela, eu era incapaz de pensar em qualquer outra coisa ou pessoa. Não havia por que fingir que eu podia esperar. Eu parava o que quer que estivesse fazendo, fechava a porta se estivesse no trabalho, abafava o restante da vida à minha volta e pensava nela, só nela, quase chegando a falar seu nome, o que às vezes me pegava fazendo quando uma ou duas palavras escapavam da minha boca antes que eu pudesse impedir, palavras que eu repetia *verbatim* por e-mail, na esperança de que voassem até a outra tela e agitassem Chloe como um novo medicamento moderno e poderoso que tem efeito imediato em uma minúscula câmara do coração sem afetar as outras três. Eram suspiros, não e-mails. Palavras que mexiam ainda mais comigo quando eu as transcrevia do meu corpo para o teclado e que saíam de mim como dardos embebidos em sangue, sêmen e vinho. Eu queria que minhas palavras entrassem em erupção nela, como as dela faziam comigo, como minas detonadas remotamente quando estamos com a guarda baixa.

À noite em casa eu relia os e-mails daquele dia, examinando suas palavras até ficar excitado, porque parte do que mexia comigo mais do que as palavras era saber que eu teria que revelar minha excitação no instante em que ela acontecia em minhas entranhas e em minha virilha. Minha mente procurava por aquele fluxo de palavras como um cão que fareja um osso e, quando encontra, ou pensa que encontrou, treme de felicidade, ainda que o osso tenha sido lançado sem intenção. Só de pensar nela tão tarde naquela sexta-feira depois da festa quando disse que nunca esqueceu o que gostávamos na cama — *você, de todos os homens que conheci* — eu tinha vontade de gritar que nada na minha vida era mais importante naquele minuto do que ouvi-la dizer *Olhe para mim quando gozar*. Eu disse que era isso que transar com ela significava para mim: não que ela me conhecesse como se estivesse dentro da minha cabeça e que ser conhecido daquela maneira era exatamente o que eu achava tão excitante sempre que pensava em nossos corpos juntos, mas que, quando olhávamos um nos olhos do outro como ela queria e tinha me ensinado a querer, ela e eu éramos uma vida, uma voz, algo grande e atemporal dividido em duas partes insignificantes chamadas pessoas. Duas árvores enxertadas uma na outra por natureza, pelo desejo, pelo próprio tempo.

O e-mail faz isso com as pessoas. Confessamos mais e censuramos menos, porque o que dizemos escapa e não conta de verdade, como palavras fumegantes proferidas durante o sexo, pronunciadas de coração aberto e língua viperina.

— Você é minha vida — finalmente escrevi um dia.

— Eu sei — respondeu ela.

— Sabe mesmo?

— Sei. Por que você acha que ficamos nos escrevendo o dia todo?

Então contei que só de pensar nela sentando em mim à mesa dos pais eu já ficava muito excitado sozinho à noite.

Um fluido desconhecido circulava entre nós na internet. Existia um *nós* por e-mail.

Mas o e-mail também era nosso pesadelo.

— Não posso continuar escrevendo — disse ela. — Destrói tudo o que tenho.

E por que isso deveria me conter?, pensei. Eu queria ver tudo o mais em sua vida destruído. Queria tudo maculado, deteriorado, desmembrado. Ela se ressentiu quando passei dos limites e me alastrei em sua vida pessoal. Eu me ressentii quando ela não quis se alastrar na minha. Depois de minutos de excitação intensa, uma palavra inapropriada ou um tom não totalmente alinhado de repente fulgurou entre nós, desfazendo o encanto. Surgiu algo como um desdém tácito em suas palavras ou chacota nas minhas, nenhum de nós capaz de conter o próprio amargor ou domar o do outro. Levaríamos dias para recuperar as agitações trêmulas do desejo.

— Viu só, eu estou sendo boazinha — escreveu ela, consciente da ironia em suas palavras.

Não gostei do tom ácido ou cáustico. Matou a paixão da única noite que eu não queria esquecer.

Semanas depois fizemos as pazes. Mas havia hematomas por toda parte. Tentamos alimentar a chama com humor, tentamos ser indiretamente permissivos e usar desculpas implícitas, mas percebemos que as brasas estavam morrendo. Usamos muletas o tempo todo, sempre nos apegando a algo que provavelmente nem estava ali ou estava preso sob alguma abóboda mítica que inventamos. Isso devia ter acabado semanas atrás, escreveu ela. Nunca devia ter começado, respondi. Nunca começou, retrucou ela. Nunca houve chance alguma, houve? Não! Foi o que imaginei.

Em sua boca a verdade não era como veludo. Proferia adagas serrilhadas. Aprendi a falar de modo serrilhado também.

Depois de três dessas crises, paramos de escrever. Nenhum de nós queria retomar a correspondência e, se queríamos, nenhum de nós sabia como contornar as inevitáveis rixas que nos aguardavam. Pedir desculpas parecia insignificante, uma candura superficial. Deixamos para lá.

— Eu sabia que o encontraria aqui — disse ela quando nos encontramos quatro anos depois no lançamento de um livro na Park Avenue.

Ela parecia extasiada ao me encontrar e, ao perceber que ela não estava escondendo, demonstrei também. Ela estava com um autor com quem trabalhava. Onde ele está?, perguntei. Ela apontou para um homem de quarenta e poucos anos que mais parecia uma estrela de cinema. Ele estava conversando com três mulheres.

— Parece bastante elegante e nada cabisbaixo — comentei, lançando mão da velha palavra para mostrar que eu não havia esquecido.

— Sim, e vaidoso, você não acreditaria quanto — respondeu ela, o sarcasmo escorrendo de sua boca.

Estávamos de volta ao estado normal, como se tivéssemos tomado café naquela manhã e jantado na noite anterior. A festa duraria das seis às oito. Eu ia ficar até o final?, perguntou ela. Só se ela ficasse. Rimos.

— Você e ele...?

Não concluí a pergunta.

— Você está louco — respondeu ela.

Ela só precisava se livrar do autor até as oito e estaria pronta para ir.

— Ele é um bom escritor? — perguntei.

— Aqui entre nós?

Isso dizia tudo. Ela estava em sua melhor forma, reluzente e mais cheia de energia do que nunca, e amei isso. Perguntei se aquele pequeno restaurante na frente da casa dela ainda existia.

— O italiano com o garçom simpático?

— Sim.

— Bologna.

Por que fingi ter esquecido o nome?

— Sim, pelo que eu sei.

Mas ela não morava mais no centro. Onde morava agora? Perto da Lexington Avenue, contou, a algumas quadras de onde estávamos. Tem um lugar bom por aqui para jantar? Eu estava convidando-a para jantar? Sim, estava, respondi. Havia muitos.

— Mas posso preparar alguma coisa rapidinho.

Ela tinha ganhado uma caixa de um Bordeaux ótimo do autor.

— Então fique por aqui.

Fiquei por ali.

Não mudamos ao longo dos anos. Caminhamos até a casa dela. Chloe preparou algo rápido, usando, contou, uma garrafa já aberta do mesmo tinto para a vitela, o que era um crime, disse ela. Então nos sentamos no mesmo sofá. Ainda o mesmo gato. Ainda as mesmas taças, ainda a mesma mesa que herdara dos pais. Em Peter Cooper Village, certo?, perguntei. Em Peter Cooper Village, repetiu, para mostrar que ela lembrava que eu lembrava e não estava mais impressionada. Alguém tinha morrido? Que pergunta! Não, ninguém tinha morrido. E o grande ventilador preto que parecia um corvo irritado, que havia sido caçado, limpo e empalhado sem nunca ter morrido de fato? Teve que ir embora; e o último namorado, *namorados?*, corrigi. Ninguém que valesse a pena mencionar. Mais alguma novidade?, perguntei. Ela sorriu, eu sorri.

— Entre nós, você quer dizer?

Eu adorava o modo como ela focava no que eu nem sempre ousava dizer.

— Ainda sou a mesma, e você? — perguntou ela, como se falasse de um velho conhecido de quem não tinha certeza se eu lembraria.

— Não mudei nem um pouco — respondi —, nunca mudei, nunca mudarei.

— Foi o que imaginei — disse ela.

— E não estava falando da minha aparência.

— Eu sei do que você estava falando.

Nosso sorriso hesitante e desajeitado disse o restante. Ela estava em pé com uma taça de vinho à porta da cozinha. Acabei cedendo, quis ceder logo de cara. Tive um arrepio prematuro e erótico, quase indecente, ao beijá-la sem esperar o momento perfeito. Ela me beijou com a mesma paixão. Talvez porque fosse mais fácil beijar que falar. Eu queria dizer que esperei anos por isso, que não poderia esperar mais quatro se esta fosse a última vez. Estávamos felizes demais para falar.

Dois dias. Então discutimos. Eu queria ir ao cinema na noite de sábado; ela preferia ir na tarde de domingo. Os cinemas ficavam muito cheios no sábado, argumentou ela. Mas era por isso que eu gostava de ir ao cinema sábado à noite. Gostava da multidão. As tardes de domingo eram deprimentes. Além disso, eu odiava sair do cinema em um domingo nublado de céu escuro cambaleando em direção à sua morte inevitável. Nenhum de nós arredou o pé. Teria sido tão fácil ceder, mas não cedemos, e quanto mais batíamos o pé, mais difícil ficava se render. Para não dar o braço a torcer naquela noite, fui ao cinema sozinho, então voltei para casa e não liguei para ela. No dia seguinte, ela foi ver o mesmo filme e não me ligou. Nossas explicações apressadas por e-mail na segunda de manhã não duraram mais do que dois minutos. Em seguida, uma seca de e-mails.

Quando nos falamos de novo, nenhum dos dois lembrou o filme sobre o qual discutimos naquele distante fim de semana quatro anos atrás. Rimos. Claramente, tínhamos problemas, eu disse, tentando minimizar o episódio e o quanto nosso comportamento foi absurdo — *meu comportamento*, corriji. Ela podia pensar em palavras melhores do que “problemas”. Estupidez? Com certeza. Sua ou minha?, perguntei, mais uma vez tentando lançar malícia na conversa, o tempo todo permitindo que ela desferisse o primeiro golpe.

— Sua, é claro. — Então, depois de ter saído na frente no placar, completou: — Mas talvez minha também.

Ou talvez fosse nossa habitual tempestade em copo d’água.

A sala no apartamento do Upper West Side estava cheia de gente e muito barulhenta. Ela queria me apresentar ao marido, que estava em outro cômodo igualmente lotado. Você?, perguntou ela, claramente querendo dizer: Você veio com alguém? Eu estava com Manfred. Ele também está aqui? Ela sorriu, eu sorri de volta. Então olhamos um para o outro e, por causa do silêncio educado que pairava entre nós, caímos na gargalhada. Não foi Manfred que nos fez rir, embora talvez o riso fosse uma maneira tão boa quanto qualquer outra de abordar o assunto. Rimos porque imediatamente ficou claro que nós dois acompanhávamos de longe a vida um do outro. Eu sabia sobre o marido dela, Chloe sabia sobre Manfred. Talvez tenhamos rido apenas pela tranquilidade de estarmos nos

dando tão bem esta noite depois de cada um ter seguido seu caminho na última vez.

— Eu sabia que o encontraria aqui — disse ela.

— Como?

— Eu fiz com que convidassem você.

Rimos.

— Mas você provavelmente imaginou que eu estava por trás do convite, por isso veio.

Ela lia minha mente de novo, e eu adorava isso.

— Como estão as coisas? — perguntou Chloe por fim.

Eu sabia bem o que ela queria dizer. Mas ao perceber que eu aparentemente estava com dificuldade em responder, ela completou:

— Com Manfred, quero dizer.

— Normal. Caseiro. Aos domingos, dobramos a roupa lavada — contei. — E com seu marido? — perguntei enquanto abríamos caminho por entre a multidão.

— O tipo com quem sempre acabo ficando: cabeça-dura, pavio curto e, quando estamos sozinhos, insuportavelmente cabisbaixo. Decidi que todos os homens são cabisbaixos, ou você não sabia?

— Eu sempre fui cabisbaixo. Desde o último ano — falei, tentando me desviar das farpas.

— Desde sempre — corrigiu ela. — Na verdade, ele é muito machão para ficar cabisbaixo em público.

Ela olhou na direção do marido.

— Não tem sido fácil — disse finalmente.

Senti que algo perturbador se aproximava.

— Você não perguntou — acrescentou, como se não soubesse bem como continuar.

— Mas...? — completei, instigando-a a dizer a palavra que obviamente estava faltando.

— Mas vou contar mesmo assim, porque você é o único nesta merda de mundo que vai entender. Eu posso amá-lo. Mas nunca me apaixonei por ele, nem uma vez, nunca.

— Então vocês têm o casamento perfeito — comentei.

O objetivo era manter as coisas leves e irreverentes. Talvez porque não queria ouvir mais, ou não queria que ela mexesse na minha vida e me deixasse sem chão também. Mas ela ignorou meu comentário.

— Não seja cruel — rebateu ela. — Estou contando isso porque você e eu somos exatamente o oposto. Vamos continuar apaixonados

até que tudo em nós apodreça, os dentes, as unhas, os cabelos. O que não significa nada, é claro, já que não conseguimos sobreviver a um fim de semana juntos.

— E você está me dizendo isso por que...?

Ela ficou me encarando como se não acreditasse que eu ainda não tivesse adivinhado.

— Porque estou sempre pensando em você. Porque penso em você todos os dias, o tempo todo. Como eu sei que você pensa em mim todos os dias, o tempo todo. Nem adianta negar. Eu simplesmente sei. E é por isso que estou tão feliz por encontrá-lo aqui esta noite. Talvez porque eu precisasse vê-lo de novo e despejar tudo isso de uma vez. E a ironia é que — ela respirou fundo — não há nada que eu ou você possamos fazer. Então pronto. E, por favor, não finja que com você é diferente... com ou sem *seu* Manfred.

Eu não sabia que era assim que ela se sentia em relação a mim, ao marido ou, aliás, ao pobre Manfred, que ela acabara de diminuir com um *seu* enfático. Mas no lançamento do livro, com todo o barulho e os discursos e o bafafá a respeito da crítica elogiosa no próximo jornal de domingo, tudo o que eu queria era sair do apartamento, descer as escadas correndo e ficar lá fora na calçada com o vento gelado soprando em meu rosto e afogar tudo o que ela tinha acabado de dizer.

Ela tinha razão. Sempre fomos apaixonados, ela e eu. Mas o que fizemos com nosso amor? Nada. Talvez porque o modelo de tal amor não existisse, e nenhum de nós tinha a confiança, a coragem ou a determinação de criar um. Amávamos sem convicção, sem propósito, sem amanhã. Amor por especulação, como ela disse certa vez.

Fingir o amor era fácil; achar que eu não estava fingindo era mais fácil ainda. Mas nem ela nem eu fomos enganados. Então brigamos com o amor como brigávamos um com o outro — mas a que preço? Eu não podia desfazê-lo ou arrancá-lo, mas, golpeando-o como um inseto que não quer morrer, eu podia machucá-lo, danificá-lo, até que o que exista entre nós apodreça. Nada o matava. Mas algum dia esteve vivo? E, olhando de perto, era mesmo amor? E se não era amor, o que era? Amor partido, agredido, arruinado, desperdiçado, tremendo em um beco frio como um animal ferido que perdeu o dono e mal sobreviveu a um encontro com um cachorro mau, isso era realmente amor? Sem coração, sem gentileza, sem caridade, sem

amor até. Nosso amor era como água estagnada atrás de comportas trancadas. Nada sobrevivia nele.

Na sala lotada com vista para o Hudson, a percepção de que o nosso era um amor natimorto fez com que algo dentro de mim se retorcesse. Não ia acabar comigo, mas eu quis encontrar um canto em algum lugar do apartamento enorme onde pudesse ficar sozinho e me odiar. Tentei abrir uma das janelas, mas estava emperrada. Típico, pensei, lançando um veredito vertiginoso sobre pessoas que nunca deixavam que um sopro de ar fresco entrasse em casa.

— Este é Eric, meu marido — disse ela.

Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos.

— Ótimo discurso — elogiei.

— Você achou mesmo?

— Formidável!

Mais papo de festa.

Quando a festa acabou e todos já tinham ido embora, nós quatro agradecemos ao anfitrião e, por impulso, decidimos jantar juntos. Não tínhamos reserva e, depois de algumas ligações apressadas no frio, Manfred conseguiu uma mesa em um pequeno restaurante em TriBeCa. Pegamos um táxi, o marido elegantemente se oferecendo para sentar ao lado do motorista enquanto nós três nos amontoávamos atrás, eu apertado no meio. Enquanto avançávamos pela West Side Highway, lembro que pensei *Eu podia segurar a mão dos dois*, eu podia segurar a mão dele e podia segurar a mão dela, e talvez nenhum deles se importasse com o que eu fizesse com o outro, desde que eu não soltasse. Ela deve ter sentido algo muito parecido, pois pousou a mão aberta, dócil e desatenta, no joelho de maneira tão confiante e complacente que estava quase pedindo que eu fizesse alguma coisa, e foi por isso que não pude deixar de pegar sua mão enluvada e apertá-la na minha antes de soltá-la. O objetivo de tê-la soltado tão rápido era sugerir amizade, apenas amizade, mas não era apenas amizade e, vendo que a mão continuava sobre a coxa onde eu a havia deixado, peguei-a mais uma vez e enlacei meus dedos aos dela. Ela pareceu grata e retribuiu o gesto. O rosto de Manfred nem se mexeu, o que me dizia que ele tinha visto e estava fingindo que não. Peguei sua mão, ele me deixou segurá-la. Estava cedendo à minha vontade. Ouvira falar dela tantas vezes e provavelmente estava se esforçando para não se deixar atingir.

Assim que nos sentamos no restaurante, pedimos uma garrafa de vinho tinto. Ela chegou junto com pedaços de queijo parmesão — estilo velho mundo. Eu podia viver só disso, disse ela, se referindo ao vinho e ao queijo. E pão, eu disse. E pão, é claro. Reclamamos do clima. Planos para o verão?, perguntou Manfred. Eles gostavam de viajar. O mais longe possível, explicou o marido. Preferíamos Cape Cod. Eles tinham uma filha de dois anos. Nós tínhamos gatos. Havíamos falado de adoção, e uma ex-namorada até se oferecera. Mas no fim das contas os gatos eram mais fáceis. Gostávamos de filmes de ação e séries de TV da Escandinávia. Eles gostavam de jogar palavras cruzadas.

— Você quer mesmo saber? — respondeu ela quando enfim perguntei como era a vida com um filho.

Para ela o pior momento do dia eram as tardes de inverno no escritório no quadragésimo sétimo andar, quando o mundo começava a desabar sobre sua cabeça com uma crise após outra, além, é claro, das ligações em pânico da babá e, não podemos esquecer, de seus pais idosos na Flórida. Você deixa de pertencer a si mesmo, disse ela.

— Pertença a minha filha, meu marido, minha casa, meu trabalho, minha babá, minha diarista. O tempo que sobra, como o dinheiro que recebemos de restituição de impostos, não dura mais do que uma sonata de dois minutos de Scarlatti.

— E você nem gosta de Scarlatti — comentei.

— Como você sabe? — perguntou ela.

Eu lembrava.

— À noite, não caio no sono, apago — completou ela, coroando suas reclamações com um sorriso. — Jamais teria imaginado quando estávamos na faculdade e passávamos todas aquelas noites traduzindo *A revolução dos bichos* para grego clássico, para entregar àquele Velho Inglês, que um dia me ouviria reclamando assim.

Ela estava brincando com um *gressino* comprido sem comê-lo.

— Como vocês dois se conheceram? — interrompeu o marido.

Foi o jeito dele de quebrar o silêncio, mas também de interromper a súbita melancolia do discurso da esposa. A pergunta significava que ou ela nunca tinha falado de mim ou ele nunca havia prestado atenção.

— Nos encontramos a cada quatro anos — contei.

— Bissexualmente — completou ela.

Mas, em seguida, sem saber se Manfred poderia interpretar a palavra de outro jeito, vi que ela tentou voltar atrás.

— A cada quatro anos — repetiu.

Gostei de ela ter feito isso.

— Trocamos apontamentos, botamos o papo em dia, discutimos — continuou, injetando um toque de leveza à palavra “discutimos” para encobrir sua implicação mais sombria.

Então desaparecemos, completei. Mas sem ressentimentos, disse ela. Não, nada de ressentimentos.

— Esses dois! — exclamou Manfred. — Eles se conhecem há anos — completou para resumir e fazer a conversa andar.

O marido não pôde deixar de citar Hartley.

— O passado é um país estrangeiro; fazem as coisas de um jeito diferente lá.

Uma pequena alfinetada e um P.S. ao nosso breve desentendimento. Ou ele tinha adivinhado tudo ou imaginado que não havia nada que valesse a pena adivinhar.

Mas suas palavras resumiram tudo o que havia entre nós.

— Sim, o passado é um país estrangeiro — falei —, mas alguns de nós são cidadãos de pleno direito, outros turistas ocasionais e outros itinerantes incertos, ansiosos por ir embora, mas sempre desejosos por voltar. — E continuei: — Há uma vida que acontece no tempo normal e outra que a interrompe, e desaparece tão repentinamente quanto chegou. E existe a vida que talvez nunca alcancemos, mas que poderia tão facilmente ser nossa se soubéssemos como encontrá-la. Não acontece necessariamente no nosso planeta, mas é tão real quanto a que vivemos... podemos chamá-la de “vida estelar”. Nietzsche escreveu que amigos distantes podem se tornar inimigos declarados, mas de alguma forma misteriosa permanecem amigos, embora em uma esfera completamente diferente. Ele chamou isso de “amizades estelares”.

Eu me arrependi assim que terminei de falar.

Chloe imediatamente se apoderou de minha referência não intencional à nossa própria amizade e tentou desviar o assunto dizendo que Nietzsche escreveu isso em *A gaia ciência*. Mas, temendo que Manfred pudesse mais uma vez interpretar de outra forma, logo lembrou a todos que ela não só me deu o livro como me obrigou a lê-lo. Quando?, perguntei, fingindo ter esquecido. No último ano da faculdade, pelo amor de Deus.

Cada um de nós ofereceu sua versão resumida dos tempos de faculdade. O marido e Manfred tinham ótimas lembranças. Eu ofereci um esboço lapidar. Então, como ela havia citado o Velho Inglês, acabamos falando sobre as aulas.

— Os seminários nas noites de inverno na terça-feira com nós doze, *seus discípulos*, como ele nos chamava, eram inesquecíveis — contou ela. — Sentávamos no tapete persa com as pernas cruzadas e em volta da mesa de centro, bebericando a cidra quente que sua esposa fazia, alguns fumando, eu sempre mastigando canela em pau, e o bom Velho Inglês, cujo nome verdadeiro era Rault Wilkinson, declamando, ou melhor, conduzindo suas palavras com a ponta do cachimbo curvo em sua mão esquerda.

— Horas mágicas — comentei.

— Com certeza — concordou ela.

— Aprendi a amar vírgulas pela ascensão e queda da voz dele — revelei. — Voz inesquecível quando lia para nós. Quatro anos de faculdade e o melhor que levei comigo foi um amor por vírgulas.

Sabia que ela concordaria a respeito das vírgulas. Eu a ouvira dizer isso anos antes e estava repetindo, esperando que isso pudesse nos aproximar caso Chloe tivesse esquecido que na verdade era uma observação dela. Queria que sentisse saudade daqueles dias comigo, que pensasse *Ele sempre pensa como eu, nunca deixou de me amar*.

Então contei sobre uma noite, anos atrás, em que estávamos discutindo *Ethan Frome* e, depois de distribuir entre nós as duas tortas de abóbora que a esposa tinha cortado em fatias grossas com uma porção generosa de creme inglês em cada, Velho Inglês finalmente falou sobre a autora e disse que o livro começou a ser escrito não em inglês, mas em francês. Algum de nós sabia por quê?, perguntou ele. Ninguém sabia por quê. Porque ela queria dominar o francês, explicou. Ela morava em Paris na época e tinha contratado um jovem professor particular. Ainda temos as anotações dele nas páginas. Então, ali estava ela, contou ele, escrevendo um refinado conto francês do século XVII povoado de tipos grosseiros, lenhadores e mascadores de tabaco intimidados por suas mulheres e que corriam para o bar a fim de afogar as mágoas no uísque e no charque.

— Não me lembro do enredo — falei, mas me lembrava da neve e do amor hesitante entre Ethan e Mattie, sentados à mesa da cozinha, nervosos e se esforçando para não dar as mãos. Eu me lembrava especialmente da travessa dourada.

— Você quer dizer o prato de servir — corrigiu o marido.

Agradei.

— Edith Wharton — continuei — passou grande parte da vida na Nova Inglaterra e, de repente, depois de um caso extraconjugal, aos quase quarenta e seis anos, escreveu estas sete palavras em seu diário: *Eu bebi do vinho da vida enfim*. Velho Inglês amava essa frase. “Considerem a coragem necessária para dizer algo assim a si mesmo em uma idade em que a maioria das pessoas há tempos bebe e cura a ressaca do vinho da vida. E considerem o desespero da última palavra, *enfim*, como se ela já tivesse desistido e estivesse grata a esse homem que apareceu em sua vida bem a tempo.” Depois de ponderar sobre as próprias palavras, Velho Inglês perguntou quantos de nós já tinham bebido do vinho da vida. A maioria das pessoas levantou a mão, plenamente convencidas de que tinham experimentado a derradeira alegria. Só dois não levantaram a mão.

— Eu e você — disse ela, depois de um instante em silêncio, como se isso dissesse tudo, sempre tivesse dito tudo.

O silêncio pairou.

— Na verdade, uma terceira mão deixou de ser levantada naquela noite — acrescentei por fim.

— Não me lembro de uma terceira mão.

— O próprio Velho Inglês. Bem casado, pai, reitor respeitado, acadêmico, escritor, viajante do mundo... e lá estava ele, também sem levantar a mão, o tempo todo fingindo estar ocupado reabastecendo o cachimbo para não parecer tão óbvia sua abstenção na contagem de mãos. Aquilo me impressionou. Comecei a pensar que ele estava vivendo uma vida errada, que não era sua. Vi um homem derrotado por uma longa e permanente sequência de arrependimentos. Todas as honras do mundo, mas não o vinho. Senti pena dele. Ele era, meio que concluímos por uma citação que um dia ele tomou emprestado de Lawrence Durrell, “ferido em seu sexo”. Todos nos apaixonamos pela expressão, porque queria dizer tudo e nada. *Não posso na quinta, porque estou ferido em meu sexo. Margaret finalmente entendeu que tinha sido ferida em seu sexo. O relatório dos membros do comitê o feriu em seu sexo. Não pude entregar o trabalho a tempo porque estava ferido em meu sexo.* Uma noite, as luzes da casa se apagaram. A luz acabava com frequência em noites de tempestade, e em toda a cidade universitária. Foi bastante assustador, mas também incrivelmente aconchegante. Todos

nos aproximamos e nos conectamos melhor no escuro. Mesmo com as luzes apagadas, continuamos conversando, alguns como sempre sentados no tapete, outros em dois sofás, ele com o cachimbo na poltrona. Adoramos a voz dele no escuro. Logo que caiu a luz, a esposa dele veio com um antigo lampião a querosene. “Procurei, mas não temos velas”, desculpou-se ela. Ele agradeceu, como sempre, com muita doçura. No fim das contas, uma das garotas do grupo não se conteve. “Você tem uma vida perfeita”, disse ela. “Casa perfeita, esposa perfeita, família perfeita, trabalho perfeito, filhos perfeitos.” Não sei como, mas sem hesitar ele trucidou a observação: “Aprenda a ver o que nem sempre é visível e talvez você se torne alguém.” Essa frase ficou comigo para sempre. Três anos depois, voltei e fiquei em sua casa por cerca de dez dias. Eu não era aluno, mas foi fácil retomar os velhos hábitos, participar de seu seminário noturno com o novo grupo de *discípulos*, folhear os mesmos livros de novo e, quando todos tinham ido embora, ajudá-lo a organizar a louça e colocá-la no lava-louça. Não muito tempo depois, enquanto eu o ajudava a secar as taças, ele confidenciou que seu nome não era Rault Wilkinson, mas Raúl Rubinstayn. Apesar das credenciais de Oxford, ele nem mesmo era britânico. Nascera em Chernivtsi e tinha sido criado, imagine só, no Peru.

— Ele ainda está vivo? — perguntou o marido, interrompendo meu breve idílio.

— Está — respondi. — O estranho naquela noite foi que, depois de discutir *Ethan Frome* como havia feito três anos antes conosco, ele levantou a mesma questão sobre o vinho da vida. Desta vez só duas mãos não se ergueram. Então eu soube, simplesmente soube. E, quando me lançou um olhar breve, ele soube que eu sabia. Fizemos piada sobre o vinho da vida enquanto bebíamos vinho depois do seminário. “Isso não existe”, disse ele por fim. “Não tenho certeza”, respondi, tentando não discordar dele. “Você ainda é jovem. E, porque é jovem, talvez você é que esteja certo.” Percebi que ele, já com mais de cinquenta, talvez fosse mais jovem do que eu.

Ninguém disse nada, talvez eu os tivesse entediado falando sobre minha época de faculdade. No silêncio do momento, pensei naquele inverno em que saí da casa do Velho Inglês sozinho uma noite e lembrei que Chloe e eu costumávamos atravessar o pátio juntos e contávamos os nove postes de luz, então brincávamos de dar a cada um o nome de uma das nove Musas, usando o macete mnemônico

TUM PECCET. Tália, Urânia, Melpômene, Polímnia, Erato, Clio, Calíope, Euterpe, Terpsícore. As aulas dele definiram nossas vidas naquele ano, como se a sala mal iluminada naquela casa enorme na rua íngreme que partia do pátio pudesse fechar o mundo real e nos abrir outro. De repente, tudo parecia estar no passado, e senti saudade daquela época.

Lembrei-me de outra noite, quando o encontrei na varanda, olhando para o pátio deserto. Havia acabado de nevar e o lugar não poderia parecer mais tranquilo ou mais atemporal. Disse a ele que não se preocupasse e prometi limpar a neve pela manhã.

— Não é isso — respondeu ele.

Eu sabia que não era. Ele colocou o braço em meu ombro, o que nunca fazia, porque não era do tipo que expressava carinho fisicamente.

— Estou olhando para tudo isso e pensando que um dia não vou estar aqui para ver e sei que vou sentir falta, mesmo que não tenha mais um batimento cardíaco para sentir falta de nada. Sinto agora pelos dias que virão, como sinto falta de lugares em que nunca estive ou coisas que nunca fiz.

— Que coisas que nunca fez?

— Você é jovem e muito bonito... como poderia entender?

Ele tirou o braço. Vivia um futuro que não seria seu para viver e sentia saudade de um passado que também não fora seu. Não havia como voltar nem como avançar. Senti pena dele.

O passado pode ser ou não um país estrangeiro. Pode se transformar ou permanecer o mesmo, mas sua capital sempre vai ser o Arrependimento, e o que flui ao longo dela é um canal de desejos não concretizados que correm em direção a um arquipélago de pequenas possibilidades que nunca aconteceram de verdade, mas não são irreais por não terem acontecido e talvez ainda possam acontecer embora tenhamos medo de que nunca aconteçam. E pensei no Velho Inglês guardando tantas coisas, como todos guardamos quando olhamos para trás e vemos que as estradas que abandonamos ou que não pegamos desapareceram. O arrependimento é o modo como esperamos voltar para nossas vidas reais assim que encontrarmos a determinação, o impulso cego e a coragem de trocar a vida que nos foi dada pela vida que tem nosso nome e nenhum outro. O arrependimento é o modo como ansiamos por coisas que perdemos, mas nunca tivemos de verdade. O arrependimento é a esperança sem

convicção, eu disse. Estamos divididos entre o arrependimento, que é o preço que pagamos pelas coisas que não fazemos, e o remorso, que é o preço que pagamos por fazê-las. Entre um e outro, o tempo se diverte com seus convidativos truques.

— Os gregos nunca tiveram um deus do arrependimento — observou o marido de modo imperioso, para se exhibir ou desviar uma conversa que claramente não era só sobre o Velho Inglês.

— Os gregos eram brilhantes. Usavam uma única palavra tanto para o arrependimento quanto para o remorso. Como Maquiavel.

— Exatamente o que eu quis dizer.

Eu não sabia o que ele *quis dizer exatamente*, mas ele parecia gostar de dar a palavra final.

Quando saímos do restaurante, ela e eu caminhamos na frente juntos, enquanto Manfred e o marido seguiam atrás.

— Mas você está feliz? — perguntei.

Ela deu de ombros, para dizer que a pergunta era discutível ou que ela nem sabia o que a palavra significava, não ligava, não queria ir por esse caminho. Felicidade, *qu'est-ce que c'est?* Mas e você?, perguntou ela. A espontaneidade de seu “mas” me disse que ela esperava uma resposta totalmente diferente. No entanto, dei de ombros também, talvez para ecoar seu gesto e deixar por isso mesmo.

— A felicidade é um país estrangeiro.

Eu estava tirando sarro do maridinho, o que percebi que não a desagradava.

— Com Manfred existe muita boa vontade, e nunca uma palavra fora de lugar, mas a coisa em si...

Balancei a cabeça, como se dissesse: É melhor nem começar.

— Posso ligar para você? — perguntou ela.

Eu a encarei.

— Pode.

Mas mesmo eu podia ouvir o tom cansado, despretensioso, derrotado em nossa voz, tanto quando ela perguntou como quando eu respondi. Eu me arrependi assim que ouvi e mais uma vez tentei animar a conversa do jantar. Talvez eu estivesse tentando imitar aqueles que têm apatia no coração mas fingem não querer demonstrar. Ou talvez estivesse tentando demonstrar o quanto desejava que ela ligasse. Senti o gelo, e senti que estava tremendo. Mas não era de frio.

Eu desejava apenas que pudéssemos ficar juntos assim e não estivéssemos à beira da despedida, que a despedida ainda estivesse a vinte, trinta quarteirões, trinta minutos, trinta anos de distância. Quando chegou a hora de nos separarmos na esquina, me vi dizendo:

— Isso é incomum.

— O que é incomum? — perguntou o marido.

— Sim, muito incomum — concordou ela.

Não nos preocupamos em explicar, porque nenhum de nós tinha certeza de que o outro tinha entendido. Então todos nos cumprimentamos com apertos de mãos. O dele era firme. Prometemos jantar novamente em breve.

— Sim — disse ele. — Muito em breve.

Afastamo-nos. Manfred colocou o braço à minha volta, dizendo:

— *Coragem.*

Ela não me ligou na semana seguinte, nem mesmo no dia seguinte, mas na mesma noite. Eu podia conversar? Sim, podia. Minha voz mais uma vez soava ferida e derrotada, como se eu tivesse proferido um apático *Você é quem manda.*

— Eu queria que fosse você.

O que ela queria dizer?

— Você sabe exatamente o que eu quero dizer.

O quê?

— Eu já disse! Eu queria que fosse você *no lugar dele.*

Ela parecia com raiva de mim... por não ter entendido de cara, por fazê-la dizer.

Como alguém que é acordado de um sono muito profundo pelo barulho repentino de uma demolição, precisei ter certeza de que tinha ouvido bem, precisei de alguns minutos para organizar meus pensamentos.

— O que... eu ofendi você tanto assim? — perguntou ela finalmente, com raiva de novo.

— Sim.

Era sua vez de ficar surpresa.

— Por que você se ofenderia?

Eu não sabia por que estava ofendido.

— Porque meu coração está acelerado agora e faz tempo. Todos aqueles anos, e isso não vai embora — confessei.

Comecei a lembrar as palavras dela sobre amar alguém sem estar apaixonado. Senti seu chamado em meu corpo. Eu a amava. Eu a

amava de coração partido e com ressentimento, porque desperdiçamos tantos anos, porque não existe amor sem desejo, desconfiança, derrota. E, quanto mais eu pensava nisso, mais me rasgava por dentro. Perdemos anos de nossas vidas, eu queria dizer. Então disse.

— Perdemos anos de nossas vidas... estamos vivendo a vida errada, você e eu. Tudo em nós está errado.

— Isso não é justo. Nunca estivemos errados. Você e eu somos a única coisa certa em nossa vida... todo o restante é que está errado.

Eu não sabia o que tinha tomado conta de mim nem para onde estava indo com tudo isso, mas fui acometido por um tsunami de tristeza que não sentia desde a infância, quando a tristeza parecia tão imediata, tão avassaladora que, sem o menor aviso de meu corpo, me vi chorando, ou pelo menos tentando não chorar para que Manfred não ouvisse.

— Faz tanto tempo e...

Eu estava procurando as palavras, lutando contra o nó na garganta, sem saber se estava falando com ela ou comigo mesmo.

— Diga... continue, o que quer que seja, diga.

O que ela realmente queria dizer era *Chore se ajudar... pode ser que ajude a nós dois*.

Mas respondi de modo literal.

— Não, você diz por mim.

E isso também queria dizer *Chore você primeiro*, que era outro jeito de dizer *Eu aceito simpatia, compaixão, até amizade, mas não vá embora de novo, não vá embora*.

Eu nunca tinha sido tão sincero assim com alguém, e foi por isso que senti que talvez estivesse dissimulando mesmo enquanto chorava, porque pensar que estava dissimulando era a única maneira de me esquivar da onda esmagadora de tristeza que havia me atingido. Talvez ali, finalmente, estivesse a mais leve prova de amor: a esperança, a crença, a convicção de que ela sabia mais sobre mim do que eu mesmo, que ela, não eu, tinha a chave para tudo o que eu sentia. Eu não precisava saber nada; ela é que saberia.

— Você diz por mim — falei.

Não tinha mais nada a acrescentar.

Ela pensou por um tempo.

— Não posso fazer isso — disse de repente.

— E eu posso? Qual é nosso problema?

— Eu não sei.

— Vamos nos esconder por mais quatro anos até a próxima festa... é isso?

Ela hesitou.

— Eu não sei.

— Então por que você me ligou?

— Porque não estava suportando o modo como nos despedimos. Continuamos nos encontrando nessas festas, mas estamos menos juntos quando nos encontramos do que quando nos esquecemos de quem o outro é. Um dia vou morrer e você nem vai saber... e aí?

Isso me sufocou e precisei de um tempo para me recuperar.

— Não posso viver com a pessoa que me torno toda vez que nos separamos — falei. — Neste exato momento estou com medo de pensar em quem serei quando esta ligação terminar. E — acrescentei com um riso forçado na voz — não acredito que estou chorando agora. Preciso ver você.

— Foi por isso que liguei.

Combinamos um encontro na semana seguinte.

Algumas horas depois:

— Desculpe, não posso fazer isso — escreveu ela em uma mensagem depois que enviei um e-mail sugerindo a hora e o lugar.

— Não pode semana que vem ou *nunca*? — respondi.

— Nunca!

Talvez eu tenha lhe dado uma desculpa que ela nem sabia que estava procurando.

Não respondi. Àquela altura ela saberia. Parte de mim desejou que ela respondesse com uma mensagem perguntando se eu havia recebido sua mensagem. Mas nós dois sabíamos que o outro conhecia esse jogo.

Eu estava certo quanto a uma coisa. Depois de receber a mensagem dela, me senti podre o sábado inteiro. Essa era a única palavra que fazia sentido. *Podre*. Eu tinha ido para a cama entusiasmado, tentara encontrar maneiras de abafar minha animação com todo tipo de truques mentais, para ao menos pensar que não estava me deixando levar e não me magoaria caso ela cancelasse. Havia pensado até em Manfred. Nos braços dele, talvez eu parasse de pensar nela, ou mesmo fechasse a porta para ela, ou a deixasse ligeiramente entreaberta, porque sempre deixei minhas portas entreabertas na vida, e foi isso que ela e eu sempre tememos um do

outro: que um tivesse acabado de entrar e o outro já tivesse saído. No meio do sono, comecei a pensar em margens e laterais, me perguntando se ela sempre estaria atracada às margens da minha vida sem ser parte dela, se minha vida era cheia de seres marginais que esperam sentados como navios vazios em cais abandonados. Então percebi que a metáfora estava toda errada, e que eu mesmo não era mais que uma coleção de seres marginais que esperam sentados como estivadores não pagos em um píer inacabado onde nenhum barco atraca. Eu estava inacabado. Não tinha nem nascido ainda e já havia desperdiçado meu tempo. Eu não era mais que uma coleção de seres insipientes alinhados como nove garrafas de vidro em uma barraca de tiro ao alvo.

Naquela noite, sentindo o corpo do Manfred junto ao meu, sonhei que a abraçava e pressionei meu corpo no dele.

— Não pare — disse ele, e foi quando acordei, mas continuei o que tinha começado para que ele não soubesse.

E ele encontrou alegria comigo no meio do sono e pronunciou seu amor quando virou e segurou meu rosto e me beijou.

A mensagem dela me acordou na manhã seguinte.

Passei o sábado inteiro em um tipo de estupor. Fiquei grato a Manfred por não dizer nada sobre o jantar da noite anterior. Na hora do almoço, em meu escritório, ele trouxe um prato com um sanduíche de queijo com presunto e um punhado de batatas chips. Eu queria chá gelado ou uma Coca diet? Uma Coca diet, respondi. Coca diet então, disse ele ao sair do cômodo, fechando a porta sem fazer barulho. Ele sabia.

Quando voltou, perguntou se eu queria uma massagem nas costas. Não, não precisava.

— Então vamos ao cinema hoje à noite, vai animar você.

Fomos ao cinema naquela noite. Era mais um filme dinamarquês. Depois, caminhamos em frente ao Lincoln Center. Sempre gostei do lugar à noite, sobretudo quando está cheio de gente fazendo exatamente o que nós estávamos fazendo, quase nada, procurando por um lugar para um lanche tardio, uma bebida talvez, esperando encontrar pessoas que conhecíamos, sem importar quem. Eu não queria ir para casa, mas sabia que, se andássemos pela vizinhança, acabaríamos encontrando os dois. Eu sabia. A vida é assim. Eu disse que estava cansado, então pegamos um ônibus.

Alguns anos antes, eu ansiava desesperadamente por ir ao cinema com ele em uma noite de sábado. Se não podemos dormir juntos, eu pensava, eu me contento com um cinema em uma noite de sábado. Jantar, bebidas, cinema. Eu queria segurar a mão dele no cinema. Melhor, eu queria ser visto com ele. Não sabia explicar por que querer ser visto com ele significava tanto para mim, mas sabia que me fazia querê-lo ainda mais. Agora, do lado de fora do cinema, temo encontrar os dois.

Quando olhei ao redor da praça antes de embarcar no ônibus, me lembrei de ter planejado na minha cabeça um almoço tardio com ela. Então, como nenhum de nós saberia aonde ir, provavelmente faríamos a coisa mais óbvia e brega, que eu nunca tinha feito: pagar um quarto de hotel. Eu já havia pensado em um hotel, que calhava de ser próximo do cinema desta noite. Sim, um almoço tardio, hotel e sexo. Champanhe? Champanhe, antes ou depois? Não vamos nos empolgar, pensei, injetando uma dose de realismo sóbrio em nosso encontro fantasioso. Vi nós dois, o valete de copas e a dama de espadas, sentados na beirada da cama, calçando os sapatos, falando mais uma vez de nosso amor fúnebre.

Mas, ao olhar para aquele exato hotel com Manfred, me senti podre por outro motivo. Pior do que estar decepcionado pela forma como o dia acabara, e pior ainda do que ter magoado Manfred, eu estava decepcionado comigo mesmo, com a pessoa que sempre fui e talvez nunca mudasse. Isso me envergonhava, porque, apesar de ansiar por ela e pensar em suas coxas quando anos atrás ela sentou nua em meu colo à mesa dos seus pais e em quando pediu que eu olhasse em seus olhos e não a deixasse, vi algo sombrio e feio em mim mesmo, algo pelo que havia implorado a noite toda, mas acabei arrependido ao vê-lo concedido e desajeitadamente embalado para presente. Alívio. E com o alívio, sua parceira terrível, a indiferença, que é o impulso de desistir antes mesmo de começarmos a procurar aquilo pelo que ansiamos.

Seu *Nunca!* grosseiro me deixara aliviado. Eu não teria que planejar nada, nem testar a paixão, não precisaria nem esconder nosso encontro ou onde havia passado aquela tarde. O hotel, o champanhe, as roupas que estávamos colocando, as mentiras ao ser perguntado e obrigado a explicar... Graças a Deus! Talvez eu nem quisesse dormir com ela. Não mais que ela comigo.

Era tudo coisa da minha cabeça. E ficaria ali.

* * *

Meses depois fui ao médico após sentir uma dor persistente no ombro. Tinha certeza de que era bursite aguda causada por um movimento errado durante o jogo de tênis. Mas depois de duas consultas me disseram que talvez fosse necessária uma tomografia — só para garantir, completou o médico, daquele jeito apressado e espontâneo com que os médicos costumam ignorar a menor reação de apreensão.

— Quanto tempo? — perguntei depois de uma pausa curta, para mostrar que estava indo direto ao ponto.

— Não chegamos aí ainda — respondeu ele.

Mas eu percebi, antes mesmo de ele pedir que eu me sentasse, que mais uma vez estava tentando desviar do assunto.

Minha mente estava ficando fora de controle. Se eu tinha um tumor, estaria morto antes que o ano acabasse, e se morresse, não haveria mais nada, nada de segundas chances nem festas bissexto, e toda a espera pela hora certa teria sido em vão. Vou morrer tendo vivido a vida errada. Não, não vivido: esperado. Duas semanas depois, o diagnóstico dispersou meus medos. Bursite.

Parte de mim estava convencida de que o breve encontro com a morte tinha me ensinado uma lição. Hora de agir.

Então, mal tendo passado uma hora da descoberta de que não estava morrendo, fiz algo que nunca tinha feito antes. Liguei para ela. Ensaiei tudo o que ia falar: almoço, só um almoço tranquilo, comum e sem pressões em algum lugar — eu conhecia um bom lugar; não, nada do tipo! —, ela estaria de volta ao escritório para as reuniões vespertinas das quais tanto reclamava. E se ela perguntasse por que agora, eu simplesmente diria porque algo quase aconteceu, mas não aconteceu, e eu queria contar. Mas, quando ela atendeu o telefone no escritório depois do primeiro toque, senti que a havia pego no pior momento possível e me vi perguntando se ela tinha um instante.

— É claro — respondeu ela —, mas estou mesmo quase entrando em uma reunião.

Quando eu disse que ligaria outra hora, ela falou:

— Não, me diga logo.

Gostei que ela quisesse saber naquele momento e não quisesse esperar. Em seu lugar, eu teria feito a mesma coisa. Mas a pressa em sua voz me desconcentrou e me fez esquecer o pequeno discurso t pido que eu ensaiara sobre nosso almoço em algum bistr  aconchegante. Em vez disso, me ouvi dizendo uma coisa completamente diferente:

— Preciso ver você agora.

E de repente eu soube que se fosse recebido com qualquer resistência ou hostilidade, mentiria e diria que tinha acabado de sair do consultório com notícias terríveis e que ela precisava me ouvir.

Ela deve ter percebido os vestígios de urgência em minha voz.

— Onde você está?

— Caminhando.

— Sim, mas onde?

— Na Madison Avenue.

— Madison com qual rua?

— Com a 63th Street.

Falei o nome de uma loja pela qual tinha acabado de passar.

Ouvi-a gritar para um dos assistentes que arrumasse um carro *agora!*

— Fique onde está. Não se mexa — gritou ela.

Sem querer, eu falara em dois timbres diferentes, como se a ideia de morrer, que duas horas atrás fizera com que eu olhasse para minha vida e encontrasse crateras dissecadas por toda parte, ainda não houvesse se dissipado e incitasse urgência na ligação.

Menos de dez minutos depois ela estava saindo de um SUV preto.

— Vamos comer, estou morrendo de fome. Mas só para esclarecer as coisas... por que tudo isso?

Entramos no Renzo & Lucia's. Sentamos a uma das mesas na calçada banhada pelo glorioso sol da tarde. As duas mesas ao lado estavam vazias, e a calçada ao sol estava estranhamente deserta.

— Por qu ? — perguntou ela.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer.

— Porque até algumas horas atrás eu achei que tinha dois meses de vida.

— E?

— E nada. Alarme falso. Mas me fez pensar.

— Tenho certeza que sim — disse ela, tentando incluir sua dose habitual de sarcasmo.

— O que eu quis dizer é que me fez pensar em você.

— Por que em mim?

— Não quero parecer presunçoso, mas fiquei pensando no que aconteceria com você quando eu morresse.

Ela não esperava. Seu queixo começou a tremer. Seus olhos começaram a brilhar.

— Se você morrer antes de mim?

Assenti.

— Se você morrer, não haverá mais nada, nada. Mas você sabe disso.

Ela ficou em silêncio.

— Se você não estiver aqui, vai ser como se um vazio gigante de repente tomasse conta de mim.

— Mas nós nunca estamos presentes um para o outro.

— Isso não quer dizer nada. Você sempre está aqui.

Um instante depois:

— E se eu morrer? — perguntou ela.

— Se você morrer também não haverá nada, nada.

— Ainda que quase nunca nos encontremos?

— Como você disse, não faz diferença. Agora sabemos.

— Agora sabemos.

Baixando o olhar para evitar os olhos dela, comecei a brincar com o saleiro e o pimenteiro hexagonais e a aproximá-los até que se tocassem de ponta a ponta. *Esse sou eu e esse é você*, queria dizer. *Veja como combinamos*, fiquei pensando, observando como os biséis dos dois recipientes de vidro pareciam perfeitamente alinhados.

— Nunca fui tão próximo de alguém como de você — falei.

Ela olhou para o saleiro e o pimenteiro com algo que beirava a dor e a compaixão por seu amor triste e malfadado. Ao fim de cada dia, eles caem e quebram ou são levados para longe e pareados com outro, e depois outro, e outro, e não importa se é um saleiro ou um pimenteiro, porque no fim eles não passam de frasquinhos fungíveis com buracos no topo.

Mais uma vez, ela me olhou em silêncio.

— E agora?

Parecia tão perdida quanto eu. Dissemos tudo, e ainda assim não dissemos nada. Eu queria estender a mão e tocar seu rosto, mas parecia inoportuno. Não confiava mais em meus impulsos. Como poderíamos transar novamente, pensei, se só falamos de nosso amor

por meio de referências indiretas à morte? Não conseguimos nem olhar nos olhos um do outro, muito menos ficar nus. O que aconteceu com a gente? Anos atrás estávamos nus tomando café da manhã e, no meio de tudo, eu fiquei excitado e ela sentou no meu colo até nós dois gozarmos. Nada parecia natural agora. Se eu demonstrasse qualquer paixão, ou carinho, ou me deixasse levar, ela riria da minha cara.

— Quero dizer uma coisa, mas prometa não rir.

— Prometo.

Mas ela já estava rindo.

— Quero passar um tempo com você, distante de tudo e de todos. Vamos viajar por alguns dias.

Quando eu decidi isso?

Agora. O que eu realmente queria do nosso champanhe imaginário em um quarto inventado longe de todos era que ela se ajoelhasse ao meu lado nua e, pegando sua taça, de repente a quebrasse batendo-a no criado-mudo e, segurando um pedaço com firmeza entre os dedos, fizesse um corte bem devagar em meu braço esquerdo e, com a palma da mão, esfregasse meu sangue na ferida, em meu rosto, em seu corpo, e então implorasse e implorasse que eu fizesse o mesmo com ela. Tínhamos chegado a esse ponto. Se algum dia houve gentileza e bondade em nosso amor, foi a gentileza e a bondade dos hunos. Amávamos com cada órgão, exceto o coração. E era por isso que ficávamos longe um do outro. Eu não conseguia nem reunir forças para dizer o quanto a amava — o amor escasso, insuficiente e ressequido que eu tinha. Para obter uma reação precisaríamos derramar sangue. Seu sangue em meu sangue, meus fluidos, seus fluidos, suas excreções todas minhas. Deixar que a cobra que a picou me pique. Que pique meus lábios. Morra comigo.

— Eu sei por que você me ligou — disse ela.

— Me diga, porque eu ainda não sei e preciso descobrir.

Eu não poderia ter sido mais sincero.

— Você me ligou para saber se estou disposta a desistir de tudo para ficar com você. E de qualquer forma estou condenada. Se eu decidir ir com você, você vai se recusar, temendo que eu nunca o perdoe. Mas se eu disser não, vai se ressentir e nunca mais vai me perdoar também. Então, pela primeira vez na sua vida, você vai ter que me dizer o que quer que eu faça, porque eu, pela primeira vez, não faço ideia.

— Tudo que eu peço é um fim de semana — falei finalmente.

Nunca conseguiríamos nada melhor que um fim de semana. Ou talvez nem mesmo um fim de semana, só dois dias de semana. O que poderia ser mais modesto que uma mísera segunda e uma mísera terça?

Ela sorriu, pareceu gostar da ideia. Mas não estava rindo. Estava aceitando.

— Para onde? — Ela não esperou minha resposta. — Vamos voltar — disse Chloe.

Eu sabia o que ela queria dizer.

— As pessoas nunca voltam.

— Não somos pessoas. Somos de outra espécie.

Eu me aproximei e beijei a boca dela. Com as mãos, ela segurou meu rosto e me beijou de volta. Quando saímos do restaurante, não conseguimos soltar as mãos e caminhamos de mãos dadas pela Madison Avenue. Nenhum de nós disse nada. Não importava. Foi um dos momentos mais lindos da minha vida.

— O que você vai dizer ao Manfred? — perguntou ela, pronunciando o nome do jeito alemão sem o menor sinal de ironia.

— Manfred é Manfred. — Então, pensando melhor: — Ele já sabe, sempre soube. E seu marido?

— Diz que somos duas crianças. — E depois de uma pausa: — Talvez ele tenha razão. De qualquer forma, vai sobreviver.

Diríamos muito pouco. Algo sobre uma palestra chata que tive que dar. Ela teve que encontrar um autor que estava de molho em casa, perto de Boston, por causa de um acidente. Mas, se eles insistissem, diríamos a verdade.

A magia daquela tarde nos deixou tão felizes que, no dia seguinte, sem planejar, liguei para ela por volta de meio-dia. Mesmo lugar, mesma hora? Claro. Nós nos encontramos exatamente no mesmo restaurante e pedimos exatamente o mesmo prato. Então, como o almoço terminou da mesma forma, nos encontramos no dia seguinte também.

— Passamos três dias juntos. Acha que é o fim? — perguntei.

Eu estava sendo cretino, disse ela. Chloe segurou minha mão e não largou. Eu a acompanhei até o escritório.

— Você contou ao Manfred? — perguntou ela.

— Não hoje, nem ontem.

Fiquei entusiasmado pela curiosidade dela.

- E você? — perguntei.
— Não disse nada.
— Poderíamos, se quiséssemos, fazer isso para o resto da vida.
— Rituais — disse ela.
O que queria dizer *Sim, poderíamos*.
— Não rituais. Rituais são quando queremos repetir o que já aconteceu; ensaios, quando repetimos o que ainda vai acontecer. Onde nos encaixamos?
Em lugar algum, eu teria acrescentado. E ela teria concordado.
— Tempo estelar, meu amor.
— Tempo estelar, de fato — repeti.

* * *

Meses depois chegamos de avião, não trem. O trem teria levado cinco horas, e, durante essas horas, qualquer coisa poderia acontecer entre nós e estragar a viagem. O voo durou um pouco menos de uma hora. Durante o voo, não falamos sobre a viagem, nem trocamos mais que alguns comentários casuais na longa corrida de táxi do aeroporto em Boston até nossa pequena cidade universitária. Não queríamos expressar entusiasmo nem apreensão, por medo de dizer a coisa errada. Duas palavras fora de hora, ainda que em tom de brincadeira, e a viagem estaria arruinada; um comentário lamuriento e abafaríamos a pequena chama que desesperadamente tentávamos reavivar entre nós como uma vela acesa em um carro enguiçado no meio de uma estrada coberta de neve.

No táxi esqueci por que tínhamos decidido voltar. Para fugir de nossas vidas e ficar sozinhos juntos em uma cidade onde ninguém nos conhecia? Para fazer o relógio andar para trás? Para recuperar o outro itinerário de nossas vidas, talvez mais verdadeiro e não vivido?

Quanto mais nos aproximávamos da universidade, mais quietos ficávamos, ambos com medo de estragar o clima ou desequilibrar o outro, mas igualmente minimizando o ar kitsch de qualquer viagem de retorno. Queríamos que nossa chegada fosse simples e comum. Ela ficou observando o lago, enquanto eu analisava as mansões que passavam do outro lado, os dois em silêncio e em parte absortos, como se voltar depois de tantos anos fosse uma tarefa inconsciente e trivial. Para o taxista, éramos mais um casal nova-iorquino de boca

fechada que teve uma discussão terrível ao amanhecer e não via a hora de ficar longe um do outro. Se provocado, qualquer um de nós ficaria feliz em pedir ao motorista que pegasse o primeiro retorno e voltasse ao aeroporto.

Fizemos questão de chegar cedo na segunda. Queríamos estar lá quando as aulas fossem começar, não quando o dia já estivesse encaminhado. Talvez eu quisesse voltar no tempo e andar pelas mesmas ruelas de pedra a caminho da primeira aula do dia. Ela estava focada em seus próprios hábitos e lugares que queria visitar, pedaços de uma época querida que provavelmente não me incluíam. Talvez eu quisesse que nossos caminhos se cruzassem no mesmo ponto significativo. Por isso, durante as primeiras horas, caminhamos pela cidade, mas tentamos evitar qualquer calçada de memória compartilhada. Andamos pelo campus exatamente como turistas cansados fazem: sem memória ou expectativa. Houve alguns *Você se lembra disso?* e *Olhe a monstruosidade que eles construíram onde era isso e aquilo!* Mas foram instantes de silêncio. Em determinado momento, ela segurou minha mão, e eu segurei a dela. Tiramos fotos com nossos iPhones. Dela, de mim e de nós dois. Ela me mandou na hora. Atrás de nós ergueu-se o campanário onipresente. Somente ao ver a Igreja Yarrow e o Observatório Van Speer surgindo ao longe percebi que tínhamos mesmo voltado e estávamos juntos ali, que tudo aquilo era real e que nosso rosto nas fotos diziam que estávamos realmente felizes.

No meio da tarde, cedemos. Viramos à esquerda no pátio e pegamos a rua íngreme, descendo até avistarmos a casa. A grande placa verde em uma das janelas de vidro anunciava um aviso árido que nos esperava na casa do Velho Inglês. Sua casa tinha virado uma Starbucks. Não adianta discutir, pensei. Entramos, olhamos de um lado a outro do que um dia foi o hall e demos uma espiada em direção à sala dos fundos onde alguns estudantes espalhados digitavam em seus laptops. Naquela sala todos nos sentávamos no tapete persa desbotado e bebíamos cidra quente. A nova configuração fez com que nos sentíssemos velhos, como estranhos que viajaram no tempo e chegaram em casa no século errado. A escada que levava aos quartos desaparecera. Olhando para todos os estudantes ali, alguns conversando perto da porta, outros entrando e saindo apressados a caminho da aula, não conseguimos esquecer que não éramos um deles.

Pedimos dois cafés. Paguei com o aplicativo no meu iPhone.

Ela ficou impressionada.

— Precisa se modernizar — comentei com ironia, percebendo o quanto nós dois estávamos fora de sincronia com essa casa.

— Você se sente velho? — perguntou ela.

— Não. Deveria?

— Eu me sinto.

Então ela se lembrou das observações do Velho Inglês sobre Edith Wharton.

— Ela não era nem dez anos mais velha do que sou hoje... meio tarde para o vinho da vida, não acha?

— Por quê? Você não bebeu do vinho ainda?

A pergunta a pegou de surpresa.

— Você está jogando verde... Por quê? *Você já?*

— Acontece. Talvez. Ou eu gostaria de acreditar que sim. Mas não tenho mais certeza. Talvez não, na verdade.

Ela me olhou enquanto eu colocava açúcar no copo e, com o jeito de sempre de confessar exatamente sobre o que estava me alfinetando, disse:

— Também não tenho certeza. Ou talvez só uns golinhos aqui e ali.

— *Golinhos e talvez* não é como se bebe do vinho da vida.

— *Touché.*

Falamos sobre o amor de Ethan Frome por Mattie, discutindo se um amor tão puro poderia existir no mundo de hoje.

— Ninguém é tão inibido assim hoje em dia — falei.

— Tem certeza?

Ela estava me alfinetando de novo.

Olhei-a como se tivesse sido pego na mentira e sussurrei:

— *Touché.*

Quando jogamos nossos copos de papel vazios em uma das lixeiras ao longo da via íngreme em direção à rua principal, já era fim de tarde. Eu gostava da cidade sob o crepúsculo. Chegamos a tempo de visitar o refeitório no horário do jantar. Alunos entravam em bandos fugindo do frio e paravam na fila. Ninguém nos impediu, ninguém nem notou que quase entramos na fila com os demais. Ficamos ali por alguns minutos, só para ver que tipo de comida serviam. Definitivamente algo gourmet se comparado ao que era servido na nossa época. Até comida vegana, disse ela, apontando

para uma placa. Mas as velhas mesas de madeira não haviam mudado, as cadeiras eram as mesmas, o cheiro do refeitório... você reconheceria em um instante mesmo que o vendassem, dessem umas voltas e o deixassem na Mongólia. Um cheiro de mofo, imundo e amadeirado, e mesmo assim continuava adorável.

De volta ao pátio, finalmente fizemos o inominável. Olhamos para cima. A janela iluminada ficava no terceiro andar. Depois de estudar na biblioteca à noite, eu a deixava na entrada principal do seu dormitório e, indo em direção ao meu, olhava para trás um minuto ou dois depois para ver quando ela acendesse a luz lá em cima.

Não dissemos uma palavra. Só ficamos ali, sem nos mexermos. Ela se lembrava de tudo.

— Em um minuto você vai abrir a porta principal, subir os três andares, bater à minha porta e dizer que está na hora do jantar. Tem ideia de que eu contava os minutos até você subir? Aprendi a reconhecer seus passos, e até seu humor quando chegava à minha porta.

— Eu não sabia — respondi.

— Você não sabia merda nenhuma.

No pátio vazio, continuamos olhando para a janela, sem palavras, cada um imaginando o que teria acontecido se as coisas houvessem sido diferentes entre nós — Onde estaríamos? Quem seríamos? —, ambos igualmente conscientes, no entanto, de que absolutamente nada teria acontecido de modo diferente, o que nos fez olhar ainda mais. Talvez estivéssemos olhando para entender por que continuávamos olhando.

— A alegria de fechar meus livros assim que eu ouvia a porta bater lá embaixo. Consigo sentir esta noite, principalmente agora que está tão frio quanto naquelas noites logo antes do jantar.

Não havia nada a dizer, então fiquei em silêncio. Só olhamos um para o outro. Nós dois nos lembrávamos de cair no sono no sofá dela na noite em que ficamos acordados traduzindo as últimas páginas de Orwell.

— Acordamos entrelaçados um no outro. Como dois lagartos — recordou ela.

— Como um *pretzel* humano.

— O que eu acho insuportável é o seguinte — disse ela quando começamos a ir embora.

Caminhava devagar, como se parte dela ainda não quisesse ir. Eu nunca a tinha visto tão pensativa e hesitante antes, quase despreziosa.

— A ideia de que eu poderia ter vivido todos esses anos para chegar a este momento no pátio com você e ainda sentir que não saí um centímetro do lugar me destrói — continuou ela. — Eu daria qualquer coisa para não saber que a garota que tinha vinte anos na época e que esperava que você subisse à noite acabaria tendo que viver tanta coisa sem sentido só para retornar ao lugar onde começou, quase ansiosa para ver acontecer tudo de novo. É como se parte de mim tivesse enterrado os pés aqui, sem nunca ir embora, e simplesmente esperado que você voltasse.

Demos alguns passos.

— Meu casamento nunca aconteceu. Não sou mãe. É como se eu ainda fosse só uma estudante traduzindo Orwell para o grego.

Eu disse que ela não podia estar falando sério. Seu marido, sua filha, sua casa e os autores incríveis que ela publicou e alçou à fama... não eram nada?

— Eles pertencem a um itinerário. Estou falando sobre o outro, aquele em que entramos e saímos cambaleando de quatro em quatro anos. A vida que nós dois espiamos a distância quando todo o resto está escuro, a vida que quase não nos pertence, mas é mais próxima de nós que nossas sombras. Nossa vida estelar, a sua com a minha. Como alguém disse durante o jantar certa vez, cada um de nós recebe pelo menos nove versões de nossas vidas, de algumas nos empanturramos, de outras bebemos golinhos tímidos, e outras nossos lábios nunca tocam.

Nenhum de nós perguntou qual era a nossa vida. Não queríamos saber.

A teoria quântica é mais resiliente, pensei. Para cada vida que vivemos, há pelo menos outras oito que nem podemos tocar, que dirá conhecer. Talvez não exista vida real ou falsa... só ensaios para papéis que talvez nunca tenhamos a sorte de representar.

Caminhando pelo pátio, vislumbrei nosso banco. Paramos e olhamos para ele.

— Se esse banco falasse — disse ela.

— Você queria minha saliva.

Ela estava prestes a fingir que tinha esquecido, mas então:

— Sim, eu queria.

Minha vida real parou aqui.

* * *

— O que me lembra... — disse ela depois de sairmos do pátio e nos sentarmos no restaurante para o qual tínhamos feito uma reserva mais cedo. — Nós vamos dormir na mesma cama esta noite?

Foi um jeito estranho de verbalizar a pergunta.

— Achei que esse fosse o plano — respondi.

— O *plano*.

Ela repetiu minhas palavras com uma pitada de ironia.

— Sim, o *plano*, é claro — insistiu, como se também tivesse achado a construção vaga o suficiente para justificar o humor.

Estávamos sentados naquele que ainda era o melhor restaurante da cidade. Era onde os pais levavam os filhos universitários quando vinham visitá-los. Jantei com meu pai aqui uma vez, ela com seus pais. Um dia você vai jantar com sua filha aqui, eu disse. Ela quase dispensou o comentário com um gesto em razão do sentimentalismo.

— Sim, um dia talvez eu jante com ela aqui — falou.

Mas então, como se não quisesse dissipar o sentimento que a ideia incitou, acrescentou:

— Nesse dia vou desejar que sejamos nós três.

Por que ela tinha dito isso?

— Porque é a verdade.

Tentei ignorar o comentário com algo leve e espúrio.

— Ela não acharia estranho?

— *Ela* talvez ache. Mas você não, e eu certamente não.

Chloe me pegou totalmente de surpresa.

Estendi a mão e toquei seu rosto. Não falamos. Ela deixou minha palma pousar em seu rosto e tocar seus lábios. Com as mãos, ela segurou minha outra mão na mesa.

— Dois dias — falei.

— Dois dias.

O que queríamos dizer, embora nenhum dos dois realmente dissesse, é que era uma vida inteira em dois dias.

A comida não estava boa. Mas não ligamos. Ficamos olhando pela janela, comemos sobremesa, pulamos o café, ficamos ali. Depois, sentindo que nem uma partícula de tensão havia surgido entre nós,

mas sempre temendo que pudesse surgir, sugeri que voltássemos ao minúsculo hotel a pé, finalmente parando em um bar pequeno e pitoresco que na nossa época era uma delicatessen. O lugar não estava cheio. As noites de segunda-feira nunca fizeram sucesso com as pessoas que bebiam ali. Sentamos ao lado de uma janela com vista para o lago iluminado pela lua. Mas, sem pedir nada, mudamos de ideia e fomos embora. Ela queria caminhar ao longo da margem congelada do lago. Por que não?, perguntei, avistando um grupo de estudantes correndo e, mais adiante, duas garotas patinando. Ela queria ter trazido os patins. Eu me importava de andar até o Van Speer para dar uma olhada? Não, eu não me importava. Ela estava tentando voltar no tempo? Ou adiar ficar sozinha comigo no quarto?

Mas então, depois de caminhar pela beira do lago e atravessar pelo gelo, senti uma onda de emoção ao perceber que suas costas se curvavam bem levemente. Parei, abracei-a forte e beijei-a. Lembrei de quando o dono do hotel nos levou até o quarto. Não nos sentimos estranhos naquele momento. Não nos sentíamos estranhos agora. Mas eu continuava com medo de que acontecesse. Viemos procurar pelo passado; agora, no lago, eu não poderia me sentir mais indiferente. Isso tudo era aqui e agora.

Ela estava feliz por termos vindo?

— Muito. Dois dias — disse ela, repetindo o que viria a se tornar um mantra: um presente de nós dois para nós dois. — Aqui é nosso lugar — acrescentou, analisando o lago congelado.

— No gelo? — perguntei, com cuidado para não enfatizar a piada.

— Tudo isso é a gente, sabia? — disse ela, ignorando meu comentário.

Ela estava certa. Isso era a gente. O outro a gente estava em Nova York. Manfred e eu vendo TV. Ela e o marido fazendo o que fosse, brincando de palavras cruzadas, quem sabe.

Esse era nosso momento. Tudo o que fizemos ao longo dos anos foi ensaiar, e agora sentíamos que a espera não havia sido menos fiel que a do cão Argos por seu dono, Odisseu. Éramos como pessoas que voltam à terra de seus ancestrais duas, três, quatro gerações depois, enfiam a velha chave na fechadura e descobrem que a porta ainda abre, que a casa ainda pertence a elas, que os móveis ainda carregam o cheiro de seus bisavós. O tempo não roubara nada. O Van Speer, onde tínhamos passado tantas horas traduzindo Orwell juntos, se lembrava de nós, parecia nos dar as boas-vindas novamente.

Contei a ela sobre o Velho Inglês. Quase quatro décadas depois de ter sido aluno em Oxford, ele voltou do Peru com os filhos gêmeos, que planejavam se inscrever logo. Depois de fazer uma visita completa ao velho dormitório com eles, só por curiosidade, guiou-os por uma ruela estreita e ficou surpreso ao ver que a loja do velho sapateiro continuava aberta. Tinha sido toda reformada, e o jovem vendedor que conhecera ali partira havia muito tempo. Quando Velho Inglês contou ao novo vendedor que era ali que comprava sapatos décadas atrás, o jovem anotou seu nome e desapareceu escada abaixo. Cinco minutos depois, voltou com fôrmas de sapateiro de madeira nas quais o nome Raúl Rubinstayn estava escrito à mão em tinta roxa permanente.

— Sim, nós guardamos. O homem que fez esses moldes foi meu avô. Ele nos deixou há três anos.

Foi quando o velho cavalheiro do Peru não conseguiu se conter e caiu no choro.

* * *

A caminho do hotel, ela segurou minha mão.

— Estou feliz.

Ela disse isso como se o sentimento a tivesse pego de surpresa. Ainda assim, eu precisava ouvi-la dizer.

Eu estava errado sobre nós. Não éramos hunos. Só duas pessoas que nunca tiveram a confiança de ir longe o bastante ou saber quanto era longe o bastante. Paramos mais uma vez e nos beijamos. Lembrei-me de uma fantasia antiga. Eu a queria nua comigo, queria ver suas coxas nuas me segurando e vê-la se aproximar com o cabelo em meu rosto e, comigo dentro dela, prender meus braços com os joelhos enquanto quebrava minha taça com uma das mãos e com a outra pegava um caco e me cortava.

Imaginei meu sangue manchando o gelo e a neve. Gostei disso.

— Amanhã não pode ser nosso último dia juntos — disse ela.

— Sim, mas depois desta noite tenho medo do que você vai pensar de mim.

— Espere até ouvirmos o que você vai dizer sobre mim!

— Como assim?

Ela deu de ombros, relaxou e, segundos depois, como uma ideia tardia, deu de ombros outra vez. Ela fez aquela coisa com as costas de novo, e mais uma vez me emocionei. Eu devia ter suspeitado antes. Ela estava inquieta desde que deixamos o lago. Agora, perto do hotel, senti que estava quase relutando em parar de andar. O que *me* deixou nervoso foi que eu não estava nem um pouco nervoso. Comecei a desejá-la no lago e não queria perder esse impulso. Gostava da ideia do caco de vidro, e do joelho nu, e de seus lábios malvados cor de hematoma quase sorrindo enquanto ela fazia o corte comigo ainda dentro dela. Será que ela se lembraria do *você, de todos os homens que conheci*? Pediria para sentar em meu colo e imploraria que eu olhasse em seus olhos até gozarmos juntos?

— A verdade é que estou um pouco enferrujada — disse ela por fim, provavelmente sentindo para onde meus pensamentos estavam indo.

Estávamos sentados do mesmo lado da cama ainda vestidos. Ela brincava com a manga da camisa saindo de baixo da manga do cardigã, o qual ela não parecia querer tirar.

— Como assim enferrujada? — perguntei, sem ter certeza de que tinha entendido.

Ela deu de ombros.

— Não dormimos juntos. Bem, dormimos juntos, mas não... você sabe...

— Nada?

— Bom, um pouco, mas não muito.

Ela levantou o rosto e olhou para mim.

— Às vezes eu me esqueço do que as pessoas fazem juntas. Ou por que fazem. Além disso, não sei se posso fazer com você.

Não pude deixar de estender os braços e segurar sua cabeça entre as mãos e beijá-la várias vezes. Eu queria abraçá-la, e queria abraçá-la nua, não pedi por nada além disso. Abraçá-la na cama, beijá-la, e beijá-la de novo e de novo, até fazermos amor ou cairmos no sono. Ela ficou em silêncio. Então, do nada:

— Me sinto como uma virgem nervosa... e logo com você, de todas as pessoas.

— Se você é virgem, o que eu sou? — repliquei, para demonstrar que tinha meus motivos para estar inseguro.

— Estamos assim tão profundamente feridos em nosso sexo? — perguntou ela, sabendo que eu me lembraria das palavras das quais

todos rimos durante o jantar com seu marido e Manfred e que de repente haviam adquirido um significado mais sombrio.

— Acho que todos estão feridos em seu sexo — falei. — Não consigo pensar em alguém que não esteja.

— Talvez. Mas não como eu.

Levantei e abri bem as cortinas para ter uma visão melhor do pátio. Funcionários de hotel sempre imaginam que as pessoas querem as cortinas fechadas à noite. Eu gostava da vista. Para enxergá-la melhor, apaguei as duas luzes de cabeceira. Brancura por toda parte e, para além da brancura, o contorno cinzento das casas de telhado triangular. Lá estava o lago, o pátio, depois a ladeira que levava à velha e estimada casa que agora era uma Starbucks, o bar onde quase pedimos dois conhaques antes de ir embora e, mais adiante, o Observatório Van Speer, com sua biblioteca silenciosa, que ficava aberta a noite toda e cujas luzes ainda brilhavam naquela noite como anos atrás. Passamos nosso último inverno juntos naquela biblioteca, indo para o observatório minutos depois do jantar e voltando muito depois da meia-noite, sempre hesitantes à medida que nos aproximávamos de seu dormitório, motivo pelo qual diminuíamos o passo ao atravessar o pátio, batizando os nove postes em homenagem às Musas.

Observando o pátio tranquilo, me ocorreu que talvez tivéssemos retrocedido o relógio mais do que deveríamos, pois parecíamos mais tímidos e confusos em relação a nós mesmos e a nossos corpos do que antes. Teríamos voltado a ser virgens? Ou éramos como pessoas que morreram antes da hora e receberam uma segunda chance de uma entidade menor, mas com tantas ressalvas que a nova vida parecia uma morte protelada?

— Acho que você devia vir dar uma olhada — chamei.

Ela veio se juntar a mim perto da janela. Então, olhando para a paisagem iluminada pela lua e coberta de neve, repetiu a mesma palavra:

— Incrível, incrível, incrível.

Não só porque a vista era de tirar o fôlego, mas porque naquele reluzente mundo de *Ethan Frome* nada havia mudado em mais de cem anos, assim como nem ela nem eu tínhamos realmente mudado desde a última vez que estivemos ali.

— Me abrace — disse ela. — Só me abrace.

Envolvi-a nos braços. Ficamos parados assim, até que ela colocou o braço em volta da minha cintura. Abracei-a mais forte, queria sentir a pele dela, e comecei a desabotoar minha camisa. Ela não me ajudou, nem pareceu ansiosa por desabotoar a sua. Tudo o que disse foi:

— Sempre amei seu cheiro.

Tirei a camisa e estava prestes a ajudá-la a tirar a roupa.

— Só me ajude a esquecer que estou nervosa — disse ela. — Olhe só para isso, estou tremendo.

Ela pediu que eu apagasse a luz do banheiro, o pequeno abajur também. Quando perguntei sobre contraceptivo, ela contou que tinha feito uma cirurgia fazia menos de dois anos e não podia mais ter filhos. Não tinha me dito uma palavra sobre isso. Poderia ter morrido e eu nunca saberia. Comecei a transar com ela pensando no filho que nunca teríamos juntos. Ela não pediu que eu a olhasse, não pediu que eu ficasse com ela, mas segurou meu rosto quase como se estivesse desesperadamente tentando acreditar que estávamos mesmo fazendo amor, esperando que nossos olhares se cruzassem antes que pudesse se soltar e deixar para trás hábitos adquiridos com outra pessoa.

— Estou estranha, eu sei — disse ela. — Preciso de um segundo, meu amor.

Não ficamos sonolentos depois. Quase rimos quando percebemos que nenhum de nós estava completamente nu. Enquanto tirava algumas das roupas dela para vê-la nua perto da janela, senti que não estava despindo uma mulher, mas uma criança que não queria ir para a cama e, no entanto, não relutava porque haviam lhe prometido mais uma história.

— Faz tanto tempo que um homem não tira minha roupa — contou ela.

— E faz tanto tempo que não toco uma mulher.

— Quando foi a última vez? — perguntou ela enquanto levantava, então foi até o banheiro e voltou amarrando o roupão.

— Claire, eu acho.

— A Claire que nunca diz nada? — indagou ela, totalmente desnorreada. — Mas por que Claire?

— Aconteceu.

Sentei nu na cama desarrumada, peguei meu suéter do chão e vesti-o de novo. Ela já estava sentada na cama de pernas cruzadas.

Fiz a mesma coisa. Amei que estivéssemos conversando assim, parcialmente nus.

— Então me deixe perguntar uma coisa — disse ela, como se ainda estivesse deliberando sobre a questão e não tivesse formulado muito bem as palavras.

Isso me deixou agitado, porque algo no modo como ela disse *Então me deixe perguntar uma coisa* alertava para o fato de que ela já tinha a resposta muito antes de fazer a pergunta. Parte de mim sentiu a excitação percorrer todo o meu corpo. Como eu adorava isso. Ela queria a verdade de mim, e a verdade vinha com a excitação.

— Talvez aquela bebida no bar não fosse uma ideia tão ruim — falei.

— Veja no frigobar.

Levantei e segui em direção ao frigobar, onde encontrei exatamente o que estava procurando.

— O carpete felpudo é duvidoso — comentei assim que pulei de volta na cama.

— Não diga.

— Tenho certeza de que há várias coisas ocultas... pedaços de unha, cascas de todo tipo.

Nós dois fizemos uma careta assim que vimos cada copo de plástico envolto em sua própria embalagem antisséptica, para compensar o carpete vermelho nojento. Esvaziei uma garrafinha de conhaque em cada copo, então tentei brindar com os copos molengas de plástico.

— Por que você não transou comigo naquela noite? Depois que voltamos do Van Speer e dormimos no sofá.

Eu sabia.

— Foi por causa de outra pessoa? Você não se sentiu atraído? Não estava apaixonado? — perguntou ela.

— Errado — respondi. — Sempre foi você. E Deus sabe o quanto eu sentia atração por você. As coisas que eu dizia para você quando estava sozinho na cama à noite mas não tinha coragem de dizer pessoalmente, e quantas vezes fiquei excitado só de pensar em estar nu com você... você não faz ideia. Mas eu estava tão nervoso, tão hesitante, que, quanto mais nos aproximávamos, mais difícil era confessar qualquer coisa. Mas a verdade é que — e nesse ponto fiz uma pausa — havia uma coisa.

Ela me olhou confusa.

— *Uma coisa?*

Ela não ia mesmo deixar passar ou facilitar as coisas para mim.

— Meu corpo tinha duas intenções. Você era a primeira. Mas na noite em que voltei ao Van Speer depois de você ter fechado a porta para mim, descobri a segunda. Foi perto do banheiro masculino junto ao depósito do Van Speer. Todos sabiam o que acontecia lá à noite. Fazia tanto tempo que eu tentava renegar o que de fato queria que ainda hoje não sei reconhecer sem primeiro passar por emoções de negação. Manfred aprendeu a viver com isso, mas não tenho inveja dele. Eu queria saber de uma vez por todas antes de voltar para você, mas não podia voltar para você porque não sabia o que precisava saber sobre mim mesmo.

Ela não disse nada. Mas, antes que pudesse perguntar de novo, decidi dar mais um passo à frente.

— Ele estudava química. Era calouro. Nos conhecemos, ou na verdade nos esbarramos, no depósito subindo as escadas. Eu estava mais que excitado naquela noite, principalmente depois de ter beijado você durante tanto tempo. Parte de mim queria voltar à nossa mesa como se ainda esperasse encontrá-la para que pudéssemos fechar os livros juntos e repetir a caminhada até seu dormitório. Mas eu também sabia o que queria: queria calor, queria calor rápido, e queria direto, forte e sujo. Ele e eu não tivemos que dizer uma palavra, mal nos olhamos, simplesmente nos jogamos, quase por acidente, mas não por acidente, e nas partes sem iluminação do depósito nossos corpos se atracaram e se inclinaram em direção ao outro. Antes que percebêssemos, nossas mãos já estavam tirando o cinto um do outro. Não havia vergonha, não havia culpa, aconteceu tão rápido que nada parecia mais fácil ou natural. Ao contrário de nós dois, não houve hesitação, nem adiamento, nem reflexão. Tudo o que ele perguntou depois foi “Eu vou ver você de novo?”. Fiz que sim com a cabeça, mas naturalmente reneguei tudo assim que deixei o depósito. Naquela noite desejei você ainda mais depois dele. Eu queria contar a você o que tinha feito, mas também me sentia restaurado de alguma forma, quase expurgado, vingado. Feliz, até. Depois do Natal ele voltou ao depósito e eu também. Você e eu já tínhamos feito as pazes e estávamos trabalhando na tradução. Às vezes, eu dizia que ia até o banheiro. Saber que você estava esperando por mim lá embaixo agitava algo devasso e novo em mim.

Mas eu sabia que dormir com você, como você dormia com tantos outros, não resolveria nada sobre mim ou sobre nós... e a última coisa que eu queria era acordar na mesma cama que você, encarando a mesma pergunta que eu desejava enterrar todas as noites no depósito. Eu também sabia que se as coisas permanecessem mal resolvidas entre nós, eu podia alegar que ainda estava tentando entender quem eu era e o que queria. Eu era como uma elipse, com dois focos concorrentes, mas sem centro. Nas palavras do poeta, meu coração estava no leste com você, mas meu corpo estava no oeste.

Silêncio.

— Agora você sabe — acrescentei por fim.

— Agora eu sei o quê? Que você gostava de homens? Todo mundo sabia.

Eu esperava que ela desse uma resposta irritada como “Muito bom! Durante todas as semanas e os meses em que tive seu coração, seu pau era de outra pessoa”. Mas ela foi mais perceptiva e, afinal, mais tolerante.

— Eu era seu disfarce. Só isso.

— Não, não era um disfarce. Nada me deixava mais feliz do que descer e encontrá-la me esperando para voltarmos ao seu dormitório e nada era pior do que quando você me dava um beijo rápido de despedida no rosto e fechava a porta porque mais uma vez eu não tive coragem de colocar o pé e detê-la.

Mas eu ainda estava encobrindo a verdade. E eu sabia que ela sabia e foi espontânea o suficiente para dispensar meu sofisma antes que ele enrijecesse e se tornasse mais um subterfúgio. Sim, naquela época, Chloe era minha tela, meu álibi, e pensar nela e estar com ela era o jeito certo de manter a luz do desejo acesa o dia todo antes que pegasse fogo todas as noites no depósito. Se eu não pensava nele o dia todo e preferia manter segredo sobre o Van Speer, não era para negar meu desejo, mas para sentir fome antes de me refestelar. Ela mantinha as coisas sob controle. Na noite em que ela não pôde ir comigo até o Van Speer, eu não só subi as escadas correndo para encontrar meu calouro no depósito como menos de uma hora depois subi mais uma vez apressado até o mesmo canto perto do banheiro masculino onde encontrei outra pessoa, e não importava quem.

Mas talvez a mulher tela fosse menos um disfarce do que eu me permitia acreditar. Eu podia estar usando o calouro como disfarce, e não o contrário. Com ele eu fazia confissões menores e mais fáceis

sobre mim mesmo para evitar encarar uma relação que parecia não ter rumo e prestes a lançar-se de um desfiladeiro. Ele não mitigava meu desejo por ela, mas o estimulava e me fazia desejá-la ainda mais. Tudo o que ele fazia, no entanto, era entorpecer a urgência.

Mas esse pensamento talvez fosse uma máscara tanto quanto os outros. No fim, e sem admitir para mim mesmo, passei a amar e servir dois mestres — talvez para nunca servir realmente a nenhum deles.

Eu não disse mais nada.

— Você pensou nele quando paramos no Van Speer esta noite?

Ela precisava perguntar.

— Pensei — respondi.

— Você teria subido para dar uma olhada se eu não estivesse junto?

— Provavelmente. Mas também, se tivesse vindo com ele e entrado no Van Speer, teria pensado em você, pegado o grande dicionário de grego e sentado em nossa mesa por um tempo.

Então eu disse:

— Gosto de contar a verdade para você. Isso me excita. O corpo nunca mente.

— Estou vendo.

Eu tinha pensado que era a memória daquelas noites no Van Speer que estivesse me excitando. Mas não, foi a confissão — e o tom inominável de indecência em cada confissão — que me entusiasmou e me agitou e me deixou excitado mais uma vez.

— Fique comigo, e não me deixe — disse ela.

* * *

Começara a nevar lá fora, e pensei em *Ethan Frome* mais uma vez e na descida suicida que deixou os dois amantes aleijados para sempre porque nenhum dos dois teve a coragem de deixar a sufocante cidade rural de Starkfield. Isso me fez pensar em nós. Teríamos coragem de mudar alguma coisa? Tínhamos essa coragem naquela época? Tínhamos hoje? Ter fugido por dois dias insignificantes nos colocava no campo dos corajosos? Ou nosso amor era pontuado por tantos arrependimentos que não éramos capazes de conceber a vida sem

eles? Nunca levamos as coisas um passo adiante. Nem mesmo sabíamos qual era o próximo passo.

A neve. Como sempre a neve silenciosa. Que o envolve, eleva seu espírito e, enquanto você flutua por um instante, o decepciona por ser o pó pálido e sem sentido que é. Era uma fantasia, então? Um homem e uma mulher ansiosos por ficar presos na neve para que não tivessem que planejar o amanhã?

— Você ainda não respondeu minha pergunta — disse ela. — Por que não transou comigo aquela noite?

Ela não ia deixar passar.

— Porque tinha medo de você. Porque queria transar com você, mas tinha medo de que você quisesse uma rapidinha. Porque eu queria você para sempre, e sabia que você riria se eu dissesse isso. Você e eu éramos rápidos e fáceis com os homens, e rápido e fácil era a última coisa que eu queria com você. Então esperei. E me acostumei a esperar. No fim, a espera passou a ser mais real do que o que nós tínhamos.

— Mas você está feliz? — perguntou ela.

— Sim, muito.

— Eu também. O vinho da vida? — indagou ela, já pronta para a ironia.

— O luar da vida. Bom...

— Exatamente — disse ela, como se descartasse minha tentativa débil de embelezar nosso amor.

Então Chloe disse algo que eu jamais teria esperado:

— Acho que você vai voltar para o Manfred. É o que você quer. É quem você é.

— Você acha mesmo?

— Acho. Mas se tratando de você, quem pode saber? Por tudo o que fizemos esta noite e tudo o que já sentimos, sei de uma coisa: você me quer, e eu sei que você me ama, como eu amo você, mas não acho que algum dia tenha me desejado com toda força do seu ser. Você quer alguma coisa de mim, mas não sabe o que é. Talvez eu seja só uma ideia com um corpo. Sempre faltou alguma coisa. Seu inferno, e meu também, é que mesmo quando estiver com Manfred vai desejar estar comigo de novo. Você e eu não amamos como os outros amam... avançamos mesmo com o tanque vazio.

Ela tocou meu rosto, minha testa.

— Eu poderia dizer que você devia ficar feliz por ter Manfred, mas isso não vai ajudar. Eu poderia dizer para você ficar feliz por termos dois dias, mas isso também não vai ajudar. Você está sozinho, como eu, e o mais cruel é que nos encontrarmos e dissermos *vamos ficar sozinhos juntos* não vai resolver nada.

Eu a amei mais do que nunca.

— Como você me conhece tão bem?

— É que você e eu somos a mesma pessoa. Tudo o que eu disse sobre você é verdade para mim também. Em um mês, mas não agora, vamos acordar e perceber que isto aqui é o vinho da vida.

Olhamos o pátio e a ladeira, e os postes espalhados em suas poças de luz na neve.

— Tália, Urânia, Melpômene — disse ela enquanto sorriamos, felizes pelo fato do padrão de sautor do chão não ter se esquecido da marca de nossos velhos passos.

Eu gostava de abraçá-la.

— O que mais você está pensando? — perguntou ela.

— Estava pensando que o Velho Inglês provavelmente ficou diante de uma janela como esta em um hotel em Oxford depois de deixar os filhos no quarto deles e encarou sozinho as velhas torres e o pátio medieval, tentando entender os truques do tempo. Um dia fora apaixonado por um jovem sapateiro em Oxford, mas nunca tivera coragem de responder às insinuações e investidas constantes dele. Frequentava a loja havia meses, encomendando pares e mais pares de sapatos e ficando todo agitado quando o sapateiro tocava seu tornozelo com as mãos nuas ou, como aconteceu uma vez, segurava seus dedos. Mas tudo aquilo não deu em nada, embora também nunca tenha desaparecido. Ficou ali, no passado, no futuro, como uma taça de vinho cheia até a borda, mas da qual ninguém nunca bebe. Para ele, era como uma dívida que segue acumulando juros e que um dia você percebe que nunca vai pagar porque ela consumiu todas as suas economias, e quando encarar a realidade e tentar reunir todas as moedas em sua última hora no planeta Terra você não vai encontrar resolução ou redenção, pois as moedas terão sido espalhadas muito, muito antes de espalharem suas cinzas. Não quero acabar como o velho cavalheiro do Peru que volta só para perceber que viveu a vida errada todos aqueles anos.

— Quando ele contou isso?

Olhei para ela e, sem hesitar, disse:

— Quando me hospedei na casa dele três anos depois de me formar. Aconteceu numa noite depois do seminário quando estávamos sozinhos na casa. Os alunos tinham ido embora, e sua esposa encontrava-se na cidade, e estávamos sentados bebendo uísque. Tínhamos acabado de lavar e secar a louça. Ele estava sentado ao meu lado no sofá e percebi que algo o incomodava, mas se mostrava relutante em questionar o que era. “Você acredita em destino?”, perguntou ele. “Ainda estamos discutindo Wharton?”, respondi, quase de modo impertinente, para demonstrar que estava ciente de sua tentativa de dissipar o silêncio desconfortável entre nós e para descarrilar o que senti que estava tanto na cabeça dele quanto na minha. Talvez eu estivesse tentando colocá-lo sob o holofote. “Ainda estamos falando sobre livros? É isso?” “Podemos, se você quiser”, respondeu ele, evasivo e cordial como sempre. Então, nem imagino por quê, estendi a mão e segurei a dele. E porque queria facilitar as coisas, e porque o vinho ajudou, disse: “Acho que você devia dormir comigo.” “É uma ideia”, disse ele, surpreso, mas sereno como sempre. “E quando seria isso?”, perguntou ele acrescentando um toque de humor à situação como de costume. Mas eu não ia aliviar para o lado dele. “Esta noite.” Nunca na vida tive tanta certeza ou me senti tão decidido. “Tem certeza?”, perguntou. Mais uma vez tentou me dissuadir. Encontrei as palavras certas para tranquilizá-lo. “Sim, esta noite. Eu cuido de tudo, prometo.” E, como um silêncio sepulcral se instalou entre nós, ainda me lembro de ter repetido *prometo*. Ele se aproximou e segurou meu rosto com as mãos e o trouxe para perto do dele. “Pensei nisso desde a primeira vez que o encontrei, Paul.” “Eu não sabia”, eu disse. Fiquei mais perplexo com essa confissão do que com qualquer coisa que tinha dito para ele. “Mudou de ideia?”, indagou ele, com um sorriso no rosto. “Nem um pouco”, respondi, mais assustado do que pensei que ficaria, porque de repente percebi que, apesar do sexo apressado sem entraves que conhecia, nunca havia transado com um homem e era isso que ele estava oferecendo. Quando o levei até meu quarto no andar de cima, ele não entrou de cara. Achei que estivesse nervoso, mas agora acho que estava me dando uma chance de mudar de ideia. Não acendi a luz e comecei a tirar meu suéter. Mas ele ficou nu antes de mim; então me abraçou e começou a tirar tudo o que eu vestia. Perdi a noção do que estávamos fazendo. Eu estava muito mais nervoso do que ele. Ele acabou cuidando de mim. Na manhã

seguinte, no meu lugar na mesa do café, ele tinha deixado um envelope. *Acho que você foi enviado para mim. Para sempre seu, Raúl.* Ninguém nunca dissera isso para mim antes — que eu tinha sido enviado. Sua esposa voltou da cidade naquela tarde. À mesa do jantar, ele não conseguia olhar nos meus olhos. Mas depois, naquela noite, antes de ir para a cama, ele me pegou subindo as escadas. “Comprei isso para você”, disse, me entregando um pequeno embrulho. “Tenho uma igual, queria que você tivesse a mesma caneta.”

* * *

Enrolados na mesma cobertura grossa, olhamos para os postes reluzentes pontilhando o pátio vazio e, na calada da noite, todos os nove pareciam ter convergido diante da nossa janela. Eles entendiam tantas, tantas coisas sobre mim e de maneiras que eu talvez jamais imaginasse. E por um instante pensei que não eram apenas postes, mas uma coleção de seres ardentes inquietos no frio, como nove pinos de boliche iluminados, minhas nove vidas, meus nove eus não nascidos, não vividos, não acabados perguntando se também vão ser convidados ou o que devem fazer se sua hora ainda não tiver chegado.

— Por que esperamos tanto tempo?

Eu não sabia a resposta.

— Talvez porque o que queremos ainda não tenha sido inventado.

— Talvez porque não exista.

— E é por isso que tenho medo de como vai terminar.

— Boa noite — disse ela, virando de costas para mim, enquanto eu a envolvia nos braços. — Mas eu sei de uma coisa — acrescentou sem se virar.

— O quê?

— Isso não vai terminar, não importa o que aconteça. Nunca vai terminar.

Abracei-a mais forte.

— Amor estelar, meu amor, amor estelar. Pode não viver, mas nunca vai morrer. É a única coisa que vou levar comigo, e você também, quando chegar a hora.

Abingdon Square

Os e-mails dela, quando olho para trás, ainda mostram quanto tudo era frágil. Breves e levemente trabalhados, não eram diferentes dos de qualquer outra pessoa, exceto por aquela única palavra excessivamente efusiva que surgia na tela e sempre me excitava. *Querido*. Era como ela me chamava, como iniciava todos os e-mails, como desejava boa-noite. *Querido*.

Por um segundo, eu esquecia quanto cada e-mail era decepcionantemente breve e quanto uma conversa direta às vezes pode ser enganosa. Em sua tentativa de estabelecer contato e dizer algo real que tocasse o coração, ela ao mesmo tempo omitia aquilo que eu mais desejava ouvir. Não era rude, ou arguciosa, ou tagarela — não era seu estilo —, e tampouco havia qualquer coisa insossa ou inofensiva em seus e-mails. O estilo dela era ousado. Mas nunca havia uma sugestão de *algo a mais* no que escrevia, nada nas entrelinhas, nenhuma alusão, nenhum ato falho implorando para ser analisado e dissecado, nenhuma moeda caía sem querer na mesa para que você aumentasse a aposta do que poderia ter sido uma longa partida de pôquer por e-mail. Talvez seu tom não fosse aflito, carente ou estranho o suficiente. Talvez ela fosse mesmo o tipo de pessoa feliz e desimpedida que entra na sua vida tão facilmente quanto sai, sem bagagem, sem promessas, sem ressentimentos. E talvez a mistura normal de ansiedade e ironia, que engana tantos de nós quando conhecemos alguém novo, fosse tão perfeitamente retocada que seus e-mails aparentavam o ânimo alegre de cartas enviadas da colônia de férias a parentes distantes que gostam de recebê-las pelo correio, mas raramente as leem com atenção suficiente para perceber que aquelas letras tão grandes não estão ali para ajudar na dificuldade de visão, mas para preencher buracos no que do contrário seriam relatórios superficiais.

Os e-mails dela pareciam cartas, mas na verdade eram mensagens de texto escritas quase sem fôlego. Ela respeitava letras maiúsculas, pontuava com uma exatidão meticulosa e nunca usava abreviações — mas tudo tinha um inconfundível ar de pressa reprimida, que queria dizer *Eu poderia escrever mais, muito mais, mas por que enchê-lo*

com detalhes, cujo outro lado era *Preciso correr, mas para você sempre arranjaréi tempo*, tudo arrematado e aveludado com um *Querido* inebriante para que eu não visse que o *algo a mais* que eu desejava também não viria desta vez. Porque não havia *nada a mais*.

Eu havia lido um de seus artigos e sabia quanto a mente dela era complicada; adorava sua mente complicada. A prosa dela me lembrava um labirinto de ruas enigmáticas e esporádicas no West Village que são cheias de curvas repentinas e estão sempre à frente. Por e-mail, no entanto, ela falava a língua refinada dos *Grands Boulevards* arborizados de Paris, toda clareza e transparência, sem esquinas escondidas, sem pistas falsas, sem becos sem saída. Você sempre poderia escolher superinterpretar o significado de tanta clareza, mas estaria verificando sua própria pulsação, não a dela.

Eu gostava do Lower Manhattan que havia nela. Gostava do modo como se sentava comigo para tomar café e confienciava os padrões intrincados de sua vida e então mudava de ideia por impulso, se colocava em outra posição e dizia que padrões davam boas histórias, mas raramente significavam alguma coisa — não havia padrões, não devíamos procurar por padrões, padrões eram para pessoas normais, não para nós, somos diferentes, você e eu, não somos? Então, como se tivesse entrado na rua errada, ela voltava e dizia que o analista discordava dela. Talvez ele tivesse entendido muito antes do que ela, dizia. Estou completamente perdida no que diz respeito a mim mesma, acrescentava, incluindo comentários inesperados de autodepreciação que faziam com que eu gostasse ainda mais dela cada vez que se diminuía, porque a tornavam mais vulnerável. Eu amava o modo como ela dizia uma coisa, então ia na direção oposta, porque essa luta impassível consigo mesma prometia conversas fascinantes diante da fogueira em algum canto adorado e aconchegante da nossa imaginação.

Dividíamos o mundo em dois campos, pessoas da Main Street, que eram todas cruzamentos e transversais, e nós, vias de pedestres e animadas passagens no Meatpacking District. Todos os outros eram Robert Moses. Nós éramos Walter Benjamin. Nós contra eles, eu pensava.

Heidi era uma jovem autora cujo artigo sobre ópera eu havia recusado meses atrás. Mas tinha percebido um tom em sua prosa que era ao mesmo tempo irônico e taciturno e, em minha carta de rejeição de duas páginas, em espaçamento simples, destaquei os

pontos fortes e fracos de seu texto. Ela respondeu imediatamente com um e-mail, dizendo que precisava me encontrar assim que possível. Respondi com a mesma rapidez que não tinha o hábito de marcar encontros com pessoas pelo simples fato de ter recusado seus trabalhos; de qualquer forma, eu teria muito pouco a acrescentar ao que já havia escrito na carta. Tudo bem, obrigada. Desejei-lhe sorte. Muito obrigada. Nossa estratégia Olho por Olho terminou em uma fração de minuto.

Dois meses depois, ela escreveu de novo para contar que seu artigo fora aceito por uma grande revista. Ela havia usado todos os meus comentários. Agora eu a encontraria? Sim... Podia ser esta semana? Sim... Ela me pagou um café na Abingdon Square, *bem em frente ao pequeno parque*, disse, *e não muito longe do seu escritório*. Nós dois nos sentamos sem tirar o casaco de inverno. Começara a chover, e acabamos ficando muito mais tempo do que havíamos planejado, conversando durante quase duas horas sobre Maria Malibran, *mezzosoprano* do século XIX. Enquanto nos despedíamos e ela se preparava para acender um cigarro, ela disse que precisávamos fazer isso de novo, talvez muito em breve.

Precisamos fazer isso de novo, talvez muito em breve ficou comigo no trem a caminho de casa naquela noite: ousado e resoluto, mas claramente doce. Ela estava me perguntando, *Talvez muito em breve?* Ou foi só um jeito ágil e indireto de dizer *Não precisamos esperar dois meses para nos encontrarmos novamente para um café?* Eu me senti como alguém a quem haviam prometido um presente de Natal em junho.

Tentei conter a enxurrada de alegria me lembrando de que seu *talvez muito em breve* poderia facilmente ser um adiamento em aberto lançado para encobrir uma despedida sem jeito entre duas pessoas que já sabiam que talvez não tivessem motivo para se encontrar novamente.

Ou seria mais complicado do que eu pensava? Haveria talvez um toque de acanhamento fingido no *até a próxima* implícito? Ela já teria adivinhado que eu diria *Com certeza!* assim que ela convidasse, mas queria que eu pensasse que ela não tinha certeza disso?

Nunca me perguntei por que passei tanto tempo analisando sua frase no trem. Nem por que reli seu artigo assim que cheguei ao trabalho na manhã seguinte ou por que me peguei tantas vezes pensando em Maria Malibran naquela noite. Mas sabia que estava

totalmente certo sobre ela: uma mulher com aquela escrita, ao mesmo tempo espirituosa e melancólica, tinha que ser muito, muito bonita. Sabia no que isso ia dar. Soube assim que a vi no café.

* * *

Na mesma noite, depois que nos encontramos, chegou um e-mail. *Querido*, começava. Não *Caro*. Havia anos que ninguém me chamava de *querido*. Adorei, embora soubesse que não era seu querido. A fila de homens da sua idade ou apenas alguns anos mais velhos reivindicando o título era certamente bastante longa. Tudo me dizia que ela sabia muito bem disso. *Querido* era também seu jeito de me agradecer por tê-la encontrado tão prontamente, por tê-la ajudado com o artigo, pelo café, por conversar a respeito do próximo artigo sobre Malibran. *Querido* por ter sido tão adorável. Havia algo tão ensaiado e fácil, tão seguro em sua gratidão que não pude deixar de pensar que muitos já a haviam ajudado exatamente da mesma forma e se tornado *queridos* porque se doaram com tanta generosidade — no início, para atraí-la, depois por estarem tão comprometidos na amizade que não poderiam dar um passo atrás e pedir por qualquer coisa a mais. *Querido* era como ela soletrava os termos de sua indução, como mantinha você a reboque.

Em seu e-mail naquela noite ela me disse que ficava arrepiada por saber que apenas 0,0000001% da humanidade sabia quem era Maria Malibran e ainda assim nós dois acabamos nos encontrando naquele café improvável na Abingdon Square, imagine só — e sem tirar o casaco durante duas horas inteiras, completou.

Fiquei encantado. Adorei seu *e sem tirar o casaco durante duas horas inteiras* incluído como um P.S. Então ela também havia percebido esse detalhe estranho. Talvez nenhum de nós quisesse demonstrar que queríamos que o café durasse mais que quinze minutos, por isso nos sentamos sem tirar o casaco, sem ousar alterar qualquer coisa por medo de lembrar o outro de que o tempo estava correndo. Talvez tenhamos ficado de casaco para não demonstrar que na verdade estávamos gostando daquilo ou esperávamos que pudesse durar mais, desde que nos comportássemos como se pudesse acabar a qualquer momento. Ou foi sua maneira de me dizer que ambos reparamos a mesma coisa e que pedimos mais dois cafés porque

ainda estávamos de casaco, o que dava uma desculpa caso ficássemos mais tempo do que o esperado?

Querido. A palavra me lembrou imediatamente o modo como ela olhou para mim e retribuiu meu olhar como se nada mais importasse naquele pequeno café. *Querido*: ela não escondeu o fato de ter lido sobre mim. *Querido*: o bombardeio lisonjeiro de perguntas — no que eu estava trabalhando, quais eram minhas esperanças, onde eu me via em cinco anos, o que faria depois, por quê, como, desde quando —, perguntas que eu já não me fazia mais e que agora eram marteladas com o capricho imprudente e penetrante da juventude, dando nós em meu estômago sempre que ela chegava mais próximo da verdade, o que eu adorava. E seu sorriso, seus lábios, sua pele. Lembrei-me de olhar a pele de seus pulsos, suas mãos — brilhava à luz do início da noite. Até os dedos brilhavam. Quando foi a última vez que tomei café com alguém tão bela e que tinha coisas a dizer que eu amei ouvir e que parecia igualmente atraída pelo que eu tinha a dizer? A resposta me assustou: fazia anos.

Para não ser tão facilmente enganado, me obriguei a reconsiderar o *Querido*. Provavelmente significava interesse zero. Era o tipo de fórmula exagerada que ela jamais usaria com alguém da sua idade, e com certeza não imediatamente depois de encontrá-lo pela primeira vez. Era um termo que se usava com os amigos dos pais, ou com os pais dos amigos quando se tornavam figuras quase avunculares — um termo carinhoso, não uma cantada.

Da Alemanha, bem cedo na manhã seguinte, veio o e-mail de Manfred: *Pare. Aprenda a aceitar as coisas como são. Você está sempre procurando por algo que não está ali*. Ele me conhecia tão bem. Essa foi sua resposta ao e-mail no qual tentei arrancar todas as leituras distorcidas imagináveis a respeito do que aquele *Querido* poderia significar. Sem ninguém com quem conversar, procurei alguém que ainda estava próximo mas distante o suficiente para não fazer mais perguntas do que eu queria fazer a mim mesmo.

Naquela manhã escrevi para ela e disse que deveríamos nos encontrar exatamente uma semana depois.

Onde?, piscou sua rápida resposta. No mesmo lugar, eu disse. Mesmo lugar, mesma hora, então... Abingdon Square. Abingdon Square, repeti.

Mais uma vez ela chegou antes e já tinha pedido um chá para ela e, para mim, o mesmo cappuccino duplo que tomei da outra vez.

Olhei para a xícara me esperando do meu lado da mesma mesa junto à janela. E se eu me atrasasse ou tivesse que cancelar?

— Você não fez isso e não faria.

— Como você sabe?

— É tão bom ver você — disse ela, levantando para me beijar nas bochechas, alfinetando minha tentativa de gracejo sem sentido.

O café durou mais do que nós dois esperávamos. Do lado de fora, ela pegou um cigarro. Claramente, ficar mais de duas horas sem fumar era difícil para ela. A caminho de onde tínhamos nos separado da primeira vez, fomos parados por dois indivíduos com walkie-talkies. Faziam parte de uma equipe de filmagem. Pediram a todos os que estavam do nosso lado da calçada que esperassem e fizessem silêncio. Gostei do pretexto para ficarmos juntos um pouco mais em um tipo de suspensão induzida. Aquilo dava à nossa caminhada um quê de sonho, como se também estivéssemos em um filme. Perguntei a uma pessoa da equipe o que estavam filmando. Uma cena de um romance da década de 1940. Letreiro de hotel antigo piscando — MIRAMAR —, casal de meia-idade discutindo na calçada deserta, Citroën vintage estacionado à diagonal do meio-fio de ardósia reluzente. Depois de um sinal, uma chuva repentina. Todos demos um passo para trás. A cena parecia pedir aplausos, mas ninguém ousou.

O diretor não ficou satisfeito. Teriam que filmar de novo. *Obrigado pela cooperação.* Fomos autorizados a atravessar a rua e seguir nosso caminho.

Eu queria ir embora?, perguntou ela. Na verdade, não. Ela queria? Não, ainda não. Assistir à gravação da cena outra vez era só mais um jeito de ficarmos mais tempo juntos. Então ficamos ali esperando que o câmara começasse a filmar de novo. Letreiro MIRAMAR piscando, casal discutindo, Citroën antigo preto com a porta do passageiro aberta, todos esperando pela chuva repentina naquele cenário crepuscular que dava a impressão de termos entrado em um quadro do Greenwich Village pintado por John Sloan. Nosso encontro não era casual e descartável. Havia um roteiro para o que estava acontecendo, e não era tão difícil lê-lo.

Quando nos separamos, eram quase oito horas. Na próxima vez vamos tomar um drinque, eu disse. Você tem razão; é muito tarde para um café. Nós nos despedimos com um beijo, então ela virou-se.

— Eu ganho um abraço? — perguntou ela.

* * *

Querido, escreveu ela. Tinha começado a trabalhar no ensaio sobre Malibran. Conteí que um dia vi um volume esgotado que continha as cartas de Da Ponte para a jovem Malibran. Ela devia tentar encontrá-lo. Amado libretista de Mozart, o muito mais velho Da Ponte, que vivia em Nova York nos primeiros anos do século XIX, ajudara a lançar a carreira operística da jovem Maria García. Em Nova York, Maria se casaria com o banqueiro François Eugène Malibran, vinte e oito anos mais velho. Manteve o nome dele, mas deixou-o para buscar a fama em Paris. O paralelo não me escapava. Isso me deixava animado.

Nosso terceiro encontro não foi diferente. Ela estava esperando na mesma mesa ao lado da janela com meu cappuccino duplo. Então, nada de drinques, pensei.

— Gosto de repetições — disse ela, como se tivesse lido minha mente —, e sei que você também gosta.

Observamos a neve começar a cair sobre a Abingdon Square. Era um presente, repetia para mim mesmo. *Aprenda a ser grato e evite fazer tantas perguntas*. Parte de mim, no entanto, não podia deixar de espiar o que me aguardava na esquina.

— Talvez, se o tempo mudar, podemos escolher um dia e visitar o túmulo de Da Ponte no Queens — acrescentei por fim.

O libretista sofisticado de Mozart enterrado no Queens, disse ela.

E em um cemitério cristão, respondi. Ele nasceu judeu, mas depois se converteu. A família de Maria García também não era realmente cigana, mas provavelmente de uma linhagem de convertidos à força durante a Inquisição, comentei.

Ela conhecia uma mulher que dizia ser de uma linhagem de convertidos durante a Inquisição.

E veio a história de uma católica idosa muito devota que ela conhecia e que, durante o período das festas judaicas todos os anos, certificava-se de que as imagens e ícones cristãos da casa fossem virados para a parede.

— Quando você acha que devemos ir?

— Aonde? — perguntei.

— Ao cemitério!

Ela queria dizer, *Aonde mais?*

Tudo podia ser assim tão fácil, pensei, ou eu estava deixando passar alguma coisa?

Eu avisaria, disse. Queria dizer, *Nem todos somos freelancers*, mas reprimi a ideia. *Talvez no início da próxima semana* — mas evitei dizer isso também. Teria que confirmar no calendário do celular e não queria que a formalidade do gesto esfriasse todos os ingredientes de um passeio espontâneo em Maspeth.

Mas o silêncio e o tempo que levei para dizer *Eu aviso* já tinham lançado uma brisa gelada. O não perguntado, o não dito, se instalou entre nós. Seu olhar perplexo era a pergunta; meu silêncio, a resposta.

Quando ela continuou me encarando com aquele olhar ousado e inquisidor que se demorou em mim como se ela tivesse mais calor em seu coração do que queria demonstrar, eu soube que o que havia reverberado foi um momento inquietante de estranheza e oportunidade perdida. Talvez devêssemos ter falado sobre ele de uma vez. Talvez precisasse ser abordado. Mas nenhum de nós disse nada.

Quando nos separamos, dei-lhe um beijo e a abracei. Ela se afastou, mas então virou-se.

— Quero um abraço de verdade — disse ela.

* * *

Já havíamos nos encontrado três vezes e nunca falamos ou perguntamos sobre a vida um do outro. Eram ruelas de paralelepípedos; evitávamos as vias principais. Na Abingdon Square, a neve seguia se amontoando e me fazia desejar que pudéssemos passar horas intermináveis juntos no café, sem fazer nada a não ser ficar lá desejando que nenhum dos dois fizesse o menor esforço para desfazer o encantamento. Desde que não mudássemos de ideia, e desde que nevasse, poderíamos dar um jeito de nos encontrarmos exatamente assim na semana seguinte, e na outra, e na outra também — ela e eu juntos na mesma mesa no canto ao lado da janela, com os casacos amontoados em uma terceira cadeira.

Avance devagar. Não faça nada. Não estrague nada.

Dois dias depois, decidi forçar um pouquinho as coisas. Será que ela queria tomar um drinque?

Meu querido, eu adoraria. Preciso só resolver algumas coisas. Eu aviso.

Na manhã seguinte: *Estou livre hoje à noite.*

Sim, mas hoje à noite talvez eu não esteja, escrevi de volta. Podemos beber alguma coisa, mas depois tenho um jantar. Que tal às seis?

Vamos às cinco e meia. Teremos mais tempo juntos.

Tudo bem, escrevi de volta. Tem um bar perto da Abingdon, não muito longe do nosso café.

Então é nosso agora?

Na Bethune. Tudo bem?, perguntei, ignorando seu gracejo mas esperando que minha resposta apressada dissesse a ela que a cadência do “nosso” não tinha passado despercebida e que me agradava.

Na Bethune então, meu querido.

Raramente alguém foi tão obstinado e complacente ao mesmo tempo. Era um sinal? Ou ela só era do tipo que se adaptava?

Quando nos encontramos de novo uma semana depois, pedimos dois gins Hendrick’s.

— O resto da semana não vai ser bom para mim — contou ela. — Na verdade, vai ser bem ruim.

Bom, pensei, finalmente alguma coisa está sendo revelada.

A semana não seria muito boa para mim também. Citei um jantar no Brooklyn e coquetéis com pessoas extremamente chatas, com algumas exceções.

— Algumas exceções?

Dei de ombros. Ela estava me provocando? Por que sua semana seria tão terrível?

— Vou ter que terminar com meu namorado.

Olhei para ela, tentando não demonstrar o quanto estava surpreso. A maioria das pessoas usa a carta *namorado* para avisar que estão comprometidas.

Eu não sabia que ela tinha namorado. Ele era tão horrível assim?

— Não, ele não é horrível. Só passamos do ponto, só isso — disse ela. — Nos conhecemos em uma colônia de escritores no verão passado, fizemos o que todos fazem nesses lugares. Mas, quando voltamos para a cidade, a coisa se arrastou... caímos na rotina.

— Não tem jeito mesmo? — perguntei.

Por que eu estava brincando de amigo-analista? E por que o tom de decepção na palavra “mesmo” como se a notícia doesse em mim?

— Digamos que o problema sou eu. Além disso...

Ela hesitou.

Além disso?

— Além disso, conheci alguém.

Pensei por um instante.

— Bom, nesse caso, talvez você deva terminar e esclarecer as coisas. Ele sabe?

— Na verdade, nenhum dos dois sabe.

Ela me olhou nos olhos e deu de ombros de um modo confidente e quase pesaroso que queria dizer algo como *É a vida. Você sabe como é.*

Por que eu não estava fazendo mais perguntas? Por que eu estava me recusando a chutar a bola que ela lançou para mim? Que bola? Por que permitir que ela soltasse essa bomba e fingir que não me atingiu? Tudo o que acabei dizendo foi:

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo.

— Eu sei. Sempre dá — respondeu ela, ao mesmo tempo grata por eu ter deixado as coisas vagas, mas triste, talvez, por eu ter descartado o assunto um pouco mais cedo do que ela desejava.

Às sete ela me lembrou que eu tinha um jantar para ir com minhas *exceções* no Brooklyn. Ela se lembrou da palavra. Gostei disso.

Querida poder levá-la comigo a esses jantares. Ela os faria comer em sua mão, incluindo as mulheres. Do lado de fora do bar, olhei para ela esperando que visse o quanto eu estava triste por termos que nos separar tão cedo. Ela se aproximou para me beijar como sempre fazia, nas bochechas. Sem pensar, me peguei beijando sua testa, depois abraçando-a. Senti um impulso de excitação. Não era só coisa da minha cabeça. E ela retribuiu meu abraço, apertado também.

Enquanto a acompanhava até o lugar que havia se tornado nosso ponto de despedida não declarado, algo me disse que ela devia ter perguntando sobre o jantar. Eu reclamara demais dos jantares para que ela não fizesse nenhum comentário. Mas ela não havia demonstrado nenhum interesse em ao menos perguntar onde seria — pelo mesmo motivo, talvez, pelo qual não fiz nenhuma pergunta sobre o novo namorado. Talvez, como eu, ela não quisesse parecer interessada. Na Abingdon Square, pegávamos tudo que tinha a ver com o restante de nossas vidas e virávamos para a parede. Minha vida, a vida dela, tudo o que não tinha relevância para o fato de continuarmos nos encontrando ali, simplesmente evitávamos, nunca

citávamos, estava fechado a cadeado. Na Abingdon Square levávamos uma vida extra, hipotética, uma vida separada, entre a Hudson e a Bleecker, entre cinco e meia e sete.

Depois da despedida, fiquei olhando enquanto ela caminhava em direção ao centro da cidade e, por alguns instantes, fiquei na praça, pensando que poderia facilmente parar de pegar o metrô, me mudar para algum lugar perto dali, começar uma vida nova ao lado do bar, levá-la ao cinema à noite durante a semana, encontrar outras coisas para fazer e, se isso desse certo, vê-la ficar famosa, mais bonita, ter filhos, até o dia em que ela entraria em meu escritório para dizer que passamos do ponto e caímos na rotina. É a vida. Você sabe como é, diria ela, e, só para você saber, estou me mudando para Paris. Nem isso me assustava. A visão dessa vida alternativa estava traçada na ampla fachada envidraçada do bar onde ela e eu poderíamos facilmente passar tantas outras horas juntos. Quando ela virou para mim depois de atravessar a rua, gostei de ser pego ali, olhando-a ir embora. Gostei que ela tivesse virado e, então, sem ter sido induzida a isso, acenado. Gostei da excitação repentina que senti quando a abracei e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, pensei nela nua. Isso surgiu do nada.

Naquele sábado à noite, em um cinema lotado, vi um jovem casal pedir aos que estavam sentados em nossa fileira que pulassem um assento. Dava para perceber que era o primeiro encontro pela falta de jeito com que se sentaram e pelo modo como hesitaram em compartilhar a pipoca. Senti inveja deles, inveja de sua estranheza, inveja das perguntas e respostas de pronto. Queria que ela e eu estivéssemos juntos nesse mesmo cinema. Com um pacote de pipoca. Ou esperando na fila do lado de fora com nossos casacos, ansiosos para o filme. Queria ver *O ano passado em Marienbad* com ela, levá-la para ouvir *A arte da fuga*, ouvir o concerto para piano e trompete de Shostakovich com ela e imaginar quem de nós era o piano e quem era o trompete, ela ou eu, trompete e piano enquanto sentávamos para ler *Lais de Maria de França* em domingos tranquilos, e ouvi-la dizer coisas que eu nunca soube sobre Maria Malibran, e depois, por impulso, vestir algumas camadas de roupa e sair juntos para ver algo bem idiota, porque um filme idiota com efeitos especiais imbecis pode fazer maravilhas em noites tediosas de domingo. Aquela imagem cresceu e começou a tocar outras áreas da

minha vida: novos amigos, novos lugares, novos rituais, uma nova vida cujos contornos eu quase podia tocar.

Houve um momento, quando a ajudei a vestir o casaco, em que poderia ter dito alguma coisa. O não dito, o não contado, o não perguntado, só algumas palavras, e tudo teria virado fumaça. Mas eu soube, quando a vi abrir caminho pela multidão, que estava tão grata pelo meu silêncio quanto eu pelo dela. Perguntei uma vez o que ela gostaria de ser em um concerto de Shostakovich, o piano ou o trompete. O piano é jovial e alegre, disse ela; o trompete é lamento. Qual eu achava que eu era?

* * *

Da Alemanha veio um e-mail curto de Manfred: *Você está dando uma de stalker de novo. O que você precisa é de menos ceticismo e mais coragem.* A coragem, disse ele, vem do que queremos, e é por isso que a tomamos; o ceticismo vem do preço que pagamos, e é por isso que fracassamos. *O que você precisa é passar um tempo com ela, não em um café ou em um bar ou um cinema. Ela não tem quinze anos. Se não der certo, você vai ficar decepcionado, mas vai superar, e pronto.* Quando eu disse que meu ceticismo não era equivocados, considerando o fato de ela ter dito que já havia alguém esperando para entrar em cena, a resposta dele não poderia ter sido mais animadora: *Esse alguém pode ser você. E, se não for, pensar que talvez seja pode mover montanhas. Essa mulher é real. Você é real.*

Tentei encontrar uma maneira de furar o bloqueio que havia entre nós. Mas quanto mais percebia que a desejava, mais a ideia de seu novo namorado começava a enlamear meu pensamento, mais seu *querido* lisonjeiro começava a me irritar. Tudo o que eu gostava nela, tudo o que ela escrevia e dizia tinha o tom de conciliações vazias lançadas para evitar que eu me aproximasse. Não havia nada de direto nela. Acabei ficando cauteloso e evasivo.

Vinte e quatro horas depois dos gins, escrevi dizendo que preferia ter ficado e jantado com ela no *nosso bairro* a ter ido àquele jantar idiota.

Querido, foi mesmo tão horrível assim? E as exceções de quem você tanto gosta?

Adorei o sarcasmo. *Queria ter levado você comigo... teria animado a noite, derretido o inverno, espanado o pó das velhas estantes de livros ainda no mesmo lugar depois da morte de Duncan... e teria me deixado tão feliz.*

Teria deixado você tão feliz assim?

Tão, tão feliz.

Queria contar a ela sobre o jantar na sala acarpetada dos meus amigos com vista para o contorno dos prédios da Lower Manhattan e uma vista cênica do East River, todos nós falando sobre Diego, que ainda estava traindo Tamar mas escolheu ficar com ela porque não imaginava a vida sem ela, ou de Mark, que tinha deixado Maud por uma mulher muito mais jovem, alegando que tudo o que queria era *só mais uma chance*. Um olhar cúmplice dela do outro lado da mesa, se ela estivesse lá naquela noite, e teríamos caído na gargalhada juntos, repetindo *só mais uma chance* na calçada enquanto voltávamos para Abingdon Square.

Não éramos amigos, nem estranhos, nem amantes, só hesitávamos, como eu hesitava, como queria acreditar que ela hesitava, cada um grato pelo silêncio do outro enquanto assistíamos à tarde virar noite naquele parque minúsculo que não ficava na Hudson, nem na Bleeker, nem na Eighth Avenue, mas tangenciava todas as três, como nós mesmos talvez não passássemos de tangentes na vida um do outro. Em uma nevasca, seríamos os primeiros a ir embora, e não teríamos para onde ir. O nosso, comecei a temer, era um roteiro sem papéis.

* * *

Passados dois dias, depois da meia-noite: *Meu querido, não me senti feliz nenhuma vez esta semana. Tem sido muito difícil. E o pior ainda não acabou. Quero que pense em mim.*

Pensar em você? Estou sempre pensando em você, escrevi assim que acordei às cinco e meia na manhã seguinte. *Por que acha que acordo tão cedo?*

Depois, naquele mesmo dia: *Meu querido, vamos beber alguma coisa logo.*

Feito.

— Eu queria poder fazer alguma coisa para ajudar. Você contou para ele sobre sua situação?

Foi meu hesitante passo à frente.

— Conte tudo. Não tenho medo de dizer a verdade às pessoas.

Eu queria saber como dizer a verdade às pessoas.

Querida que ela dissesse algo como *Mas eu achei que você falasse a verdade. Você recusou meu artigo quando não gostou dele, não foi? Você sempre me disse a verdade.*

Eu não estava falando sobre esse tipo de verdade.

Que tipo, então?, ela perguntaria, e eu teria dito. Eu só precisava de uma brecha.

Eu ouvia Manfred: *Ache a brecha. Crie a brecha. A vida oferece milhares delas... você é que não as vê. Levou dois anos comigo. Não cometa o mesmo erro.*

— Às vezes a verdade é difícil, e eu nem sempre gosto de ser direta — disse ela —, mas sempre digo a verdade quando é importante.

Desviou da minha frágil armadilhazinha com habilidade.

Alguns dias depois, escreveu dizendo que precisava ir a Washington por causa de uma emergência familiar. Além disso, tinha terminado o artigo sobre Malibran.

Quantas palavras?

Muitas.

Eu adoraria dar uma olhada.

Mas sabe que não posso publicar com você.

Eu sei. Não me importo com quem vai publicar seu artigo. Mas me importo com tudo o que você faz, escreve, pensa, diz, come, bebe, tudo, não percebeu?

Era o mais direto que eu poderia ser. Se o que eu queria dizer não tinha ficado claro, então obviamente ela não estava ansiosa por ouvir.

Querido, seus sentimentos por mim me emocionam muito. Eu ouço tudo o que diz. Com certeza você sabe disso. Só espero que eu seja digna de você. Enviarei o manuscrito assim que terminar de revisá-lo pela nona vez. Sua, leal e devota.

Manfred: *Pare de falar de trabalho com ela. Isso não tem a ver com trabalho.*

O que ele não via era que, conforme continuávamos a escrever, meus e-mails estavam se tornando cada vez mais enigmáticos: muitos sinais de fumaça e alusões, a ponto de eu não saber mais o que

estava insinuando; o importante era que ela soubesse que eu estava insinuando, que a insinuação havia se tornado minha única linguagem, que eu não estava dizendo o que precisava ser dito.

Irritado com a incapacidade dela de responder de modo menos evasivo do que eu, não escrevi por três dias.

Querido, o que houve?

Quase senti aquele beijinho que se dá no vovô rabugento quando ele quer parecer magoado.

Manfred: *Vocês se encontraram muitas vezes para supor que ela ainda não saiba. Ela não teria saído com você uma segunda vez, certamente não uma terceira, se já não soubesse o que você quer. Nenhum homem que eu conheço — incluindo você — passa mais que um minuto com outro homem sem saber que os dois querem a mesma coisa. Ela gosta de você, ela não gosta dos idiotas de vinte ou trinta e pouco anos que a rodeiam. No mínimo, ela provavelmente não está menos confusa ou empacada do que você. Pare logo com essas entrevistas cara a cara e durma com ela. Fique bêbado se precisar e diga a ela o que você disse para mim na primeira vez.*

Na sexta-feira seguinte decidimos sair para jantar. Encontrei um restaurante na West 4th Street e fiz uma reserva para as seis e meia. Tão cedo?, brincou ela. Eu sabia exatamente por que ela estava sorrindo e o que estava perguntando. O lugar fica supercheio, expliquei.

— Supercheio — respondeu ela, repetindo minha própria palavra, querendo dizer *Entendido*.

Ácida e sarcástica. Pelo menos isso está claro entre nós, pensei. Saber que ela lia as entrelinhas era um atrativo irresistível. Uma mulher que sabe o que você está pensando deve pensar o mesmo que você.

Se o tempo não mudasse, talvez nevasse de novo, e a neve desaceleraria as coisas e acrescentaria um brilho a um jantar comum e daria à nossa noite o esplendor e a magia que a neve sempre empresta a noites que do contrário seriam entediadas nesta parte da cidade.

A caminho do restaurante eu já sabia que jamais esqueceria a sequência de ruas ao andar sem pressa pela West 4th Street. Primeiro Horatio, depois Jane, depois West 12th, depois Bethune, Bank Street, West 11th, Perry, Charles, West 10th. Os imóveis pitorescos com suas lojas também pitorescas e sofisticadas e minúsculas, as pessoas

indo para casa no frio, os postes frios lançando sua luz escassa sobre as calçadas reluzentes de ardósia. Eu me peguei invejando todos os jovens amantes em seus apartamentos minúsculos ali, ao mesmo tempo me lembrando, *Você sabe o que está fazendo, sabe como as coisas provavelmente vão acabar esta noite.* Adorei cada segundo da caminhada. Manfred: *Ela sabe do que se trata. Ela sabe e está dizendo a você que sabe.* O pior que poderia acontecer a esta altura seria ser convidado para subir depois do jantar e explicar que podia ficar, mas não passar a noite. Não, me corrija, o pior seria voltar por essas mesmas ruas dali a algumas horas depois de transar com ela e me perguntar se eu estava mais feliz do que antes do jantar, agora que a tinha deixado e estava atravessando a Charles, a Perry, a Bank, na ordem contrária.

Então cáí na real. O pior seria voltar pelas mesmas ruas sem ter falado ou chegado perto de falar. O pior seria ver nada mudar. Aí eu sentiria a cruel facada da ironia ao me lembrar de ter ensaiado uma deixa sobre dormir com ela mas não passar a noite. Teria que soar espontâneo, um pouco atrapalhado até, pelo menos para neutralizar o constrangimento. Seja atrapalhado se for preciso, disse meu Manfred interior.

* * *

Ela apareceu com um vestido preto curto e botas de salto alto, parecendo muito mais alta do que eu lembrava. Havia se arrumado mais que o normal e usava joias. Quando veio até nossa mesa depois de abrir caminho pelo bar lotado, eu disse que ela estava encantadora. Nós nos beijamos na bochecha e eu em sua testa, como sempre fazia. Quaisquer dúvidas quanto ao que significávamos um para o outro foram imediatamente dissipadas. Esse momento de clareza repentina em minha nova vida que começava me animou e afastou minhas inibições. Como fui bobo de ter considerado demorar mais para chegar.

Pedi dois martinis de Hendrick's. Ela gostou do lugar?

— Parece decadente, mas muito, muito maravilhoso — respondeu.

Ela tirou o xale e pela primeira vez vi seus braços, mesma pele reluzente, do mesmo tom das mãos, magros, mas não delicados; a mais breve visão de suas axilas me agitou e me lembrou de que nada

disso era um engano, de que eu não estava inventando nada, de que, se não reunisse coragem para fazer uma investida, o simples fato de ver suas axilas à mesa quando ela se sentou e olhou para mim dispersaria minhas inibições.

O cardápio pareceu confundi-la. Ela não queria escolher.

— Escolha para mim.

Não acreditei. Mas amei o que estava fazendo e não resisti.

— Sei exatamente o que você vai gostar.

Ela pareceu aliviada. Largou o cardápio imediatamente e continuou olhando para mim. Adorei que estivesse me encarando. Estendi o braço e segurei sua mão.

Ela me deixou escolher o vinho também.

O modo como tirou as ostras das conchas me fez querer que ela não se apressasse e continuasse comendo e não terminasse nunca. Você está me encarando, disse ela. Estou encarando você, eu disse. Ela sorriu. Eu sorri de volta.

É claro, não houve como evitar Maria Malibran. Perguntei se ela sabia que Pauline Viardot, irmã de Maria, também cantava ópera. Sim, ela sabia que a irmã de Maria também cantava ópera. De alguma forma, isso não parecia mais interessá-la. Ela sabia que Turgueniev foi loucamente apaixonado pela irmã de Maria durante anos? Um amor de uma vida inteira, disse ela, sim, sabia sobre Turgueniev também...

— Agora me conte sobre você. Você nunca fala nada sobre você.

Era verdade. Eu raramente falava sobre mim.

— Tudo o que há para dizer meio que já está na cara.

Um momento de silêncio.

— Bom, então me diga o que está aqui dentro.

Ela apontou para o próprio peito querendo indicar o meu.

— Você realmente quer que eu responda isso agora?

Eu não pretendia soar melancólico ou enigmático. O que queria dizer era: Vou responder essa pergunta depois, quando sairmos do restaurante e estivermos a caminho da sua casa. Quero que você pergunte de novo o que está *aqui dentro* quando passarmos pela equipe de filmagem, que espero que esteja na rua esta noite e rezo para que nos impeça de atravessar enquanto a chuva falsa cai. Que os assistentes mexendo no celular e comendo *donut* nos peçam para ficar em silêncio, porque quero caminhar e conversar e ficar em silêncio e caminhar até chegarmos à sua porta, onde você vai me

convidar para subir, e vamos subir, e você vai abrir a porta e dizer, *Esta é a minha casa*. Quero ver onde você mora, como mora, como fica quando tira a roupa. Quero ver seu gato pular em você e se aconchegar em seus braços nus, quero ver a mesa onde você se senta para escrever e ouvir como acabou tendo as coisas que tem, quero saber tudo. É isso o que está acontecendo *aqui dentro*.

Em vez disso, acabei dizendo:

— Um restaurante talvez não seja o melhor lugar.

A garota que tinha escrito sobre Maria Malibran, e que sabia tudo sobre judeus clandestinos que havia séculos viviam com identidades ocultas, entenderia com facilidade o que eu estava dizendo em meu discurso de amante clandestino. *Se ela perceber, estará dizendo alguma coisa. Se não perceber, também estará dizendo alguma coisa.*

Manfred: *Você está oferecendo uma saída a ela.*

Eu: *Sim, estou.*

Manfred: *Não é justo. Não é justo com você. Não é justo com ela.*

Lembrei-me do último e-mail dele depois que contei sobre nossos planos para o jantar desta noite. *Se ela convidá-lo para ir à casa dela, não hesite, nunca, jamais deixe que ela pense que a está rejeitando. E envie flores antes de encontrá-la hoje à noite. Seu problema não é que você entende errado os sinais; você só vê sinais. Você é cego, meu amigo.*

Eu sei quando agir, muitíssimobrigado.

Não tenho tanta certeza disso, foi sua resposta.

Mas eu segui o conselho dele e mandei flores.

Assim que minhas flores chegaram, ela escreveu: *Adoro lírios.*

E, no entanto, quando caímos em um instante de silêncio durante o jantar, aquilo tudo pareceu estar muito, muito distante de dormirmos juntos. O jantar começou a parecer uma concessão que arranquei dela. Havia até tensão em nosso silêncio. Mais um segundo assim e ela vai dizer alguma coisa que pode dissipar até mesmo a ilusão de perfeita harmonia entre nós. Percebi até que o que ela estava prestes a dizer não era o que eu queria, que seus braços, seus dedos, que pareciam implorar que eu estendesse o braço para o outro lado da mesa e os tocasse mais uma vez, segundos antes de ela dizer o que ia dizer, virariam pedra e eliminariam o sonho e a dádiva. Mas ela escolheu o silêncio.

— A gente devia planejar a visita ao túmulo de Da Ponte — falei finalmente.

Falar sobre trabalho era melhor do que não falar nada.

— Talvez este fim de semana — disse ela.

A resposta foi muito apressada para parecer um sim de verdade.

— Este fim de semana vai ser difícil.

Ela me encarou.

— *Jantar e outras coisas?*

Que mente afiada e perversa ela tinha.

— *Jantar e outras coisas* — repeti.

Qualquer outra mulher teria desdenhado do *Jantar e outras coisas* e usado contra mim. Ela, pelo contrário, deixou passar. Em qualquer outra pessoa esse silêncio teria significado *Não quero causar problemas*. Nela parecia diferente. *Jantar e outras coisas* funcionava para ela também — e foi por isso que comecei a sentir que surgia dentro de mim algo parecido com raiva, embora pudesse ser desespero ou, pior, tristeza. Eu não sabia diferenciá-los.

Mais conversa sobre trabalho, então.

— Pauline Viardot fazia amizade com qualquer pessoa que fosse conhecida: Chopin, Tchaikovsky, Liszt, Sand, Gounod, Berlioz, Saint-Saëns, Brahms.

Mas, sem saber o que mais acrescentar, não consegui me conter.

— Então, me conte sobre esse novo homem em sua vida.

Eu estava com ciúme? Ou será que estava tentando demonstrar que não estava? Ou estava tentando delicadamente lhe dar uma chance de me dizer que o novo homem em sua vida não era ninguém mais do que eu mesmo?

— Novo homem? — indagou ela, pensando por um instante. — Ainda não quero falar sobre ele.

— Não quer falar sobre ele — repeti, tentando parecer espirituoso.

— Não.

Seu humor havia mudado. Eu não sabia dizer por quê. Nossa conversa estava indo por água abaixo. Nós dois tateando para nos agarrar às boias.

Perto do fim do jantar, eu disse que conhecia um lugarzinho perto dali onde poderíamos comer uma sobremesa e tomar um café. Esperava que ela respondesse com um convite para um café em sua casa.

— Parece uma boa ideia — disse ela.

Saímos. Esse, eu soube, era o momento em que anos antes eu teria colocado a mão em seu rosto e a beijado ali, na calçada, diante dos outros comensais. Coloquei o casaco devagar enquanto ela procurava o cigarro. No fim tirou um do bolso, mas, considerando a forma curvada, chamou-o de aleijado. Eu disse que costumava fumar dois maços por dia.

Há quanto tempo tinha parado?, perguntou ela.

— Não vou responder.

— Por quê? Porque você trapaceia ou porque tem medo de afirmar que parou mesmo?

— Você quer mesmo que eu responda?

— Eu perguntei, não perguntei? E, de qualquer forma, você está morrendo de vontade de me contar.

Ela havia recuperado o ânimo, pelo jeito.

Minha resposta, depois de tanto hesitar, poderia estragar a situação e entregar o motivo pelo qual eu estava enrolando para responder. Então eu disse a verdade.

— Parei no ano em que você nasceu. Isso é o bastante?

Ela olhou para o chão como se estivesse examinando as botas. Acendeu o cigarro e pareceu se aprofundar em seus pensamentos, ou então estava inalando pela primeira vez em mais de duas horas.

— Você ainda sente falta?

— Do cigarro? Ainda estamos falando sobre cigarro?

— Pensei que estivéssemos — respondeu ela, e fez uma pausa. — Mas acho que não estamos.

— Não sinto falta do cigarro, mas sinto falta de quem eu era antes de parar.

A resposta tinha o objetivo de ao mesmo tempo ceder e evadir.

Ela deve ter percebido, pela confissão difícil, por que eu não me sentia confortável em ser mais claro.

— Isso tem incomodado você?

Ela estava falando sobre cigarros? Ou sobre nós?

Eu queria gritar. Quando estou com você, sinto que posso pegar o que os outros chamam de minha vida e encará-la de verdade. Minha vida inteira está virada para a parede, a não ser quando estou com você. Olho minha vida e quero desfazer cada erro, cada engano, virar uma nova página, mudar tudo, mudar o relógio. Quero dar uma cara de verdade à minha vida, não o disfarce que uso desde sempre. Então por que não consigo falar com você agora?

Tudo o que eu disse foi que ninguém gostava de ver o tempo passar. Isso era abstrato e seguro, talvez abstrato e seguro demais para alguém como ela ou como Manfred.

Ela fez pouco caso da coisa toda.

— Então, enquanto eu chutava a barriga da minha mãe, você estava por aí fumando em algum café anônimo de Paris. É isso que está incomodando você?

— É mais do que isso — respondi. — E tenho certeza de que você sabe.

— Sei.

Ela não disse mais nada.

— Meu querido.

Até eu esperava que ela acabaria usando o *querido*. Mas então ela me surpreendeu.

— Você não devia se odiar.

Não respondi, não contestei. Ela olhou para o chão mais uma vez e começou a balançar a cabeça devagar. No início achei que quisesse dizer *Isso nunca me incomodou, mas você nunca vai se permitir, e é uma pena*. Então pensei que quisesse dizer algo mais esperançoso, irritado até, como: *O que eu vou fazer com você, Paul?* Finalmente, entendi o que o balançar queria dizer: *Não quero magoar você*.

— O quê? — perguntei.

Ela continuou balançando a cabeça em silêncio. Então olhou para cima e senti a tensão quase explodir em minhas têmporas.

— Você me acompanha até o meu prédio? — pediu ela.

— Vou acompanhá-la até o seu prédio.

Estávamos, presumi, rejeitando a ideia do café e da sobremesa. Um bom sinal. Ou um péssimo sinal. Eu não disse nada. Estava tentando acompanhar seu ritmo enquanto avançávamos descendo a Bleecker. Por que ela estava caminhando rápido, por que a frieza repentina entre nós, por que o medo crescente de me despedir dela conforme nos aproximávamos de seu prédio?

De repente, antes que eu percebesse, lá estávamos. Ela parou na esquina, não foi nem na frente do prédio. Ela ia mesmo se despedir. Deu um beijo na minha bochecha. Beijei-a de volta, e ela virou para ir embora, mas então voltou e me abraçou. Não tive tempo de abraçá-la, nem ela me deu tempo de cumprir o que tinha se tornado meu ritualístico beijo em sua testa. Fiquei olhando-a caminhar até

sua casa. Achei que parecia desanimada e absorta em seus pensamentos, abatida quase. Ela não olhou para trás desta vez.

Por que não falamos? Será que eu a tinha rejeitado como Manfred me alertou para que não fizesse? Será que eu tinha perdido minha deixa?

Nunca houve uma deixa.

Enquanto caminhava em direção à estação da West 4th Street, imaginei-a entrando em seu apartamento, largando as chaves na mesa e soltando um uivo de alívio. Tinha se livrado do jantar, não eram nem nove horas, e estava livre para fazer o que quisesse, tirar a roupa, descansar ainda de calça jeans, ligar para o namorado. Sim, o jantar acabou, graças a Deus ele se foi, é fim de semana, vamos sair para assistir a algo bem idiota esta noite!

Arrojada e jovial, como o piano, enquanto eu, o trompete, me sentia lamurioso e perdido.

* * *

Eu queria levá-la à minha confeitaria preferida depois do jantar. Conheci a felicidade lá uma vez, ou talvez não a felicidade, mas uma miragem dela. Queria ver se o lugar havia mudado, ou se eu havia mudado, ou se só de sentar com ela eu poderia compensar amores antigos dos quais cheguei tão perto, mas nunca tive a ousadia de desfrutar. Sempre cheguei tão perto, e sempre dei as costas quando a hora chegou. Manfred e eu comemos ali tantas vezes, principalmente depois do cinema, e antes de Manfred, Maud e eu, porque fazia tanto calor nas noites de verão que parávamos para beber limonada ali, noite após noite, felizes por estarmos juntos sem beber nada mais forte. E Chloe, claro, naquelas tardes frias na Rivington Street havia tantos anos. Minha vida, minha vida real, nem tinha acontecido ainda, e tudo isso ainda era ensaio. Esta noite, pensei, saboreando as palavras de Joyce e sentindo muita pena de mim mesmo, chegou a hora de partir em minha jornada rumo ao oeste. E em seguida pensei nas palavras de Santo Agostinho: “*Sero te amavi! Tarde te amei!*”

Então ali estava eu, voltando pelas ruas exatamente como temi algumas horas atrás, lembrando com uma risada cruel que tinha até mesmo ensaiado uma deixa. Mas reconheci a caminhada para casa. Não era a primeira vez. Voltei à infância quando, certa noite, depois

de querer desesperadamente ser despido e embalado nu nos braços de um homem, ele me disse para ir para casa, me comportar e ir para casa, disse ele, enquanto eu pensava, aqui é minha casa, você é minha casa, é com você que quero crescer, com você que quero envelhecer. *Quero viver com você* é o que eu devia ter dito anos atrás. É o que eu devia ter dito esta noite também.

Assim que entrei em meu escritório, abri meu e-mail e comecei a digitar algo bastante breve: *Vamos comer uma sobremesa outra hora.* Tinha acabado de clicar em enviar quando o e-mail dela chegou: *Querido, me esqueci de agradecer pela conversa maravilhosa, pela ótima refeição, por uma noite muito agradável.* Alguns segundos depois, outro e-mail dela: *Eu adoraria.*

Ela estava pensando em mim.

Não, estava só se esforçando para dizer algo gentil.

Não, estava pensando em mim. Ela estava tentando manter contato e não romper o encanto da noite. Talvez estivesse tentando provocar algo em mim, me fazer dizer aquelas poucas palavras a mais que eu vinha tentando arrancar dela e tantas vezes a culpei por não as dizer, ou a mim por não a ajudar a dizê-las. Talvez ela estivesse reabrindo uma janela que pensei que tivesse se fechado no momento em que nos despedimos.

Então arrisquei algo leve. *Tome um café comigo amanhã.*

Ela não respondeu.

Segunda-feira ela escreveu. Havia saído com amigos o dia todo sábado e domingo. E domingo à noite, querido, era péssimo para escrever. *Mas vamos tomar um café em breve.*

Segunda à noite não resisti. Escrevi o que considereei um e-mail de várias camadas sobre Maria Malibran e sua irmã. *Descobriu-se que Casanova conheceu Da Ponte em Veneza e que ele também, como o pai de Maria, supostamente tinha origem cigana. Você acha que, talvez, Casanova também...?* Então, como se a ideia tivesse me ocorrido naquele exato momento: *Devíamos sair para jantar de novo. Foi bom estar com você. Mas não quero sobrecarregá-la. Vou deixar as coisas nas suas mãos.*

Você não me sobrecarrega nem um pouco, respondeu ela, depois de um tempo.

Nos dias seguintes não soube como me aproximar sem parecer desesperado ou impertinente. Ao discutir o amor irremediável de Turgueniev por Pauline, irmã de Maria, finalmente me deixei levar:

Entendo perfeitamente, estou no mesmo barco que ele. Eu não tinha nada a perder e, como todos aqueles que sabem que já perderam, estava disparando minha última salva, não tinha mais munição, nem reserva, nem água na cabaça. O balbúcio ineficaz de minha frase dizia que eu havia esgotado todos os meus recursos.

O silêncio que se seguiu era mais que uma simples omissão, mais cruel que uma reprimenda enluvada. Ela havia perdido o interesse, e eu a tinha perdido.

Esperaria mais meio dia, talvez um dia ou dois, mas uma semana certamente seria demais. Ainda assim, seria uma luta não me afogar nisso tudo. Nunca me permiti mergulhar muito fundo por ela — aquele tanto estava bom —, embora gostasse dela, gostasse muito dela. Gostei dela no dia em que pediu café para mim. Gostei dela quando enviei minha carta de rejeição de duas páginas, em espaçamento simples. Gostei do brilho de sua pele. Gostei até da mancha de eczema embaixo do cotovelo direito que ela me mostrou naquela noite no restaurante depois que tirou o xale e soube que eu estava admirando cada centímetro seu.

— Está vendo isso? — perguntou, apontando para o cotovelo. — É novo. Você acha que pode ser câncer? Sempre tive a pele boa.

— Eu sei — falei.

Ela sabia que eu sabia, todos os homens sabiam.

— Provavelmente um eczema — respondi. — Nada além de pele seca. Você tem um dermatologista? — perguntei.

— Não.

Como se quisesse dizer *Por que eu teria? Na minha idade?*

— Quer que eu indique um?

— Não. Não gosto de médicos.

— Quer que eu vá com você?

— Talvez. Não. Sim.

— Talvez. Não. Sim? — perguntei.

— Sim — respondeu ela.

Não havia nada que eu quisesse mais naquele momento do que abraçá-la ou estender a mão e segurar a dela e dizer:

— Vista o casaco, vou levar você ao dermatologista. Ele é... uma exceção, vai atender você se eu pedir.

Mas assim que saíssemos para a calçada eu já teria mudado os planos, tomaria as rédeas da situação e diria:

— Na verdade, vamos para sua casa.

Abri a janela do escritório e deixei o ar frio entrar.

Na verdade, vamos para sua casa. Minhas palavras não ditas soavam como uma promessa de felicidade que eu quase pronunciei e que continuava a ressoar pelo dia como um sonho bom muito tempo depois de termos acordado e tomado café.

Gostei do ar frio. Algumas noites atrás, olhei para a mesma rua, a mesma vista, as mesmas luzes dos vizinhos do prédio em frente ao meu e perguntei a mim mesmo se sentiria falta desta rua quando estivesse vivendo minha nova vida. Lembrei-me do jovem casal que vi no cinema um mês antes; eles não conseguiam nem comer pipoca juntos. Mas iam assistir a peças juntos, ter filhos, curtir domingos chuvosos e ouvir Shostakovich e prender a respiração quando o piano arrojado e o trompete comovente cantassem sobre dores passadas e esperanças recém-nascidas um para o outro. Depois, saíam para comer em algum lugar do bairro e entrariam sem pressa em uma daquelas livrarias grandes onde as pessoas sempre acabam comprando livros, mesmo que não queiram, como eu lhe comprei um livro um sábado à noite depois do cinema, sem saber ao certo se estava comprando para ela ou para mim, mas quase certo de que ela ficaria feliz.

— Preciso de um abraço — diria ela.

Agora, a Abingdon Square parecia tão longe, como se o lugar, ela e o restaurante, e Maria Malibran, e a chuva falsa repentina às luzes piscantes do letreiro do hotel Miramar pertencessem a outra vida, uma vida não vivida, uma vida que eu sabia que tinha me dado as costas e estava sendo pregada na parede.

Eu sobreviveria com facilidade, é claro, e acabaria ficando indiferente, e logo aprenderia a reprimir cada acesso de arrependimento. Pois o coração partido, como o amor, como a febre baixa, como o desejo de estender a mão e tocar outra do outro lado da mesa, é fácil de superar. Certamente haveria mais e-mails, com mais *queridos* — eu sabia — e meu coração aceleraria e se veria esperançoso toda vez que o nome dela aparecesse na tela, o que significava que eu ainda estaria vulnerável, o que significava que ainda poderia sentir essas coisas, o que era bom — até perder e sofrer era bom.

O triste era saber que ela provavelmente era o último lembrete de que talvez nunca houvesse *mais uma chance*. Talvez ainda nos comunicássemos, talvez ainda nos encontrássemos para tomar um

café, mas o sonho se foi, a mão do outro lado da mesa se foi, a própria praça se foi. E eu sabia disso porque pela primeira vez, depois de fechar a janela e desligar o computador, fui até a sala e contei à minha esposa a respeito do artigo brilhante que logo seria publicado sobre uma diva do século XIX chamada Maria Malibran. Já tinha ouvido falar?, perguntei.

Não, não tinha.

— Mas claramente você está morrendo de vontade de me falar sobre ela — disse Claire.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Yaddo e à Academia Americana em Roma por sua hospitalidade graciosa, generosa e sempre inspiradora. Também quero agradecer à minha agente, Lynn Nesbit, que me abriu o mundo, e a meu editor Jonathan Galassi, por tudo aquilo que é inestimável em um editor que também é um amigo.

Sobre o autor



© Sigrid Estrada

André Aciman nasceu em Alexandria, Egito. É ensaísta, romancista e pesquisador da literatura do século XVII. Seus textos foram publicados em veículos de destaque, como *The New Yorker*, *The New York Times* e *The Paris Review*. Doutor em literatura comparada pela Universidade Harvard, foi professor na Universidade de Princeton e leciona no The Graduate Center em Nova York, Estados Unidos, onde mora com a família. Também publicado pela Intrínseca, *Me chame pelo seu nome*, seu livro mais aclamado, foi levado às telas por Luca Guadagnino e venceu o Oscar 2018 de melhor roteiro adaptado.